

UMA VONTADE DE FERRO.
UM CORAÇÃO DE OURO.
UMA LUZ NA ESCURIDÃO.

DONZELA DE AÇO

REINOS DIVIDOS
LIVRO I

KIM RICHARDSON

PREMIADA AUTORA DE MARCADA



UMA VONTADE DE FERRO.
UM CORAÇÃO DE OURO.
UMA LUZ NA ESCURIDÃO.

DONZELA DE AÇO

REINOS DIVIDOS
LIVRO I

KIM RICHARDSON
PREMIADA AUTORA DE *MARCADA*

DONZELA

DE AÇO

Reinos Divididos Livro 1

KIM RICHARDSON

PREMIADA AUTORA DE *MARCADA*

Donzela de Aço, Reinos Divididos, Livro 1: Copyright © 2015 por Kim Richardson Tradução: Sabrina Lopes Furtado

www.kimrichardsonbooks.com

Todos os direitos reservados por Kim Richardson. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de nenhuma forma ou por qualquer meio, nem armazenada em um banco de dados ou sistema de recuperação sem a permissão escrita da autora. Os personagens e eventos retratados neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é coincidência e não intencional por parte da autora. Agradecemos por respeitar a obra da autora.

Agradecimentos *Àqueles que ousam sonhar*

As terras e mares de Arcânia



MAPA

ÍNDICE

[MAPA](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[CAPÍTULO 32](#)

[CAPÍTULO 33](#)

[CAPÍTULO 34](#)

[CAPÍTULO 35](#)

[CAPÍTULO 36](#)

[RAINHA DAS BRUXAS](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[MAIS LIVROS DE KIM RICHARDSON](#)

[SOBE A AUTORA](#)



CAPÍTULO 1

A GALERIA DO TEMPLO ESTAVA completamente escura.

Eu estive agachada dentro de um armário, com meu queixo descansando desajeitadamente sobre meus joelhos, por cerca de seis horas, e agora os músculos do meu corpo gritavam e queimavam. O ácido da fome corroía meu estômago vazio, e o ar estava quente e viciado. Um suor frio escorria em minhas costas, mas eu continuava respirando baixo e de modo constante, mantendo minha posição e esperando.

Eu podia ouvir vozes masculinas abafadas e passos embaralhados.

Idiotas.

Se os guardas do templo me descobrissem agora, eles cortariam minha garganta antes que eu pudesse sequer começar a explicar por que eu estava ali, escondida em um armário da galeria. A verdade é que havia apenas uma razão pela qual alguém se infiltraria na galeria do templo à noite - para roubar os tesouros dos sumos sacerdotes.

Eu mordei o lábio. Aquilo era, de longe, a mais estúpida e mais perigosa façanha que eu já havia realizado. Mas a fome e o desespero me levaram para mais além da Cidade das Almas do que eu jamais havia me aventurado antes. E

agora eu havia sido tola o suficiente de buscar minha caça dentro da galeria. Eu conhecia os riscos.

Terminamos a última sopa de repolho há dois dias, e Byron não tinha nenhum pão para passar a semana. Eu jurei ontem à noite que não passaria mais nenhuma noite de barriga vazia.

Uma cãibra atingiu minha perna, mas eu a ignorei. Esconder-me em cubículos por longas horas não era algo novo para mim. Eu estava acostumada com pequenos espaços. Graças ao Criador, eu não sou claustrofóbica. Meu coração batia alto em meus ouvidos enquanto minha fome era substituída por minha raiva.

Os sumos sacerdotes eram a razão pela qual estávamos todos morrendo de fome. Havia joias e pedras preciosas o bastante na galeria para alimentar as famílias do Fosso por gerações, e ainda assim estávamos todos morrendo de fome. Estava claro que os sacerdotes queriam nos manter famintos. Éramos mais fáceis de controlar.

Desgraçados.

Eu me lembro das histórias que ouvia quando era criança. Trezentos anos atrás, após a Grande Guerra dos Reinos, os sacerdotes do Templo do Sol chegaram. Ninguém sabia ao certo de onde eles vieram, mas as lendas diziam que os reis e rainhas dos seis reinos de Arcânia haviam abdicado, um por um, e cedido seu controle aos sumos sacerdotes. Algumas lendas mencionavam uma magia negra que havia sido conjurada sobre os reis e rainhas, visto que haviam relegado seus títulos e reinos tão voluntariamente aos sacerdotes. Mas ninguém sabia ao certo.

Contudo, nem todos estavam sujeitos à vontade dos sacerdotes e uma grande rebelião se levantou contra eles 200 anos atrás. Infelizmente, as tentativas de remover os sumos sacerdotes haviam sido em vão. A maioria dos homens e mulheres do Reino de Ânglia que se juntaram à rebelião foi sacrificada como gado pelos guardas do templo.

Mas os sacerdotes mantiveram alguns dos rebeldes vivos. Como punição, e para lembrar a quem se

atrevesse a opor-se a eles novamente que seus esforços seriam inúteis, os sacerdotes criaram o Fosso. Eles confinaram os rebeldes ao distrito de Ânglia, onde a rebelião se iniciara. Agora, dez mil prisioneiros se espremiavam em uma favela lamacenta e imunda, onde são forçados a viver suas vidas como lixo. Eles nunca se esqueceriam de que seus antepassados tentaram se rebelar.

Havia um ditado entre nossa espécie: *quem nasce no Fosso, morre no Fosso*.

Mas eu não morreria ali. *Eu* me livraria dali.

Eu não podia deixar minha raiva obscurecer minha mente. Eu tinha um trabalho a fazer e eu precisava de foco. Era arriscado, mas finalmente era a minha chance de sair do Fosso, e eu tinha que pegá-la. Eu não estragaria tudo. Eu não podia.

Depois de alguns minutos de escuta cuidadosa, ouvi o rangido de dobradiças e, em seguida, o som alto de uma porta pesada. Eu sabia que havia apenas dois guardas patrulhando a galeria e não podia correr o risco de que me descobrissem.

Apesar de saber me defender numa briga, mesmo contra dois homens adultos, eu tinha de passar despercebida se quisesse que meu plano funcionasse. Isso significava sem brigas.

Eu fui abençoada com talento para o combate corpo a corpo, embora nunca tivesse recebido nenhum treinamento de verdade. Minhas memórias mais antigas são de eu lançando um conjunto de facas contra o tronco de uma árvore e acertando o alvo improvisado toda vez. Eu era hábil com armas, especialmente as com lâmina. Eu nunca soube de onde veio minha habilidade, ou por que a tinha, ela simplesmente *existia*. Rose chamava de dom - eu chamava de instinto de sobrevivência.

Meu coração batia forte enquanto eu me esforçava para ouvir qualquer outro som. Apenas a escuridão do meu esconderijo sussurrava de volta. Era agora ou nunca.

Eu prenda minha respiração e empurrei levemente a porta. Espiei pela fresta pequena e pisquei com o brilho repentino. Uma série de tochas iluminava a galeria com uma suave luz amarela.

Eu estava sozinha. Soltei um suspiro trêmulo e deslizei para a galeria com a destreza de um gato.

Minhas pernas doíam e estalavam enquanto eu me esticava e gemia silenciosamente. Respirei para me acalmar, grata pelo ar fresco, e olhei ao redor com atenção. A raiva queimou minha garganta quando eu vi as prateleiras que ladeavam as paredes. Elas estavam carregadas de brilhantes pedras e joias preciosas.

Doentio. Tudo isso. O povo do Fosso estava morrendo de fome enquanto esta câmara inútil ficava recheada de joias suficientes para alimentar uma nação.

Provavelmente essa era apenas uma fração da riqueza dos sumos sacerdotes, e era uma riqueza que outrora pertencia aos nossos reis.

Um, dois, três, contei na minha cabeça. Eu só tinha uns cinco minutos antes que a próxima rotação dos guardas do templo aparecesse na galeria.

Cerrei meus dedos quando olhei para um grande colar salpicado de rubis e safiras. Eu certamente poderia encher os meus bolsos com colares como estes -

eles estavam praticamente implorando para que eu os roubasse. Mas isso seria estupidez. Eu não podia me dar ao luxo de ser estúpida. Não agora que eu estava tão perto...

Mesmo que eu pegasse minha parte de pedras preciosas e colares de pérolas, eu não seria capaz de vendê-los. As mulheres do Fosso não tinham joias. Onde as usaríamos se tivéssemos? Eu levantaria suspeitas se tentasse vendê-las. Eu seria pega se fosse gananciosa.

Só havia uma pessoa no Fosso que *iria e poderia* comprar tais bugigangas, e ele já tinha feito um acordo comigo. Eu não estava ali para buscar um simples colar. Eu tinha planos *maiores*.

Atravessei a câmara e fiquei diante de um armário alto de metal. Dois leões, o selo real de Ânglia, estavam gravados no metal. Não consegui ver nenhuma fechadura ou dispositivo que protegesse as portas.

Uma armadilha? Por que não estava trancado?

Parecia fácil demais. Um tesouro de valor inestimável deveria ter algum tipo de tranca. Mesmo que fosse uma armadilha, que escolha eu tinha? Eu havia assumido um compromisso e iria levá-lo adiante - para o meu bem e o de Rose.

Com meu coração na garganta, abri as portas e sufoquei um suspiro quando uma cortina de fogo verde me envolveu e lambeu cada centímetro da minha pele exposta.

Entrei em pânico e recuei.

A estranha parede de chamas verdes só poderia ser mágica. O que um fogo mágico fazia na galeria dos sumos sacerdotes? Os sacerdotes viam a magia como obra do diabo. Ela era proibida em Arcânia, então por que havia ali? Não deveria existir nenhuma magia deste lado do mundo. As lendas diziam que a magia viera além das montanhas místicas do oriente, de Wichdom. Contudo, estava bem ali, na minha frente.

Não sei quanto tempo fiquei ali observando as chamas verdes dançarem nas bordas do armário, pois, em meu momento de pânico, me esqueci de contar.

Droga, Elena. Amaldiçoei a mim mesma. Você consegue ser tão idiota às vezes.

Quantos segundos haviam se passado? Vinte? Trinta? Minhas bochechas queimavam com minha própria estupidez e por eu ter me distraído tão facilmente.

Eu respirei fundo e me preparei.

— Por uma vida melhor! — Sussurrei e entrei na cortina de fogo verde.

Eu me encolhi, não sabendo o que esperar. As chamas fizeram cócegas na minha pele e o calor se espalhou no meu rosto como se o sol tocasse minhas bochechas. Mas eu não me queimei e, surpreendentemente, minha pele não derreteu.

Eu não conseguia ouvir nada, exceto o bater do meu coração nos meus ouvidos, mas eu podia ver minha mina de ouro através das chamas dançantes. Era uma coroa de ouro cravejada de pedras preciosas, que

apresentava dois leões de ouro diante de um grande diamante vermelho. Esse provavelmente era o mais valioso tesouro dos sumos sacerdotes, e eles haviam tido o trabalho de conjurar um fogo mágico para protegê-lo. Era a coroa do último rei de Ânglia, e tinha sido roubado há trezentos anos pelos sacerdotes do templo do Império do Sol. Eles a tomaram assim como todo o resto.

O calor que se espalhou por meu rosto com o ódio pelos sacerdotes se misturou com o calor das chamas. Muitos bebês morreram de febre no inverno passado, mas nenhum curandeiro havia sido enviado em nosso auxílio. Com toda esta riqueza, eles podiam facilmente ter enviado os curandeiros. Mas não fizeram isso. Nós não tínhamos importância. E não eram só os sacerdotes, até mesmo os nobres e senhores de Ânglia fingiam que não existíamos.

Apesar dos colares, anéis, pulseiras e armas incrustadas de diamantes e pedras preciosas pendurados nas paredes da galeria, eu sabia que eles não eram nada em comparação com o valor desta coroa. *Esta coroa era minha passagem para fora do Fosso. Esta coroa me daria uma nova vida.*

A coroa estava em cima de uma almofada de pelúcia vermelha, me desafiando a levá-la. A imagem do rosto do Jack Louco quando lhe entregasse a coroa me fez sorrir. Eu estava quase com vertigens. Eu havia dito a ele conseguiria, mas ele riu da minha cara. E agora a liberdade *me* olhava de frente. Aquilo estava quase fácil demais.

E ele havia dito que era impossível.

Cuidadosamente, peguei a coroa, envolvi-a com um pano e a guardei na minha algibeira. Eu não tinha tempo para admirá-la. Eu sabia que meus cinco minutos estavam quase acabando. Eu tinha de partir naquele instante.

Quando me virei para sair, minha visão ficou turva por um segundo, e o fogo verde começou a queimar meus pulmões. Uma fumaça começou a sair da minha capa de lã preta, como uma névoa, e o cheiro de cabelo queimado encheu meu nariz. Lutei contra a tontura que balançou meus joelhos. Se eu desmaiasse agora, me queimaria até virar cinzas ou os guardas do templo fariam um banquete de mim. O pensamento foi o suficiente para me tirar do meu torpor.

Coloquei meu capuz, me virei, pulei para fora das chamas e fugi. Eu logo estava na porta da galeria.

Quando alcancei a maçaneta da porta, olhei de volta para todos aqueles diamantes e pérolas brilhantes. Era a visão mais rica que eu já tinha visto. Parte de mim queria estender a mão e encher os bolsos com o tesouro para levar aos outros no Fosso, especialmente aos pequenos, para encher a barriga faminta. Mas eu sabia que era arriscado demais. Eu não podia correr o risco de algo dar errado agora que eu estava tão perto.

A única coisa que me restava fazer era correr.



CAPÍTULO 2

O SOL NASCENTE ERA um disco amarelo reluzente quando saí da galeria.

Meus joelhos tremiam e meu estômago se retorcia de fome e empolgação. Eu estava exausta pela falta de sono, mas não era nada que não tivesse sentido antes, e havia valido a pena. A ideia de começar uma nova vida enviava uma descarga de adrenalina a minhas veias e me empurrava para a frente.

A sorte estava comigo hoje. Os guardas do templo nem sequer me notaram deslizar pelas portas frontais da galeria e me esconder na segurança das moitas de arbustos das proximidades. O mundo estava transbordando de tons de laranja e amarelo, como se o próprio céu tivesse sido pintado com ouro líquido. A luz quente do sol nascente anunciava a chegada de um novo dia, o início da minha nova vida.

Não tive tempo para maravilhar-me com os grandes edifícios de pedra e seus gramados bem cuidados, nem com as flores florescendo ao longo de suas varandas. Logo chegaria a próxima rotação de guardas do templo e a Cidade das Almas acordaria. Eu tinha que partir agora.

Tonta por causa da fome, corri em direção ao muro sudoeste da cidade. Vozes ressoaram do outro lado da clareira, e eu me ajoelhei atrás de uma grande buganvília com meu punhal na mão. Olhei através das folhas e preendi minha respiração.

Dois guardas do templo estavam no portão. O emblema amarelo do Templo do Sol destacava-se contra seus uniformes negros. Pela postura relaxada, os ombros caídos e as vozes risonhas, não me haviam ouvido. Seis metros à esquerda deles estava a minha saída - uma rachadura no muro de pedra.

Meu sangue galava enquanto minha garganta ficava seca. O medo que pulsava de mim transformava-se em raiva. Eu não havia chegado tão longe para ser apanhada por esses idiotas. Mas eu não tinha mais a cobertura da escuridão para me esconder; eu só tinha a minha sagacidade e a minha furtividade. Isso *teria* de ser o suficiente. Eu não sabia se acreditava em um poder superior, mas ainda assim rezei ao Criador.

Mantenha-me segura. Mantenha-me oculta. Por favor, não deixe que eles me vejam.

Se fizesse algo errado, minha vida não seria a única perda. Eu não podia deixar isso acontecer.

Um guarda pegou seu cantil e o levou à boca, bebendo o que havia dentro; em seguida, entregou-a para o outro guarda. Eu agarrei meu punhal da sorte, uma lâmina espaniana que eu havia ganho em uma luta, e, ignorando o tremor dos meus dedos, preendi minha respiração e corri.

Eu corri descontroladamente, duvidando de mim a cada passo desesperado.

Minhas coxas queimavam quando me aproximei do muro, e meu coração palpitava dolorosamente contra meu peito. Eu recuei quando meus pés esmagaram o cascalho. O som era como o de um trovão na calada da madrugada. Por um instante, temi ter sido descoberta, mas os guardas não se moveram, e a atenção deles ainda estava na sua bebida.

Eu deslizei através da pequena fissura na pedra, e a pedra fria e afiada cortou minha pele. Mas eu ignorei isso e passei para o outro lado. Quando meu pé estava seguro na grama macia, soltei minha respiração. Mas eu não parei. Eu disparei pelas terras fora da muralha, ainda impulsionada pelo medo de ser descoberta.

Embora estivesse correndo sem comida ou repouso, senti que estava voando.

A coroa angliana batia em meus quadris enquanto eu corria morro abaixo, como se estivesse tentando me dizer para levá-la de volta. Mas era tarde demais.

Agora não havia mais volta.

Antes mesmo de ver o Fosso, o cheiro de corpos sem banho, vômito, urina e desespero me atingiram como uma bofetada na cara. Mas, ainda assim, eu não podia deixar de sorrir. Ninguém no Fosso sorria com frequência, mas eu amanheci saltando e sorrindo.

Eu parei de correr e comecei a caminhar. Minha garganta queimou ao ver o cenário do nosso lar caindo aos pedaços.

O Fosso.

Andei pelas ruas enlameadas, e o ar tóxico, úmido, era denso ao meu redor.

Eu nunca havia me acostumado com o cheiro. Ele me sufocava como mãos invisíveis em meu pescoço tentando tirar minha vida. Era uma lembrança constante de que eu era prisioneira, de que se tratava realmente de uma prisão gigante, e de que eu eventualmente morreria ali.

Quem nasce no Fosso, morre no Fosso.

Malditos sejam todos. Maldito seja este lugar.

Eu sempre havia procurado uma maneira de escapar. Eu não deixaria as mãos gélidas do Fosso me segurarem por muito mais tempo. Hoje era o meu dia de sorte. Eu podia sentir.

A maioria das casas era feita de madeira e sucata de metal que a Cidade das Almas havia descartado. Nós usávamos o lixo deles para construir nossas casas.

A maioria delas não passava de cabanas com telhado de sapê. Nós usávamos qualquer coisa que pudéssemos pegar. Nós havíamos construído nossas casas com lixo porque éramos lixo.

Uma luz amarela suave emanava das aberturas improvisadas nas paredes que usávamos como janelas. Sempre estava escuro e úmido, e a iluminação era necessária até durante o dia. O aspecto da vila era acidentado, e as casas eram esguias e pobres, como eu.

Havia um ser caído em um beco escuro e estreito, rodeado por vômito e resíduos. Ele gemeu estupidamente quando eu caminhei cuidadosamente ao redor do seu vômito. Eu cobri minha boca quando o vômito subiu à minha garganta.

Adentrei na vila e passei pelos noctívagos a caminho de suas casas, vindos das tavernas subterrâneas e das estalagens baratas da Cidade Desolada. Esta parte do Fosso era um terreno fértil para o crime, vício em drogas, alcoolismo e prostituição.

Mantive minha cabeça baixa e o capuz erguido ao passar pela Cidade Desolada. Segurei minha algibeira

firmente e acelerei o passo. Finalmente, caminhei penosamente até um pequeno acampamento com tábuas podres de madeira e telhado torto de lata. Parei diante do lugar e abri a porta de madeira tão silenciosamente que pude.

— Onde você estava?

Congelei na metade do caminho da porta.

Rose saltou de sua cadeira surpreendentemente rápido para alguém da idade dela.

— Fiquei extremamente preocupada. Não dormi nada. Você nunca veio para casa depois do toque de recolher... Eu pensei que... Pensei que os sacerdotes a haviam levado.

A preocupação dela havia se tornado muito comum nas últimas semanas. Os olhos dela se voltaram automaticamente para o pequeno tapete com alçapão debaixo.

— Eles não me levaram. — disse finalmente, um pouco mais duramente do que esperava, e imediatamente senti minhas bochechas queimarem de culpa.

Sua falta de fé nas minhas habilidades estava me aborrecendo. Eu sabia que ela me amava como uma filha e que suas preocupações eram por bondade. Ela havia dedicado sua vida a me proteger, e a culpa que eu sentia pelo sacrifício dela foi tomando lugar em mim. A única maneira de retribuir tudo seria resgatando-a do pesadelo do Fosso e dando a ela o verdadeiro lar que ela merecia.

O rosto dela estava mais pálido do que o habitual, sua pele muito fina e repuxada em volta das maçãs do rosto. Suas olheiras se destacavam, mesmo com a luz de casa sendo fraca. Tufos de cabelo acinzentado caíam do seu coque, contornando o rosto fino, e seu vestido de linho marrom pendia livremente sobre seu corpo magro. Ela parecia anos mais velha do que realmente era. O Fosso havia feito isso a ela. Ela deveria ser roliça com bochechas rosadas, não pele e osso.

Eu esperava sentir cheiro de comida ou mesmo ter um pão para acalmar minha dor de estômago, e dei meu melhor para esconder minha decepção. Rose havia me ensinado a costurar anos atrás, mas, mesmo entre nós duas, não havia muito trabalho para costureiras no Fosso, muito menos moedas. Para uma mulher no Fosso, não havia nenhum comércio de verdade, exceto agricultura caso você fosse uma das sortudas com pedaço de terra; caso contrário, era prostituição ou costura.

E isso era só se você escapasse das garras dos sacerdotes.

Todo o nosso barraco era composto por um único cômodo. Tínhamos uma quitinete com uma pequena mesa de jantar redonda e duas cadeiras caindo aos pedaços ao lado da lareira. Nós dividíamos a pequena cama do canto perto da lareira. A única coisa de valor em nosso chalé era a pequena estante que continha a coleção de três livros infantis de contos de fadas da Rose, alguns atlas e livros de história. Livros eram um bem raro no Fosso, mas se você conseguisse encontrá-los, eles valiam cada moeda. Qualquer preço valia a visão do rosto de Rose iluminado ao segurar um livro novo. Eu os comprava sempre que podia, e agora tínhamos uma coleção impressionante.

— Não sei o que teria feito se eles a tivessem levado — Rose gemeu em um ataque de tosse.

Eu me apressei e lhe entreguei uma xícara de chá frio.

— Aqui — disse eu levando a xícara aos lábios dela. Ela tomou um gole e sentou-se. Eu franzi a testa pelo estado dela.

— Seu resfriado não está melhorando. Precisamos de um curandeiro.

— Os curandeiros só vêm se você tiver dinheiro para dar.

Uma sombra passou na frente dos olhos castanhos de Rose. Eles costumavam ser tão cheios de luz, mas agora estavam turvos, e isso me assustava.

Engoli a seco:

— Eu disse para você descansar. Por que não me ouviu?

Rose levantou uma sobrancelha.

— E eu disse para ficar longe de problemas. — Ela tomou outro gole de chá frio. — Você é tão teimosa quanto sua mãe. Mulas teimosas, as duas. Nunca ouvem a razão.

Eu sabia que ela estava tentando me censurar, mas tomei como um elogio.

— Eu sou uma mulher crescida, Rose. Pare de me tratar como criança.

— Então pare de agir como tal.

Para uma mulher doente e mais velha, sua voz era feroz.

— Eu fiz uma promessa à sua mãe. Eu prometi mantê-la segura, mantê-la escondida dos sacerdotes. Eles nunca devem encontrar você. Me entende? Eles nunca devem saber de sua existência. Não faça de mim uma mentirosa, Elena.

Jorravam lágrimas dos olhos dela, e eu me esforcei para manter meus olhos secos. Eu retorci os dedos e me ajoelhei ao lado dela.

— Não farei, eu prometo. Eles nunca me encontrarão. Eu juro.

Ela mudou de assunto.

— Philip veio mais cedo à sua procura — disse ela, dando um olhar que teria me feito corar se eu ainda fosse uma garota de dezesseis anos.

— Eu vi nos olhos dele — ela disse. — Ele nunca vai fazer de você uma mulher decente.

Eu revirei meus olhos.

— Ah, Rose, outra vez não. Phil é só um amigo, nada mais.

Não era um segredo que Phil e eu nos encontrávamos regularmente na floresta.

Não era amor. Eram só duas pessoas solitárias que precisavam do conforto um do outro. Sentir o corpo quente às vezes afugentava os pesadelos. Às vezes.

Eu me afastei e disse:

— Falarei com ele quando voltar da minha reunião.

Eu olhei nos olhos dela e pude ver que não havia nenhum julgamento neles, só tristeza. Eu não queria piedade.

Eu podia sentir o peso da minha algibeira contra meu quadril. Eu sorri e disse: — Eu tenho notícias, notícias que vão mudar nossas vidas.

Rose me olhou com aquele olhar preocupado que ela sempre me dava quando eu me afastava muito do nosso miserável barraco.

— Do que você está falando? Que *sorriso* é esse afinal?

— Nós não nos esconderemos dos sacerdotes por muito mais tempo. Nossa sorte mudou.

Eu abri minha algibeira e coloquei a coroa em nossa pequena mesa de madeira. Os olhos dela saltaram.

— Elena — ela sussurrou com os lábios apertados. — O que você fez?

Os lábios dela tremiam.

— Onde arranjou isto?

— Na Cidade das Almas — respondi com orgulho. — Na galeria do templo.

— Na galeria dos sumos sacerdotes? — Rose havia ficado ainda mais pálida.

O olhar dela ia da coroa de ouro e então voltava para mim. Eu podia ver o branco dos olhos dela.

— Você deve devolver isso. Rápido. Antes que eles deem por falta!

— Não — disse eu bruscamente.

Eu cruzei meus braços. Não queria brigar com ela hoje. Estava muito cansada.

— É tarde demais para isso. Se eu voltar atrás agora, com certeza serei apanhada. Eu iria para a forca. Pare de olhar assim para mim. Você não entende, eu fiz isso por...

— Como pode, Elena? — Seus olhos ficaram úmidos. — Como você pode nos comprometer assim? O risco...

Eu suspirei.

— Porque fiz isso por nós.

Ela me olhou em estado de choque.

— Por você e por mim. Você não entendeu? Esta é a nossa chance de sair deste inferno de uma vez por todas - começar uma nova vida. Você não está cansada de morrer de fome? Você não quer roupas melhores? Sapatos sem buracos?

Minha voz veio mais alto e com mais raiva do que eu esperava.

— Não quer um fogo para mantê-la aquecida em vez desse buraco negro?

Apontei para a lareira inútil e fria, depois para a coroa.

— Com esta coroa, podemos comprar novas vidas para nós. Estou cansada de viver assim. Estou cansada de estar com fome o tempo todo, de viver nessa sujeira. Podíamos ir para o leste, em Romila, ou até mesmo Girmânia - um lugar onde não existem mais sacerdotes e onde ninguém saiba quem somos.

— Os sacerdotes estão por toda parte. Mesmo em Girmânia.

Rose olhou para a xícara de chá.

— Eu sei que tem boas intenções, Elena, realmente sei. Mas isso é loucura.

Mesmo que você quisesse vender isso..... essa *coroa* de ouro... ninguém compraria. Ninguém no Fosso ou mesmo em toda a Ânglia teria suficiente dinheiro para tal tesouro.

Meu queixo caiu, e fui incapaz de evitar a presunção da minha voz ao dizer: — Eu já tenho um comprador.

Eu vi o medo nos olhos de Rose.

— Quem? — Perguntou ela depois de um tempo, estreitando os olhos.

— O Jack Louco.

A xícara de chá de Rose caiu no chão quando ela se levantou.

— O Jack Louco! Esse homem miserável e assassino? Você sabe o que ele faz com jovens feito você? Sabe?

Eu tinha ouvido rumores sobre o tráfico de seres humanos. As pessoas diziam que a gangue dele havia roubado meninas de dez anos e as levado a uma vida de prostituição e escravidão. Na maioria das vezes, os pais nem se preocupavam em procurá-las - uma boca a menos para alimentar. Mas eram apenas boatos, e eu nunca tinha visto nenhuma prova disso.

Eu suspirei e encolhi os ombros: — Não me importo com esses rumores....

— Rumores!

— Sim, *rumores*. — Coloquei as mãos sobre a mesa enquanto Rose balançava a cabeça.

— Agora, tudo o que me importa é fazer a troca para que *nós* possamos dar o fora daqui.

— Como você pode confiar nele? — perguntou Rose. — Esse homem é vil.

Não vá. Eu lhe imploro.

Jack Louco era o senhor da Cidade Desolada. Ele era um bandido, um assassino e um psicopata. Mas ele era a lei no Fosso e ele era o único que podia pagar um bom preço pela coroa. Já havíamos feito o acordo. Tudo o que eu tinha que fazer era levar a peça para ele, e Rose e eu estaríamos livres.

— É tarde demais para isso — disse eu evitando os olhos dela. — Eu já fiz o acordo. Ele está esperando por mim. Vou levar isso para ele hoje.

Rose ficou em silêncio por um tempo. Suas sobrancelhas se franziram.

— Eu prometi à sua mãe que cuidaria de você. Ela era como uma irmã para mim. Se algo acontecer a você depois de tudo o que fizemos, depois de todos esses anos tomando muito cuidado para esconder você deles...

— Você fez sua parte. Agora é hora de cuidar de você. Eu não sou uma garotinha assustada, Rose. Deixe-me fazer isso. Deixe-me fazer isso por nós. Pela nossa nova casa na praia ao sul de Espânia.

Eu sorri para ela.

— Um pouco de cor e calor nos faria algum bem, sabe. Nós estamos péssimas.

— Elena — disse ela, e eu podia ver a escuridão em seus olhos quando ela balançou a cabeça. — Isso é loucura. Mesmo que consiga vender isso, eu não vou com você. Eu não vou. — acrescentou ela teimosamente, como se isso fosse me impedir.

— Eu a arrastarei comigo se for preciso, dona.

Só por um segundo eu vi um sorriso no rosto dela.

— É muito perigoso, Elena. Não posso deixar você arriscar sua vida.

— Está feito. Não há nada a dizer.

— Eles virão atrás de você — Rose sussurrou. — Eles a levarão para longe.

Eles procurarão essa coroa até chegarem a você, aqui, a nós. Tudo o que fizemos, tudo o que sacrificamos será destruído por essa tolice.

Eu cerrei os dentes.

— Não é tolice.

Esfreguei minhas têmporas, pois uma dor de cabeça gigante me sobreveio.

Não queria discutir com ela. Rose estava assustada. Ela nasceu e cresceu no Fosso, e eu sabia que sair dali a atemorizaria.

— Eu fui cuidadosa. Ninguém me viu entrar ou sair da galeria.

Um sino tocou à distância.

Os olhos de Rose se arregalaram de medo ao nos entreolharmos.

— Os sacerdotes!



CAPÍTULO 3

ROSE SÓ PRECISOU me dar um olhar. Eu peguei a coroa, afastei a mesa com meu quadril, chutei o tapete e puxei o alçapão.

Mas quando parei em pé ali, pronta para saltar, algo dentro de mim estremeceu.

Eu olhei para Rose.

— Não.

Dei um passo para trás.

— Não quero mais me esconder. De que adianta? Estou velha demais para eles me levarem mesmo. Eles procuram meninas adolescentes que não vão revidar. Eles querem meninas que se submeterão a seus desejos pervertidos. Eles não estão à procura de uma mulher adulta. Deixe-os vir.

Os olhos pálidos de Rose se enrijeceram.

— Para dentro. Pense no sacrifício da sua mãe. Pare de ser tão teimosa.

Eu franzi a testa. Eu odiava quando ela usava essa carta na manga.

— Isso é ridículo. Além disso, você sabe tão bem quanto eu que eles sequer se incomodarão conosco. Eles raramente se importam...

Houve um barulho no cascalho dos arredores de nossa casa.

O rosto de Rose empalideceu mais, e ela agarrou meu braço e puxou.

— Não seja tola, garota — ela sussurrou. — Os sacerdotes não devem encontrá-la. Jamais. Ora, entenda!

Ela me puxou, mas eu tirei o braço. Aparentemente, eu era teimosa como minha mãe.

A boca da Rose se abriu como se ela estivesse prestes a dizer algo mais. Eu pude ver nos seus olhos por um segundo, mas depois desapareceu. Fosse o que fosse, ela tinha decidido não me dizer. Ela se endireitou e disse: — Por favor, Elena. Estou cansada demais para discutir.

No fundo eu sabia que ela estava certa. Se eu tivesse sido seguida, não queria que Rose se machucasse. Seus ossos frágeis não eram páreo para a ira dos sacerdotes.

Quando me agachei no esconderijo, olhei para Rose uma última vez antes que ela soltasse a porta pesada. Eu fiquei submersa na escuridão novamente.

Ouvi o som da mesa sendo arrastada e puxada para cima de mim; depois, foram as cadeiras. Meu coração martelava em meus ouvidos, atrapalhando minha audição. Fazia anos que não recebíamos a visita de um sacerdote, e eu não podia deixar de pensar que, de alguma forma, eu havia sido descoberta. Não. Eu sabia que tinha sido cuidadosa. Mas ainda havia aquela sensação persistente de que talvez alguém me tivesse visto, e que os sacerdotes estavam vindo atrás de mim.

Ouvi Rose suspirar pesadamente, e a luz batendo na minha cabeça sugeria que ela estava balançando a perna para cima e para baixo nervosamente. Eu estava coberta de suor e soltei um trêmulo suspiro. Minutos se passaram. Minha respiração se acalmou, e eu comecei a relaxar um pouco. Talvez tivesse tido sorte novamente. Eu não ouvia mais o pé da Rose, então sabia que ela estava se sentindo mais calma agora. Vamos ficar bem. Eu abri minha boca para chamar a Rose...

Uma batida veio de nossa porta da frente.

Ouvi Rose suspirar quando eu bati a cabeça na porta do esconderijo, em pânico. Mas eu não cederia a ele. Apesar do meu coração batendo selvagememente em meus ouvidos, me esforcei para escutar. Eu ouvi os pés de Rose caminhar suavemente pelo chão e, em seguida, o barulho da tranca. Finalmente a porta se abriu com um rangido.

— Bom dia — disse a voz de um homem.

Era uma voz profunda, sem emoção, que soava mais como um comando do que uma saudação. Meu estômago ficou apertado, e eu suprimi o pequeno suspiro que ameaçava escapar. Meu coração martelava contra meu peito. Eu estava tendo um ataque de pânico.

— Sacerdote — ouvi Rose resmungar quase como um silvo. Eu precisei segurar uma risadinha nervosa.

Passos pesados moveram-se por nossa casinha, e eu soube que o sacerdote havia entrado a seu próprio convite. Senti uma pequena sensação de alívio, pois era um sacerdote, não os guardas do templo. Talvez eles ainda não soubessem que eu havia roubado a coroa. Apesar de que um sacerdote aparecendo na sua porta da frente não seja muito melhor. O que ele fazia ali? Será que eles mandaram um sacerdote ao invés? Havia apenas uma razão para a vinda deles, e eu preferia não pensar nisso.

Eu podia sentir a coroa pressionada contra meu corpo. Eu havia marcado uma reunião com o Jack Louco para esta manhã. Se o sacerdote ficasse por muito mais tempo, eu me atrasaria. E eu sabia que o Jack

Louco não tolerava atrasos. Ele veria meu atraso como um insulto. Se não conseguisse chegar a tempo, eu provavelmente não faria o negócio e perderia tudo.

— Como posso ajudá-lo, sacerdote? — a voz de Rose veio lá de cima.

— Tem-se falado de uma linda mulher, uma bela *jovem*, que vem e vai desta...

desta... *habitação*, se é que se pode ao menos chamar assim.

A voz do sacerdote ecoou acima da minha cabeça, cheia de desprezo e arrogância.

— Eu vim para ver se os rumores são verdadeiros. — Ele estalou sua língua.

— Obviamente *não* é você.

— Obviamente — disse Rose. Eu imaginei o rosto dela enquanto ela tentava controlar sua fúria. Ela era mestre do disfarce quando se tratava de suas expressões.

— Há mais de quarenta anos que não sou mais jovem — Sua voz dava a impressão de que ela estava dando um leve sorriso para o sacerdote. — Lamento que tenha perdido seu tempo, mas, como você pode ver, não há nenhuma jovem aqui. Apenas uma velha senhora.

Eu tinha que aplaudir. Ela mentia tão sem esforço. Eu desejava poder ser tão astuta quanto ela.

O assoalho rangeu sob o peso do sacerdote quando ele atravessou o cômodo.

— Humm. Sim. E mesmo assim ouço esse boato há três anos. Gostaria de saber porquê isso... se *não* há nenhuma outra mulher além de você. O porquê das histórias?

— Não há. — a voz de Rose foi derradeira. — Talvez estivessem falando das minhas clientes. Eu atendo muitas jovens com meu negócio de costura. Talvez seja isso o que eles viram. — Rose sabia que havia espiões morando conosco no Fosso. Muitas vezes, nós vimos guardas do templo aparecerem nas portas das vizinhas e levá-las embora. Elas nunca voltavam.

— Talvez — disse o sacerdote. Mas não ouvi certeza na voz dele.

Houve uma pausa.

— Mantemos registro de todas as mulheres do Fosso. Nossos registros mostram que você é estéril. Nunca houve nenhuma criança nascida neste endereço.

— Está certo. Sou estéril. Eu nunca poderia ter filhos — disse Rose calmamente.

Eu pude ouvir a dor na voz dela e senti minha própria garganta apertar pensando na tristeza dela. Esse era um assunto no qual ela nunca quisera falar.

Quando criança, eu havia perguntado por que ela não teve seus próprios filhos, muitas vezes sem compreender totalmente o que *estéril* significava. Sempre via lágrimas nascendo nos olhos dela. Eu amava a Rose como uma mãe e sabia que eu era o mais próximo que ela havia tido de uma filha. Ela me

protegera todos esses anos e havia colocado sua própria vida em perigo por minha causa. Mas Rose agora tinha 65 anos e era uma anciã entre aqueles que viviam no Fosso. Era minha vez de cuidar dela. Não o contrário.

E ainda assim, lá eu estava, escondida no meu esconderijo novamente, como um ratinho assustado.

— Hmm. — Ouvi o sacerdote mover-se pelo cômodo.

— Até mesmo em seu estado desfigurado, posso dizer que você nunca foi das mais bonitas. Seu nariz é muito grande. Seus lábios são muito finos. Seus traços são irregulares, e não há nada de interessante em seus olhos. Falta-lhe a estrutura óssea refinada da beleza natural. Se você fosse graciosa, poderíamos ter lhe dado alguma utilidade. Até mesmo uma concubina estéril pode encontrar formas de nos agradar.

Eu podia sentir o perverso sorriso no rosto dele. Eu queria arrancar seus olhos.

— Se tivesse nascido bonita — continuou o sacerdote, amando o som da própria voz — você poderia ter sido salva pelos sacerdotes do templo. Nós a teríamos alimentado e vestido com gloriosos vestidos. Você teria ido a festas e seria invejada por todas as mulheres em Ânglia... se ao menos você fosse bonita.

Mas as feias são deixadas para trás, deixadas nesta favela esquecida por Deus e à qual você pertence.

Xinguei muito em minha mente, e uma sensação fria começou a jorrar dentro de mim. Queria estar com a Rose, ficar ao lado dela enquanto esse miserável a feria com suas palavras. Queria cuspir na cara dele. Como ele ousava falar assim com a Rose? Eu queria dizer a ele que a maioria das mulheres, especialmente as mais bonitas, preferiria morrer a ser concubina de um sacerdote.

— Bem... — disse Rose quase alegremente — Acho que essas mulheres têm toda a sorte do mundo, não é? Não nasci bonita, e na minha idade não me importo mais. Se não há mais nada, então devo voltar para minha costura...

— E o seu marido? Eu me lembro de ler que você já foi casada.

— Ele morreu de febre há dez anos.

Não consegui perceber nenhuma raiva na voz de Rose. Ela era uma verdadeira campeã. Eu a amava por isso. Ouvi os passos suaves dos pés de Rose se moverem em direção à porta.

O sacerdote continuou, e eu tive que me concentrar para ouvir a voz dele por causa do ranger do assoalho. Ele estava em cima de mim, ao lado da mesa. Se eu fizesse qualquer som, ele me ouviria. Eu prendi minha respiração enquanto o suor escorria por minha testa e meu estômago revirava.

— Se eu descobrir que você está mentando...

— Não estou — veio a voz de Rose, mas o sacerdote continuou como se ele não a tivesse ouvido.

— Até mesmo em seu estado... sua idade... por baixo de toda essa sujeira, ainda é uma mulher. E eu tenho necessidades diferentes das dos outros sacerdotes.

Meus prazeres estão em *infligir* coisas. Acho os gritos deliciosamente estimulantes.

Eu me encolhi quando escutei esse sacerdote sádico. Os horrores, as torturas brutais que os sacerdotes exerciam contra as mulheres eram uma lenda. Corpos mutilados e distorcidos de prostitutas eram comumente encontrados nas valas que dividiam a Cidade das Almas do Fosso. Os sacerdotes achavam que era direito deles fazer o que quisessem às mulheres que não eram bonitas o suficiente para serem concubinas.

— Não cometa nenhum erro, *camponesa*. Se eu descobrir que você está mentindo - se você estiver escondendo uma mulher aqui - há coisas piores que a morte.

— Como eu disse, eu não estou mentindo — disse Rose. A voz dela se ergueu, e torci para que o sacerdote não a machucasse. Não a minha Rose.

— Você pode revirar este lugar e tudo o que você vai encontrar é essa velha aqui. Nada além disso.

Após um silêncio desconfortável, as tábuas do chão rangeram acima da minha cabeça, e ouvi os passos pesados do sacerdote à minha esquerda. Eu sabia que ele tinha ido para a porta.

— Não acho nenhuma validade nestes rumores, por enquanto — disse o sacerdote.

Sua voz tornou-se um pouco mais abafada quando se moveu um pouco mais para longe.

— Vou continuar minhas perguntas sobre este assunto. Reze para não ver meu rosto novamente, porque se isso acontecer... — eu senti o sorriso maligno nos lábios dele — será o último rosto que você verá.

Eu me esforcei para escutar. Meu estômago se retorcia. Eu estava prestes a vomitar com o estômago vazio.

Com um rangido e um baque, soube que Rose havia fechado a porta. Mas eu ainda prendia minha respiração. E se o sacerdote a tivesse matado silenciosamente? E se isso era um truque? E se ele sabia onde eu estava esse tempo todo, e isso fosse apenas um ardil para me fazer sair. Então, entrei em pânico por não ouvir a mesa ser movida, até que uma brisa fria bateu em meu rosto.

Eu pisquei diante do rosto vermelho de Rose.

— Você pode sair agora. Ele se foi.

Soltei minha respiração e saí do meu esconderijo privado. Só, então, percebi que a coroa estava me pressionando e havia deixado uma marca vermelha em minha pele.

Quando abri minha boca para agradecê-la, ela segurou meus pulsos.

— Elena. Eles estão atrás de nós. Não sei quem disse, mas alguém o fez. Da próxima vez, não teremos tanta sorte.

Olhei para os olhos castanhos que tanto amava e assenti com a cabeça.

— Eu sei. — Engoli em seco — Mas não haverá uma próxima vez.

Rose franziu a testa.

— Elena, por favor! Não faça isso.

Ignorando-a, corri para a nossa única janela voltada para o norte. Vi que a sombra no relógio de sol lá fora estava no número sete.

— Já passa das sete da manhã. Que estes sacerdotes se danem se acham que me farão perder esta chance.

— Essa é uma má ideia, Elena — veio a voz de Rose atrás de mim. — Peço para não ir.

— Não posso. Eu já fiz o acordo.

Eu me virei para Rose, segurei-a pelos ombros e beijei sua testa.

Rose me apunhalava com os olhos.

— Mesmo depois disto, do que aconteceu com o sacerdote, você ainda vai sair? Eles sabem de você, Elena. Não sei como, mas eles sabem. E eles estão procurando por você, acredite em mim. Você deve entender isso. Você tem que perceber quão estúpida e egoísta está sendo.

Ela balançou a cabeça. Seus olhos estavam cheios de decepção.

Eu senti uma pontada no peito. Mas eu estava fazendo isso por nós, para nos salvar deste inferno. Ela não entendia. Ela só tinha de confiar em mim.

— É por causa do maldito sacerdote que estou fazendo isso — disse eu rapidamente. — Eu estou fazendo isso por nós. Eu sei que você não pode ver isso agora, mas é verdade.

Os olhos de Rose ficaram vermelhos enquanto as lágrimas jorravam. Senti meus olhos arderem com a tristeza que ficou entre nós. Eu pisquei os olhos para afugentar minhas lágrimas.

— Eu sei que você me ama. Você foi uma mãe para mim durante todos estes anos. É minha vez de cuidar de nós.

Ela abriu a boca para protestar, mas eu a interrompi e dei-lhe um beijo na bochecha.

— Volto mais tarde com a ceia dos seus sonhos.

Antes que Rose pudesse me impedir, passei direto pela porta da frente.



CAPÍTULO 4

EU CORRI ALIMENTADA pelo medo do que o Jack Louco faria comigo se eu não chegasse na hora marcada da nossa reunião. Corri em exaustão e de estômago vazio. O sangue bombeava em minhas veias, e eu me sentia entorpecida de pavor.

Eu vi as lágrimas nos olhos de Rose, mas não disse nada. Queria vê-la sorrir novamente quando meus bolsos estivessem cheios de moedas. Ela tinha sacrificado sua vida para me manter segura. Era minha vez de retribuir. Ela merecia uma vida boa, e eu a ia dar a ela.

Eu baixei meu capuz e me mantive nas sombras enquanto corria pela lama da nossa vila caindo aos pedaços. Eu passei pela pequena praça no centro da cidade.

As pessoas já estavam se preparando para o comércio do dia. Alguns levantavam o olhar quando eu passava por elas, mas a maioria estava preocupada com a exibição das mercadorias que esperavam vender. Não havia nenhuma casa de pedra como na Cidade das Almas. Nossas casas eram um aglomerado de placas de madeira e sucata de metais. Elas pareciam particularmente desagradáveis na luz sombria da manhã. Não era o perfume de especiarias, açúcar e carne assada que eu sentia, mas cheiro de estrume de cavalo, vômito, cerveja e dejetos humanos... Eu me esforçava para não respirar aquilo, mas o ar quente e tóxico sempre parecia encontrar uma forma de chegar.

Meus pulmões queimavam, e eu corria desesperadamente para a reunião. Só precisava disso. Eu não tinha nada mais além da esperança tola de que Rose e eu pudéssemos finalmente sair do Fosso.

Deixando a praça para trás, me dirigi à Cidade Desolada, o lugar mais profundo e mais cheio da região do Fosso. Quanto mais eu adentrava, pior ficava o cheiro. Os edifícios eram piores aqui também. As estruturas brutas tombavam perigosamente e pareceriam que desmoronariam com uma rajada de vento.

Crianças com pés descalços e roupas gastas em seus corpos magros jogavam gamão na rua. Elas estavam revestidas com uma camada de sujeira, parecendo que nunca haviam tomado um banho sequer em suas vidas inteiras. O ar estava quente, e minha roupa colava ao meu corpo. As tavernas que ladeavam a estrada estavam cheias.

Eu me dirigi ao covil do Jack Louco, o Mau Hábito. Era a única estalagem no Fosso e a única construção de dois andares no vilarejo. O lugar se destacava entre os outros edifícios, mas não no bom sentido. O segundo andar havia sido queimado em um incêndio há três anos, nunca sendo substituído. Agora, o topo do prédio parecia o esqueleto de um animal morto.

Não havia nenhuma porta da frente no prédio também. Então, entrei rapidamente e fiz meu caminho adentro.

Algumas prostitutas levantaram suas sobrancelhas para mim, com seus seios pulando para fora do decote. Seus olhos estavam delineados de preto e seus lábios eram carnudos e vermelhos. Todos os sofás e cadeiras estavam ocupados por clientes. Uma mulher simples, mas curvilínea, piscou para mim ao passar completamente nua.

Embora eu corasse um pouco, aquilo não era novo para mim. Eu já estivera ali antes. Eu me movi o mais rápido que pude ao passar pelas mesas, pelas mulheres seminuas e perto das mãos de muitos dos homens que tentaram me agarrar.

Eu podia ver o pequeno escritório atrás de dois guarda-costas que estavam de pé. Também vi de relance o Jack Louco sentado em sua mesa. Senti meus joelhos cederem. Graças ao Criador! Ele ainda estava lá.

Os guardas me olharam, mas antes que eles me impedissem, eu deixei escapar: — Eu tenho uma reunião com o Jack Louco.

Com a menção do seu nome, ele olhou para cima.

Ele era jovem para um senhor das ruas, mais velho que eu, mas com não mais do que trinta anos. Seu cabelo preto estava oleoso e ordenadamente puxado para trás em um rabo de cavalo. A camisa branca estava com o colarinho aberto, revelando seus músculos fortes por baixo. Eu me perguntei como seria tocar sua pele dourada, passar minhas mãos ao longo daqueles ombros poderosos. Embora a maioria das mulheres da minha área dissessem que ele era um homem vil e feio, sempre o achei bonito, do tipo impressionante mesmo. Se não fosse a longa cicatriz na bochecha direita, ele seria lindo. Sem dúvida, essa cicatriz o salvava das garras dos sacerdotes, que não faziam qualquer discriminação entre os sexos ao selecionar os belos para si.

Seus olhos eram escuros, com os cílios mais grossos que eu alguma vez tinha visto em um homem. Era o tipo de olhos capaz de manter você paralisado só por sua beleza, como se vissem a sua alma. Não havia dúvida em minha mente de que o Jack Louco havia partido muitos corações.

Quando seus olhos se encontraram com os meus, não pude deixar de corar. Ele fazia isso comigo. Mas eu não tinha tempo de fazer charminho para ele, mesmo que eu fosse desse tipo de mulher, o que eu não era. Eu estava ali a negócios.

Eu sorri quando abaixei meu capuz. Meu coração se acelerou quando eu imaginei a surpresa que ele sentiria ao ver que eu havia roubado o objeto que ele considerava impossível de tomar. Fiquei muito satisfeita comigo mesma.

Tomando seu silêncio como um convite para entrar, passei por seus guardas, corri para o escritório e coloquei a coroa em cima da mesa.

— E você disse que era impossível — murmurei eu — O que você acha agora, hein?

O Jack Louco olhou para a coroa de ouro com descrença. Meu sorriso desvaneceu-se quando eu encontrei os olhos dele novamente. Ele não estava olhando para mim com o choque e a inveja que eu esperava. Ele me olhava com uma mistura de medo e arrependimento, como se ele não esperasse que eu lhe entregasse a coroa, como se ele não *quisesse* que o fizesse. Eu tive a sensação de que ele não me queria ali também.

Os olhos dele se voltaram para trás de meus ombros, mas eu não virei as costas. Eu olhei para ele e, em seguida, levantei as mãos.

— Eu sei que estou atrasada, mas eu posso explicar. Veja, havia um sacerdote que veio procurando por mim, e eu tive que me esconder e esperar até que ele fosse embora...

— Você não se esconderá mais. Está tudo acabado.

O resto da minha desculpa morreu em minha garganta.

Eu me virei para olhar para o homem que havia falado. Dois guardas do templo estavam atrás de mim. Eu nem havia reparado neles ao entrar, apesar de seus uniformes pretos e amarelos que os denunciavam. Mas eles estavam lá. Eles estavam me esperando com as mãos em suas espadas.

Eu senti o sangue escoar do meu rosto ao ver os sorrisos confiantes e a má intenção nos olhos deles.

Mas a traição, a traição do Jack Louco, perfurava meu coração e o partia.

Senti lágrimas de raiva correrem pelo meu rosto, até eu perceber que estava chorando. Em um acesso de raiva, me virei.

— Como pode? Seu desgraçado! — Eu bravejei. — Como pode me trair desse jeito? Para *eles*? Como você pode fazer isso a seu próprio povo? Seu traidor filho da mãe!

Eu sabia que era loucura e tolice perder minha cabeça com alguém que poderia simplesmente cortá-la fora, mas ele continuava sentado em sua cadeira parecendo desconfortável. Por um segundo, seu rosto e seus olhos mostraram dor e arrependimento. Foi rápido, mas eu vi. E notei também o quão rápido a expressão dele endureceu quando ele percebeu que os homens o vigiavam. Ele se recompôs, se endireitou, mas eu pude perceber.

— Me desculpe, Elena — disse o Jack Louco, com a voz despojada de emoção. Ele evitou meus olhos.

Eu cerrei meus punhos. Minhas unhas perfuravam minha carne.

— Por que fez isso? Olhe para mim. Olhe para mim, *traidor*.

Os olhos dele se encontraram com os meus. A expressão dele se escureceu, e eu vi sua raiva tão claramente quanto eu podia ver sua traição. Tantas emoções passaram por mim enquanto eu tremia. Eu estava ficando perdida. Por um momento, pensei que eu tinha ido longe demais e me preparei para o ataque que estava chegando. Ele iria me bater.

Os olhos escuros do Jack Louco me prendiam no local. Ele não se mexia, e eu não entendia o conflito que eu via no rosto dele: — Porque, como você, eu farei de tudo para sair desta lixeira. — Ele abriu a boca e depois fechou novamente. — Eu vi uma oportunidade e a tomei.

— Traindo o seu próprio povo. — Meus lábios tremiam, e a sala começou a girar.

Eu senti os guardas se moverem atrás de mim. Eles ficaram de pé ao meu lado. Eu mantive meu foco no traidor — Me entregando para as pessoas que nos colocaram nesta jaula.

Ele olhou para sua mesa. Eu me inclinei para a frente, minha voz tremia de raiva e medo.

— Você sabe o que eles farão comigo — eu respirei fundo — Você sabe. E

ainda assim você está me entregando a eles, como se você fosse meu dono, como se você tivesse o *direito*. Você não tem nenhum direito. Ninguém é meu dono.

Jack Louco cerrou a mandíbula e respirou ruidosamente. Os olhos dele disparavam de mim para os

guardas. Ele agarrou a borda da sua mesa com os dedos e disse baixinho: — Não há nada que eu possa fazer.

Eu franzi a testa.

— Você tem trabalhado para os sacerdotes desde o começo, não é? Você é um dos espiões.

Meus olhos queimavam de cansaço, e a fome de um dia saía de mim através de minhas lágrimas. Eu pensei na Rose, e isso era tudo o que eu podia fazer para me manter de pé.

Jack Louco pressionou seus lábios, mas não disse nada.

Tudo se tornou claro para mim.

— Você é o delator. Você disse aos sacerdotes onde me encontrar. Seu traidor de bosta!

Ele balançou a cabeça.

— Não. Eu juro, Elena. Eu não a traí.

— Não? — Eu dei uma risada. — Do que diabos você chama isso? Você acaba de me matar. Você acaba de matar a Rose. Seu desgraçado!

Eu cuspi na cara dele.

— Que o diabo o carregue. Que você apodreça no inferno com ele...

Os olhos de Jack Louco se arregalaram. Esse foi meu único aviso.

Algo duro acertou minha cabeça. Eu caí para o lado de joelhos, minha visão ficou embaçada.

— Não a machuquem!

Eu vi o Jack Louco sair de sua mesa: — Nem pensem nisso.

Um guarda estendeu uma espada no pescoço de Jack Louco.

— Trato é trato. A vadia agora é nossa. Peguem suas armas.

— Desgraçados — consegui dizer, mas imediatamente fui recompensada com um pontapé brutal no estômago. Eu gritei de dor, segurando meu estômago. Eu não conseguia inspirar ar o bastante, e a dor excruciante me dizia que eu tinha quebrado uma costela. Com a mão nas costelas, me levantei e olhei os guardas nos olhos.

— Por que uma vadia precisa de tantas armas, hein?

Um dos guardas pegou meu punhal da sorte e minha espada curta.

— Bem, não importa. Não é como se tivessem algum uso.

Ele os jogou no chão.

— Vão para o inferno — eu disse.

Outro golpe brutal triturou os ossos do meu rosto, e eu gritei de agonia. Meus joelhos se estremeceram, e eu caí. Eu me esforcei para não desmaiar, mas a dor era demais.

O quarto girou, e o mundo escureceu à minha volta. Ouvi o Jack Louco gritar algo zangado com os guardas do templo. Alguém estava chamando meu nome.

Uma sombra passou na minha frente, e eu vi o rosto do traidor, mascarado de preocupação, pairando acima de mim. Então, eu caí na escuridão.



CAPÍTULO 5

ACORDEI ao som de cascalho triturado. Senti uma dor lancinante em minhas pernas e a umidade contra minha pele. Minhas pálpebras estavam pesadas, mas me esforcei para abri-las. Com meu mundo lentamente entrando em foco, vi que o chão se mexia debaixo de mim. Eu pisquei os olhos, tirando o peso da minha cabeça. Eu estava sendo arrastada pelos braços.

Os mesmos dois guardas do templo que haviam me deixado inconsciente estavam me arrastando como um cadáver. Parte do meu corpo era arrastada no chão duro, enquanto rochas e terra rasgavam minhas roupas e minha carne. À

medida que ficava mais consciente, mais dor eu sentia e mais eu desejava poder voltar a ficar inconsciente. Eu gemia quando mais e mais feridas se abriam em minha perna.

Assim que me ouviram, eles me soltaram.

Meu queixo bateu no chão duro, e eu provei o sangue em minha boca. Eu me retorci de dor. Então, me lembrei do que haviam feito a mim, ao meu rosto, e fiquei surpresa de não estar sentindo *mais* dor. Talvez eu estivesse errada. Talvez eles não tivessem me batido tanto quanto eu havia pensado. Tecnicamente, eu ainda devia estar inconsciente.

Eu estava quente demais. Seria uma febre por infecção? Eu nunca havia me sentido assim antes. Eu nunca havia estado doente um dia sequer na minha vida.

— A vadia está acordada — disse um dos guardas. — Levanta e anda.

Estamos cansados de arrastar o seu traseiro por aí. De pé.

De alguma forma, me arrastei até me levantar. Qualquer coisa era melhor do que ser arrastada. Minha cabeça estava pesada e leve ao mesmo tempo, e minhas pernas queimavam em protesto. Eu olhei para baixo e engasguei. Minha roupa e parte da minha túnica estavam retalhados e cobertos de sujeira e sangue. Minha carne exposta estava rasgada e coberta de matérias-primas. Engoli meu pânico e olhei ao redor.

Eu pisquei com o brilho do sol. Imediatamente reconheci onde estávamos. Os altos muros de pedra, os jardins bem cuidados, gloriosos, os edifícios radiantes de pedra, o ar limpo e as ruas impecáveis, tudo me dizia que eu estava na Cidade das Almas. A única coisa fora do lugar era o longo rastro de sangue que marcava a estrada atrás de mim - o meu sangue.

Uma lufada de carne assada quase me pôs de joelhos novamente. Minha boca se encheu de água e meu estômago doeu. Minha garganta queimava tanto quanto as minhas pernas. Eu precisava de água mais do que eu precisava de comida. Eu não sabia há quanto tempo estava inconsciente. As sombras curtas ao longo dos edifícios mostravam que não era meio-dia ainda. Eles provavelmente haviam me tirado do Fosso assim que terminaram de me bater.

Algo forte acertou minhas costas. Eu usei minhas mãos para amortecer minha queda, e amaldiçoei o fato de que minhas mãos estavam tão rasgadas e sangrando tanto quanto as minhas pernas.

— É melhor se acostumar com as surras, vadia. Isso não é nada com o que sobrevirá a você.

Eu me virei com raiva, mas fiquei paralisada quando a ponta de uma espada foi apontada para meu rosto.

Eu podia culpar o Jack Louco o quanto quisesse, mas, no fundo, eu sabia que era minha culpa. Claro que ele havia me enganado, mas eu havia sido imprudente.

Eu sabia que havia cometido um erro ao roubar a coroa.

— Como uma vadia do Fosso coloca suas mãos em uma coroa real, hein?

Pensou que deixaria de se prostituir para virar ladra? — perguntou o mesmo guarda. Seu rosto diabólico era duro e implacável. Anos de batalha se mostravam em seus olhos frios e brilhantes. Ele dividiu uma olhada com seu companheiro, e ambos sorriram.

Eu estudei a espada finamente forjada do guarda. Seu punho trazia um sol gravado, uma marca da guarda do templo dos sumos sacerdotes. Quando ele percebeu que eu estava encarando sua espada, suas feições de troll se abriram em um sorriso.

— Pensou que ia se safar, não é? Pensou que poderia pegar o que não lhe pertence e não sofrer as consequências?

Ele tirou meu capuz com a ponta de sua espada. Meu longo cabelo escuro caiu aos meus ombros.

Eu vi o olhar feral que homens da guarda davam ao ver um rosto bonito. Eu tremia por dentro, mas não mostraria meu medo. Como um animal encurralado, escondi a ansiedade que me enchia. Os guardas do sacerdote eram notoriamente cruéis e abusavam do poder, especialmente com as mulheres do Fosso.

Lentamente, levei minhas mãos a meu cinto, mas não encontrei o punho das minhas armas. Eles a haviam

tomado.

— Bonitinha você, não? — disse o jovem guarda, com uma voz ensebada que combinava com seu rosto oleoso. Ele parecia ter a minha idade. A frente do seu uniforme estava suja e molhada.

— Um pouco magra demais - eu gosto de minhas mulheres com carne em seus ossos. Mas você ainda é uma mulher. Talvez eu me divirta um pouco antes de levá-la para o sumo sacerdote.

Eu franzi a testa perante sua menção da diversão. Minhas mãos tremiam em fúria.

— *Eu sou* o guarda sênior, Garth — disse o homem mais velho.

— Nunca disse que não, Baul. — Garth revirou os olhos.

— Se alguém tiver de fazer alguma coisa primeiro, serei eu. — Baul olhou para mim e sorriu.

— Estaríamos dentro dos nossos direitos em fazer com você o que quiséssemos, já que você quebrou a lei e pertence ao Fosso e tudo mais. Podemos fazer o que quisermos com você.

Estupro seria pior do que uma sentença de morte. Se eu tivesse escolha, escolheria a forca. Eu havia testemunhado coisas horríveis quando estava crescendo no Fosso. Havia descoberto os corpos das mulheres deixadas a apodrecer ao sol. Meninas e mulheres que antes eram cheias de vida haviam sido jogadas fora como lixo. Eu sabia o que estava por vir, e a morte seria melhor. Eu poderia fugir deles? Eu não chegaria muito longe. Eu era completamente inútil. Eu era uma tola.

A ponta de uma espada encostou em meu pescoço, e senti um líquido quente gotejar até minha clavícula.

— Mas o sumo sacerdote disse intocada, e ele foi *muito* específico — disse Baul. — Que pena, acho que você teria gostado de mim. Acho que é seu dia de sorte. — Ele riu sem humor.

— Acho que é. — Resmunguei, sentindo-me a pessoa mais azarada de toda a Arcânia.

— Mas não agradeça ao Criador ainda. O sacerdote tem planos para você.

Guarde minhas palavras, você vai pagar pelo que fez.

A expressão dele ficou desconfiada, e ele se inclinou para a frente. Seu hálito quente fez cócegas na minha orelha, mas o cheiro de ovos podres atingiu meu rosto.

— Como você *fez* isso? Como uma *mulher* conseguiu atravessar o fogo de um feiticeiro?

Havia um vestígio de medo na voz dele, e tirei conforto disso.

Bom, que eles fiquem com medo. Mas a verdade era que não havia pensado muito nisso. Por que eu conseguia atravessar o fogo verde quando todos pareciam pensar que era impossível? Eu sabia que era magia, só não sabia que era a magia de um feiticeiro. Talvez o feiticeiro tivesse cometido um erro com sua magia? O

Jack Louco sabia que eu seria confrontada com magia? Ele havia agido de forma tão estranha, parecia tão

surpreso quando viu a coroa. O que ele não estava me dizendo?

— Como é que você passou pelo fogo?

Minha atenção se voltou aos guardas.

— Como é que você ainda está viva? Você deveria estar morta. Ninguém pode sobreviver ao fogo. — Ele fez uma pausa. — A menos que...

— Ela é um demônio. — Garth ficou pálido.

— Eu não sou um demônio — resmunguei.

Eu gostaria de olhá-los diretamente nos olhos. Eu não me acovardaria como um animal por muito mais tempo. O comportamento deles se alterou por um instante, e eu vi o medo nervoso em seus olhos.

Algo em mim os deixava nervosos. Isso me encheu de uma nova esperança.

Baul tocou na bolsa ao seu lado, minha algibeira, onde a coroa se escondia.

Ele me encarou com curiosidade por um momento, mas não disse nada.

— Como você fez isso? Que tipo de pessoa é você?

Eu sorri perversamente:

— Devolva minhas armas, e eu vou lhe mostrar.

— Ela tem magia, é isso — disse Garth. Seus olhos se arregalaram em reconhecimento.

— Ela é um dos amaldiçoados, uma portadora da magia. Só uma bruxa poderia passar pelo fogo de um feiticeiro, ou uma feiticeira.

Eu vacilei. Ninguém havia me acusado de ser uma bruxa ou de possuir magia.

Era um absurdo. Se eu não estivesse com tanta dor, teria rido em voz alta.

— Se *tivesse* magia, acha que ainda estaria vivendo no Fosso? Você não acha que eu poderia ter saído deste inferno usando a magia?

Eu podia ver que eles estavam pensando...

Baul levantou suas sobrancelhas: — Ela tem razão.

Ele sorriu maliciosamente: — A menos que você seja uma bruxa estúpida.

Ambos os guardas começaram a rir, e eu desejei poder chutá-los.

Eu sabia que não era uma bruxa. As bruxas podiam lançar feitiços e encantamentos, levantar os mortos e até mesmo se transformar em outras criaturas.

Eu acharia útil me esconder do sacerdote se eu fosse uma bruxa – o que eu não era.

Eu sabia que as bruxas traziam seus poderes da própria terra. Mesmo que todos esses contos sobre bruxas fossem verdadeiros, eu ainda não entendia como eu consegui colocar minhas mãos na coroa.

Eu sabia que as coisas iriam piorar muito se eu fizesse algo estúpido. O

sacerdote disse que eu deveria ser entregue *intocada*, mas, mesmo assim, eles haviam me deixado inconsciente. Eu não estava pronta para outra surra.

Eu já havia arruinado a vida de Rose. Talvez, por um golpe de sorte, eu teria outra chance de compensar minha impetuosidade. Se ao menos eu pudesse voltar para Rose...

Baul riu novamente:

— Não importa o que ela é. A magia é proibida no Império. Magia é traição e é punível com a morte. Você roubou o tesouro dos nossos sumos sacerdotes? Você irá para a fogueira. É isso mesmo. Nós sabemos como matar bruxas. Gostaremos de vê-la morrer.

Antes que eu pudesse protestar, Baul agarrou-me pelo braço e me puxou: — Amarre-a.

Meus braços foram agarrados com força por Garth, que prendeu meus pulsos com uma corda.

Baul agarrou-me novamente e me fez encará-lo.

— Você vai desejar a morte antes que ele acabe com você.

Ele revirou os olhos sobre cada parte do meu corpo, e, quando eu recuei, ele levantou sua espada e apontou: — Vamos lá. Tente qualquer coisa e você vai morrer.

Nos movemos em silêncio. Garth estava na frente, enquanto Baul andava atrás de mim. Sua proximidade deixava minha pele arrepiada.

Adentramos na Cidade das Almas. A cidade era cercada por muros de pedras de 10 metros, com portões que levavam para o resto de Ânglia. Eu sempre me perguntei por que eles se preocuparam com os muros. Talvez eles temessem os outros reinos e pensassem que os muros os protegeriam em caso de uma rebelião.

A ideia dos muros em ruínas me fez sorrir.

A Cidade das Almas se estendia pela região noroeste de Ânglia, o Reino ocidental de Arcânia, fazendo fronteira com o mar do oeste. A cidade era o coração do Império do Templo do Sol. Ela estava sob um novo regime, e pelo que parecia, estava florescendo.

Os comerciantes estavam ocupados com os carros cobertos com arroz, legumes e carne fresca. A cidade se enchia de sons de vagões e comerciantes organizando o mercado do dia. Mãe e filha arrumavam lenços de seda na sua mesinha com joias artesanais. Quando cheguei mais perto, vi que o material era bordado com o símbolo do templo, um sol brilhante, gravado em ouro. Elas me olharam com curiosidade ao passar por elas, mas rapidamente afastaram os olhos com medo de que os guardas as vissem olhando.

Mulheres vestidas com vestidos de seda fina e homens em casacos refinados sob medida ocupavam as ruas. Era de conhecimento comum que, depois que os sacerdotes chegaram ao poder, a maioria das famílias nobres e ricas podiam residir em seis reinos. Eles mantiveram suas casas de campo e os bolsos cheios de ouro. Tudo o que eles tinham de fazer era ceder ao regime dos sacerdotes e abolir a monarquia. Eles continuavam a viver como se nada tivesse mudado.

Faziam tudo para que as pessoas do Fosso permanecessem no Fosso. Eles não se misturavam com nosso tipo de gente. As famílias nobres nunca nos ajudaram e nem quiseram saber de nós, mesmo que fôssemos anglianos como eles.

Se a Cidade das Almas era o orgulho e a alegria de Ânglia, nós éramos a vergonha. Os rejeitos, os aleijados, os pobres e os velhos eram relegados ao Fosso.

Eu vi o olhar cruel de algumas mulheres nobres em chapéus altos ridículos. Eu me perguntei se elas nunca haviam visto alguém do Fosso antes. Suas expressões desdenhosas me levaram a acreditar que não. Uma delas me deu um sorriso desagradável, como se estivesse feliz com minha futura morte. O ácido estomacal subia em minha garganta. Eu odiava essas pessoas quase tanto quanto odiava os sacerdotes.

Ouvi risos e me virei para ver crianças brincando juntas. Seus sorrisos felizes correspondiam a suas roupas finas e alegres. Eu invejava sua inocência.

Mas quando passei pelas crianças, um grito chamou a atenção. No meio da rua, em plena vista, um jovem foi amarrado a um poste. Seu corpo nu estava coberto de sangue seco e de lesões vermelhas. Ele parecia quase humano. Um símbolo do sol foi marcado na lateral da bochecha. Ele não duraria um dia no sol quente. Mulheres em vestidos muito elaborados olhavam como se o pobre homem as enojasse. Outras riam. Ele era um show para os ricos.

Um calor subiu pelo meu rosto. Se eu tivesse o uso dos meus braços, partiria para a briga.

Garth me pegou olhando e sorriu.

— Isso não é nada perto do que vai acontecer com você, sua bruxa. — Ele riu.

Mas eu não podia desviar dos olhos tristes do jovem. O que ele havia feito para merecer isso? Lágrimas de raiva jorraram em meus olhos quando Baul acertou minhas costas e me empurrou para a frente.

Dois homens vestindo mantos amarrados no meio com faixas douradas passeavam na rua. Suas peles pálidas se destacavam contra a seda preta de suas vestes. Eu podia ver o bordado dourado em torno de suas mangas. As costas de suas cabeças raspadas eram tatuadas com a imagem do sol.

Sacerdotes do Templo do Sol.

Mas o que eu vi em seguida estremeceu meus joelhos.

Duas mulheres e um homem jovem vestindo apenas túnicas brancas transparentes caminhavam atrás dos sacerdotes. Suas cabeças estavam baixas, e seus mamilos e genitais apareciam por baixo do tecido fino. Eles usavam coleiras de couro grosso em volta do pescoço, como cães amarrados. Eles eram jovens.

Tão jovens.

Eu me senti mal, mas não conseguia desviar o olhar. Rose e minha mãe tentaram me salvar de uma vida de tormento sádico e escravidão sexual, mas agora eu olhava para meu futuro. Meu sangue congelou. Se o sumo sacerdote não me matasse por roubar a coroa, esta era a vida que me aguardava.



CAPÍTULO 6

CADA PASSO PARA A FRENTE fazia uma dor atravessar meu corpo. As minhas pernas eram blocos de cimento, pesadas demais, e eu as arrastava levando o tempo que fosse necessário. Estávamos caminhando rápido demais para qualquer que fosse o tormento e o sofrimento que me aguardavam. Não ousei olhar para os guardas. A miséria e as lágrimas no meu rosto denunciavam que eu era miserável.

Sem dúvida, os guardas estavam sorrindo.

Eu me sentia fora do meu corpo, como se estivesse num sonho, embora acordada. Tentei não pensar na tristeza sombria que vi no rosto das concubinas que haviam passado por mim. Eu não poderia imaginar como seria desfilar pela cidade nua e com uma coleira no meu pescoço, como um objeto sexual.

A traição do Jack Louco ainda doía mais do que eu esperava. Eu não queria admitir, mas eu havia pensado que ele era doce comigo. Seus olhos escuros me olhavam por um bom tempo e com muita frequência quando o via no Fosso ou negociava com ele por comida ou por outro livro para Rose. Eu havia notado isso anos atrás. E até gostava. Mas agora eu percebia o quanto estava enganada. Que havia me enganado em pensar que ele se importava.

Não era a primeira vez que eu estava errada sobre os homens. Tive meu coração adolescente partido algumas vezes. Eu tive algumas paixões casuais, mas sempre tive cuidado para não baixar a guarda, não me importar ou entregar meu coração. Uma vez feito isso, não teria volta. Os romances geralmente acabavam machucando de qualquer maneira, mas, por algum motivo, a traição do Jack Louco doía mais do que eu gostaria de admitir.

O olhar perplexo do Jack Louco ainda me assombrava. Eu não consegui entender por que ele parecia estar tão arrependido, quando basicamente foi ele quem me entregou aos guardas.

Eu estava tão presa em minha própria raiva que não notei o templo até que ele estivesse bem na minha frente.

Era uma estrutura piramidal, de aproximadamente quarenta e cinco metros de altura, cercado por pirâmides menores que se pareciam com chapéus pontudos. O

templo era feito de ouro, para representar o sol, mas também representava riqueza e poder. Fiquei impressionada com seu tamanho e beleza. A riqueza do templo era óbvia, mas isto era muito além do que eu poderia ter imaginado. Isso era errado.

— Mexa-se!

Eu não tinha percebido que havia parado para admirar o templo. Mas eu realmente não estava admirando. Eu o temia, e o medo me sufocava. Minhas pernas enrijecidas não conseguiam se mexer. Eu respirei fundo.

— Eu disse para andar!

Algo duro atingiu minhas costas outra vez e eu tropecei para a frente, surpresa de que conseguisse me equilibrar antes de cair de cara nas pedras do caminho.

— Não temos o dia todo. Temos coisas mais importantes para fazer do que desfilarmos com uma bruxa por nossas terras.

Baul me empurrou até um arco, e eu pude ver a grande entrada do templo dourado. Garth correu na frente e abriu duas portas maciças. Eu fiquei tensa quando passei pela porta e entrei em um hall de dois andares de altura e um grande corredor vazio. Meu coração batia dolorosamente.

Era um espaço luxuoso. Paredes de ouro rodeadas de janelas de vidro voltadas para a cidade. As bandeiras brancas e douradas do Templo do Sol pendiam nas paredes. Nossos pés ecoavam nos pisos de mármore preto. E, em algum lugar dentro do templo, eu podia ouvir o som distante de vozes cantando.

Colunas de ouro se estendiam pelo grande salão, em ambos os lados, até o andar de cima.

Sacerdotes passavam pelo templo como uma névoa de vestes cor de ébano, suas saias esvoaçavam atrás deles, e eles traziam expressões imponentes em seus rostos. Eu nunca havia visto tantos sacerdotes de uma só vez. Eu vi o olhar inconfundível de luxúria nos olhos daqueles que olhavam para mim, mas a maioria deles me ignorava completamente.

Homens adolescentes seguiam alguns dos sacerdotes como filhotes ansiosos.

Suas vestes de linho se destacavam contra as vestes negras de seda dos sacerdotes. Aprendizes, eu percebi. Também vi servos do templo em túnicas marrons. Todo o mundo era do sexo masculino. Todos rapazes. Todos homens.

Eu senti um suor frio. Eu era a única mulher no templo inteiro?

Enquanto caminhava, peguei vislumbres das salas de cada lado do corredor. O

hall eventualmente se abriu em uma câmara grande, com um altar no meio. Eu franzi a testa diante da visão do altar. Era ali que se realizavam as cerimônias do templo, onde se intimidam e convertem os incrédulos.

Tentei memorizar o interior do templo para o caso de eu sobreviver. Eu precisaria saber o caminho se fosse escapar.

Caminhamos ao redor do altar e chegamos a uma câmara à esquerda, onde um homem sentava-se atrás de uma grande mesa de mogno, com uma pilha de documentos na frente dele. Ele rabiscava um grande livro sem levantar o olhar.

Ele usava uma túnica branca feita de seda. Era bordada com joias e fio dourado em torno dos punhos e do pescoço, e um símbolo grande do sol estava costurado na frente. Ele usava um chapéu branco em forma de pirâmide, e eu suspeitava que ele fosse o sumo sacerdote.

Uma sombra apareceu atrás dele, mas quando eu tentei ver melhor, Baul me agarrou e me segurou firme na frente da mesa. Garth parecia nervoso, o que só me fazia sentir pior. O sangue pulsava em meus ouvidos enquanto eu tentava firmar minha respiração. Eu olhei ao redor da câmara em busca de uma fuga.

Baul limpou a garganta:

— Perdão, sua graça, mas como pedido, lhe trouxemos o ladrão.

— Que ladrão? — disse o sumo sacerdote sem levantar a cabeça do seu livro.

Eu vi uma sombra por trás do sumo sacerdote novamente... mas desapareceu antes que eu pudesse dar uma boa olhada.

— O ladrão que roubou a coroa de Ânglia, sua graça. — Baul adiantou, colocando a coroa de ouro sobre a mesa. Ele recuou e cruzou os braços nas costas.

O sumo sacerdote deixou cair sua caneta e olhou para cima. A sombra roxa escura debaixo dos seus olhos deixava seu rosto pálido, destacando seus olhos.

Com uma expressão de pedra, o sumo sacerdote pegou a coroa e a inspecionou, como se verificasse se a coroa era verdadeira. Ele colocou a peça na mesa, seus olhos se encontraram com os meus, e minha respiração ficou presa na garganta.

Estremeci sob seu olhar nada natural.

O sumo sacerdote parecia particularmente interessado em mim: — Ela passou pelo fogo mágico?

Eu me encolhi sob o olhar penetrante do sacerdote. Havia algo errado com a maneira como ele olhava para mim. Era quase como se ele estivesse *feliz* em me ver, emocionado por eu ter *sobrevivido* ao fogo. Mas porquê?

— Sim, sua graça. Ela deve ter algum tipo de magia. Devemos levá-la para uma cela de prisão ou para os seus aposentos...

— Não.

O sumo sacerdote empurrou sua cadeira para trás e se levantou. Com um movimento rápido, ele caminhou ao redor da mesa e parou diante de mim. Suas vestes esvoaçavam atrás dele como grandes asas. Ele era mais alto do que os dois guardas, e parecia passar mais tempo rabiscando seus livros do que comendo.

Seus olhos pálidos observavam os meus. Senti meu coração acelerar, mas eu não desviei o olhar. Seu rosto mostrava-se intrigado, com desprezo e até vitória. Ele era o homem mais assustador que eu já havia visto.

Mas quando a sombra surgiu ao lado dele, eu vacilei e recuei.

A sombra não era uma sombra, mas uma criatura terrivelmente deformada, com longos dedos nodosos. Parecia ser feito de névoa. Seu corpo parecia transparente, como se fosse um fantasma, como se não estivesse realmente lá. Sua pele cinzenta estava mal coberta do que parecia ser uma calça e uma camisa maltrapilhas. Quando ele virou seus grandes olhos protuberantes para mim, precisei de todo o meu autocontrole para não fugir.

Que tipo de sacerdote manteria a companhia de tal criatura? Meus olhos se voltaram para Baul e Garth, mas nenhum deles parecia tomar conhecimento da coisa vil. Os dois estavam observando o sacerdote. O cheiro de cachorro molhado e carne podre emanava dele, e ele olhava para mim com olhos grandes e molhados.

O sumo sacerdote franziu a testa, mas, então, ele seguiu o meu olhar para a criatura. Quando ele voltou a olhar para mim, ele parecia satisfeito.

A criatura moveu-se na minha direção, mas o sacerdote lhe lançou um olhar, e a besta se pôs atrás dele, quase desaparecendo completamente atrás de seus mantos.

O sumo sacerdote me circulou, inspecionando cada centímetro meu. Eu vi sua sobrancelha se arquear quando ele examinou meu manto chamuscado; depois, ele inspecionou meu rosto e minhas mãos.

— Fascinante — disse o sumo sacerdote. — Nem sequer uma única marca de queimado nela. É bastante notável.

Ele sorriu. Havia algo de sinistro no modo como ele me olhava, e eu senti um calafrio em meus ossos. Seu nariz longo dava-lhe a aparência de um pássaro. Meu coração acelerou enquanto eu permanecia impotente sob o olhar examinador dele, como se eu fosse seu novo prêmio. Eu reconheci a voracidade e o desejo nos olhos dele.

Meu mundo estava desmoronando à minha volta. O chão parecia se mover, e eu me esforçava para continuar firme. Eu não queria demonstrar medo.

— Eu não vou ser sua concubina — deixei escapar. Minha voz tremeu com medo e raiva. — Eu prefiro morrer a me tornar o brinquedo de um sacerdote.

Você deve me matar. Eu juro que eu vou encontrar uma maneira de me matar se você não o fizer.

Baul e Garth tentaram conter os sorrisos, mas eu vi seus ombros se moverem.

Eu olhei furiosamente para eles.

O sumo sacerdote sorriu casualmente.

— Se eu quiser que você se torne um dos - como você mesma colocou - meus brinquedos, então, é isso o que você será, minha querida. E não há nada que você possa fazer quanto a isso. É uma grande honra dividir a cama do sumo sacerdote.

Ele se moveu até mim, e eu fiz uma careta.

— Você tem um rosto bonito, olhos amendoados salientes e incomuns, muito agradáveis. — Os olhos dele

não saíam do meu rosto. — Sim. Muito bonita. Mas você está incrivelmente magra e com aspecto de doente. Sua pele não tem nenhuma das qualidades e da suavidade das minhas outras concubinas.

— Tente passar fome durante a maior parte de sua vida. Faz maravilhas para a pele.

Ele levantou uma sobrancelha: — Quantos anos você tem?

Eu não queria responder, mas também não queria tomar outra surra: — Dezenove.

— Humm. Os sinais de envelhecimento já têm atormentado você. E não há nenhum brilho em seu cabelo. Eu prefiro minhas mulheres com curvas, algo que, sem dúvida, tempo e comida podem reparar.

Ele se inclinou para a frente, e a próxima coisa que percebi foi que ele começou a lambar meu rosto com a língua molhada. Eu choraminguei de nojo e medo. Prendi minha respiração ao senti seu hálito quente e pútrido. Ele lambeu minhas bochechas, o canto da minha boca e debaixo do meu queixo.

Eu tremia e sufocava um grito.

É isso. Ele vai me estuprar aqui enquanto os outros dois observam. Meu espírito foi abalado, mas, então, ele recuou.

— Você cheira como se tivesse dormido com os porcos.

Minha cara queimou de vergonha. Eu provavelmente fedia. Não me lembrava da última vez em que havia tomado um banho de verdade. Parece que meu cheiro desagradável me salvou. Eu quase sorri.

— Não — o sacerdote sacudiu a cabeça, mas o sorriso dele voltou. — Definitivamente, não uma concubina.

Os guardas compartilharam um olhar, e, então, Garth disse: — Sua graça, deseja que nos *desfaçamos* da bruxa por você? Acho que poderíamos...

O sumo sacerdote girou com Garth: — Ela não é só uma bruxa, seus idiotas. Vocês não sabem o que ela é? Vocês não conseguem reconhecê-la?

O sumo sacerdote fez uma pausa para dar aos guardas a chance de resposta.

— Não? Não, claro que não. Uma bruxa comum teria queimado no fogo mágico. Mas ela não é uma bruxa comum. O que você tem aqui diante de vocês é algo extremamente raro. Algo de extraordinário.

Meu estômago apertou em um nó gigante.

— Eu não sou uma bruxa — eu disse calmamente.

Gotas de suor escorriam por minhas têmporas. Meu coração estava batendo tão rápido que eu mal podia ouvir. Do que este sacerdote estava falando?

Baul franziu a testa. Ele estava claramente tão confuso quanto eu; de mim, ele olhou para o sacerdote.

— Eu não entendo, sua graça? Então, o que ela é? Um demônio? Um gênio?

O sumo sacerdote riu. Mas antes que eu tivesse tempo de reagir, antes que eu percebesse o que estava acontecendo, com um vapor branco, o sumo sacerdote estendeu a mão e pegou a espada de Garth.

Com um sorriso feio e a ânsia em seus olhos, ele perfurou meu estômago com a espada.



CAPÍTULO 7

EU CAMBALEEI PARA FRENTE, e sangue jorrou da minha garganta, derramando-se diante de mim. Olhei para baixo e vi o punho da espada de Garth saindo logo abaixo da minha caixa torácica. Minha respiração ficou rápida, não parecia haver ar suficiente na câmara. Eu estava com frio, e eu não conseguia parar de tremer.

Lágrimas se derramaram pelo meu rosto de tanta dor. Eu nunca havia sido empalada antes, especialmente não com uma espada gigante. O sangue não parava de sair da minha boca. Eu sabia o que isso significava. Eu pisquei os olhos, mal ciente de que uma multidão se reunia em torno de mim. Eu fiz uma careta para a multidão de sacerdotes e seus aprendizes. Eu estava morrendo e tinha uma audiência.

— E agora a grande revelação.

Eu levantei os olhos. O sumo sacerdote parecia um louco. Seu hálito quente fazia cócegas em meu rosto. Ele sorriu perversamente, e, então, com uma grande alçada, ele puxou a espada.

Eu cambaleei com a força do puxão e imediatamente senti um jorro do meu lado esquerdo.

Eu estava numa poça do meu próprio sangue. Eu desejei ter deixado Rose em melhores condições, e amaldiçoei o Jack Louco.

O sumo sacerdote levantou a voz: — E, agora, meus irmãos, vejam como um milagre aparece diante de seus olhos.

Eu recuei quando o sumo sacerdote colocou as mãos no meu corpo. Ele ia me esfaquear uma segunda vez?

Ele puxou minha capa para o lado e levantou minha túnica, expondo o meu peito. Eu queria protestar. Eu queria bater nele, mas minhas mãos ainda estavam amarradas atrás das costas. A perda de sangue estava me deixando tão tonta que eu mal podia ficar de pé. Em breve, eu estaria morta.

Ouvi um suspiro da multidão. O sorriso do sumo sacerdote se alargou.

E eu não estava morrendo.

Parecia que havia uma centena de agulhas picando minha pele; depois, meu corpo foi coberto por um calor. Minha visão deixou de ficar turva, e minha tontura desapareceu. Eu me sentia melhor. Mas isso era impossível. Eu deveria estar morrendo. Eu não entendia o que estava acontecendo. Segui o olhar do sumo sacerdote até meu peito exposto, onde estava a minha ferida.

Uma luz dourada brilhava dentro do meu corpo e vazava da ferida sangrenta.

Eu pisquei os olhos. O sangue parou de derramar como se a luz de dentro de mim tivesse cauterizado a ferida e estancado o sangramento. Senti um puxão para dentro. Eu vi o corte se fechar novamente. Lentamente, a pele ao redor do corte se juntou e foi selada. Em segundos, não havia nada da ferida horrível, exceto uma fina cicatriz.

Eu ainda estava de pé. Como isso era possível? Talvez os guardas estivessem certos. Talvez eu fosse uma bruxa.

— Espetacular! — a voz do o sumo sacerdote estava cheia de orgulho. — Absolutamente fascinante.

— Mas... como pode ser isto? — perguntou uma voz atrás de mim, como se estivesse lendo meus pensamentos.

— Ela curou-se? Isto é magia? Isso é bruxaria?

O sumo sacerdote abaixou minha túnica. Eu senti minha força retornando, como se estivesse acordando lentamente. Ele se virou para encarar a multidão reunida de sacerdotes.

— Irmãos, esta mulher não é uma mera bruxa, mas algo muito mais valioso — ele fez uma pausa, aproveitando o momento. — Ela é uma criatura que nunca ficará doente ou pegará um resfriado. Ela é imune ao fogo mágico e tem uma resistência natural à magia. E como vocês podem ver, ela ainda tem a capacidade de se curar de um ferimento fatal.

Eu dei de encontro aos olhos do sumo sacerdote. Ele segurou meu olhar por um longo instante e olhou para minha confusão. Ele parecia satisfeito. Ele sabia que eu não morreria com a espadada. Aquilo tudo havia sido apenas um show. Ele sabia que eu poderia me curar. Aparentemente, ele sabia mais sobre mim do que eu mesma.

O perverso brilho nos olhos dele enviou um arrepio pelas minhas costas. E, então, a minha ficha caiu. Eu me lembrei do que Rose havia me dito.

Eles nunca devem encontrar você. Nunca. Me entende? Eles nunca devem saber de sua existência.

E se a Rose não tivesse me escondido apenas da busca dos sacerdotes por concubinas? E se ela soubesse o que eu era esse tempo todo? Ela sabia que eu podia me curar? A minha mãe sabia? Ela havia me protegido por uma razão completamente diferente? Rose sempre havia falado do juramento que havia feito a minha mãe. Era seu dever me manter segura. Mas, agora, vendo como eu havia me curado, não sabia do que ela estava tentando me proteger.

O sumo sacerdote me olhava curiosamente. Ele sabia que eu estava lutando com a verdade do que havia

acontecido. Seu sorriso largo só confirmava minhas suspeitas. Ele tinha outros planos para mim.

— Sua espécie já foi imbatível uma vez — ele proclamou. — Eu pensei que eles haviam sido dizimados em todos os mundos... até agora. Ela é um dom. Um mito e uma lenda, um verdadeiro tesouro.

Baul e Garth olhavam para mim atentamente, mas eu me recusei a olhar para eles.

Eu me mantive firme no lugar. Se tivesse magia em mim, eu seria uma bruxa ou algo mais? Se eu pudesse me curar de uma ferida fatal, o que mais poderia fazer?

Meus medos foram gradualmente substituídos por autoconfiança. Se as espadas não podiam me impedir, então talvez ainda houvesse uma maneira de escapar. Eu precisava de comida. Mas me sentia mais forte e mais confiante.

Eu cerrei os punhos nas costas e senti a corda rasgar a carne de meus pulsos.

A pele em volta do meu pulso estava quente. Eu estava me curando? O sumo sacerdote havia adivinhado quando disse que eu nunca ficaria doente. A espada no peito havia doído, mas eu tinha sobrevivido. E poderia fazê-lo novamente.

Eu havia prometido a Rose que poderíamos sair do Fosso. Era uma promessa que eu queria manter. Eu estava cheia de esperança de que poderíamos escapar.

A magia da cura certamente parecia amadurecer dentro de mim. E pela forma como o sumo sacerdote ficava me observando, algo me dizia que havia muito, muito mais que ele não estava me dizendo.

Ele levantou as mãos:

— Irmãos do Templo do Sol. Acredito que o Criador nos deu um dom original. — Ele sorriu — Ela é uma bruxa? Talvez, mas ela é muito mais do que uma mera bruxa. Esta mulher é...

— Uma cria do demônio — gritou uma voz atrás de mim.

Mesmo antes de me virar, eu reconheci a voz. Onde eu a havia ouvido antes?

A voz pertencia a um sacerdote de meia-idade. Ele deve ter sido bonito uma vez, mas os anos não haviam sido gentis a ele. Com a cabeça erguida, ele olhou para seus irmãos com uma carranca. Ele tinha olhos negros.

Eu conhecia aquele rosto. Eu o *conhecia*.

O sumo sacerdote não escondeu sua surpresa: — Irmão Edgar, você conhece esta mulher?

O sacerdote, irmão Edgar, olhou para mim: — Essa monstruosidade profana é minha filha.

Eu vacilei. O sangue bateu nos meus ouvidos quando a dor do reconhecimento me dominou. Eu pensei ter conseguido esquecer o rosto dele, esquecer o que ele havia feito. Minha boca se abriu, mas eu fiquei firme. Não era assim que eu havia imaginado meu reencontro com meu pai.

Na minha cabeça, eu o havia matado - muitas e muitas vezes.

O sumo sacerdote levantou a mão pedindo silêncio: — Não transmitirei julgamento a nosso irmão aqui por ter tido um passado antes de se juntar ao Templo do Sol. Muitos dos que se encontram aqui tiveram uma vida antes do templo.

Seus olhos pálidos passearam entre as muitas faces culpadas no meio da multidão de sacerdotes e descansaram sobre o irmão Edgar.

— Obrigado, sua Eminência. — Irmão Edgar curvou-se, mas seus olhos nunca deixaram os meus.

O sumo sacerdote sorriu brevemente: — Interessante.

Ele olhou para mim antes de continuar: — Apesar disso, eu não vejo nenhuma semelhança. Ela deve ter puxado a mãe.

Ele pausou por um momento: — Sua mãe deve ter sido muito bonita. Onde está ela?

O sumo sacerdote perguntou com certa urgência, apesar de seu rosto inexpressivo.

— Onde está a mãe dela?

De repente, senti frio.

A boca do irmão Edgar se retorceu em um rosnado feio: — Eu a matei, sua Eminência.



CAPÍTULO 8

EU TREMIA ENQUANTO lutava contra as lágrimas. Eu mordi minha língua para não gritar.

Era como se estivesse acontecendo de novo. Há muito eu havia suprimido as memórias de execução da minha mãe nas mãos de seu próprio marido, e agora elas voltavam a mim como um golpe no estômago. A garganta, o estômago e até mesmo as mãos da minha mãe haviam sido perfuradas por flechas, espadas e punhais. Eu me lembrei da minha mãe de joelhos gritando para eu correr. E me lembrei do meu pai levantando um grande machado e abaixando-o brutalmente contra a nuca dela. Nove anos depois, e a memória da cabeça de minha mãe estrondando no chão ainda me assombrava.

Eu odiava esse homem mais do que tudo. Ele havia me roubado minha infância. Quando matou minha mãe, ele havia destruído qualquer chance de entender os poderes que eu acabara de descobrir que

possuía. Quando eu pensava no diabo, era o rosto dele que dançava diante dos meus olhos.

Eu tentei me soltar, mas não consegui. Eu olhei para ele com o máximo de ódio e maldade que consegui reunir. Ele não era meu pai. Ele era um assassino.

Eu iria vingar minha mãe. Eu o *mataria*.

Irmão Edgar apenas sorriu. Ele parecia apreciar a dor que eu estava sofrendo.

Seus olhos negros estavam fixos em mim e ardiam com a mesma fúria e ódio dos meus. Levantei meu queixo e olhei para ele. Eu não desviaria o olhar.

O sumo sacerdote parecia decepcionado por minha mãe estar morta: — É uma pena. Eu poderia tê-la usado. Duas seriam melhor, mas uma ainda é tudo de que eu preciso.

Meus olhos caíram sobre o sumo sacerdote: — Precisa de mim para o quê exatamente? — Eu perguntei.

Antes que o sumo sacerdote pudesse me responder, o irmão Edgar interrompeu: — Ela teve o que merecia. *Ela* não era uma mulher. Ela *não era* natural. Eu descobri o que ela era quando a vi usando magia para curar. Eu fiquei horrorizado. A criatura havia me enganado, me fazendo pensar que ela era uma mulher natural quando realmente era um demônio.

Ele se endireitou e olhou para o sumo sacerdote.

— Eu deveria saber, eu deveria ter visto os sinais, mas eu era um tolo apaixonado. Enganado pela carne. Enganado pela beleza dela. Mas depois que eu descobri o seu segredo, eu a matei.

Ele olhou para mim com desgosto. Ele sorriu: — Devia ter matado essa também.

— Talvez devesse, pois *eu vou* matar você — disse eu com a voz tão fria como gelo.

Eu sabia que ele estava tentando me deixar mal, assim como havia feito com minha mãe. Mas eu não o deixaria fazer isso. Ele não me afetaria.

Os olhos do irmão Edgar se arregalaram, chocado por eu ter a ousadia de ameaçá-lo. Ele veio até mim; chegou tão perto que eu conseguia sentir o cheiro de seu hálito miserável.

— Como ousa falar comigo! Demônio! Você vai sofrer o mesmo destino de sua mãe. Eu a mandarei de volta para seu mestre. Maldita criatura. Vadia do inferno!

Minha cabeça foi jogada quando ele acertou meu rosto. Voou sangue dos meus lábios, e eu senti o gosto de sangue em minha boca novamente. Qualquer que fosse a habilidade de cura que eu tinha, isso não reduzia a dor que eu sentia.

— Eu devia ter matado você, demônio, assim como matei a sua mãe.

Eu mostrei os dentes:

— Eu vou falar com você da forma que eu bem entender, *sacerdote*. Não tenho medo de você. — Eu

soltei uma risada — Você acha que pode me assustar? Me afetar com suas palavras patéticas? Eu não me escondo atrás de um manto negro para me sentir importante. Você é fraco. Não eu.

Eu me endireitei e cuspi sangue no rosto dele.

Irmão Edgar vacilou, e eu sabia que o havia deixado nervoso. Ele limpou o rosto com a mão e estreitou os olhos.

— Ora, sua vadiazinha.

Ele me deu um soco forte, e eu caí no chão. Eu me encolhi e esperei o próximo golpe. Mas ele nunca veio.

O sumo sacerdote segurou Edgar pelo braço e parecia revoltado com ele.

— Chega, irmão Edgar — ele disse quando o soltou. — Você já provou seu ponto. Mas estou curioso. Se você teve a chance de matá-la, como você diz, então por que não o fez?

Eu me virei cuspi mais sangue sobre o chão perfeitamente limpo e polido.

— Ela fugiu. Sem dúvida, ela usou um truque demoníaco, sua Eminência. Eu a procurei durante anos depois disso, mas não consegui encontrá-la. Eu não consegui consertar meu erro. Alguém a escondeu bem.

Ele sorriu perversamente, e o pensamento de que Rose agora podia estar em perigo deixou uma dor em meu peito.

— Mas agora vejo que minha paciência me recompensou. Finalmente posso terminar o que comecei.

Ele se virou e se dirigiu aos outros sacerdotes.

— Não se deixem enganar, irmãos. Não se deixem enganar pela beleza desta criatura, porque ela não é uma mulher.

Ele apontou um dedo para mim e olhou furiosamente: — Essa abominação é um demônio, uma feiticeira. E temos de livrar a terra dessas mulheres demoníacas de uma vez por todas!

Um murmúrio de acordo percorreu a câmara, e meu coração começou a se acelerar, ficando mais rápido do que antes.

— Essa criatura deve morrer. — Um velho sacerdote com um rosto enrugado apontou sua bengala para mim. — Ela só vai envenenar nossas mentes com suas mentiras. Nós vamos ficar loucos se a deixarmos viver. Eu vejo isso. Eu vi os maus caminhos dos portadores da magia. Matem a criatura. Matem-na!

— Sim, matem-na!

— Matem-na!

— Matem a besta!

Minha mente estava a mil, e me concentrei no sumo sacerdote. Eu receberia de bom grado uma execução rápida em vez de uma vida de cortesã, mas eu podia ver que o irmão Edgar queria me fazer sofrer. Um calafrio estabeleceu-se profundamente em meus ossos.

— Talvez ela esteja destinada a morrer. — O sumo sacerdote se virou para mim, seus lábios puxados em um sorriso manhoso.

Eu mal podia respirar.

— Mas — disse ele lentamente. Eu podia sentir os guardas e os sacerdotes aparecendo atrás de mim. — Talvez o Criador tenha outros planos para ela.

Havia algo tão diabólico em seus olhos que eu comecei a tremer.

— Qual é seu nome? — o sumo sacerdote perguntou depois de um momento.

Eu mal conseguia ouvi-lo. Eu hesitei, mas, em seguida, levantei meu queixo orgulhosamente: — Elena. Elena Milegard do Fosso.

Um dos guardas me bateu nas costas com algum tipo de maça, e eu tombei para frente...

— Sua *graça* — Baul me instruiu. — Mostre algum respeito, bruxa.

—Elena Milegard, sua graça.

Eu estava orgulhosa de usar o nome de solteira da minha mãe. Eu e o irmão Edgar nos entreolhamos com igual ódio.

— Bem, agora, Elena Milegard, do Fosso — o sumo sacerdote disse. — Eu não quero você como uma concubina. Mas há algo que quero que faça por mim.

— Ela precisa morrer! — rugiu o odioso irmão Edgar. — Meu senhor — ele acrescentou rapidamente. O sumo sacerdote voltou sua atenção para ele. — Eu farei isso. Deixe-me levá-la até as celas e surrá-la até expulsar o demônio. Seria um prazer. Este é, afinal, o resultado de minha própria loucura. Terei prazer em *retificar* o meu erro.

Seus olhos negros, destituídos de alma, recaíram sobre mim novamente, e mesmo que eu odiasse esse homem, eu o observava sem sentimento. Ele não me abateria. Eu não o temeria e também não desistiria sem lutar.

— Em outras circunstâncias, eu teria que concordar com você, irmão Edgar — disse o sumo sacerdote. Ele deu uma volta em torno da câmara, mas, então, seus olhos se fixaram em mim novamente. — Mas acaba que... isso é diferente.

Irmão Edgar parecia chocado: — Sua Eminência?

O sumo sacerdote se virou e me encarou.

— Não acredito em sorte ou chances. Eu acredito que ela foi trazida a nós pelo Criador, e que ele tem um

plano para ela.

Correu um murmúrio de desacordo na câmara, mas ninguém parecia querer externar seu descontentamento.

Eu estava tão confusa quanto os outros sacerdotes. O sorriso manhoso do sumo sacerdote não era reconfortante. O que poderia ser pior do que ser uma concubina? Minha mente estava a mil. Eu me preparava para o que estava por vir.

O sumo sacerdote olhou para mim com olhos ansiosos: — Elena, já ouviu falar no Coração de Arcânia?

Eu mexi os dedos nervosamente sob seu olhar gélido.

— A pedra? — Dei de ombros. — É um mito, um conto de fadas. Já li sobre isso em um livro infantil.

O sumo sacerdote parecia satisfeito com minha resposta.

— Você consegue ler? Que maravilha. Garanto-lhe que a pedra preciosa não é nenhum mito. O Coração de Arcânia existe. Os reis e rainhas de outrora o desejavam também, mas ninguém foi capaz de recuperá-lo. — Ele levantou a voz.

— Como você bem sabe, meus irmãos, a Grande Corrida vai começar em duas semanas.

Eu notei o olhar dos guardas. Baul e Garth pareciam tão perplexos quanto eu.

Eu não era a única no escuro. O irmão Edgar olhou para mim, e eu retribuí o olhar dele com ferocidade vingativa; eu continuei encarando até que ele desviasse o olhar.

— A cada cem anos — começou o sumo sacerdote — os representantes dos reinos de Arcânia participam de uma Grande Corrida no aniversário do Dia do Juízo Final, quando o Templo do Sol veio ao poder.

Eu observei os outros sacerdotes. Os únicos que pareciam um pouco confusos eram aprendizes. Os sacerdotes odiosos e que se achavam importantes pareciam cientes. O que quer que fosse essa corrida, eles sabiam dela.

Ainda assim, alguma coisa na atitude do sumo sacerdote me perturbava. Ele nunca parecera enfurecido pelo fato de eu ter roubado a coroa de Ânglia - não por muito tempo. Ele parecia alegre.

— Durante os últimos trezentos anos — o sumo sacerdote continuou — nós mantivemos essa tradição.

Eu vi as cabeças de muitos concordarem.

— Então, o que isso tem a ver comigo?

— Tudo — disse o sumo sacerdote.

Notei que o rosto do irmão Edgar se obscurecera.

— Veja, Elena. Não se trata de uma disputa qualquer. Os campeões de cada reino devem viajar para

terras perigosas e realizar missões nas quais devem enfrentar monstros e mortos-vivos. Qualquer pessoa, independentemente de seu estado, pode entrar na corrida caso se atreva. A maioria nunca retorna. Só os fortes conseguem sobreviver... só os quem têm o *dom*.

Eu me encolhi:

— Uma corrida? Você quer que eu participe de uma corrida?

As vestes brancas do sumo sacerdote chacoalharam à sua volta.

— Como sou eu quem deve escolher o campeão que irá representar o Império do Templo do Sol, quem mais eu poderia selecionar do que uma *ladra* que também tem o *dom*. Está claro que o próprio Criador a escolheu.

Irmão Edgar adiantou-se: — Sua Eminência. Você não pode estar falando sério. Você não pode confiar nessa criatura. Seria loucura — ele rosnou.

Eu podia ver uma grande veia pulsando na testa dele.

— Ela vai trair você. Você não pode permitir isso. Ela deve morrer!

Um consenso de acordo soou através da câmara.

O sumo sacerdote olhou para o irmão Edgar com desdém.

— Eu sou o sumo sacerdote aqui. Não você, irmão Edgar.

O sumo sacerdote parecia mais alto, e a câmara escureceu como se as tochas tivessem sido apagadas.

— Levarei sua opinião em consideração. Mas não cometa nenhum erro, irmão Edgar, não quero ouvir mais nada de você. Está claro?

Os olhos do irmão Edgar se encontraram com os meus por um momento muito longo. Então, seu rosto passou de vermelho para um profundo tom de roxo, mas ele pressionou seus lábios e fez silêncio.

Uma vez que o sumo sacerdote estava satisfeito, ele se virou para mim.

— Elena Milegard. Você foi apanhada roubando a coroa de Ânglia, um crime punível com a morte. Além disso, você é portadora de magia, um crime também punível com a morte.

Eu engoli a seco.

— Como tal, meus irmãos querem sua morte.

Ele fez uma pausa.

— E em circunstâncias normais, eu não hesitaria em ver sua cabeça na bandeja de prata. Em minha opinião, qualquer portador da magia é um inimigo do Império, de todas as coisas naturais e do próprio Criador.

O sumo sacerdote suspirou e endireitou as mangas da camisa. Eu achei estranho como ele afirmava que a magia era maligna, se ele mesmo a usava.

— Porém, me encontro diante de uma oportunidade. Portanto, dou-lhe duas opções, Elena. Você pode escolher a morte ou você pode optar por se redimir como minha campeã da Grande Corrida. O que você vai escolher?

Eu levantei minhas sobrancelhas. Ele já sabia qual seria minha resposta.

Se eu concordasse em ser sua campeã, talvez conseguisse escapar com Rose para Girmânia ou Espânia. Eu dei meu melhor para manter minha expressão vazia, embora eu sorrisse por dentro.

— E se pensa em escapar — disse o sumo sacerdote como se tivesse lido minha mente — Pense novamente. Vou enviar outros campeões junto de você, e, se você partir, eu ficarei sabendo.

Ele fez uma pausa e virou-se para Baul com um frio sorriso no rosto.

— Qual era o nome da pessoa que a escondeu?

— Rose Fairfax, sua graça — disse Baul.

Eu queria cortar a dele língua fora.

— Rose — sentenciou o sumo sacerdote. — Ouça-me agora, Elena. Se tentar partir ou se tentar escapar, eu irei torturar a Rose até que ela implore para eu acabar com sua vida.

Meus lábios tremeram, mas não consegui encontrar minha voz.

— E há mais. Se você não ganhar a corrida, se você não voltar com a pedra, meus monges vermelhos irão caçá-la e matá-la. Eles não só irão caçar e matar sua amada Rose, como depois nós mataremos cada alma miserável no Fosso, até mesmo as crianças. Não pouparei ninguém. A pedra é muito importante para mim.

Não aceitarei falhas.

O sumo sacerdote me olhava e parecia estar entretido.

Eu cerrei meu queixo. Os monges vermelhos eram assassinos impiedosos.

Não havia modo de se esconder deles. Eles farejavam como cães de caça e matavam em um piscar de olhos.

Seus olhos se estreitaram.

— E se você tentar salvar a sua vila, advertindo-os, eu saberei e os destruirei.

E será *sua* culpa. Então, pense nisso antes de fazer qualquer tolice.

Eu queria cuspir na cara do sumo sacerdote. Sempre eram eles em primeiro lugar. Todo o resto era

dispensável.

— A corrida vai começar na Cidade das Almas, e os campeões se dirigirão a oeste, para Goth, no coração de Arcânia, dentro de Hollowmere. Caso concorde em participar da corrida, então sua tarefa será recuperar a pedra e trazê-la de volta para *mim*.

Eu já tinha ouvido falar em Goth. Era outro continente, a oeste de Ânglia. Era o Reino dos mortos.

— Se eu ganhar esta corrida e recuperar sua pedra, recebo um perdão total?

Eu sabia que era querer demais, mas valia a pena perguntar. Eu iria manter minha promessa para Rose.

— Sim.

Eu sabia que ele estava mentindo. Não havia como ele deixar ninguém com magia sobreviver. Eles me caçariam e matariam. Mas eu não tinha outra escolha.

Por um longo instante, ninguém se moveu ou disse alguma coisa. Eu odiava essas pessoas que se achavam deuses, mas quando eu vi o choque e a indignação no rosto do irmão Edgar, senti nova coragem.

Eu olhei o sumo sacerdote nos olhos e sorri: — Estou dentro.



CAPÍTULO 9

DUAS SEMANAS SE PASSARAM desde que me encontrei com o sumo sacerdote em toda sua horrível glória. Eu havia sido jogada na prisão do templo até o dia da corrida.

No começo, eu não sabia o que me esperava, talvez um quarto em uma das casas dos sacerdotes do templo? Ficou bastante claro que, embora fosse a campeã deles, eu estava sendo tratada como um prisioneiro condenado. Eu era uma prisioneira. De qualquer modo que eu olhasse, tudo era a mesma coisa - eu era um peão no jogo do sumo sacerdote.

Mas os jogadores têm o potencial de alterar o resultado global. Os jogadores sempre podem quebrar as regras do jogo. E nas últimas duas semanas, tudo o que eu podia fazer era criar planos de como quebrá-las. Eu viraria o jogo do sumo sacerdote. Eu viraria.

Uma vez por dia, eu era alimentada com um ensopado frio de alguma carne desconhecida; apenas o suficiente para me impedir de morrer de fome. Também recebi um balde de água para beber e me lavar. Eu não o usava muito, pois não sabia quanto tempo iria ficar ali. O sumo onipotente sacerdote poderia facilmente mudar de ideia.

Eu fechei meus olhos e descansei a cabeça contra a pedra fria da minha cela.

A escuridão estava sendo minha melhor amiga nos últimos dias. Minha cama era uma pilha de cobertores imundos no chão de pedra. Minha única companhia era a destas quatro paredes e do guarda que deslizava minha refeição uma vez por dia através de uma abertura na porta. O ar cheirava a urina, sangue e desespero.

Em todas as horas que passei nesta cela infestada de esgoto, eu pensei em Rose. Ela havia me mantido segura todo esse tempo, só para ter seu esforço desperdiçado pela minha estupidez. Talvez ela soubesse sobre minha habilidade de cura. Eu queria que ela tivesse confiado em mim para me dizer isso. Se eu soubesse disso, talvez não tivesse ido roubar as pessoas das quais eu deveria me esconder. Será que minha mãe e Rose temiam que eu fosse obrigada a participar de um jogo? Uma corrida?

A verdade era que eu estava apavorada por possuir esses poderes mágicos de cura. Como eu poderia não saber todos estes anos? Eu nunca havia estado doente, mas será que já havia quebrado um osso ou sofrido um corte? Eu forcei meu cérebro, mas não me lembrei de nenhum osso quebrado ou qualquer coisa que revelasse meu segredo desde o início. Tantas perguntas morreram com a minha mãe. Somente Rose sabia. Eu tinha certeza disso. E eu lhe perguntaria assim que terminasse essa corrida.

Eu tirei Rose da minha mente e a substituí por outra pessoa que ocupava meus pensamentos. Pensei no Jack Louco. Pensei na pele bronzeada e musculosa sob sua camisa, seu nariz reto, seus olhos escuros e seus lábios carnudos. Pensei em qual seria a sensação de seus lábios e em como seriam suas mãos ásperas e calejadas na minha pele. Não havia mais nada a fazer neste lugar senão pensar.

Pensei em como ele ficaria sem suas roupas, e me perguntei se ele seria um amante delicado. Ele seria tão áspero e selvagem como a reputação que o precedia? Eu não sabia por que pensava tanto nele. Ele havia me traído afinal.

Era culpa dele eu estar ali. Com o passar dos dias, eu pensei nele muitas vezes.

Em primeiro lugar, amargamente, mas, então, minhas lágrimas vinham e eu lembrava do olhar de dor que brilhou nos olhos dele antes que os guardas me batessem; eu não podia ficar com raiva. Era quase como se ele tentasse me dizer alguma coisa... mas o quê?

— Você é tão tola, Elena — eu sussurrei para mim mesma e suprimi minha ânsia pelo Jack Louco. Eu já tinha bastantes problemas sem ficar emotiva por um bandido de rua. Eu merecia algo melhor. Rose merecia melhor.

Eu ouvi o farfalhar das chaves e, em seguida, um estalo. Recompus-me quando a porta de metal rangeu ao se abrir.

— Levante-se. Está na hora — resmungou o guarda da prisão fedorenta.

Só ver a luz do sol seria um grande avanço. Pus-me de pé, me estiquei e não me incomodei em esconder meu sorriso esperançoso.

— Você não vai sorrir por muito tempo, bruxa.

Eu não sabia o que ele queria dizer. Só porque eu tinha algum tipo de magia isso não significava

necessariamente que fosse uma bruxa. Ou significava?

— Então, a corrida é hoje? — Eu consegui perguntar.

— É.

Eu o segui através dos corredores sombrios de pedra das masmorras. Eu desviava das poças de lama não identificável à medida que passávamos por várias celas ao longo do caminho. Estas ecoavam com gemidos e emanavam o cheiro de cadáveres podres. Eu soube que as histórias que tinha ouvido ao crescer eram verdadeiras quando desci até às masmorras. Os sacerdotes haviam destruído o castelo do rei de Ânglia, mas mantiveram as fundações. Eles mantiveram as masmorras e construíram seu templo dourado por cima. Isso era assustador e perturbador.

Após alguns momentos de silêncio tedioso, nós finalmente subimos as escadas que davam para o piso principal do templo dourado. Eu protegi os olhos da luz bruxuleante enquanto o guarda desaparecia novamente para dentro do templo.

Meus olhos lentamente se ajustaram ao brilho, eu fiquei boquiaberta. Quatro mulheres estavam na minha frente e, pelos olhares indiferentes que me deram, eu soube imediatamente que elas não gostavam de mim. Ou que, pelo menos, não me queriam lá.

Eles pareciam ser concubinas. Elas estavam todas vestidas com os mesmos trajes transparentes, mas em várias cores. Elas usavam seus colares de couro com orgulho, como caras bugigangas, como se usassem joias, não coleiras dos sacerdotes. Eu fiz o meu melhor para não olhar para as curvas femininas gloriosas delas. Elas tinham os corpos que eu sonhava. Em vez disso, olhei para os rostos delas. E mesmo com suas particularidades – as formas de suas faces, seus lábios, os cabelos e a cor da pele – todas compartilhavam da mesma característica -

eram lindas.

Elas franziram a testa com desaprovação para mim. Eu sabia que parecia e cheirava pior que o esgoto propriamente dito. Minha cara queimou de vergonha.

Eu parecia uma idiota completa ao lado dessas deusas.

No entanto, meu ânimo se elevou quando senti o cheiro de água de rosas e baunilha. Essas mulheres tinham um cheiro delicioso. Parecia que apenas os ricos, ou as concubinas, podiam comprar perfumes.

— Por aqui — disse uma concubina com cabelos dourados, cujas ondas pareciam ouro líquido caindo em suas costas. Eu sabia que ela devia ser a concubina principal, pois ela mantinha a cabeça erguida e parecia séria.

Eu podia cheirar à urina na qual fui forçada a dormir, mas não tinha medo dessas mulheres. Eu sabia que elas não estavam ali para me surrar. Elas pareciam muito frágeis e limpas. Eu não discuti e a segui. As outras vieram atrás de mim.

Eu segui a concubina por inúmeros corredores, até ficar tonta. Passamos por alguns sacerdotes que sorriram para as mulheres, mas olharam furiosamente quando passaram por mim. Eu olhava furiosamente de volta. Finalmente, chegamos a uma área de banho, onde quatro grandes banheiras quadradas soltavam

vapor; a água era tão limpa que não parecia real.

— Tire a roupa — ordenou a concubina.

Quem era eu para discutir? Nesse momento, eu não me preocuparia em me despir na frente dessas mulheres. Éramos as únicas na área de banho, então me senti ainda mais à vontade. Minhas roupas estavam duras de suor e sujeira, e eu estava terrivelmente envergonhada por estar tão suja. A água estava divina. Não precisavam me dizer duas vezes.

Eu arranquei minha roupa e entrei no banho cheio de vapor. A água quente estava aliviando minha pele. Nunca estive em um banho tão quente e glorioso. Era o paraíso.

As concubinas me seguraram, esfregaram minha pele com escovas de cerdas dura e lavaram meu cabelo.

— Ai! Isso dói! — Eu gritei.

A concubina ruiva reclamou: — Você está tão suja quanto as crianças selvagens, senhorita. Nós a limparemos, não importa o quanto você se inquiete.

Ela mordeu os lábios vermelhos e começou a limpar minhas unhas com uma escova dura. As mulheres ignoravam meus muitos pedidos para serem mais suaves e me esfregaram até minha pele ficar vermelha.

Enquanto me esfregavam, eu examinei as concubinas mais atentamente. Uma era loira, uma era ruiva e as outras duas eram morenas. Aquela, que esfregava uma barra de sabão ao longo de meu braço direito, tinha tranças no topo de sua cabeça. As outras concubinas usavam fitas vermelhas trançadas em suas longas madeixas. A que lavava minhas pernas trazia um bronzeado na pele que se destacava sensualmente contra seu manto amarelo transparente. Todas pareciam saber o que fazer sem se comunicarem, e eu me perguntei se elas banhavam prisioneiras com frequência. Vez ou outra, eu apanhava os olhares interrogativos entre elas. Elas não precisavam falar nada, mas eu podia dizer que elas estavam enganadas sobre mim. Havia também uma dureza em seus olhos que eu não conseguia explicar.

Eu não podia suprimir o sentimento de pavor que me abalava. Eu poderia facilmente ter sido uma delas, um brinquedo sexual de um sacerdote. Qualquer uma delas poderia ter sido eu.

Quando finalmente acharam que eu estava limpa o suficiente, elas me secaram com toalhas brancas felpudas que cheiravam a lavanda.

— Você está muito magra. Você sabe que dá para contar suas costelas?

A concubina principal estava me observando. O desprezo no rosto dela havia desaparecido, e havia pena em seus grandes olhos azuis.

Eu estava envergonhada. Elas tinham visto cada centímetro meu, cada imperfeição. Enrolei meus braços ao redor do meu corpo.

— Não preciso da sua pena — eu disse duramente, mas senti que estava sendo julgada, como se quisessem ter certeza de que eu sabia que não era como elas. O

que elas sabiam sobre mim? Elas nunca haviam passado fome? — Não há muita comida no Fosso. Nós fazemos o nosso melhor.

Eu olhei para a loira até ela desviar o olhar, mas não antes que eu visse suas bochechas coradas.

— Ela é magra, mas não pode esconder o fato de que ela é bonita — disse a ruiva. Uma carranca franziu sua pele sedosa e leitosa. Seus olhos esmeralda se arregalaram.

— Pele e osso, mas ainda assim impressionante. Como conseguiu escapar dos sacerdotes *desse jeito*?

— Helen! Segure sua língua — a loira olhou por cima do ombro. — Nos disseram para não conversar com ela.

— Não há ninguém aqui além de nós, Kayla. — Helen deu de ombros e voltou-se para mim — Você é alta e em forma. Você tem o cabelo mais bonito que já vi. É um pouco seca, mas tenho certeza de que se esfregar num pouco de azeite e fizer refeições *adequadas* durante um mês, você ficaria gloriosa. As

maçãs do seu rosto são lindas de morrer, e seus olhos escuros em forma de amêndoa lhe dão uma aparência muito exótica. Você é realmente muito impressionante.

O rosto dela ficou sério: — Mesmo quando criança, você devia ser bonita. Eles a teriam descoberto.

Como é que você é uma mulher adulta? Como não a encontraram?

Eu podia ver um relance de memórias dolorosas espalhadas por suas feições delicadas.

— Será que ela é nobre? — disse a da pele bronzeada. Seus olhos cor de café brilhavam, e um pequeno sorriso se abriu em seu rosto.

— Não seja ridícula, Triss. Ela *não* é nobre — disse Kayla, antes que eu pudesse responder.

Eu tinha certeza de que ela tinha minha idade, mas ela olhou para mim como se estivesse prestes a brigar com uma criança.

— O estado de suas unhas e de suas roupas; a forma como se apresenta, mais como um soldado do que uma dama - você pode parecer nobre, mas não me engana.

Escondi minha raiva e sorri: — Nunca disse que eu era nobre.

— Ela é uma bruxa, não ouviu? — os dentes brancos dos Triss brilharam quando ela sorriu.

— Bruxas podem mudar sua aparência. Minha mãe me disse isso. É a única explicação que faz sentido. Não há nenhuma maneira de ela ter se escondido durante tanto tempo. Ela deve ter se transformado em um gato. Não foi?

Eu revirei meus olhos:

— Eu não sou uma bruxa.

— O que você é então? — pressionou Helen, com suas bochechas avermelhadas e suas mãos delicadas postas em seus quadris. — Como você fez isso?

Embora fosse Helen que tivesse perguntado, eu sabia que todas as mulheres estavam morrendo de vontade de ouvir como eu havia escapado das garras dos sacerdotes por tanto tempo. Elas pararam de se mover e seus olhos se fixaram em mim. Embora elas estivessem obviamente intrigadas, eu também podia ver que elas também estavam com raiva de mim. Não era justo eu ter escapado por tanto tempo enquanto elas estavam presas.

Eu não queria mentir para elas e, em algum lugar, eu sentia que devia a verdade a elas. Elas estavam ali há anos, provavelmente desde os onze ou doze anos de idade. Meu estômago se retorceu com o pensamento dos sacerdotes manchando sua inocência.

Eu me enrolei na toalha.

— Depois que minha mãe morreu, quando eu tinha dez anos... — comecei eu, sem querer dizer que ela havia sido assassinada por meu pai — Eu fui colocada sob os cuidados de uma mulher estéril. Havia um

alçapão em nossa sala de estar, e eu me escondia lá quando tínhamos alguma companhia indesejável. Os sacerdotes sabiam que ela nunca poderia ter filhos, então apareciam raramente.

Mas, às vezes, eles surgiam por lá. Eles tinham ouvido rumores ao longo dos anos e vinham verificar periodicamente, para ter certeza. Eu tive sorte.

— Até agora — disse Helen.

Foi quase como se ela estivesse feliz por eu finalmente ter sido descoberta.

Estava claro que todas achavam que não era justo eu ter escapado das garras dos sacerdotes por tanto tempo. Eu via uma pitada de inveja em seus rostos. E mesmo que quisesse odiá-las por isso, eu não podia. Se eu fosse uma delas, eu me odiaria também.

— Já não importa — disse Kayla, e todos nós olhamos para ela. — Eles são seus donos agora.

Mesmo que já soubesse disso, ainda doeu ouvi-la falar. Ela balançou a cabeça em desaprovação.

— Esta é a corrida dos tolos. Você vai acabar se matando. Foi o que me disseram.

Ela estava certa. Eu era uma tola que participaria de uma corrida de tolos para um grupo de homens que eu detestava. Eu quase confiava nelas o suficiente para explicar por que eu realmente estava entrando na corrida, mas não podia arriscar a vida de Rose contando a elas que o sumo sacerdote estava me chantageando.

Embora elas se ressentissem de mim, vi que também eram simpáticas. Talvez porque pensassem que estaria morta em breve. Talvez tivessem razão. Uma vida como concubina de um sacerdote era melhor do que vida nenhuma. Não podia acreditar que estava pensando isso, quando há apenas duas semanas eu havia jurado tirar minha própria vida em vez de me tornar uma concubina.

Elas me vestiram em silêncio, e isso só me fez sentir pior. Mas me alegrei com a visão de minha roupa nova: uma túnica verde de mangas compridas de linho, com um corpete de couro, um par de pernas de couro macio, botas de couro na altura do joelho e uma capa preta feita das melhores lãs nas quais eu já havia tocado. Durante toda a minha vida, sempre tivera coisas de segunda mão e, na maioria das vezes, eu fazia minhas próprias roupas com trapos que até mesmo as pessoas do Fosso consideravam lixo.

Fiquei pasma como uma menina apaixonada. Fiquei imediatamente impressionada, mas com um profundo sentimento de culpa, porque, por um momento, eu havia me esquecido de onde vinham essas roupas.

Quando terminaram de me vestir, Triss se colocou atrás de mim e teceu uma longa trança em meu cabelo.

— Pronto — disse Triss. Ela me segurou pelos ombros e me encarou. — Você está linda.

Invejei seu sorriso perfeito e os dentes brancos.

Eu sorri apesar de tudo: — Obrigada.

Nunca havia pensado em mim mesma como uma pessoa linda. Rose me dizia isso com bastante frequência, mas com os sacerdotes sempre à procura de mim, eu me vestia feito uma sombra. Minha boa

aparência era uma maldição, assim como era para estas mulheres.

— Chega, Triss. Ela já teve mimos o bastante.

Kayla, toda séria, se endireitou, e pude ver que ela media pelo menos cinco centímetros a mais que o resto de nós: — Vamos logo. Por aqui.

Todas nós caminhamos atrás de Kayla quando ela saiu da área de banho e passou para outro corredor. Os únicos sons eram os das solas macias das minhas botas na pedra polida.

O sangue pulsava em minhas orelhas. Eu temia os sacerdotes e temia a competição da qual eu não sabia nada.

E depois do que pareceu ser uma eternidade, Kayla abriu as portas da entrada da frente.

Quando o ar fresco me atingiu, eu quase ri alto. O clamor das vozes à distância era comovente e emocionante, e rompia o nosso silêncio.

Passamos pelo distrito sagrado, onde as casas dos sacerdotes se alinhavam nas ruas. Suas paredes de pedra calcária brilhavam ao sol matinal, e eu fiquei com nojo de sua beleza. Assim que entramos no distrito mercante, as vozes ficaram ainda mais altas.

Multidões surgiam entre as árvores que ladeavam as avenidas largas, e uma música soava ao nosso redor. Caminhamos pelas ruas de paralelepípedos, e eu pude ver bandeiras negras com sóis de ouro ao vento sobre os grandes edifícios.

Nobres, mulheres e crianças vestidas das mais ricas e coloridas sedas balançavam pequenas bandeiras do templo e desfilavam nas ruas.

Fiquei chocada com a exibição de joias cintilantes. Apenas um de seus berloques teria alimentado Rose por anos.

Os comerciantes ficavam em quiosques cheios de carnes exóticas, e as criadas enchiam as taças dos ricos com vinho. Embora o cheiro de carne assada e de especiarias fosse quase esmagador, ele não era capaz de suprimir o medo que revirava meu interior.

É isso. É assim que começa.

Eu segui a fileira de cortesãs pelas ruas da Cidade das Almas, mas ninguém prestou atenção nas lindas mulheres quase nuas que passavam com sua cabeça erguida e seus ombros para trás. Não pude deixar de admirar a sua coragem. Eu não estava inteiramente certa de que *poderia* fazer o mesmo que elas. Elas eram de longe as mulheres mais bonitas da cidade, e tenho certeza de que elas tiravam sua coragem daí. Mas, mesmo assim, elas ainda eram propriedade dos sacerdotes.

Não importava quão bonitas eram – elas ainda eram escravas.

O povo de Ânglia estava mais interessado na mulher vestida que passeava entre as concubinas. Eu. Alguns homens olhavam com curiosidade, mas as mulheres me chamavam a atenção. Seus rostos cruéis me surpreendiam, e eu não conseguia desviar o olhar. Quando elas viam que eu ficava constrangida por

causa de seus olhares, elas começavam a rir. O sangue corava meu rosto antes que eu pudesse me conter. Todo mundo podia ver meu rosto e minhas orelhas se avermelharem. Elas riam mais ainda, pois sabiam que haviam me afetado.

As cortesãs não hesitavam. Acho que elas estavam acostumadas com esse tipo de coisa. Eu não estava.

Eu dei meu melhor para ignorar o riso atrás de mim e procurar por sinais dos outros concorrentes. Mas havia apenas os comerciantes e os ricos aqui. Onde elas estavam me levando?

A cada passo, minha respiração se tornava mais rápida. Eu sabia que estava tendo um ataque de pânico, por isso apertei meus dedos trêmulos, cerrando os punhos. Eu não mostraria medo.

Eu estava distraída com meu pânico quando as concubinas, de repente, pararam na frente de um grande edifício de madeira. Havia um homem gigante diante de algumas portas duplas. Ele usava um avental cinza, coberto de manchas, sobre o uniforme, mas não nada fazia para esconder seus músculos. Um símbolo do sol estava costurado sobre seu peito direito. Embora a maior parte de seu rosto estivesse coberta com uma espessa barba marrom, ainda conseguia ver as linhas ao redor dos olhos, as quais revelavam anos de trabalhos forçados.

— Sigam-me — disse ele, com sua voz profunda e sem sentimento. Ele se virou e caminhou para dentro do prédio.

— Hum... — eu me virei — Devo segui-lo?

As concubinas haviam desaparecido.



CAPÍTULO 10

ESPEREI por um momento, à procura nas ruas pelas mulheres que haviam me esfregado até eu ficar limpa, mas elas haviam desaparecido como espectros. Um pouco irritada por ser abandonada sem sequer um adeus ou até mesmo um desejo de boa sorte, eu me virei e entrei no prédio.

O lugar estava muito quente e cheirava a queima de carvão, madeira, metal e suor. Um brilho de suor rapidamente cobriu meu corpo. O edifício era um depósito de armas, e as paredes foram revestidas com prateleiras que transbordavam com espadas, punhais, lanças, arcos, bestas, machados, maças, picaretas e uma variedade de armas mortais que eu nunca havia visto antes.

Grandes mesas de madeira tinham pilhas de escudos, elmos de metal, cotas de malha e centenas de luvas de couro e de metal. E, depois de uma pequena abertura nos fundos, encontrava-se a loja de um ferreiro.

Fogo brilhava em uma forja de pedra gigante na parte de trás, e uma bigorna jazia no meio da loja.

Pinças, foles e uma variedade de martelos, variando em tamanho para dar forma e acabamento às armas, encontravam-se empilhados em cima de mesas de trabalho. O homem misterioso era, sem dúvida, um ferreiro.

— Leve o que quiser — disse o homem robusto sem olhar em minha direção.

Fui até a mesa mais próxima, mas não peguei nada. Eu esperava receber minhas próprias armas de volta. Eu havia perdido minha adaga da sorte. Mas eu estava apenas me enganando. Eu não *sabia* do que precisava.

O sacerdote havia dito que essa disputa era mortal e que a maioria dos concorrentes nunca voltavam. Mas do que eu precisaria? Eu era hábil com uma lâmina e uma espada curta, mas não havia sido treinada em combate. Isso me era natural. Pior é que não sabia como usar a maioria das armas. Se eu deveria me armar, isso só confirmava minhas suspeitas de que a corrida ia ficar feia rapidamente. Que tipo de armas os outros levariam? Eu era provavelmente a única camponesa inexperiente nessa corrida maldita. Eu tinha de ser esperta e ficar com o que eu sabia.

Engoli seco:

— O que devo levar?

Eu esperava ter escondido o tremor em minha voz.

O ferreiro se virou e viu-me por um momento.

— Nada de extravagante. Algo que você possa facilmente puxar e usar, como um punhal ou uma espada curta. Você é muito magra para empunhar uma espada normal. E tudo o mais que puder, nada muito pesado, pois você precisa de velocidade.

Eu sorri. Ele não havia me insultado e havia raciocinado de forma verdadeira e útil.

Amarrei um cinto de armas de couro em volta da minha cintura e selecionei dois punhais, uma faca de caça grande e uma espada curta de prata. Amarrei meu antebraço com braçadeiras de couro grosso.

Eu me virei e sorri:

— Pronto.

O ferreiro levantou suas sobrancelhas em aprovação, mas antes que pudesse perguntar qualquer outra coisa, um guarda do templo apareceu.

— Estou aqui para escoltá-la até a corrida. — Ele tinha a mão no punho de sua espada. A expressão dura no rosto deixava claro que eu não deveria esperar nenhuma caridade dele.

— Sim, senhor — eu murmurei baixo.

— O sumo sacerdote instruiu-me a lhe dar isto.

Ele me entregou um objeto de forma oval, feito de ouro. Era do tamanho da minha mão e parecia uma

gaiola pequena, com uma porta de entrada e um cadeado.

— Se pegar a pedra — ele levantou suas sobrancelhas, obviamente questionando minhas habilidades — você deverá colocá-la aí dentro. Entendeu?

Ele foi muito específico.

— Entendi. — Eu testei o peso da gaiola. Não era muito pesada, mas o ouro alimentaria mil barrigas famintas.

— Por que tenho de colocar a pedra nisso?

A guarda ignorou minha pergunta completamente e se virou para sair. Depois ter murmurado meus agradecimentos ao ferreiro, seguiu o guarda de volta pelas ruas.

— Desculpe-me, mas há alguma comida para os participantes? Eu não comi muito desde que estive presa e estava pensando se...

A guarda continuou andando sem responder.

— Acho que não — eu disse irritada.

Nos dirigimos à rua principal, movendo a oeste, na direção do portão oeste da Cidade das Almas. Contornamos os edifícios de pedra calcária que se elevavam ao nosso lado e logo vimos o portão de entrada.

Parecia que toda a população dos seis reinos de Arcânia havia vindo para ver o início da corrida. Milhares de nobres e bem-nascidos lotavam o portão oeste e as muralhas. Músicos tocavam uma melodia que eu nunca havia ouvido antes; eu deixei a música me animar por um momento. As vestes brancas inconfundíveis dos seis sumos sacerdotes brilhavam em uma plataforma elevada. Como grandes reis, um para cada um dos seis reinos, eles se sentavam em tronos e olharam para todos nós lá embaixo. Embora fossem diferentes fisicamente, todos traziam o mesmo olhar frio e maligno em seus olhos.

O sumo sacerdote de pele pálida de Ânglia perdia-se no brilho de seu manto branco de seda. Ele parecia divino e surreal, o que ele provavelmente desejava.

Ele segurava uma pedra preciosa pessoal, com um losango amarelo e um símbolo do sol no topo. Seu sorriso presunçoso, frio, fez meu estômago rodar. Ele não havia me visto ainda.

Quando olhei com mais atenção, pude ver que os sacerdotes estavam acompanhados por figuras grotescas, sombrias, que pairavam ao lado deles.

Ninguém parecia notar estas pequenas bestas retorcidas que se ajoelhavam ao lado de cada sacerdote. Eu suspeitava de que eu era a única que podia vê-los.

Embora fossem grotescos, seus olhos úmidos contavam uma história de dor, e eu imediatamente senti pena deles. Eles provavelmente eram escravos, como o resto de nós.

Eu procurei o irmão Edgar na multidão, mas não o consegui encontrar. Tive a sensação inconfundível de

que ele estava me observando de algum lugar.

Finalmente, chegamos a uma parada na entrada do portão oeste, e vi os outros campeões da minha competição.

Não havia como confundir-los. Os representantes de todas as nações concorrentes estavam enfileirados diante do muro oeste.

Eu reconheci a bandeira azul e branca da Frânsia, o laranja e amarelo da bandeira de Romila, que trazia o emblema de uma águia e uma cobra.

Mesmo em cima de seus cavalos gigantes, os girmanianos eram enormes. Eles eram homens de ombros largos e mulheres cujos músculos ficavam salientes debaixo de suas roupas grossas de couro e de suas armaduras de aço. Eles pareciam personagens de conto de fadas, como seus cavalos sob suas cores verde, preto e amarelo. Eu podia ver os desenhos intrincados que haviam sido raspados na cabeça deles.

Os cavaleiros de Púrtula tinham a pele negra, e a ferocidade de sua aparência se igualava com a intensidade de seus olhos. Sua bandeira verde e roxa era estampada com duas serpentes enroladas em torno de uma espada.

O emblema dos espanianos retratava um dragão vermelho sobre um escudo azul, e seus uniformes vermelhos e azuis brilhavam sob a luz do sol.

De repente, tive a impressão de estar sendo vigiada.

Uma mulher com um dragão vermelho costurado em sua capa estava me encarando. Ela era espaniana, tinha a pele cor de café e um belo cabelo lustroso.

Parecia que ela havia tomado um pouco de sol. A expressão dela era curiosa e intensa. Seria uma intimidação? Havia algo estranho no modo como ela olhava para mim.

Ela se afastou, e eu continuei observando os outros campeões.

Avistei os anglianos. Eu conhecia muito bem seu emblema heráldico. Os leões de vermelho e dourado bordados em suas túnicas eram o selo real de Ânglia.

Achei estranho que os sacerdotes permitissem que os representantes e os defensores dos diferentes reinos vestissem as cores reais dos seus países. Pensei que todos seriam obrigados a usar o simples preto e dourado, que são as cores do emblema do império. Talvez os sacerdotes tivessem chegado a um acordo com os estados que haviam conquistado quanto à exibição de suas cores.

Meus olhos repousaram sobre um homem de costas para mim. Quando ele se virou, sua aparição me tirou o fôlego.

Sua túnica branca tinha um corte baixo e revelava seu peito largo, musculoso.

Seu rosto era impecável, como se o próprio Criador o tivesse moldado. Seu cabelo loiro escuro caía com suaves ondas em torno de seu queixo quadrado, e eu podia ver seus olhos da cor azul do oceano me encarando. Ele deu sorriso confiante. Eu desviei o olhar rapidamente, mas sabia que ele havia visto o

rubor no meu rosto.

Um novo movimento chamou minha atenção, e vi um grupo mais simples de homens e mulheres a cavalo. Suas montarias tinham selas comuns, e eles usavam túnicas e capuzes de linho como a que eu havia usado no dia em que fui pega.

Suas roupas estavam manchadas das viagens, e eles pareciam cansados. Embora suas armas e roupas não estivessem em pé de igualdade com as dos nobres dos outros reinos, havia um feroz orgulho no povo do Fosso.

Eu deveria estar representando eles, não os sacerdotes.

Contei rapidamente. Havia pelo menos uma dúzia de cavaleiros de cada reino, e isso significava mais de setenta na corrida. Virei-me para fazer um comentário ao guarda perto de mim, mas ele havia desaparecido.

E, então, a última pessoa que eu esperava ver ali veio acelerada até mim.

— Você está bem? — perguntou o Jack Louco.

Era mais uma declaração do que uma pergunta. Eu reconheci os dois comparsas que estavam ao lado dele. O ruivo alto e sardento era o Leo, e o mais baixo, cujo cabelo era raspado e que cheirava a cerveja, era o Will. Eles não disseram nada, mas me olharam, no entanto.

O Jack Louco suspirou de alívio e, então, sorriu para mim. Era um sorriso que me teria deixado de joelhos semanas antes, mas que agora só servia para me endurecer por dentro.

— Graças ao Criador. Eu temia que...

Ele não terminou, mas olhou surpreso para si mesmo, para o que ele estava prestes a revelar.

Não me importava o quão genuinamente preocupado ele parecia. O sentimento de traição e sofrimento me sufocou até que eu mal conseguisse respirar. Eu podia sentir minhas lágrimas de raiva, mas as detive e olhei para ele. Cerrei minhas mãos em punhos.

— O que *você* está fazendo aqui? — Eu resmunguei.

Eu não tentei esconder a raiva em minha voz, nem a altura na qual falei.

— Achei que agora *você* estaria em sua nova mansão, gastando toda a moeda que recebeu dos sacerdotes para me entregar. Espero que tenha valido a pena.

O Jack Louco cerrou o maxilar, e algo obscuro brilhou nos olhos dele. Ele se inclinou para a frente, e seus lábios roçaram em minha orelha.

— Não era para *você* conseguir a coroa — ele sussurrou.

Isso me deu arrepios.

— Você deveria falhar como todos os outros antes de você.

Ele se inclinou um pouco de volta. Olhei para ele. Estávamos tão perto, muito perto. Meu pulso acelerou. Senti seu cheiro de mofo, e algo quente se acendeu dentro do meu corpo. Eu não podia confiar em mim para falar, eu me sentia tentada a beijá-lo. Eu odiava esse efeito que ele tinha em mim. Eu não deveria estar pensando em beijá-lo, eu deveria estar pensando em esmurrá-lo.

— O que quer dizer? — Eu perguntei.

— Quando falei sobre a coroa, tinha sido uma piada — ele disse. — Nunca pensei que você levaria adiante.

Eu cruzei meus braços:

— Bem, eu levei.

— Alguém próximo aos sacerdotes deve ter ouvido nossa conversa, porque logo em seguida um sacerdote apareceu com um saco cheio de ouro e me disse que eu ganharia cinco vezes mais se pudesse arranjar um ladrão para tentar roubar a coroa.

Ele encolheu os ombros.

— Bem, eu já estive na galeria e sabia do fogo mágico. Eu sabia que era impossível e eu nunca imaginei que você seguiria em frente. Seria o dinheiro mais fácil que eu já havia ganho, então aceitei. Pensei que eles eram idiotas até que você apareceu com a maldita coroa.

Ele passou a mão sobre o cabelo preto e balançou a cabeça: — Eu não conseguia acreditar que você havia feito isso — ele disse com uma risada baixa e incrédula. — Como você conseguiu, Elena? Como fez isso?

— Eu não vou dizer nada — disse firmemente. Eu não iria revelar o meu segredo para o homem que arruinou a minha vida.

Mas o mais estranho era que os sacerdotes haviam se oferecido para pagar alguém para roubar seu próprio tesouro. Era quase como se eles suspeitassem que alguém como eu existia. Era como se eles estivessem esperando por mim.

— O que é isso na sua mão? — O Jack Louco viu a gaiola de ouro que eu carregava.

— Nada — disse eu. Guardei a gaiola dentro da bolsa amarrada a minha cintura e puxei a corda firmemente com um nó. Não queria compartilhar nada com ele no momento.

Quando olhei de volta para o Jack Louco, seus olhos estavam nos meus lábios.

Ele olhou para cima casualmente, e nossos olhos se encontraram. Eu me esforcei para manter meu rosto inexpressivo. Mas ele não parecia incomodado com o fato de eu tê-lo visto olhando para os meus lábios. Ele sorriu um pouco antes de ficar sério: — Eu vim aqui para dizer que não se preocupe com a Rose — ele disse.

Eu me virei para ele com lágrimas em meus olhos.

— Não a machuque! Eu juro que, se você a machucar, eu matarei você — rosnei eu.

Eu me atirei a ele em uma fúria selvagem. Eu queria arrancar seus olhos, mas seus fiéis guarda-costas me agarraram enquanto eu me debatia.

— Soltem-na. — o Jack Louco estalou os dedos, e os dois me soltaram.

Ele olhou para mim, e nossos olhos se encontraram: — Lamento que você tenha uma impressão tão má de mim. Eu nunca, jamais machucaria a Rose.

Havia dor em seus olhos, mas não me importei. Era culpa dele eu estar nesta confusão.

— Ha! Está brincando? Você me *traiu*. Lembra? Como sei que não vai machucá-la? Como posso acreditar em você? Você perdeu minha confiança. Eu vou nunca confiar em você novamente.

Os olhos do Jack Louco se estreitaram ligeiramente: — Acho que você tem todos os motivos para dizer isso.

— Tenho mesmo.

Os músculos em seus ombros ficaram tensos.

Ele examinou minhas roupas e armas.

— Então é verdade. Você é campeã dos sacerdotes.

— Sim. — Minha voz estava amarga, e eu cerrei os dentes, forçando o suco gástrico de volta para minha garganta.

O rosto do Jack Louco era frio e seus olhos rígidos.

— Droga, Elena. Você sabe quão perigosa é essa corrida? Você sabe o que vai enfrentar? O que está lá fora?

Olhei para ele fixamente. A verdade era que eu não tinha ideia dos obstáculos que eu enfrentaria. Esse era o papel que o Criador me entregara, e eu o desempenharia, pelo bem de Rose e por todos no Fosso.

— É isso que eles a estão *obrigando* fazer? — sua voz era dura. — Por causa do roubo? Eles a forçaram a participar da corrida, não é?

Fiquei surpresa por ele não ter descoberto isso antes. Eu achava que ele havia feito este acordo com os sacerdotes. De qualquer forma, eles me tinham agora e eu estaria livre após a corrida.

Eu não poderia confirmar suas suspeitas, especialmente com tantas pessoas ao seu redor. O sumo sacerdote havia me avisado das consequências se contasse a alguém que estava sendo chantageada. Eu tinha certeza de que o sumo sacerdote tinha olhos e ouvidos em todos os cantos da cidade.

— Tomarei seu silêncio como um sim — ele disse, com sua voz num sussurro.

— Eles a matarão. Você não é experiente o suficiente para isso. Olhe ao seu redor, Elena. Todas essas pessoas são guerreiras. Elas foram treinadas para empunhar uma espada e lutar desde que eram crianças. Elas são os melhores de seus países. Você é só uma...

— O quê? — Eu rosnei. — Uma mulher?

O Jack Louco apertou a mandíbula e me deu um longo olhar.

— Isso é loucura. Você não sabe o que fazer.

— Eu me viro. Eu sempre me virei.

Eu estava ficando cansada dele me dizendo o quão inútil seria uma luta, mas eu sabia que ele estava certo. Eu não conseguia me livrar do terror que sentia pelo que estava prestes a fazer, e por quem o faria.

Eu podia não ser uma guerreira, mas eu tinha um segredo, a capacidade de cura. E isso ao menos me dava um conforto para não fugir.

Eu consigo fazer isso.

— Elena...

— Deixe de ser um idiota!

Eu não me importo mais. Eu realmente queria gritar novamente que era culpa dele. Meu rosto e minhas orelhas queimavam, e eu sabia que ele podia ver que eu estava com raiva e frustração.

— Por que você não volta para seu *Mal Hábito* e me deixa em paz?

Eu não queria que ele me visse desmoronar. Eu não deixaria.

Ele me olhou com simpatia.

— Eu vim aqui para dizer que a Rose será amparada. Ela vai ter comida, bastante comida, e meus homens tomarão conta dela. Então, não se preocupe.

Eu levantei minhas mãos: — Por que você ainda se importa com a Rose?

Ele me encarou em silêncio. Sua pele empalideceu. Ele estava lindo.

Ele arrastou uma mão pelo cabelo novamente.

— Me desculpe, Elena. Nunca quis que isso acontecesse. Espero que um dia você possa me perdoar em seu coração.

Com isso, ele se virou e partiu com seus comparsas.

Eu mordi o lábio. Odiei ter sido deixada ali. Eu queria gritar com ele novamente.

Eu o vi caminhar, falando com os outros do Fosso. As marteladas do meu coração e o rubor no meu rosto me traíam. Eu não sabia por que gostava tanto dele, mas gostava. Ou, pelo menos, era só o meu corpo.

Foi só, então, que eu notei que ele estava vestindo roupas de equitação e trazia mais armas do jamais vira com ele. Havia uma confiança em seu passo que eu não havia notado antes. Eu o vi montar numa linda égua branca. Will e Leo montaram em cavalos marrons ao lado dele.

O sangue deixou meu rosto. O Jack Louco havia entrado na corrida.



CAPÍTULO 11

MEU PULSO ACELEROU. *Por que o Jack Louco se juntaria à corrida?* Eu me sentia tola. Claro que ele iria entrar. Ele era um bandido de rua. Se houvesse um prêmio para ganhar, ele iria querer ficar com ele. Esse era ele. Um bandido. Só que um muito, muito bonito.

Um alto relinchar chamou minha atenção, e eu me virei.

O guarda que havia me acompanhado pela cidade trazia as rédeas de um cavalo de batalha negro gigante e o levava até mim. A criatura majestosa se destacava entre os outros cavalos. Seu corpo negro reluzente brilhava sob a luz do sol; ele tinha uma sela preta bordada com símbolos do Templo do Sol. O

cavalo estava todo equipado para a batalha. Em instantes, o guarda estava com o animal diante de mim.

O cavalo levantou sua cabeça em movimento repentino. Ele olhou para mim com olhos redondos marrons, e eu quis saber quem estava mais assustado: o cavalo ou eu. Provavelmente um pouco dos dois.

— Qual o problema, senhorita? Não sabe montar? — o guarda parecia perplexo.

Eu tirei meus olhos do cavalo e balancei minha cabeça.

— É claro que eu *não* sei montar. Você precisa de dinheiro para manter os cavalos, e eu mal tinha o suficiente para me alimentar. Então, não, eu não sei montar. Nunca montei na verdade.

Meu coração disparou. A maioria dos cavalos do Fosso eram do tipo robusto, de carga, com pernas e cascos tão grandes quanto minha cabeça. Os cavalos eram muito caros para mim e Rose.

Meus concorrentes sentavam-se habilmente em suas montarias. Todos eles pareciam ter anos de experiência. Meu coração se afundou ainda mais. Não sei por que havia ficado tão chocada. Não é como se fôssemos caminhando até Goth.

Provavelmente levaria dois meses. Naturalmente, nós iríamos a cavalo. Só desejei ter praticado um

pouco antes. Claramente, esta era uma desvantagem. Já estava um a zero contra mim, e nós nem tínhamos começado...

A guarda me atirou as rédeas: — Veja se eu me importo, bruxa.

Ele se virou e saiu.

Eu fiquei encarando a fera.

Eu senti um olhar sobre mim novamente e procurei na multidão.

O sumo sacerdote de Ânglia estava me encarando, e pude ver que ele estava com raiva. Obviamente, ele havia visto o que havia acontecido entre mim e o guarda. Qualquer um parado nas proximidades teria reconhecido o medo nos meus olhos também. Ele provavelmente previra que eu saberia montar. Era estupidez da parte dele. Ele devia saber que eu não conseguia manter um cavalo.

Mesmo à distância, eu podia ver a cara do sumo sacerdote passar de vermelho para um tom de roxo bem feio. *Sangue de Arcânia*. Eu não estava começando bem.

— Com licença.

Eu me ative ao som de uma voz atrás de mim. Eu me virei para ver o jovem bonito no qual havia reparado antes.

— Parece que você pode precisar de uma ajudinha com o cavalo.

Ele se colocou ao lado da besta e tomou as rédeas em suas mãos. Eu notei que ele olhou casualmente por cima do ombro, em direção ao pódio. Ele parecia perturbado por um instante, mas, então, sua preocupação sumiu quando seus olhos se encontraram com os meus novamente. Ele sorriu para mim outra vez, e isso provocou algo em meu peito.

Ele parecia ter a minha idade, talvez fosse um pouco mais velho, com um cavanhaque. Ele tinha certa graciosidade, como o homem nobre que ele provavelmente era; vestia as cores vermelho e dourado de Ânglia orgulhosamente. Ele acariciou o pescoço do cavalo gentilmente.

— Ele é um animal magnífico. Forte, mas calmo, com temperamento firme e natureza quieta. Perfeito para alguém que nunca montou. Ele vai cuidar bem de você.

— É tão óbvio que eu nunca montei? — perguntei.

Foi difícil não ficar encarando no pedaço de pele que o manto dele deixava transparecer.

Ele riu suavemente, e meu coração deu uma palpitada mais forte: — Sim.

Eu poderia ouvir essa risada o dia todo.

— Então, você entende de cavalos? — Eu resmunguei estupidamente.

Meu estômago estava cheio de borboletas, e eu me sentia como uma adolescente. *O que havia de errado*

comigo?

— Entendo — disse ele, e eu quis que ele parasse de sorrir assim. — Você poderia dizer que sou um cavaleiro experiente. Monto desde os 5 anos.

Eu suspirei:

— É claro que sim. Eu provavelmente sou a única aqui que nunca subi em um cavalo antes. — A palavras saíram mais desesperadamente do que eu gostaria. Eu não queria que ele pensasse que eu estava com medo, mesmo que eu estivesse apavorada.

Ele me deu um sorriso, e os olhos se encontraram com os meus: — Bem, você vai ter que aprender rápido — disse ele estabilizando o cavalo.

— Consegue montar sozinha?

Não sei porquê, mas eu olhei para o pódio. O sumo sacerdote me observava com um olhar severo, claramente bravo por eu não ter subido na fera gigante ainda. Eu era a única que não havia montado.

Eu podia ser pobre, mas tinha o meu orgulho. Eu conseguiria. Eu tinha que conseguir.

— É claro que sim.

Eu fiquei do lado da grande besta. Eu havia visto os cavaleiros montarem seus cavalos antes. Eu sabia que tinha de colocar meu pé esquerdo primeiro. Eu agarrei a sela, preendi o pé esquerdo no estribo, impulsionei meu corpo e passei a perna direita por cima da fera.

Eu senti uma mistura de medo e excitação quando subi na minha nova montaria. Eu sorri e senti a enorme besta mexer debaixo de mim. O animal era gentil, mesmo sabendo que ele podia sentir o meu medo. Eu estendi a mão e acariciei o pescoço da criatura. Acho que eu estava me acalmando tanto quanto o cavalo.

— Você conduz o cavalo com as rédeas. — O estranho bonito me entregou as rédeas. — Segure-as logo acima da sela. Mantenha as mãos firmes o tempo todo.

Faça o cavalo correr apertando suavemente sua panturrilha. O nome dele é Torak.

Ele acariciou o pescoço do cavalo gentilmente.

— Ele cuidará de você.

Eu levantei minhas sobrancelhas: — Você conhece este cavalo?

Ele assentiu com a cabeça e acariciou o pescoço do cavalo: — Eu conheço. Ele pertencia à minha família.

Algo triste apareceu nos olhos dele: — Nós o vendemos para o templo, junto com muitos outros.

Eu queria perguntar por que sua família havia vendido os seus cavalos.

Claramente, ele se importava com eles, mas não cabia a mim perguntar. Parecia algo muito pessoal.

Ele foi para trás do cavalo: — Você tem provisões aqui.

Ele acenou para o alforje de couro e olhou para dentro.

Eu abri a boca para detê-lo, mas pensei melhor. Não acho que ele estava tentando me sabotar; era mais como se ele *quisesse* me ajudar. Mas não entendia por quê. Não era porque ele pensava que eu era um rosto bonito ou uma donzela em perigo... era outra coisa.

— Não há muito aqui — continuou ele, fechando a tampa. — Mas é o suficiente para mantê-la por pelo menos duas semanas. Depois, você precisará encontrar comida por conta própria.

Ele me olhou, mas como eu não disse nada, ele acrescentou: — Você sabe ao menos para onde está indo?

Concordei:

— Eu estou indo para o oeste, para Goth. A pedra está em algum lugar naquele reino. Acho que não é segredo.

Eu não disse que o sumo sacerdote havia falado que a pedra estava em Hollowmere. Eu tive a sensação de que essa informação era apenas para os meus ouvidos. Eu me sentia culpada por não dizer nada, pois ele havia me ajudado, mas eu não podia arriscar.

O estranho assentiu com a cabeça.

— Há um mapa dobrado no bolso lateral, juntamente com uma bússola. Mas, por hora, siga pela estrada principal até chegar ao final de Ânglia, na fronteira com o mar do oeste. Levará cerca de dois dias. Mantenha-se à estrada até chegar à longa passagem estreita chamada Braço da Morte. Goth fica a distância de três dias de viagem de lá.

— Obrigada — concordei.

Nossos olhos se encontraram, e eu corei do pescoço ao topo da minha cabeça: — Por que está me ajudando?

Ele olhou para os sacerdotes atrás de mim.

— Não me agradeça ainda. Você pode se arrepender quando vir o que vai enfrentar.

Ele ficou quieto tempo suficiente para eu pensar que ele não diria mais nada.

Mas, então, ele acrescentou: — Você parecia precisar mais do que os outros. Não me sinto bem em deixá-

la sair nesta corrida sem um pouco de ajuda. Não seria justo. Não quero ofendê-

la... mas você é a menos experiente.

Nós nos entreolhamos em um silêncio constrangedor. Eu abri a minha boca, mas a fechei novamente. Ele começou a dar as costas.

— Eu sou Elena — disse estendendo minha mão. — Elena Milegard.

Era o mínimo que poderia fazer, mas eu também queria saber o nome dele.

Ele pegou minha mão e sorriu. Seus dentes e seu sorriso perfeitos me fizeram vacilar. A mão calejada, forte e resistente era gentil. Ele levou minha mão à boca e a beijou. Seus lábios eram suaves, seu hálito quente, e isso fazia cócegas na minha pele. Quase caí da sela. Graças ao Criador eu estava sentada.

— É um prazer conhecê-la, Elena. Landon Battenberg, ao seu serviço.

Seus olhos azuis eram penetrantes, e eu podia ver pelo seu sorriso presunçoso que ele sabia o efeito que causava nas mulheres, ou em mim. O nome Battenberg parecia familiar para mim, mas eu não conseguia pensar em mais nada do que nos lábios deles em minha mão.

— Bem, obrigada novamente, Landon.

Eu me endireitei e reuni todo meu autocontrole para não mostrar o quanto eu havia gostava daquele beijo suave.

— Boa sorte, Elena. — Landon ficou sério. — Você vai precisar.

Ele se afastou. Seus ombros largos balançavam para frente e para trás, e eu ainda podia sentir o calor na minha pele, onde ele a havia beijado.

Eu mordi meu lábio e disse baixinho: — Tenho certeza que sim.

Apesar de tudo, eu sorri ao vê-lo montar seu próprio cavalo de batalha. Era um grande corcel cor de bronze, poderoso, contudo gracioso, tal como Landon. Eu não podia desviar meus olhos dele. Mas não podia deixar sua boa aparência e seus cinco minutos de bondade me distraírem. Esta era uma corrida acima de tudo. E eu tinha que ganhá-la.

Quando Landon se virou para minha direção, eu fingi procurar algo em outro lugar. Foi quando me deparei com o olhar do Jack Louco.

Fiquei chocada ao ver a raiva feroz em seus olhos. Era como uma acusação silenciosa. E embora não soubesse o que estava acontecendo, eu não pude deixar de sentir uma culpa se espalhar através de mim. Mas... porquê? Que influência ele tinha sobre mim?

Eu encolhi os ombros e pronunciei um "o quê?" silencioso com os lábios, mas ele só jogou seu cavalo para o lado oposto do povo do Fosso, como se estivesse tentando colocar a maior distância possível entre nós.

Eu não havia percebido que estava prendendo minha respiração. Eu fiquei chocada e magoada com o gesto. Ele não era meu dono. Eu podia falar com quem eu quisesse.

De repente, os sinos tocaram.

A multidão se apressou e um silêncio desconfortável se espalhou pelas terras.

De repente, comecei a me sentir nauseada. Tentei não pensar no Jack Louco e em por que ele fazia me sentir tão miserável por dentro. Eu me concentrei na corrida.

Se eu quisesse ganhar, teria de manter meus sentimentos sob controle. Fiquei firme na montaria, com meus olhos na plataforma, e esperei juntamente com todos os outros.

Não me surpreendi quando vi o sumo sacerdote de Ânglia se colocar de pé.

Ele levantou os braços e, com um sorriso superior no rosto, começou a falar.

— Bem-vindos ao aniversário do Dia do Julgamento — a voz dele aumentou.

— Depois que o mundo foi devastado pela guerra, o Templo do Sol uniu os seis reinos sob um regime, e vivemos em paz por mais de trezentos anos. Celebramos este dia, convidando todos os reinos a participar da Grande Corrida para a glória do Coração de Arcânia.

Eu dei uma olhadela em meus concorrentes, para lembrar novamente o que eu estava enfrentando. O fato de haver um punhado de mulheres me animava um pouco, mas elas pareciam tão ferozes quanto os homens. Algumas delas realmente *pareciam* homens.

— As regras são simples — disse o sumo sacerdote. Ele sorriu mais. — Não existem regras.

Risos eclodiram das multidões e dos guardas, mas os concorrentes estavam sérios, assim como eu. Estudei os outros sumos sacerdotes. Eles observavam o líder com rostos impassíveis.

— Que o Criador esteja com todos vocês — disse o sumo sacerdote. — Que vença o melhor ou a melhor.

Os olhos dele se voltaram para mim, e eu sufoquei um arrepio gelado. Mas antes que tivesse tempo de organizar minhas ideias, ele caminhou casualmente para frente e, com um grande movimento de seu cajado cravejado de pedras preciosas, ele tocou o gongo gigante de bronze que havia ali.

Imediatamente, os sons dos cascos de cavalo rasgaram o chão como uma grande tempestade. A terra tremeu com os cavaleiros e suas montarias galopando para o portão oeste.

Todos, exceto eu.

Abalada e com meu rosto queimando de humilhação, assumi o controle das rédeas de Torak e comecei a galopar também. Eu podia ver o desapontamento no rosto do sumo sacerdote sem nem olhar.

Torak avançou com um grande estrondo, e eu perdi o controle das rédeas. Eu tentei me endireitar na sela, retomando as rédeas, enquanto Torak seguia em direção ao portão oeste.

Quando passamos pelo portão oeste, vi de relance o irmão Edgar, parado próximo ao muro. Ele estava sorrindo. Um calafrio percorreu nas minhas costas.

Acho que ele presumia que essa corrida seria minha sentença de morte.

Engoli seco e deslizei na traseira do cavalo. Eu me sentia uma idiota.

A Grande Corrida havia começado, e eu estava em último lugar.



CAPÍTULO 12

EU DESCOBRI MUITO RAPIDAMENTE que eu não tinha nenhum dom natural para equitação.

Após as primeiras horas de galopada, minhas coxas estavam todas dormentes.

E se não fosse minha habilidade sobrenatural de cura, eu provavelmente não teria nenhuma bunda sobre a qual sentar.

Eu continuava deslizando, praguejando contra o vento e me endireitando sobre a sela. Em primeiro lugar, meu orgulho havia sido ferido. Quantas pessoas haviam visto meu início desastroso? Gostaria de saber se Landon havia visto e se arrependido de ter me ajudando. Eu realmente era a concorrente mais despreparada. Mas ao invés de sentir pena de mim, fiquei com raiva.

Eu havia sido deixada para trás e estava comendo uma maldita poeira. Isso não parecia incomodar Torak, mas eu não conseguia respirar sem tossir um pulmão. Eu fiz uma máscara temporária com minha capa para respirar, mas logo a poeira baixou, e eu consegui respirar novamente sem ela. Eu limpei meus olhos e olhei para a estrada diante de mim.

Estava vazia. O pó havia desaparecido, e não havia outros cavaleiros. Eles se foram.

Não era que Torak carecia de velocidade; ele tinha as pernas fortes e magras, era como uma grande máquina. Mas eu o senti diminuir a velocidade minutos depois de iniciar a corrida. Depois de um tempo, percebi que ele estava dando seu melhor para não me atirar longe. Ele estava tentando me manter em suas costas. Após isso, eu gostei dele imediatamente.

Eu não via qualquer um dos outros há pelo menos duas horas. Eu já estava ficando para trás.

— Por que eu tive que roubar essa maldita coroa!

Eu tinha que acreditar que ainda havia uma chance de salvar Rose e minha aldeia. Eu nunca duvidei por um segundo que o sumo sacerdote mataria milhares de camponeses, agricultores e seus filhos se eu não trouxesse de volta a pedra.

Maldito. Maldito seja o Império do Templo do Sol. Que todos eles se danem!

Eu cavalgava com o coração pesado. Como é que eu os apanharia agora? Ou melhor, como eu os venceria?

Apesar de equitação não ser um dom natural meu, achei que, com o passar dos dias, ficaria um pouco melhor. Porém, eu sentia pouco progresso galopando por Ânglia. Eu empurrava meu corpo para a frente e tentava montar no ritmo do cavalo. O vento no meu rosto e meu cabelo me dava uma sensação de liberdade.

Eu me sentia como um pássaro em voo. Eu sentia o poder da fera debaixo de mim, e logo começamos a nos mover como um.

A crina negra de Torak balançava perto das minhas mãos, e eventualmente comecei a me divertir um pouco mais e até mesmo me envolver no cenário.

No começo, eu passava por altos edifícios de pedra e ruas transversais, grandes vilas e hectares de terras bem cuidadas. Eu nunca havia ido mais longe do que a Cidade das Almas, e nunca pensei que iria para o oeste. Era o leste que estava na minha mira. Era no leste que eu queria começar uma nova vida com a Rose.

Meu peito apertava com o pensamento de algo acontecer com a Rose. O Jack Louco havia prometido que cuidaria dela, que lhe daria comida e proteção.

Obviamente, ele se sentia culpado por me entregar aos sacerdotes que odiávamos.

Ele achava que eu iria perdôá-lo? Não. Acho que não. Sua traição ainda me deixava furiosa.

Ir para o oeste não era tão ruim quanto eu pensei que seria. Ânglia era um lindo país. E com o tempo, os edifícios foram diminuindo de tamanho, os lotes tornaram-se menores e os grandes edifícios de pedra foram substituídos por pequenas habitações com coberturas coloridas e janelas menores. Ainda eram mansões em comparação com os barracos do Fosso. Mesmo as piores zonas de Ânglia tinham belas casas e jardins luxuosos. A desigualdade me deixava furiosa.

Os transeuntes pareciam um pouco perplexos conosco galopando tão longe do resto do bando.

— Você está em último! — gritou um gordo idiota sem pescoço. Eu não consegui distinguir seu sotaque.

— Obrigada pela dica — eu gritei, espumando de raiva. Como se eu não soubesse. Eu ignorei o homem quando passei por ele.

Fazendas com grandes lagoas e campos dourados dominavam a região por mais alguns quilômetros, terminando abruptamente na entrada de uma floresta.

Sem interromper o passo, mergulhamos em meio aos pinheiros, abetos e cicuta. A estrada se estreitou e altas árvores verdes nos cercaram de ambos os lados. Assim que entramos na floresta, o ar fresco roçou meu rosto, e fiquei feliz por isso. As árvores nos ofereceram sombra de boas-vindas.

O dorso de Torak estava coberto de suor. Ele precisava de uma pausa bem merecida. E eu sabia que os outros concorrentes eventualmente precisariam dar descanso a seus animais também. Em breve anoiteceria, e eu não correria o risco de quebrar as pernas do cavalo na escuridão. Não era justo com

ele. As árvores altas de todos os lados provavelmente esconderiam a maior parte da luz da lua.

Era estupidez viajar à noite, especialmente em uma terra estranha.

— Ei, garotão — eu disse puxando suavemente as rédeas.

Torak diminuiu até parar. Eu desmontei, grata por estar mais uma vez em terra firme. Minhas coxas queimaram quando balancei minhas pernas para tentar fazer o sangue fluir novamente. Embora minhas pernas parecessem tábuas de madeira, eu achava que estaria em piores condições. Minha habilidade de cura ainda era eficaz.

Eu me endireitei e suspirei.

— Certo. Você precisa de água. Está com sede, Torak?

Torak me olhava com grandes olhos castanhos. Eu vi os olhos dele se arregalarem à menção da água; então, eu tomei isso como um sim.

— Eu vi um riacho ao lado da estrada. Vamos. Vamos buscar um pouco de água.

Peguei as rédeas e levei Torak pela beira da estrada, até onde eu havia visto um riacho. Eu esperava que não tivesse sido ilusão. Ouvi o som de água escorrendo e conduzi Torak ao local. Ele foi até a água e começou a beber.

Depois de me servir um pouco da água deliciosamente fria, achei que seria uma boa hora para dar uma olhada dentro do alforje. Fiquei ao lado de Torak e olhei lá para dentro.

Estava lotado. Eu tinha carne seca, pães, queijos, um recipiente de água e maçãs. Eu tinha até peças íntimas e roupas extra. Eu retirei uma maçã.

Torak parou de beber e voltou seus olhos grandes para a maçã na minha mão.

Eu cortei a maçã ao meio com a minha faca de caça e dei metade a Torak. Ele engoliu sua parte e ficou de olho na outra metade.

— Esqueça — eu disse apontando minha faca. — Não temos um monte delas.

Nós precisamos racionar. Você já teve a sua, esta é a minha.

Mas quando o vi, cansado e suado depois de toda aquela galopada, percebi que ele merecia uma macieira inteira. Eu lhe dei a outra metade: — De nada.

Eu ri, apreciando sua companhia silenciosa. Sem as distrações dos maus sacerdotes e dos homens bonitos, eu poderia elaborar um plano para voltar a esta corrida. Amarrei as rédeas em torno do ramo de um pinheiro, parti um pedaço de pão, levantei um retalho do alforje e puxei um mapa. Eu não gostava de entrar em território desconhecido. Eu precisava estudar o mapa.

Talvez eu pudesse encontrar um atalho até Goth. Com essa ideia em mente, tive nova esperança e fui até um ponto macio sob um grande pinheiro. Sentei e desenrolei o mapa. Era um pergaminho de boa

qualidade, e fiquei surpresa ao ver o quanto cuidado nos detalhes. Só o templo poderia pagar por mapas assim.

Embora fosse pobre, minha mãe me ensinou a ler, e me entristeceu pensar que a maioria das pessoas no Fosso era analfabeta. Os sacerdotes preferiam manter o povo na ignorância, para governar melhor.

O mapa mostrava os limites da Ânglia na beira do mar do oeste. Olhei para uma pequena faixa de terra que ligava Ânglia à pequena ilha de Goth, a oeste.

Braço da Morte estava escrito em letras pretas garrafais. Era a única forma de entrar ou sair de Goth.

— Convidativo — eu disse. — Não é à toa que ninguém quer ir lá.

Passei meu dedo ao longo da passagem estreita de Goth e estudei os muitos caminhos que levavam a Hollowmere. Até mesmo os atalhos e passagens secretas estavam marcados neste mapa. Os sacerdotes haviam estado em Hollowmere?

Era óbvio que quem havia feito este mapa tivera muito cuidado com os detalhes.

Se o meu mapa fosse mais detalhado do que os mapas dos outros cavaleiros, então, estava claro que o sumo sacerdote realmente esperava que eu ganhasse. Se ele realmente havia me dado um mapa especial e um cavalo forte, talvez eu pudesse ganhar.

Gostaria de saber mais sobre a gaiola de ouro. Haveria uma conexão entre a coroa de Ânglia que eu havia roubado e a gaiola dourada? Por que a pedra era tão importante para o sumo sacerdote? O que ele ganharia com ela? Os outros concorrentes queriam ganhar para trazer alegria para as suas comunidades e experimentar a glória da vitória, mas o que o templo ganharia se eu conseguisse a pedra? Qual era o seu verdadeiro propósito? Eu teria que pensar nisso mais tarde.

Quando estudava o mapa, me lembrei do homem bonito, com olhos azuis cintilantes, que havia me ajudado mesmo sendo um concorrente. A memória de sua boca quente sobre a pele da minha mão me deu uma balançada. Nenhum homem causava esse efeito em mim há anos...

Eu ainda era assombrada pelo olhar do Jack Louco de decepção e de raiva por minha conversa com Landon Battenberg. Por que ele deveria se importar por eu gostar de ser tratada como uma dama por um estranho bonito?

Eu percebi a verdade. Esta era uma competição. Mais cedo ou mais tarde iremos todos enfrentar-nos uns aos outros. Talvez até tenhamos de lutar ou mesmo matar para chegar à pedra. E se Landon estivesse brincando comigo? Será que ele estaria usando seu charme para chegar até meu coração e eu não ver a lâmina de sua espada até que fosse tarde demais?

Eu havia sido seduzida em menos de um minuto, meu novo recorde de estupidez. Eu deixava meus sentimentos me oprimirem. Era com meu cérebro que eu precisava disputar a corrida, não com meu coração. Meu rosto queimava de vergonha e humilhação. Eu engoli minha náusea. Eu era fraca. Mas não me deixaria enganar duas vezes. Eu não deixaria um rosto bonito me dissuadir.

De repente, fiquei ciente de quão escuro havia ficado, como se as árvores tivessem escondido a última luz do sol proposadamente contra mim. Eu mal podia ver o mapa. Estava ficando tarde. Não tinha como

montar no escuro. Eu precisava levantar acampamento.

Torak parecia feliz e descansado. Talvez, com uma boa noite de sono, pudéssemos cavalgar bastante ao nascer do sol e alcançar os outros. Sim. Isso definitivamente era um bom plano.

Sentindo-me mais otimista, dobrei o mapa e voltei a guardá-lo. Eu peguei uma panela pequena e, para minha surpresa, encontrei chá. Chá parecia um sonho.

Fui à procura de lenha para o fogo e lancei um olhar a meu cavalo para me certificar de que ele não havia fugido. Ele ainda estava onde eu o havia amarrado.

Tecnicamente, ele não era *meu* cavalo, mas me pertenceria durante toda a corrida.

Nunca tive um animal de estimação antes. Nós não podíamos alimentar sequer um cão ou um gato... ou até mesmo um pássaro. Isso era o mais perto de possuir um animal de estimação que já havia vivenciado. Eu sorri.

Amanhã apanharemos os outros, talvez até os passemos se o Criador estiver ao meu lado.

Fiz uma pequena refeição com carne seca e chá, e me deitei de costas nas folhas de pinho. Só demorou alguns segundos antes que minhas pálpebras ficassem tão pesadas que não podia mantê-las abertas. Adormeci com um sorriso no meu rosto.

Eu não sabia quanto tempo dormi quando o estalar de um ramo me acordou.

Eu congelei. Meu coração saiu pela boca. Eu fiquei de pé e procurei minhas armas. Mas já era tarde demais.

Um manto escuro passou diante de meus olhos, ouvi um som de metal, e uma lâmina perfurou minha garganta.



CAPÍTULO 13

O SANGUE QUENTE JORRAVA dentro da minha garganta. Eu mal conseguia respirar com o líquido que se derramava dos cantos dos meus lábios. Eu estava engasgando com meu próprio sangue.

Estendi a mão, enrolei meus dedos em volta de algo frio e duro, e puxei. Eu joguei a faca no chão e instintivamente cobri o corte na garganta com a mão. A lâmina havia me perfurado profundamente. Senti o sangue jorrar entre os meus dedos, e eu sabia que havia atingido uma artéria.

Avistei meu agressor em meio a minhas lágrimas. Mesmo no escuro não havia nenhuma dúvida de que era um homem. Ele usava uma máscara dourada, formada com o rosto de uma caveira, e ele estava coberto da cabeça aos pés em uma capa preta. Ele trazia dois punhais curvos, e seus olhos escuros, sem alma, me espiaram dos dois furos na máscara.

Eu nem havia chegado a Goth, mas já estava diante de um demônio ou de um homem disfarçado como um.

O agressor me viu engasgar com meu próprio sangue. Ele quase parecia despreocupado. Ele me observava pacientemente, como se estivesse esperando por algo.

— Os sacerdotes são mentirosos, e eles *jamais* deverão possuir a pedra. Você nunca deveria ter concordado com esta corrida — ele disse. Seu forte sotaque parecia fransiano.

— Eu não me alegro em matar uma mulher, mas eu farei o que for preciso para proteger a pedra. Nós sabemos o que você é, e o que pode fazer. Você deve morrer esta noite, antes que mate a todos nós.

Os olhos dele mostravam uma determinação feroz enquanto ele me observava.

— Porque nossa luta não é contra a carne e o sangue — entoou o homem. — Mas contra os principados e as potestades, contra os governantes deste mundo das trevas, contra os espíritos malignos dos lugares altos. Os demônios rastejam furtivamente através de todas as avenidas dos sentidos. Os demônios levarão os homens à falsidade.

Eu cambaleei quando o mundo começou a girar. Eu abri minha boca para falar, para dizer que eu não sabia do ele que estava falando, mas minhas palavras morreram afogadas em sangue.

— Você pode não morrer pela lâmina simples — ele disse, e eu vi o sorriso de escárnio nos lábios debaixo da máscara. — Mas o veneno a *matará*.

Veneno. Ele disse veneno?

Assim que ele disse isso, eu soube que havia algo muito diferente de quando o sumo sacerdote me perfurou com sua espada. Eu senti uma ferroadada, a carne sendo rasgada, mas era um corte limpo. Já nesta ferida na garganta, parecia que a pele em volta do corte descascava e queimava pedaço por pedaço, como o sal em uma ferida. À medida que meu sangue bombeava, a dor se espalhava por todo meu corpo. A lâmina havia sido contaminada com veneno.

Quem quer que fosse o agressor, estava claro que ele sabia mais sobre mim do que eu mesma. Mas quem lhe havia dito?

— É para o melhor. É para o bem da Arcânia. Com sua morte... milhões viverão.

O agressor estava esperando para ver o efeito que o veneno teria em mim. O

sorriso torto no rosto me mostrava que ele estava gostando de me ver morrer.

Eu queria cuspir na cara dele, dar um soco, mas meus músculos haviam endurecido, como se eu estivesse usando uma máscara dura. Eu senti o veneno queimando meus dedos. Meu corpo estava ficando dormente. Minha respiração estava curta e rápida, minha garganta começou a inchar. Eu não sentia a

magia curativa de quando fui esfaqueada antes. O veneno era diferente. Estava na minha corrente sanguínea e se espalhando muito rápido dentro de mim.

Um arrepio frio se espalhou através de meu corpo como uma febre estabelecendo-se em mim. Talvez fosse isso. Talvez eu não pudesse curar veneno.

— É cicuta — disse o homem mascarado rondando mais de perto. — Causa paralisia de vários sistemas do corpo. Paralisia do sistema respiratório é a causa habitual da morte. Você não será capaz de se mover, mas você estará ciente do que está acontecendo. Sua mente não será afetada, até pouco antes de morrer.

Minhas pernas pareciam blocos de gelo; eu não podia me mover. A dor se espalhava à medida que o veneno seguia seu caminho através de cada centímetro meu. Eu não podia nem gritar. Meu rosto ardia como se tivesse sido arranhado por um gato. Depois, foi a vez dos meus ouvidos. Por fim, minha cabeça pulsava.

Então, a dor parou completamente, e senti uma mistura de frio e medo. Não conseguia nem sentir o sangue que jorrava da minha garganta e da minha boca.

Com a mão presa na garganta, eu estava congelada como uma estátua em um dos jardins do sacerdote.

Eu estava morrendo de verdade desta vez...

Um galho se partiu, e uma sombra pairou sobre mim novamente. Eu olhei o rosto sádico e mascarado do meu agressor.

— Os demônios são sempre enviados para testar nossa fé, para enganar os fracos como falsos profetas.

Sua voz áspera não parecia nada com o tom melódico e suave do sacerdote.

— Muitos sucumbem aos prazeres terrenos em vez de seguir o nosso dever para com o único e verdadeiro Deus.

Ele falava do Criador, mas não era um sacerdote. Eu estava sendo assassinada por um fanático religioso.

— Que Deus abençoe Arcânia. O único e verdadeiro Deus. Livrai-nos do mal do mundo, da corrupção que está no mundo através dos demônios; do mal de todas as condições do mundo; do mal da morte que está flagelando o nosso mundo. Livrai-nos de nós mesmos, de nossos próprios corações maus. Livrai-nos dos homens maus e dos falsos profetas; que eles não sejam uma armadilha para nós.

Ele fez um sinal do lado esquerdo do peito e depois se ajoelhou ao meu lado, até que pude sentir seu hálito quente. A ponta do punhal dele apontava para meu olho direito.

Eu não podia piscar. Minhas pálpebras estavam congeladas, e olhava para o céu negro. Estrelas apareciam através de aberturas nas árvores. Elas eram tão bonitas. Eram quase calmantes.

Eu percebi que nunca iria experimentar o parto. Eu nunca iria amar um filho incondicionalmente, protegê-lo e ter uma família própria. Na verdade, eu nunca havia pensado nisso antes. A dor profunda e latejante desse único pensamento era aterrorizante.

Eu sabia que estava morrendo quando o mundo ao meu redor começou a derreter como neve na chegada da primavera.

Eu chorei quando as árvores derreteram. Eu chorei quando as estrelas se derreteram em borrões de tinta branca no céu. Eu chorei quando pensei nas coisas terríveis que ele faria com Torak quando eu me fosse. Eu chorei quando o homem mascarado começou a derreter.

— Posso ver, pelo medo em seus olhos, que você já começou a ter alucinações — disse o homem.

A voz dele parecia distante.

— Logo você não será capaz de distinguir entre a realidade e os demônios em sua mente. O veneno vai derreter seu cérebro dentro de seu crânio. Será torturante. E você não vai ser capaz nem de gritar.



CAPÍTULO 14

EU OLHAVA PARA a face mascarada da morte. Se o veneno não derretesse o meu cérebro como ele havia dito, então, certamente ele terminaria o trabalho.

A ponta da lâmina dele balançava diante dos meus olhos. Estava vindo. A morte chegava.

E quando eu me convenci de desistir, me convenci de que estava pronta para morrer, de que eu *ia* morrer, algo me tocou profundamente.

Meu corpo tremeu por sua própria iniciativa. O que o veneno estava fazendo?

Eu observei, impotente, enquanto o homem mascarado movia sua lâmina para longe de meus olhos.

Ele puxou a manga e cortou seu antebraço com o punhal.

— Creio no único Deus verdadeiro, o criador de todas as coisas. Alma do único e verdadeiro Deus, consagrai-me, sede minha salvação. Purificai-me.

Lavai-me de meus pecados, fortalecei-me, ouvi minha oração.

O sangue escorreu até o chão quando ele se cortou novamente.

— Defendei-me contra o inimigo maligno e chamai-me para a comunhão dos nossos irmãos na hora da minha morte. Cantarei este louvor com eles por toda a eternidade.

Ele olhou para mim e deu um sorriso selvagem.

— E eles disseram que você não podia ser morta.

Seu riso pouco natural cortou o silêncio tenebroso da floresta.

Eu queria gritar por socorro. Eu queria chutá-lo com minhas pernas, mas meu corpo não obedecia a minha mente. Era como se eu já estivesse morta, e minha alma estivesse esperando para ser levada pelo Criador.

Os olhos frios do homem me observavam: — Isso não vai demorar muito.

Minha visão ficou turva, e eu fiquei feliz por não ter mais de olhar para aquela cara horrível do mascarado.

Um relincho atingiu meus ouvidos. Eu gelei. Torak. Onde estava o meu belo cavalo? O pensamento desse bastardo machucando Torak despertou algo dentro de mim.

Um sentimento novo agitou-se em meu peito. E, então, a sensação.

Tudo começou com um formigamento, como picadas de insetos minúsculos sob a minha pele. E, então, o formigamento se transformou em uma dor latejante.

Dor. Que coisa maravilhosa.

Eu soube logo em seguida. Meu corpo estava se curando. Minha magia estava operando.

Ela atacou o veneno. Eu mantive minha cara séria, fiz meu melhor para não piscar e me entregar. A surpresa era minha única vantagem no momento. A dor mudava para um calor que se espalhava por todo o meu corpo. Senti minha ferida começar a se reparar. O ar delicioso enchia meus pulmões.

O homem mascarado continuou a murmurar oração depois de oração.

Deixa continuar falando. Continue rezando.

Obviamente, ele adorava o som da própria voz. Eu tive conforto em saber que iria dar o troco em sua tentativa de tirar minha vida cortando minha garganta. Ele havia sido tolo. Em sua confiança, ele não havia removido nenhuma das minhas armas. Eu esperei calmamente a oportunidade perfeita. Era como se fosse algo natural para mim, como se eu tivesse nascido para isso.

— Isso está demorando muito. Você devia estar morta agora. — A voz do homem era dura e insensível.
— Chega de esperar.

Eu observava e esperava.

O homem agarrou sua lâmina com ambas as mãos, levantou-a acima de sua cabeça e trouxe-a para baixo.

Mas eu já estava me movendo.

Eu rolei para o lado, e a ponta da lâmina mergulhou na terra onde eu estava um segundo atrás.

Quando que ele percebeu o que havia acontecido, eu já estava de pé, com minhas próprias armas em mãos. Embora minhas pernas ainda estivessem duras e doloridas devido aos efeitos do veneno, eu podia sentir a adrenalina surgindo através do resto do meu corpo.

Meu quase assassino deu meia volta. Seus olhos se arregalaram com uma mistura de medo e fúria.

— Impossível! Ninguém pode sobreviver à cicuta. Que tipo de demônio é você?

Eu sorri:

— E eu pensava que era uma bruxa.

Minha voz soou estranha, abafada, diferente de como eu falava antes.

Meu coração bateu forte quando eu respirei fundo; minha magia curativa consumia o resto do veneno.

Eu vi a fúria do assassino se espalhar como um fogo. Eu podia ver suas lâminas envenenadas brilhando sob as mangas pretas. Não podia arriscar um arranhão daquelas malditas lâminas novamente. Eu tinha que ter muito cuidado.

Engoli seco e aproveitei a oportunidade.

— Por que quer me matar? Quem o mandou?

Instintivamente, olhei por cima do meu ombro, esperando mais homens mascarados saltarem sobre mim de dentro da floresta. Mas isso não aconteceu.

Era só ele por enquanto.

A máscara de caveira brilhava sob a luz da lua.

O homem riu:

— Vou matá-la de uma vez por todas, demônio. E desta vez você *permanecerá* morta!

Cheia de determinação, flexionei os joelhos e me preparei para enfrentá-lo de perto. Agradei ao Criador por ter sido criada no Fosso. Eu havia sido abençoada com o dom da cura, mas eu havia aprendido a lutar de forma suja por experiência própria.

— Você está errado. Eu não *vou* morrer hoje — eu rosnei.

Eu não ia deixá-lo me machucar de novo. Eu ia lutar com tudo que havia em mim.

Ele rosou ao partir para cima de mim como uma névoa de escuridão. Ele era muito mais rápido do que eu havia previsto. Mas eu estava pronta para ele.

Ele atirou-se na direção do meu coração, mas bem quando a ponta de sua lâmina encostou na frente da minha túnica, eu desviei meu corpo. Com um toque do meu antebraço, mandei um de seus punhais pelo ar. Mas isso não o deteve.

Com uma velocidade incrível, ele cortou minhas vestimentas, mas sem atingir minha pele. Eu o chutei com força, conseguindo acertar seus joelhos. Ele gritou de dor e surpresa. Eu abaixei e girei o pé, dando uma rasteira.

Ele caiu para trás, mas recuperou o equilíbrio tão habilmente quanto um gato.

Ele fez uma careta:

— Eu vou adorar matar você, sua vadia dos demônios.

Eu retribuí com um largo sorriso; minha confiança aumentava a cada respiração.

— De onde vejo, é você que se parece mais com um demônio do que eu. Eu não ataco mulheres indefesas no escuro.

Seus lábios se abriram em um sorriso cruel sob a máscara. Ele tentou me cortar com o punhal, mas bloqueei com a manga e o acertei no peito. Ele tropeçou para trás, suas vestes foram rasgadas e uma grande mancha de sangue começou a crescer no peito dele.

— Melhor do que você pensava, não é? — Eu o provoquei.

Meus olhos se estreitaram no escuro: — Você não tem as habilidades necessárias para me matar. Os sumos sacerdotes cometeram um grande erro ao enviarem você.

— Ha! Você é ainda mais estúpida do que eu pensava se imagina que nos aliaríamos àqueles homens falsos e seu falso deus.

Eu podia ver a fúria em seus olhos.

— Você não sabe nada.

— Se não foram os sacerdotes, então, quem? Quem o mandou?

Ele rugiu com fúria selvagem e me atacou novamente. Mas desviei facilmente dele.

Mal tive tempo de piscar, e ele atirou-se contra mim outra vez. Eu me abaixei, mas quando me afastei, ele conseguiu me imobilizar. Eu dei uma joelhada no músculo de sua coxa e dei um belo soco em seu rim e depois na virilha. Ele caiu, mas escapou do meu alcance como uma cobra escorregadia.

— Morra, demônio — ele me olhou e atacou.

Chame de instinto, chame de mão do Criador, mas naquele exato momento, eu desviei e girei meu corpo. Ele mesmo se cortou nas minhas armas enquanto eu as segurava diante de mim para me proteger.

Ele caiu no chão com um grunhido. E, então, não se ouviu mais nada.

Meu estômago revirou, e eu vomitei. Não sabia o porquê. Talvez fosse o resto do veneno ou talvez fosse só o meu corpo me dizendo como eu me sentia.

Fiquei ali por um momento, com a sensação de como é matar alguém.

Eu não sabia o que sentia. Não é como se eu tivesse tido uma escolha. Eu tinha que me proteger. Ele ia me matar. Mesmo que eu sentisse raiva e quisesse matá-lo no momento, agora que eu olhava para seu corpo, eu me sentia estranha.

Remorso? Culpa? Havia sido em legítima defesa. Era estranho. Alguns segundos atrás eu havia gostado de tirar a vida dele e não havia sentido nenhum remorso.

Se ele não estava trabalhando para o templo, quem era ele? Eu me lembrava de ele dizer *nós*, como se houvesse mais nesse grupo de mascarados. Eu não ia ficar aqui e esperar que mais lunáticos tentassem me matar.

Eu puxei minhas lâminas do peito dele. Depois as limpei na grama, estendi a mão e tirei a máscara dele.

Eu não sabia o que esperar por baixo da máscara, mas definitivamente não o simples rosto de um homem comum. Talvez eu pensasse que ele fosse feio e desfigurado ou mesmo um próprio demônio. Mas eu via os olhos vazios de um homem comum de meia idade.

Apenas um homem. Não é um demônio.

Eu não poderia ficar ali e lutar com meus sentimentos; eu não sabia quantos mais desses lunáticos rondavam a floresta impenetrável à noite esperando que eu virasse as costas. Eu quase podia vê-los, esperando no escuro. Se eles estavam tão interessados em me matar, quem garante que eles não mandariam reforços só para ter certeza de que eu estava morta?

Eu precisava partir.

Eu estava viva. E eu planejava ficar desse jeito até terminar a corrida. Eu corri para Torak, que me cutucou suavemente com seu focinho.

Eu estendi a mão e acariciei o pescoço dele.

— Tudo bem. Estou bem, rapaz. Acabou.

Torak descansou a cabeça no meu ombro. Seu gesto foi quase como um abraço. Eu não era uma especialista em emoções de cavalos ou linguagem corporal, mas tive a sensação de que ele estava preocupado comigo e que estava feliz por eu estar segura. Deus, eu amava aquele cavalo.

Não fazia sentido tentar dormir um pouco, pois sabia que não conseguiria. A floresta era um esconderijo bom demais para os homens mascarados. Torak olhou nervosamente para o morto. O cheiro de sangue enervava o cavalo, e ele parecia estar tão ansioso quanto eu para sair dessa floresta.

Eu corri para o riacho e respinguei água fria no rosto para tirar o fedor do homem mascarado. Então, peguei os mantimentos e subi com surpreendente facilidade no lombo de Torak. Eu agarrei as rédeas com firmeza para que minhas mãos não tremessem.

Uma luz fraca apareceu através do emaranhado de árvores ao leste. Era quase de manhã. Recitei uma prece silenciosa ao Criador e torci para que a floresta não escondesse mais nenhum homem mascarado.

Então, bati meus calcanhares nos flancos de Torak, e galopamos pela floresta, correndo por nossas vidas.



CAPÍTULO 15

TORAK CORRIA COMO SE o próprio diabo o estivesse perseguindo.

No início, eu não tinha certeza se deveria impedi-lo. Ele parecia estar correndo como que por magia. Suas pernas poderosas levantavam pó na estrada e deixavam um rastro de poeira atrás de nós. Toda vez que eu ouvia um estalo, eu temia que ele tivesse quebrado uma perna, mas ele nunca vacilava. Eu temia estar exigindo demais dele, mas era como se ele quisesse deixar a floresta para trás tanto quanto eu. E mesmo que eu quisesse detê-lo, não sabia se podia.

Me esforcei para não pensar no assassino mascarado. *Quem o mandou e por quê? Se não os sacerdotes, então, quem? Por que minha morte é tão importante? O que eu havia feito para essas pessoas?*

À medida que a escuridão da floresta começava a desaparecer, meu ânimo aumentava. Raios de luz branca vazavam entres as folhas das árvores acima de nós. Finalmente saímos da floresta e galopamos sob o sol brilhante e o céu azul do meio da manhã.

Torak diminuiu sua velocidade ao deixar para trás o mau agouro da escuridão da floresta e a memória do homem mascarado. Ele parecia tão feliz quanto eu por estar nos campos dourados e sob o delicioso sol quente.

Nós galopamos num ritmo confortável por um tempo, só apreciando o sol e a companhia um do outro. Eu havia feito um amigo para toda vida; eu sorria ao vento. Bandos de estorninhos voavam sobre nós, cavalgando o vento como um cavalo.

O chão estava marcado. Apesar de minhas limitadas habilidades de rastreamento, eu podia dizer, pelos rastros frescos, que meus concorrentes estavam apenas algumas horas à frente.

Eu acariciei o pescoço de Torak: — Viu? Não estamos longe demais.

Um novo senso de confiança e determinação jorrava dentro de mim.

Mas meu sorriso desvaneceu-se logo.

Acima, uma forma branca vinha até nós bem rápido. Eu puxei minha espada curta instintivamente... e Torak diminuiu o passo para uma caminhada. Eu olhava para o brilho da luz da manhã. Uma linda égua

branca entrou em foco a menos de 30 metros de distância, e eu respirei firme quando reconheci o cavaleiro.

— A corrida não é naquela direção? — Eu apontei para trás dele. Lembrei-me do olhar de ódio que ele havia me dado umas horas antes.

O Jack Louco puxou as rédeas e fez seu cavalo parar. Havia indícios de raiva no rosto corado, mas suas olheiras mostravam que ele não havia dormido. Seu rosto ainda assim estava radiante ao amanhecer; um brilho de suor cobria sua pele dourada, onde ele havia deixado sua túnica desabotoada. Senti uma vibração em meu peito; eu odiava que ele tivesse esse efeito em mim.

— Eu vim encontrar você — ele disse um pouco sem fôlego.

Ele parecia um pouco surpreso em me ver, mas uma preocupação verdadeira brilhava nos olhos dele: — Eu esperei a luz da manhã.

— Por quê? Do que lhe importa? — Eu mantive meu rosto inexpressivo, mas minha respiração estava presa na garganta.

— Porque percebi que você estava *muito* atrás, e você não ia nos alcançar...

Ele fez uma pausa, como se não tivesse certeza se deveria continuar.

— Eu estava preocupado — disse ele finalmente.

Sua voz era um pouco tensa, como se fosse um esforço dizer uma coisa dessas.

— Eu estava preocupado que algo tivesse acontecido a você. E pelo que parece eu estava certo. Parece que você teve uma noite difícil. — Seus olhos passearam pela sujeira, os cortes e o sangue em minhas roupas.

Eu dei de ombros:

— Nada que eu não pudesse resolver.

Eu havia quase morrido. O homem mascarado havia quase me envenenado.

— O que aconteceu com você?

A preocupação em sua voz me fez querer confiar nele e falar sobre o assassino, mas não consegui. Eu não sabia quem o havia enviado, nem o porquê.

Será que o Jack Louco realmente estava preocupado comigo? Ou ele só estava vendo se eu havia morrido?

Eu não podia confiar em ninguém, especialmente no homem que havia me colocado ali em primeiro lugar.

— Caí do cavalo algumas vezes — eu menti.

Eu fiquei surpresa com o quão real e verdadeiro isso soou em meus lábios, e de quão fraca eu fazia de mim mesma.

— Mas estou bem agora. Nada quebrado, como você pode ver.

O Jack Louco estava em silêncio. Os olhos dele fixos nos meus, e eu podia ver que ele não acreditava em mim.

Ele assentiu com a cabeça: — Os outros ainda estão acampados alguns quilômetros abaixo da estrada.

Podemos alcançá-los antes de partirem. Vamos.

Ele virou seu cavalo e começou a galopar.

Eu queria dizer a ele para desaparecer, ir para o inferno, saltar em um lago e prender a respiração. Mas, em vez disso, Torak e eu corremos atrás do Jack Louco.

Marchamos lado a lado em silêncio. Do canto do meu olho, eu o peguei olhando para mim algumas vezes, mas me forcei a olhar em frente. Não sabia se eu o entendia. Ele era mau, perigoso e mentiroso, tudo embrulhado em um pacote lindo. Eu queria acreditar que ele se importava comigo e que ele não havia planejado me entregar aos sacerdotes, que havia sido um erro terrível.

Mas parte de mim gritava para não baixar a guarda e não o deixar influenciar meu coração. Eu não podia deixar que meus sentimentos ficassem no caminho, se eu quisesse ganhar.

Embora parecesse que ele havia me traído, uma parte da minha alma esperava que, de alguma forma, eu estivesse errada.

Finalmente, vimos os outros. Grupos de homens e mulheres pontilhavam ao longo de um pequeno rio que acompanhava os campos a perder de vista. Senti o cheiro dos restos de fogueira. Eu os vi recolherem suas coisas, dobrar seus sacos de dormir, selar seus cavalos, se preparando para partir. Nenhum deles parecia sequer remotamente preocupado ou perturbado com o fato de eu ainda estar viva e na corrida.

E, então, percebi que havia alguns olhos roxos, rostos inchados e narizes ensanguentados.

— O que houve aqui?

Eu não vi nenhum cadáver nem ferimentos graves, mas as marcas nos seus rostos e corpos definitivamente eram sinais de briga.

O Jack Louco via o acampamento com indiferença: — Uma briga estourou depois que alguns homens começaram a beber.

Avistei uma mulher alta, de pele negra, com um nariz ensanguentado e o olho direito inchado. Ela sorriu para mim, e eu fiquei feliz por que não ser o único diamante bruto do sexo oposto ali.

— Qual o motivo da briga?

— O de sempre quando você junta diferentes clãs com muita cerveja — ele disse como se fosse do

conhecimento comum. — Some a isso uma corrida que encherá o vencedor com ouro e glória, e você estará pedindo por problemas. Isso não é nada.

— Não me parece nada.

Mesmo à distância, eu podia ver a fúria em seus olhos.

A expressão dele endureceu: — Em breve eles cortarão as gargantas uns dos outros.

Um arrepio correu pela minha espinha, mas suas palavras traziam a verdade.

Era só uma questão de tempo até que se eles matassem uns aos outros. Só podia haver um vencedor.

Olhei para os grupos sabendo o que estava procurando, mesmo que não quisesse admitir. E eu o encontrei.

Landon estava cercado por um grupo de homens. Ele estava de pé, com os braços cruzados na frente do peito. Sua expressão era impassível. Eles pareciam estar em uma discussão acalorada. Ele nem levantava o olhar.

Eu me senti um pouco diminuída.

Bem feito para você, Elena.

Eu não devia ter pensado em seus olhos sorridentes e seus lábios macios, quentes. Eu devia estar focando no fato de ele ser meu adversário.

Conforme nos aproximávamos do grupo do Fosso, todos os pares de olhos, incluindo os de Will e Leo, me lançavam punhais.

Eu fiquei boquiaberta. Eles estavam todos dirigindo seu ódio para mim.

Eu fiquei pálida. Doía ser detestada por seu próprio povo. Se eu pudesse ler seus pensamentos. *Traidora.*

Claro que eu seria tida como uma traidora para eles. Eu estava disputando como campeã do templo. Eu estava representando as pessoas que nos forçaram a viver como animais. Como poderia explicar por que eu estava fazendo isso sem colocar todas as nossas famílias em risco?

Meus olhos ardiam, mas eu não deixaria as lágrimas caírem. Eu me endireitei.

Eu não os deixaria ver quão doloroso isso era para mim. Se o Jack Louco viu a reação de seu grupo, ele nunca deu qualquer indicação disso. Eu tinha certeza de que sim. Se eu vi, ele também viu.

Era tão claro como o céu azul - eu não era bem-vinda.

A percepção gélida de que eu estava sozinha me fez estremecer. Todos os outros participantes competiam como membros de equipes. Meus amigos do Fosso haviam me rejeitado, e eu não combinava com os ricos e nobres de Ânglia.

Eu era um pária.

O Jack Louco parecia perceber o quão distante eu me tornara, e o olhar de tristeza em seus olhos deixava tudo muito pior.

— Estamos a um dia de viagem de distância da fronteira. Os cavalos estão bem descansados, então, sairemos em breve — disse ele baixinho como se ele tivesse medo de que desatasse a chorar.

Eu sentia culpa por Torak não estar descansado como os outros cavalos. Ele era fiel a mim. Ele era o mais merecedor de um bom descanso e uma barriga cheia.

O Jack Louco parecia desconfortável: — Eu tenho algumas coisas para resolver antes de partirmos. Sabe, a tensão entre os grupos só vai piorar. É mais seguro você montar com a gente. Talvez pudéssemos...

— Não. Não vou com você.

Minha voz era dura, e ele olhou para mim com a boca aberta.

— Isto é uma corrida, certo? Não há nós. E a última vez que verifiquei, eu estava nessa maldita corrida por *sua* culpa. Então, você vai entender por que a última coisa que preciso é estar com você. Nós estamos sozinhos nessa. Todos nós. Só *um* de nós pode pegar a pedra.

Eu desviei o olhar, sem querer que ele me dissuadisse da ideia.

— Meu cavalo precisa de água.

O Jack Louco abriu a boca para argumentar, mas eu o deixei e levei Torak até a margem do rio.

Eu não estava sozinha. Eu tinha Torak.

Eu desmontei e o deixei relaxar um pouco. Ele merecia. Quando ele começou a beber água, um estrondo de cavalos a galope encheu o ar. Eu me virei para ver os girmanianos avançarem para o outro lado da estrada. Os outros grupos os viram saindo e apressaram sua marcha também. Em alguns momentos, a maioria deles estava montada e correndo pelos campos para alcançar os girmanianos.

Tudo acontecia muito mais rápido do que imaginava.

Eu tossi quando o último dos cavaleiros passou, deixando um manto de poeira e sujeira. Eu pisquei os olhos e vi que Landon me observava. Nossos olhos se encontraram por um momento. Ele me deu um sorriso significativo, como se estivesse satisfeito por ver que eu ainda estava na corrida. Depois, ele virou seu cavalo e galopou atrás dos cavalos apressados.

A égua branca do Jack Louco estava nervosa, ansiando para ser solta e se juntar aos outros. Ele me olhava com ansiedade, suplicando para eu mudar de ideia.

Eu havia lhe dito que não queria correr com ele nem com ninguém. Mas *eu* correria.

Dei de encontro com seu olhar e balancei a cabeça.

Ele se virou e partiu.

Eu montei em Torak e agarrei as rédeas.

— Sinto muito por isso, meu rapaz — eu sussurrei e acariciei sua crina.

Criador, perdoai-me. — Eu prometo que é só por mais algumas horas; depois você vai ter uma noite inteira para descansar.

Mas Torak não parecia cansado. Ele estava empolgado, e seus olhos estavam fixos nos outros cavalos a galope. Ele *queria* correr.

— Você é uma verdadeira dádiva de Deus, meu amigo.

Não foi preciso fazer nada para encorajá-lo a correr. Voamos nos campos abertos, e quando olhei atrás de mim, vi cavaleiros comendo poeira. Eu não podia ver suas cores, e não me importava. Eu me sentia orgulhosa e queria que meu cavalo fosse ainda mais rápido.

Desta vez, eu não estava em último.



CAPÍTULO 16

NÓS CORTAMOS a estrada central, finalmente passando do deserto montanhoso de Ânglia para o interior mais calmo. E não estava em último.

O Jack Louco e sua tripulação iam à minha frente, e eu o via olhando por cima do ombro de tempos em tempos, só para ter certeza de que eu ainda estava lá. Eu o ignorava completamente. Não queria que ele pensasse que estava me fazendo um favor.

Novamente, Torak era um modelo de força. Ele corria com uma graça sem esforço que envergonhava todos os outros cavalos. Eu entendi por que Landon parecia tão triste por ter que vender esta criatura magnífica para os sacerdotes.

Ele era um príncipe entre os cavalos. Embora eu não soubesse nada sobre equitação e ainda menos sobre o pedigree de um cavalo, eu tinha certeza que Torak havia vindo de uma linhagem de cavalos reais.

Eu vi de relance a bandeira dourada e vermelha de Landon à distância. Logo, eu sabia que ele estava lá em algum lugar, montando com o resto dos campeões de Ânglia.

Ao meio-dia, chegamos aos Portos Cinzentos. Era uma pequena aldeia, protegida pela floresta; eu sabia, pelo que havia estudado em meus mapas, que se tratava de uma lendária vila de bruxas. Ainda se

contavam histórias das bruxas estranhas e mortais que viveram ali. Dizia-se que elas eram portadoras cruéis da magia, que roubavam crianças no meio da noite e faziam um banquete com seus corpos.

Os Portos Cinzentos eram uma pequena parte de Witchdom, um reino gigante a leste de Arcânia. As pessoas normais não se atreviam a pisar ali. Não havia nenhum muro invisível ou algo parecido. As lendas diziam que as bruxas comiam carne humana; então, imagino que isso fosse suficiente para dissuadir alguém de se aproximar.

Pessoalmente, eu nunca acreditei em tal absurdo. Eu não achava *realmente* possível uma mulher comer pessoas, muito menos crianças. Isso entrava em conflito com nosso instinto maternal de proteger os mais novos. Parecia mais um mito inventado para manter as crianças em casa à noite e impedi-las de fazer travessuras.

Segundo a lenda, nos tempos dos reis, a guarda real havia sido incumbida de destruir a aldeia e matar todas as bruxas. Mas a guarda havia ido e nunca mais voltara. O povo de Ânglia nunca pisou na aldeia novamente.

Quando nos aproximamos, vi uma estrada que dava na floresta, mas que, em seguida, se perdia na sombra. E, então, ouvi um zumbido estranho, como o zumbido de abelhas gigantes. Eu podia ver que o som vinha de altos postes de madeira nos quais haviam sido esculpidos rostos grotescos. Eles eram parte humano e parte animal, com chifres, bocas abertas e longas línguas protuberantes.

Os postes se erguiam como guardas gigantes na entrada da cidade, como aviso aos intrusos, sem dúvida. Eu sentia seus olhos me acompanharem enquanto eu galopava.

Uma estranha energia engrossava o ar, como um relâmpago antes de uma tempestade. Eu não conseguia ver nada, mas podia sentir - algum tipo de aviso.

Eu não tinha certeza se era um aviso para não entrar ou um aviso sobre outra coisa totalmente diferente. Torak se enrijeceu. Eu estava apavorada.

— É bruxaria — gritou Will poucos metros à minha frente. — Demônios, discípulos do próprio diabo. Não olhem nos olhos dos demônios, meus amigos, pois eles os amaldiçoarão e levarão suas almas.

Ele cuspiu no chão e fez o sinal do Criador.

Todos os cavaleiros que passaram depois cuspiram no chão, e isso me deixava cada vez mais nervosa.

Eu olhei furiosa para eles: — Vocês acham sábio insultá-los assim? — Eu gritei para quem quisesse ouvir. — Isso, no mínimo, os deixará com raiva.

Um homem que reconheci do Fosso se virou para mim: — Se você não quiser que as bruxas envenenem sua alma, melhor cuspir no chão e pedir proteção ao Criador.

Ele puxou um pingente em forma de sol, pendurado em um cordão fino de couro. Ele beijou o item. Sem dúvida, era um amuleto de proteção para afastar o mal. Eu havia visto antes no mercado dos comerciantes, e eles nunca ficavam em exposição por muito tempo.

Por que o povo de Arcânia temia tanto os portadores da magia? O ódio por alguma coisa mágica me

deixava desconfortável. Não queria nem pensar no que fariam comigo se descobrissem meu segredo.

Eu peguei o Jack Louco me observando. Ele parecia nervoso e curioso, ele sabia que havia algo diferente em mim, mas só não sabia o quê. Tudo o que ele sabia era que eu havia conseguido o impossível quando sobrevivi ao fogo mágico ao roubar a coroa.

Eu suspirei de alívio quando os Portos Cinzentos desapareceram atrás de nós.

Tive a sensação esquisita de que as bruxas haviam visto o desrespeito que os outros cavaleiros demonstraram às portas da sua aldeia. Suspeitei que elas não esqueceriam.

Montamos em silêncio por horas depois disso. Quando finalmente chegamos à fronteira de Ânglia, o sol era uma esfera vermelha ardente mergulhando nas águas do mar do oeste. O céu estava em chamas, com tons quentes e abrasadores de laranja e vermelho, e eu pude ver o céu em chamas sendo tomado pelo índigo da aproximação da noite.

Mesmo antes de chegarmos lá, senti o perfume delicioso de sal do mar ocidental. Eu podia ver as ondas batendo nas praias douradas que se estendiam à distância.

A longa faixa de terra que se chamava Braço da Morte desaparecia em um manto de névoa vinda do mar. Era maior do que eu havia imaginado, do tamanho do campo de um fazendeiro, embora eu não pudesse ver além da névoa, eu sabia que o caminho se estendia até Goth.

Na fronteira entre Ânglia e Goth, o Braço da Morte ligava os dois reinos com quilômetros de grama morta e árvores podres, que eram conhecidas como o Pântano Eterno. Os esqueletos das árvores formavam sombras de mau agouro que pareciam uma espessa névoa cinzenta como aviso aos intrusos. Ervas daninhas cobriam a maior parte das superfícies pegajosas das águas negras, e uma névoa branca subia das poças do pântano. Um leve cheiro de enxofre chegou a meu nariz, e senti um cheiro mais imundo do que gostaria.

O Pântano Eterno parecia mais impenetrável do que eu havia imaginado.

Senti um puxão repentino, como se algo no pântano tentasse me prender. E, então, ouvi um som sussurrante. No começo, achei que era o som das ondas batendo nas pedras, mas logo percebi que o som era outra coisa. Vinha do pântano. Era quase como se a névoa estivesse viva e respirando.

Um calafrio percorreu minha espinha, e meu pulso acelerou. Havia algo maligno espreitando além dessa névoa cinzenta. Eu não conseguia ver, mas sentia algo dentro de mim, algo inumano. Uma entidade das trevas nos esperava do outro lado.

Como vamos atravessar?

Torak se movia nervosamente, e eu tentei acalmá-lo. Eu olhei para o vazio maligno. Ele podia sentir isso também, o mal que se escondia nos pântanos.

Avistei o girmanianos, os espanianos, os anglianos, os romilianos, o fransianos e os purtulenses. Eles estavam acampados nas praias. Embora muitos deles me vissem com animosidade, eu não podia deixar de me sentir revigorada.

Eu ainda estava na corrida. E, ao que parecia, estavam todos parados ali. Todo mundo era igual agora.

Respirei uma longa lufada de ar fresco e relaxei um pouco.

— Bela vista, não é?

Assustada, me virei para ver Landon. Ele andou até mim com a cabeça erguida, parecendo um rei com sua túnica vermelha e dourada. Não havia dúvidas sobre sua origem nobre. Ele praticamente transpirava nobreza. Ele sorriu com aquele sorriso perfeito demais, e me amaldiçoei conscientemente por sempre ficar corada quando o via.

Desviei o olhar rapidamente.

— Essa névoa é como um mal. Nunca tinha visto nada assim antes. Nem *parece* real, está mais para um sonho, sabe, um pesadelo.

Ele não disse nada, mas eu podia sentir seus olhos inspecionando cada centímetro meu. Senti meus ouvidos queimarem e meu coração bater forte no meu peito.

Ele veio e acariciou o pescoço de Torak, acalmando-o suavemente com palavras que eu não conseguia ouvir. Torak se inclinou em saudação, um olá para um velho amigo, e descansou a cabeça no ombro de Landon. Eles ficaram assim por um tempo. Finalmente, ele levantou o olhar e nossos olhos se encontraram.

— Você está se virando bem — disse ele, impressionado. — Que bom. Para alguém que nunca havia montado antes, eu não tinha certeza se você passaria dos portões da Cidade das Almas.

Quando eu vi a malícia no seu sorriso, eu não pude deixar de rir.

— Bem — eu disse, tentando me recompor — Não foi dessa vez que você se livrou de mim.

Ele estava tão perto que eu podia sentir seu suor almiscarado. Era inebriante.

— Quem disse que quero me livrar de você?

Seu olhar encontrou o meu novamente, e ele não tentou esconder o tom de paquera na voz dele.

Desviei o olhar outra vez quando minhas bochechas traiçoeiras começaram a me entregar. Eu disse a primeira coisa que veio à minha cabeça.

— Por que todo mundo parou? Não podemos continuar?

— Porque vai escurecer. — Landon olhou para o pântano. — E ninguém, nem mesmo o guerreiro mais forte em toda a Arcânia iria se aventurar no Braço da Morte à noite. Seria suicídio.

— Por causa do pântano? — Perguntei e estremei.

Tive que admitir que só de olhar para ele, eu quase tremia. Em seguida, perguntei com seriedade: — Fale-me mais sobre esse pântano. Algo me diz que você sabe mais sobre ele do que o resto de nós.

Não sabia que ele iria responder, mas eu senti que valia a pena tentar. Eu precisava me preparar para o que diabos estivesse à espreita no Braço da Morte.

Landon falou levemente, mas seus olhos estavam sérios.

— Bem, pelo que ouvi, o pântano é perigoso e se espalha por vários quilômetros. Alguns dizem que nunca termina. Alguns dizem que é um portal para o inferno, e que você se perderá e será sugado em suas águas rasas. Apenas seus ossos vão ressurgir, anos mais tarde. — Acrescentou ele com uma expressão que deixava transparecer que ele havia testemunhado isso em primeira mão.

— Bem, é realmente assustador e perturbador saber que teremos de atravessá-

lo. — Era sem chances de eu entrar lá à noite. — Não há outro caminho ao redor do pântano?

Eu olhava para o pântano que beirava o Braço da Morte: — Pode haver algumas áreas secas que seriam estáveis o suficiente para nos apoiarmos.

Landon balançou a cabeça: — Não, não há nenhum outro caminho ao redor, a menos que você goste de nadar. Até, então, não sabemos que demônios espreitam nas águas. Já ouvi histórias de pessoas que só mergulharam seus dedos e morreram no dia seguinte de uma doença misteriosa. Não, eu não arriscaria. As águas são traiçoeiras.

— Tal absurdo deve ser apenas história para boi dormir — eu disse. — Mas acredito que há um pouco de verdade em qualquer conto, então, eu suspeito que seja sábio ficar longe da água.

Quando Landon sorriu, pequenas covinhas se formaram em suas bochechas.

— Beleza e inteligência. Uma combinação perigosa. Há alguma coisa que você não *possa* fazer? — Seus olhos brilharam de malícia.

— Não sei, para ser honesta.

Eu ri suavemente, chocada com o meu próprio ardor.

— Eu não descobri nada ainda.

Ele riu e depois me observou por um momento, me analisando lentamente com os olhos: — Você é uma mulher notável, Elena. Sem dúvida, com muitos mais *segredos*.

Fiquei boba por ele lembrar meu nome, mas foi a maneira como ele enfatizou a palavra *segredos* que me fez tremer por dentro.

Eu tentei me recompor:

— Então, todos vão acampar aqui esta noite, é?

Ele me olhou por mais um momento: — Na maior parte, sim.

Os acampamentos já montados estavam cercados de pequenas fogueiras, e a expressão de todos era um

pouco sombria. Ninguém estava sorrindo. Será que eles sentiam o mesmo mal que senti vindo do pântano?

— Então, de que parte de Ânglia você é? — perguntei, mas me arrependi assim que as palavras deixaram minha boca grande. A conversa estava se tornando pessoal demais.

Ele não respondeu imediatamente, e eu pensei que ele estava prestes a mentir, mas quando ele finalmente respondeu, não havia nenhuma mentira em seus olhos.

— Erast — disse ele finalmente. — Ao sul da Cidade das Almas. — Ele me olhou bruscamente e disse — Pelo seu sotaque, você é definitivamente de Ânglia.

E se eu tivesse que adivinhar, diria que vem do Fosso.

Ele me olhava com as sobrancelhas levantadas.

— Eu venho. — Não havia nenhum motivo para mentir, mas eu franzi as sobrancelhas em frustração.

— Uma mulher do Fosso disputando pelos sacerdotes — ele disse perceptivamente. — Estranho. Você não acha? Eu nunca acreditaria se não fosse por Torak aqui e o emblema do templo. Detesto perguntar, mas você é uma das concubinas?

— É lógico que não! — gritei eu, surpreendendo a nós dois. Ele pensava que eu era algum animal de estimação para depravações? Minha raiva aumentou, coincidindo com a minha voz.

Landon levantou as mãos em sinal de rendição, mas ele estava sorrindo: — Eu não quis ofender você. É só que... — ele fez uma pausa e seu sorriso desapareceu — É muito incomum a uma mulher do Fosso ter tal vivacidade de espírito. Você claramente *não* tem nenhuma ligação sexual com os sacerdotes, e mesmo assim está competindo *por* eles.

É claro que ele pensaria que eu estava em conluio com os sacerdotes. Eu estava viajando em um cavalo de batalha, usando as melhores selas e estampada com o emblema do templo. Me deu vontade de vomitar. Mas estava muito claro, pelo olhar expectante no rosto dele, que ele estava prevendo uma resposta.

Porque ele estava tão interessado em mim? O que havia nele? Tive a sensação de que ele iria continuar perguntando até que eu contasse.

Eu não podia dizer a ele que o sumo sacerdote havia me proibido de falar, e que estava sendo chantageada. Talvez fosse melhor evitá-lo afinal.

Finalmente eu respondi:

— Eu corro pelos sacerdotes, e isso é tudo.

Ele escondeu seu desapontamento com um sorriso casual.

— Claro, e peço desculpas por ser tão impertinente. Só estou muito intrigado com você.

Eu peguei os olhos dele olhando para meu peito. Então, era isso o que ele queria. Ele pensava que eu era

uma concubina. Surpreendentemente, eu não estava chateada. Eu estava bastante lisonjeada por alguém do status dele chegar a considerar alguém como eu, uma mulher magra do Fosso.

Eu me endireitei na sela. Vóltei minha atenção para Landon e me atrevi a olhar para ele, literalmente olhar todo ele. Ele era alto, um pouco mais alto do que o Jack Louco. Enquanto o Jack Louco era sombrio e misterioso, Landon era leve e desenvolto. Seu antebraço tinha três vezes o tamanho do meu, e eu podia ver que ele era bem musculoso sob sua túnica. Nobre ou não, ele deve ter precisado treinar muito para adquirir músculos assim. Parecia como se o nobre tivesse segredos também.

Landon passou a mão em Torak uma última vez e se afastou.

— Você é bem-vinda a se juntar a mim e a meus amigos no nosso acampamento. Nós já temos uma fogueira, além de um bom vinho doce da vinha da minha família.

Vinho, a bebida dos ricos, eu já havia tomado em algumas ocasiões, mas muito raramente. Eu preferia isso ao gosto amargo da cerveja, mas não podia pagar pela bebida. Nem ao menos um copo, quanto mais uma garrafa!

Eu não entendia por que ele estava sendo tão bom comigo. Eu era pobre. Ele era rico. Nós éramos de mundos completamente diferentes, e nós estávamos competindo um contra o outro em uma corrida...

— Estamos bem ali — ele acenou com a mão em direção à praia.

Eu acompanhei com o olhar o local para onde ele apontou. O grupo de Ânglia estava sentado diante de uma pequena fogueira, embora eu não tivesse certeza de que uma fogueira poderia aquecer o frio que eu sentia na espinha. Eu reconheci alguns rostos da Cidade das Almas no dia da corrida. Uma bela jovem com longos cabelos loiros me chamou a atenção, não por causa de suas feições delicadas, mas porque ela estava atirando punhais contra mim com aqueles gélidos olhos azuis.

Eu duvidava que até mesmo alguém do Fosso me convidasse a me juntar a seu acampamento tão abertamente. Landon era diferente dos outros. Era tão simples quanto o sorriso em seu rosto. Quando ele falava, seus olhos eram honestos, e eu não suspeitava de nenhuma mentira em tudo o que ele me dissera até agora. Havia uma qualidade e uma graça natural nele. Ele era um verdadeiro cavalheiro.

Eu vi que a jovem também sabia disso. Ela não o deixaria e definitivamente não estava pronta para compartilhar a atenção dele.

Eu sorri:

— É muita gentileza sua, mas acho que eu vou apenas ficar em minha própria companhia. Sou mais uma criatura solitária. Eu levo tempo para pensar.

— Ah-ha — ele disse. — Então, você é uma grande pensadora?

Eu pensei ter visto uma centelha no olhar dele. O sorriso dele aumentou: — Bem, se você mudar de ideia, saiba que é muito bem-vinda a se juntar a nós.

Ele foi embora, mas eu não fiquei olhando tempo suficiente para dar a conhecer os meus sentimentos.

Quando olhei para trás, em seu acampamento, lá estava ela. A loira estava olhando para mim com ódio. Mas assim que Landon se aproximou do acampamento, o rosto dela se iluminou, e ela parecia ainda mais bonita. Ela pegou no braço dele, puxou-o para perto e sussurrou em seu ouvido. Eles pareciam perfeitos juntos, uma dama com seu cavaleiro. Não pude deixar de sentir um pouco de ciúmes. Ela me olhou triunfante. Por um segundo, eu pensei que ela estava prestes a mostrar sua língua para mim.

Eu suspirei. Eu não tinha tempo para joguinhos. Eu estava cansada, e não tinha energia para correr atrás do amado de ninguém. Ela podia ter mais de vinte anos e ainda era realmente impressionante. Só sua postura já me dizia que ela vinha de uma família rica também. Ela era uma dama em roupas de equitação. Eu notei a espada amarrada na cintura dela. Eu a achava delicada demais para estar neste tipo de corrida, mas as aparências podem enganar.

Eu desmontei e me estiquei. Eu levei Torak na direção oposta dos anglianos na praia, passando pelos outros grupos a caminho. O Jack Louco levantou-se quando passei por ele, mas eu não o olhei. Eu não queria conversar no momento, especialmente com ele. Só de pensar nele, eu tremia de raiva.

A maioria dos outros cavalos estava amarrada nas árvores, em um belo trecho de grama, acima das dunas de areia. Um fluxo de água escorria entre os grandes pedregulhos do outro lado do campo, fornecendo aos cavalos a água fresca de que precisavam.

Eu me movi cuidadosamente entre os outros cavalos e levei Torak até uma árvore próxima à parte mais larga do pequeno riacho, na extremidade mais distante da clareira. Amarrei as rédeas com um nó frouxo em torno de um ramo grosso. Depois de tirar meu alforje e o saco de dormir, tirei as provisões de Torak para diminuir sua carga. Depois, sentei ao lado de um arbusto.

Eu não tinha energia para fazer uma fogueira, então, me sentei para comer um pão seco e um pedaço de queijo. O pão podia estar mais úmido, mas eu estava acostumada com isso. O queijo de cabra estava divino.

Os sacerdotes estariam comendo como reis, sem dúvida. Um pouco de vinho seria perfeito para acompanhar minha pequena ceia. Eu tomei um gole de água do meu cantil. A água acabou. Como eu não podia deixar o recipiente vazio, me levantei para enchê-lo com água limpa do pequeno riacho. Quando acabei, me sentei novamente. Eu era a mais distante do pântano; não o melhor local para reiniciar a corrida, estrategicamente falando, mas me dava uma boa visão de todo mundo.

Eram todos amigos. Eles passavam sua comida e bebida aos outros sem falar nada, como uma família. Mas estava claro que eram todos guerreiros também, até mesmo as mulheres, mesmo aquela loira delicada de Ânglia.

Eu os observava e fazia meus planos.

Os barulhentos girmanianos eram fisicamente maiores. Se alguém tentasse me atacar, era obviamente com eles que eu deveria tomar cuidado. Eles eram destemidos e faziam questão que os demais soubessem disso.

Os anglianos eram mais sutis. Eles riam, mas eram mais controlados que os girmanianos. Volta e meia, eu via um angliano espionando os outros grupos e retornando até Landon para discutirem o que quer que tenha sido descoberto.

Meu coração acelerava sempre que eu via Landon. Seus braços estavam cruzados sobre o peito, e ele estava olhando um pedaço de pergaminho que obviamente era um mapa. Todo mundo estava tentando descobrir uma maneira de atravessar o pântano.

Eu sentia a tensão no ar tanto quanto eu sentia a maldade que pairava na névoa. Ninguém parecia querer arriscar.

Não pude deixar de sorrir quando eu vi os fransianos. Parecia que eles também tinham trazido um vinho ou alguma bebida forte para sua jornada. Eles dançavam em volta de sua fogueira, entoando canções em fransiano, seus rostos estavam vermelhos por causa da bebida. Eles provavelmente não acordariam cedo amanhã.

Os romilianos estavam assando algum animal na fogueira. Mesmo de onde eu estava, minha boca se encheu de água com o cheiro divino de carne assada com especiarias. Eles faziam gestos com as mãos quando falavam e eram tão altos quanto o girmanianos. Eu sabia que eles deviam ser caçadores hábeis. As habilidades de caça dos romilianos lhes daria uma vantagem na corrida.

Os espanianos estavam inquietos. Eles passavam de um lado para o outro no pântano. Eles introduziam suas armas no pântano para testar a profundidade das águas, à procura de uma vantagem no início de amanhã.

Mas eu não sabia onde os purtulenses se encaixam. Eles eram o mais silencioso de todos os grupos e pareciam estar vigiando todos os outros, como eu.

Com eles, seria estratégia mais do que a força. Eu teria que tomar cuidado com os purtulenses. Havia algo inquietante no seu comportamento. Era quase como se eles estivessem planejando algo.

O Jack Louco e sua tripulação do Fosso provavelmente estariam dispostos a cometer assassinato para colocar suas mãos na pedra. Um belo prêmio não era algo do qual ele desistiria facilmente. Eu definitivamente teria que ter cuidado com todos do Fosso. Estava claro que eles me odiavam e não pensariam duas vezes antes de cortar minha cabeça.

O homem que eu havia visto antes, com o amuleto do templo no pescoço, estava fazendo uma impressão circular na areia, perto de seu acampamento. Seria para protegê-los das bruxas que ele havia insultado anteriormente ou de qualquer mal que se escondia nos pântanos. Eu até faria o mesmo se tivesse um pingente como o dele, tudo para repelir o mal que pairava no ar.

Quando o sol da tarde começou a se pôr, as vozes se elevaram e eu senti cheiro de cerveja. Eu ainda estava inquieta devido ao ódio que todos pareciam mostrar pelas bruxas. Eu tinha magia também. Isso fazia de mim uma bruxa? Ou algo completamente diferente?

O sumo sacerdote havia dito que eu era mais do que apenas uma bruxa. Então, o que era? Eu não era educada nas artes mágicas, e magia era um tabu. Eu nunca acreditara na magia até que a vi com meus próprios olhos. Eu vi a luz dourada que curou minha ferida fatal. Eu não sabia por que eu podia me curar e os outros não. Minha magia me assustara quando senti minha pele se curar. Mas eu não tinha mais medo. Fazia parte de quem eu era. E era a única coisa que eu poderia usar para minha vantagem nesta corrida. Enquanto eles tinham força em números, eu podia me curar de um ferimento fatal. Talvez minha magia pudesse fazer mais coisas, mas eu não sabia ainda.

Eu relaxei e deixei meus pensamentos vagarem sobre o resto da corrida. Eu me agachei contra os arbustos e notei que as sombras ao redor de mim pareciam mais longas do que o habitual.

Que estranho. Não é nem tarde da noite ainda.

O céu estava espesso, com nuvens cinzentas que cobriam o sol e transformavam o céu em noite prematuramente.

E, então, a escuridão caiu.



CAPÍTULO 17

TORAK RELICHOU ALTO, foi um grito estridente que me fez saltar de pé.

Ele estava tenso e com os músculos contraídos. O branco de seus olhos brilhava na semiescuridão. Ele empinou e relinchou ainda mais alto. Os outros cavalos se movimentavam nervosamente também, parecendo que estavam prestes a fugir.

Todos os cavalos pareciam estar olhando para os pântanos. Alguma coisa lá dentro estava atijando os animais. Eu tentei ver alguma coisa, mas só consegui ver pântano e sua vegetação doente. Então, senti o cheiro de ovos podres e terra úmida enchendo meu nariz até queimar. Fiz uma careta e procurei a fonte do cheiro nos pântanos. E, então, eu vi.

Uma onda gigante de névoa cinzenta rolava silenciosamente para as praias.

Movia-se mais rápido do que qualquer névoa normal; quando olhei para o topo das árvores perto de mim, vi que elas não estavam se movendo. Não havia vento.

O ar estava estranhamente parado.

Minha respiração acelerou. Eu vi a névoa cinzenta procurar a praia como se estivesse viva e tivesse mente própria. O cheiro de enxofre me sufocava.

Queimava os meus olhos. Tive que piscar para ver claramente. Algo estava errado.

Eu corri para pegar meus punhais.

— A neblina! — Eu rugi. — Há algo na neblina!

Muitos se viraram para mim, mas eles me ignoraram. Alguns deles apontavam para mim e riam. Eles deviam pensar que eu estava louca ou bêbada.

— Malditos idiotas — eu bravejei.

Corri alguns passos à frente e comecei a pular, balançando os braços como uma idiota.

— Ouçam, seus tolos!

Eu apontava para a névoa branca maligna e gritava tão alto quanto podia.

— A ameaça é real. A névoa está vindo. Há algo de sobrenatural no nevoeiro.

Vocês precisam sair daí!

Eles, então, se mexeram. Alguns pareciam assustados com o aproximar da névoa cinzenta, mas era tarde demais.

Eu observei, impotente, quando uma onda gigante de névoa silenciosamente veio da praia e engoliu os homens e mulheres desavisados que estavam mais próximos.

Gritos estridentes ecoaram de dentro da névoa misteriosa. E, então, eu ouvi o som de metal.

A névoa continuava chegando, espalhando-se das praias até onde os outros acampavam. Meu medo e pavor aumentaram. Eu não conseguia enxergar mais ao longe, nem mesmo com as fogueiras acesas. Tudo estava coberto por um manto de nevoeiro. Cornetas entoaram, e os gritos desesperados aumentaram.

E, então, eu ouvi um rosnado gutural diferente do de qualquer animal vivo que já tivesse ouvido antes. Era o som de pesadelos, o som de criaturas de outro mundo. E tudo isso vinha de dentro da neblina.

Em um ataque de pânico, os cavalos se soltaram de onde estavam presos. Vi Torak de relance galopando para longe da névoa. Dois cavalos de cor bronze e uma égua branca o seguiram. Segundos depois, o lugar onde eles estavam antes foi completamente submerso pela névoa.

Eu queria chamar meu amigo, Torak. Queria chamá-lo de volta, mas eu sabia que ele não viria. Os cavalos sentiram o mal antes de nós, seres humanos. Eles não eram estúpidos. Eles correram com velocidade selvagem; a névoa nunca os alcançaria.

— Adeus, meu amigo — eu sussurrei. Eu senti um pouco de conforto por ele estar seguro, mas eu sabia que precisaria de toda a minha coragem para enfrentar este novo mal.

Eu me virei para o nevoeiro. Brilhantes olhos vermelhos olhavam para mim com avidez de dentro da neblina. Eles estavam tão próximos que pareciam quase fazer contato. O ódio e a voracidade nos olhos eram inconfundíveis. Queria provar a *minha* carne. Mesmo que não tivéssemos entrado no pântano, ainda assim algo maligno nos atacou.

Não havia tempo para pensar. Eu me atirei para a frente balançando minhas lâminas. Mas, em um instante, os olhos haviam desaparecido, e eu estava sozinha novamente. Embora muitas vezes desejasse por solidão, desta vez não. Eu ansiava por ter alguém, qualquer um, ao meu lado. Como eu poderia lutar contra um inimigo que não podia ver?

— Jack? — Eu gritei e dei um passo cuidadoso para a frente.

— Jack! — Eu rugi tão alto quanto podia.

Ouvi e torci para que ele aparecesse diante de mim. Mas só havia o som do meu coração batendo. O ar estava em silêncio. A névoa havia silenciado todos os seres vivos. Eles ainda estariam vivos?

A névoa se movia como grandes nuvens de tempestade. Eu virei para trás, pensando em fugir como os cavalos. Mas quão longe eu iria antes que o nevoeiro me alcançasse? Eu nunca poderia vencê-lo. Eu teria que ficar e lutar contra qualquer monstro que emergisse do nevoeiro ou morrer tentando.

A névoa veio na minha direção. Ele girava como se tivesse mente própria, subindo e descendo, me cercando. Engasguei com um soluço quando o cheiro de enxofre queimou meu nariz. Eu lutava desesperadamente contra minha náusea e tentava manter a minha respiração fluindo. Mas a névoa queimava meus pulmões como a fumaça de um incêndio.

Eu puxei minha blusa para cima, cobrindo a boca e o nariz como uma máscara improvisada, para poder respirar. Eu mantive minha postura de combate, mas meus olhos ardiam tanto que eu não podia ver nada a um palmo de distância de mim.

Como eu lutaria se não podia enxergar? Era como se a névoa tivesse nos cegado de propósito, para nos tornar alvos fáceis de qualquer demônio escondido dentro dela. Eu quase podia sentir a criatura rindo de mim.

Eu estava presa em um inferno cinzento. Mesmo se eu pudesse correr agora, eu estaria fugindo às cegas. Eu estava apavorada demais para me mover, com medo demais do que estava no meio do nevoeiro. Eu mal podia me manter de pé.

— Olá! — Eu gritei. — Há alguém aqui? Olá — Mas não houve resposta.

Eu limpei minhas lágrimas com as costas da minha mão.

E, então, eu ouvi um grito de socorro. Era tão fraco no começo que eu pensei ter imaginado. Mas quando eu inclinei minha cabeça, ouvi novamente. Fraco, mas definitivamente era humano e feminino.

— Olá? — Eu gritei. — Onde você está? — Eu esperei um momento.

— Diga onde você está. Eu preciso ouvir sua voz para poder encontrar você.

Olá?

Será que eu conseguiria ao menos ajudá-la?

Tentei não pensar naqueles olhos vermelhos brilhantes ao me mover com cuidado para a frente. Eu tinha certeza de que a voz havia vindo de algum lugar à minha frente e um pouco à minha esquerda. Eu dei mais um passo adiante.

— Por favor, diga alguma coisa... qualquer coisa para que eu saiba onde você está.

Eu provavelmente estava caminhando para a morte. Todos os meus instintos gritavam para eu dar meia volta e correr, mas eu os ignorava. Talvez, ao menos, eu pudesse ajudar.

Bem quando eu estava prestes a desistir, um grito arrepiante encheu o ar. Eu fiquei completamente arrepiada.

Eu prendi minha respiração. O grito parecia com o de minha mãe, antes do irmão Edgar cortar sua cabeça. Era um grito que me perseguiria para sempre.

Eu andei às cegas em direção ao som. O fato de que eu podia ouvir os meus pés no chão me trazia algum conforto. Isso não foi um pesadelo. Aquilo realmente estava acontecendo.

Corri em direção à mulher, com os gritos de minha própria mãe ressoando nos meus ouvidos novamente. Lágrimas deslizavam pelo meu rosto livremente agora, e eu soluçava enquanto corria. Meu pé se prendeu em uma raiz e eu tropecei, mas rapidamente me estabilizei e me coloquei em movimento.

Mais um grito. Desta vez soou como se fosse à minha frente. Eu agarrei meus punhais e gritei: — Estou indo!

Imagens da minha mãe percorreram minha mente como um flash, me fazendo avançar.

— Fique onde está.

Algo prendeu meu pé, e eu fui arremessada para frente. Eu caí com força no chão. Eu havia caído com meus punhais apontando para cima, quase empalando a mim mesma. Minhas pernas estavam molhadas. Eu havia parado em uma poça.

Eu me coloquei de pé e engasguei.

Havia um corpo retorcido a meus pés. Eu estava coberta de um sangue que não era meu. O corpo estava tão mutilado e retorcido que no início eu não havia sequer reconhecido como humano. Não havia nenhum sinal de roupas. A pele havia sido cortada em tiras, e cada faixa havia sido descascada do corpo, como você descascaria uma maçã. Os músculos, a carne e as entranhas estavam espalhados em poças de sangue marrom. Os membros do corpo estavam espalhados ao redor, e os tendões ainda estavam presos nas articulações, como se tivessem sido arrancados do corpo. Sangue. Muito sangue. O rosto era uma mulher, mas estava tão desfigurado que parecia que algo com grandes dentes a havia mordido. Seus olhos eram dois buracos negros vazios.

Meu corpo convulsionou, e eu vomitei. O ácido estomacal queimava minha garganta. Eu chorei tanto que minha visão ficou embaçada pelas lágrimas.

Que tipo de monstro faria isso?

— Elena!

A voz do Jack Louco soou atrás de mim, e eu quase desmoronei de alívio.

— Jack! Estou aqui! Estou aqui!

Esqueci a mulher morta e corri para o local onde tinha ouvido a voz dele. Mas ele não estava lá.

Um par de brilhantes olhos vermelhos olhava para mim através da névoa. E

bem quando meu grito chegou à garganta, a criatura se atirou.



CAPÍTULO 18

A CRIATURA INVESTIU CONTRA MIM tão rápido que eu mal tive tempo para levantar os braços e bloquear o ataque. Mas, ainda assim, não foi rápido o suficiente.

Meu braço direito queimava de dor quando eu girei com meus punhais na frente do corpo para cortar a besta. Eu dei um pulo para trás, e a criatura soltou um grito que gelou até meus ossos.

Não via a hora de ver o quanto eu o havia ferido. Desviei e corri na direção oposta.

Ele me pegou pela borda do meu manto. Eu ouvi um rasgão e caí de cabeça no chão. A criatura rugiu e atirou-se contra mim outra vez. Vi um sangue negro escorrendo do ferimento em seu abdômen, mas eu não havia cortado fundo o suficiente.

Agora, nós dois estávamos feridos. Dei um salto para ficar de pé. Meu braço queimava onde três garras afiadas haviam cortado a manga da minha túnica.

Minha pele já estava inchando com a infecção e soltando um pus amarelo que, misturado com o meu sangue, cheirava a carne podre. A coisa tinha veneno em suas garras.

Minha respiração acelerou, e senti o calor de meus poderes de cura combatendo a infecção. Rezei ao criador para me curar rápido o suficiente para sobreviver ao próximo ataque deste monstro.

A névoa se dissipou, e a criatura hesitou por um momento, o que me deu tempo de examiná-la mais atentamente. Ela tinha quase dois metros, ficava de pé como um homem, mas era curvada. Tinha braços muito retorcidos, que quase raspavam no chão, e era coberta por uma pelagem cinza sobre seu corpo disforme. Seu crânio reluzente era só pele, exceto por esparsos tufo de pelos.

Seu corpo grosseiro trazia diversas cicatrizes, como se estas tivessem se rasgado várias vezes e nunca houvessem se curado. Seu rosto brutal possuía um nariz chato, uma grande mandíbula torcida e os olhos vermelhos que brilhavam com inteligência e voracidade. Não havia nada remotamente humano na criatura. Esta coisa estava morta e apodrecendo. Tiras de carne rosada pendiam em suas garras, e eu achei que estava prestes a vomitar de novo.

Eu estava com tanto pânico que não conseguia respirar. Eu mal podia me mexer.

Será que eu poderia matá-lo? As habilidades de combate que eu havia adquirido no Fosso não seriam suficientes para derrotar este pesadelo.

Onde estavam os outros? Os outros escaparam? Eu tinha certeza de Jack Louco havia me chamado de algum lugar nas proximidades.

O monstro e eu estávamos sozinhos na pequena clareira.

Um gorgolejar escapava da garganta da criatura. Em seguida, quatro tentáculos saíram de sua boca, vindos na minha direção.

Eu puxei meus punhais na tentativa de cortá-los, mas os tentáculos me agarraram e afundaram suas presas afiadas em meus braços e pernas. Eles se enrolaram em minha cintura e me levantaram no ar. Eu gritei quando o veneno das minúsculas presas entrou na minha corrente sanguínea, queimando como fogo líquido. Os tentáculos apertavam meu corpo e esmagavam os meus pulmões. Eu abri a boca para gritar, mas acabei vomitando devido ao cheiro de carne podre.

Eu podia sentir os tentáculos me sugando. Eu me sentia fraca e enjoada outra vez, e vi que a criatura estava bebendo meu sangue.

Eu fiquei horrorizada. Eu poderia curar cortes profundos, até mesmo alguns venenos, mas sabia que minha habilidade de cura não podia substituir baldes do meu sangue.

Eu ia morrer.

Minha cabeça tombou; a perda de sangue estava minando minha energia. Eu não podia ficar parada só

pensando.

Por milagre, meus punhais ainda estavam em minhas mãos. Ou o Criador havia decidido me ajudar, ou a coisa não havia se preocupado em me desarmar; isso não me importava. Eu agarrei as armas com toda a força que me restava e cortei os tentáculos. Eu ouvi um grito quando minhas lâminas rasgaram sua carne.

Ele revidou, e eu caí no chão com força. Uma onda de choque de dor subiu por meu braço esquerdo. Eu podia ver que meu braço estava torto e eu já não sentia minha mão.

Mas eu não tinha tempo de pensar nisso. Assim que caí no chão, levantei novamente. Eu podia ver um emaranhado de tentáculos cortados aos meus pés enquanto eu combatia a náusea que eu sentia.

A coisa veio até mim e me lançou com força no chão novamente. Mas eu podia sentir o veneno deixando meu corpo, e me sentia rejuvenescida.

Eu sabia que não podia correr o risco de deixar a criatura sugar mais do meu sangue. Isso acabaria comigo.

A besta atirou-se novamente, mas, desta vez, eu fui mais rápida.

Eu cravei meu punhal no estômago aberto da criatura e, ignorando os dentes afiados que cortavam minha mão, rasguei-a de cima a baixo. A criatura cambaleou e caiu no chão.

Eu dei uma cutucada com o pé, mas a criatura não se moveu mais. *Será que estava morta? Os mortos permaneciam mortos?* Eu me abaixei e puxei meu punhal.

Fiquei alguns minutos examinando o meu braço esquerdo. Eu nunca havia sofrido nenhuma fratura antes, então, eu não sabia o que esperar. Eu pressionei e apertei meu antebraço onde acreditava que a ruptura estivesse, mas não senti nada fora do comum. E enquanto ficava examinando o braço, sentia meu movimento retornar.

Meu braço ainda estava muito enrijecido. Eu teria que ter cuidado com ele até estar completamente curada.

Um grito angustiado ecoou através da névoa, seguida por uma série de uivos de gelar o sangue. O ar estava cheio do som de metal rasgando carnes e ossos.

Ouvi outro grito abafado e depois o som da carne rasgando. O que estava acontecendo?

Corri cegamente através da névoa impenetrável, seguindo os sons. Uma camada de película fina, úmida, revestia meu rosto e minhas roupas. Eu tropecei desajeitadamente sobre rochas e pulei sobre árvores caídas e pedras, me esforçando para ver através da névoa. Eu mal mantinha meu equilíbrio ao escorregar na grama e nas rochas cobertas de névoa.

Eu ia quebrar meu pescoço se continuasse assim. Diminuí o passo e parei para ouvir.

— Olá? Jack? — Eu chamei no nevoeiro. — Tem alguém aí? Estão me ouvindo?

Eu ouvi um barulho a pouca distância. Soava como passos.

Meu coração acelerou, mas esperei. *Seria outro truque da neblina?*

Eu sabia que, se o som dos passos estivesse vindo de uma pessoa, ela teria me respondido. Eu estava arrepiada. Eu podia ver uma coleção de olhos vermelhos ardentes me observando das profundezas da neblina. Apenas algumas árvores e arbustos ficaram entre nós.

Eu havia tido sorte com o primeiro monstro, mas não acreditava que ia ter sorte uma segunda vez.

Eu praguejei e preendi minha respiração, agachando em uma posição de combate.

— Criador, ajudai-me — eu suspirei.

Mesmo o mais hábil guerreiro não poderia lutar contra essas coisas. Elas eram abençoadas com força sobrenatural, e nós éramos meros mortais. Eu não poderia correr. Não podia me esconder. Eles estavam vindo. Eu engoli em seco e me preparei para o pior. O próximo ataque iria doer.

Mas, de repente, alguém puxou meu braço. O Jack Louco me olhava com os olhos arregalados: — Por aqui! Rápido! — Ele insistiu.

Eu suspirei de alívio enquanto corríamos. Como ele podia ver através da névoa, como ele sabia para onde ir, tudo isso era um mistério. Tudo o que eu podia fazer era tentar acompanhar seus passos de gigantes. Eu caí algumas vezes, mas seus braços fortes me levantaram. Ele me fazia ir mais rápido, embora minhas coxas queimassem a cada passo. Eu ouvia os grunhidos guturais das criaturas atrás de nós e corria ainda mais. Meus pulmões estavam secos, mas eu me esforçava para continuar.

Eu não podia acreditar na nossa sorte quando finalmente saímos da névoa e chegamos a uma clareira. O Jack Louco parou de correr e inclinou-se para recuperar o fôlego. Eu desembainhei minha lâmina em pânico e me volvei para enfrentar os monstros novamente. Mas havia apenas árvores e gramas na borda da clareira. A parede de névoa estava logo atrás de nós, e os monstros não vinham.

A névoa começou a se mover tão rapidamente como quando havia aparecido.

Eu podia ver claramente agora ela recuando para o pântano de onde tinha vindo.

Em menos de um minuto, a névoa havia desaparecido completamente.

Eu fiz uma contagem rápida. Mais da metade dos grupos estava faltando.

Muitos daqueles que sobreviveram estavam feridos, uns em estado um pouco mais sério que os outros. Um homem, um fransiano, havia perdido um braço. Eles conseguiram parar o sangramento, mas suspeitei de que ele não continuaria mais na corrida.

Mas olhei para o chão das praias e dos pequenos prados, não havia corpos.

Era como se as criaturas os tivessem levado sem deixar nenhum rastro de sangue para trás. Eles estavam perdidos.

E isso me gelava até o osso.



CAPÍTULO 19

NINGUÉM DORMIU DEPOIS DISSO.

Os que restaram de nós decidiram por unanimidade que seria mais seguro passar o resto da noite longe das dunas de areia. Nos mudamos para um prado grande que não ficava assim tão perto do pântano.

O clima no acampamento havia mudado drasticamente. As perdas haviam sido grandes, e eu suspeitava de que muitos dos mortos eram irmãos e irmãs dos sobreviventes, familiares, em vez de apenas amigos e aliados. Eu vi como eles choraram pela perda de seus entes queridos.

A perda dos cavalos abateu a todos também. Nós teríamos que fazer o resto da viagem a pé. Embora eu não estivesse acostumada a montar, senti a perda dos cavalos também. Eu havia perdido Torak. O grande cavalo de batalha me dava uma sensação de proteção. Eu me sentia nua e vulnerável agora.

Eu tinha de agradecer ao Jack Louco por me salvar. Se não fosse por ele, eu provavelmente teria morrido ou seria arrastada para um destino desconhecido na neblina. Eu sabia que ele estava tentando compensar sua traição. Eu podia ver a culpa claramente no rosto dele agora. E ele devia se sentir culpado por me enviar nesta jornada infernal. Eu não queria dever favores a ninguém, mas ele me salvou, e eu estava grata por isso. Eu sabia que ele realmente se arrependera.

Eu não desejaria nossa experiência na névoa a ninguém - exceto talvez aos sacerdotes.

Fiquei feliz ao saber que Landon estava entre os sobreviventes. Eu não tinha certeza do que iria dizer quando falasse com ele, mas eu sentia a necessidade de contar que Torak estaria seguro.

Eu o encontrei em um vale da floresta quando o sol começou a sair. Os grupos ainda não haviam partido e a maioria deles estava com Landon. Eu não sabia o porquê.

Eles estavam juntos na luz do sol da manhã, em cima de uma moita que se destacava sob uma clareira de pinheiros. Parece que a loira bonita havia sobrevivido, e ela me olhou com cautela quando me aproximei. Mas eu ignorei e mantive meu foco em Landon.

Ele estava com as mãos entrelaçadas. Sua expressão era cruel, e parecia que ele estava orando. Uma mulher com longos cabelos negros se ajoelhou ao lado nas pedras. Eu podia ver que seus ombros tremiam.

Todos estavam em silêncio, e todos ficaram olhando para frente, uma pequena clareira que estava forrada com pedras. Cada uma das pedras estava marcada com um nome.

— O que é isso? — eu murmurei.

Landon se virou, com um olhar de surpresa: — Um tipo de cemitério — ele respondeu solenemente. Ele olhou para mim com tristeza. — Não temos nenhum corpo para enterrar, então isso é puramente simbólico. Mas precisamos de algo para nos lembrarmos deles. Nunca devemos esquecer o que aconteceu aqui.

O pequeno vale era um lugar bonito para um cemitério. Depois de ontem, era exatamente o que precisava ser.

A loira continuava me encarando, e fiquei feliz que o olhar não podia matar.

— Eu vim aqui para dizer que Torak está bem — eu disse. — Ele e os outros cavalos fugiram antes que a névoa os alcançasse. Pensei que ele talvez quisesse saber disso, já que o animal havia sido dele.

O rosto de Landon se iluminou: — Obrigado. Estou feliz em ouvir isso.

Ele apertou a mão no meu braço suavemente, e meu rosto ficou quente.

— E estou feliz em ver que está bem e ainda na corrida.

Eu não sabia o que dizer. Eu estava muito consciente de que estávamos tendo uma conversa em três vias. Eu sorri e acenei com a cabeça.

A mão dele mantinha-se no meu braço.

A loira tombou a cabeça e se voltou para mim: — Você não deveria estar com os outros da sua espécie, *camponesa*?

Meu rosto queimou, mas eu mantive minha expressão nula. Depois da noite que passamos juntos, não podia acreditar que ela ainda iria se comportar com este tipo de esnobismo. Era um golpe baixo, mesmo para uma mulher nobre.

Significava que ela sentia que eu era uma ameaça, uma ameaça real. Estava claro para mim que ela queria briga. Também estava claro para mim que ela queria que Landon visse que eu realmente era uma camponesa.

Eu acalmei minha respiração. Uma discussão era a última coisa de que eu precisava ou que queria.

— Thea — rosnou Landon. Ele soltou meu braço. — Não há nenhuma necessidade de ser rude. Somos todos iguais nesta corrida.

— Ela nunca será *nossa* igual — Thea reclamou.

Ela sorriu e ergueu a cabeça, mostrando que ela media muito mais centímetros que eu.

— Ela parece e cheira como a camponesa que ela é. Ela é a vadia de um sacerdote. Qualquer um pode ver isso.

Seu olhar gelado se encontrou com o meu, e ela riu: — Você deve ter aprovado uma legião inteira de sacerdotes para ter permissão para participar desta corrida!

— Basta, Thea.

O sorriso vencedor de Thea desapareceu, e ela retornou para as sombras.

Mas Landon perseverou:

— Desculpe-se com Elena.

Ela franziu as sobrancelhas: — Não farei tal coisa!

Ela cruzou os braços desafiadoramente.

Landon soltou um suspiro envergonhado: — Peço desculpas pelo comportamento da minha amiga. Não há desculpa para a grosseria. Tenho certeza de que ela não quis ofender.

Eu cerrei os dentes:

— Sim, tenho certeza disso.

Virei em direção à mulher carrancuda: — Mas só para constar, minha *senhora*, eu prefiro ser uma camponesa e vadia de um sacerdote do que me socializar com os seus.

Eu fiz uma reverência exagerada e parti.

— Elena, espere!

Mas eu já caminhava para o lugar onde havia deixado meu alforje. Se Landon convivia com gente como ela, eu não queria estar perto dele também. Mais importante, não queria dar-lhe a satisfação de ver que suas palavras realmente doeram. Eu era uma camponesa. Embora eu tivesse nascido sem nada e provavelmente fosse morrer sem nada, eu tinha uma cabeça sobre meus ombros e mais que um sussurro de magia em mim.

Peguei minhas coisas e saí estudando meu mapa.

Eu me dirigi ao Braço da Morte. Já havia uma fila de pessoas esperando na fronteira, mas ninguém havia tido coragem de começar a cruzá-lo. Parecia que todos estavam esperando o primeiro tolo se aventurar nos pântanos fedorentos.

Bem, deixe-me ser a primeira tola.

Eu inspirei fundo e dei um passo adiante. O chão era macio e fedorento, e eu tinha que puxar minhas botas que afundavam na lama cinza-esverdeada a cada passo. Mas depois de começar, foi surpreendentemente fácil manter um ritmo constante.

Não precisei me virar para ver que os outros seguiam em fila atrás de mim. Eu os ouvia praguejar e afundar na lama.

Viajamos pelo Braço da Morte nos seis dias seguintes. As noites tornaram-se mais frias e os dias mais curtos. Mas nada nos atacou. Não houve monstros no meio da noite ou durante o dia. Na verdade, aquilo

se tornou repetitivo e muito chato depois de um tempo. De vez em quando, eu conversava com Jack Louco e seus amigos do Fosso, Leo e Will. Eles eram os únicos que gostavam de falar comigo. Mas, na maior parte do tempo, eu guardava as coisas para mim mesma e mantinha meus sentidos aguçados.

A chuva gelada nos perseguiu durante três dias. A cada rajada do vento gélido e cortante, eu me perguntava quando minha pele iria descascar do meu rosto.

Estava um ambiente frio e miserável; eu sentia falta do calor do meu pequeno casebre. Eu sentia falta de Rose. Mais uma vez eu me perguntei o que estava fazendo ali, e muitas vezes eu pensava em voltar atrás. Eu tentava me convencer de que o sumo sacerdote nunca machucaria Rose ou meus amigos no Fosso, que talvez ele estivesse blefando. Mas eu sabia que estava sendo tola.

Eu continuei em frente, com todos os outros, mas o peso da responsabilidade que sentia por todos em casa estava me cansando.

Eu estava ensopada, e meus dedos molhados estavam congelados. Minhas botas estavam molhadas. Tudo o que eu tinha estava molhado. Eu não podia vestir minhas roupas de reserva, porque elas também estavam encharcadas. A cada noite, eu me encolhia em qualquer ponto seco e ficava esfregando as mãos e os pés para ver se voltava a sentir meus dedos.

Nunca imaginei que encontraria um lugar pior para dormir do que meu esconderijo em casa, mas esta chuva fria e gelada era muito pior.

Nós estávamos chegando mais perto de Goth, e comecei a ponderar seriamente qual seria meu plano de ação depois que chegássemos lá. Havia muito poucos de nós agora e nós estávamos todos molhados, mas eu não iria subestimar a capacidade de ganância deles. Eles eram guerreiros e, se fossem parecidos com Landon, considerariam a pedra muito importante. Eles fariam qualquer coisa para pôr as mãos nela.

Eu sabia que, eventualmente, haveria uma grande batalha entre todos nós, e que o vencedor sairia com a pedra. Batalhas não eram o meu forte. Eu não era tão forte quanto os girmanianos, ou mesmo tão inteligente ou rápida como os espanianos. Minha melhor aposta seria roubar a pedra. Gostaria de ficar na tocaia, me esconder nas sombras e esperar. Quando surgisse a minha oportunidade, eu furtivamente a tomaria de quem a tivesse. Ninguém me veria.

Era um plano horrível. Mas era o único que consegui inventar.

Naquela noite, eu estava olhando para um céu sem estrelas. Tentei não pensar em Thea, mas as ofensas dela nunca me deixavam. Eu sempre desejara ser algo mais do que apenas uma camponesa do Fosso. Eu sempre quis fazer algo por mim, ter minha própria propriedade e fazer a minha própria vida. Suas palavras ressoavam e doíam. Eu não sabia se doía mais porque Landon estava presente ou simplesmente porque meu orgulho havia sido ferido também. Eu queria que Landon me achasse mais do que apenas uma camponesa. Eu poderia ser muito mais se me dessem oportunidade.

E quando finalmente o sono chegou, foi um sono de amarga decepção.



CAPÍTULO 20

NÓS CHEGAMOS A GOTH no oitavo dia da corrida. Eu nem tinha certeza se chamaria isso de corrida. Ninguém estava correndo para a linha de chegada ou rumo à pedra. Bem, ainda não. Eu tinha certeza de que as coisas começariam a mudar quando chegássemos mais perto de Hollowmere. E embora tivesse pensado em manter segredo sobre a localização da pedra, eu havia ouvido Hollowmere ser mencionado em mais de uma ocasião, primeiro pelos espanianos e depois pelos fransianos. O paradeiro da pedra não era agora um grande segredo. Todos sabiam.

Eu meio que esperava que as nuvens desaparecessem à medida que deixássemos o Braço da Morte para trás, mas eu estava enganada.

Uma escuridão perpétua pairava sobre o Reino de Goth como uma sombra escura. Embora o território fosse cinzento e sem luz, as árvores eram tão altas que eu tinha que me inclinar para trás só para ver o topo de algumas delas. Eu não sabia que as árvores podiam ser tão altas. Era como se elas estivessem tentando alcançar Deus. Além das florestas e dos espaços de deserto, havia algumas áreas de esparsos arbustos secos com espinhos negros. Goth era um reino montanhoso de areia cinza, pedra, arbustos espinhosos e gigantescas árvores assustadoras.

Não podia ser mais hostil.

A chuva havia parado, e achei isso reconfortante.

Estávamos todos muito cansados e muito molhados para começar a longa viagem ao norte em Hollowmere. Eu encontrei um lugar confortável ao lado de uma daquelas árvores colossais e desfiz minha bagagem. Eu fui abençoada e encontrei lenha seca e algum musgo que tirei das rochas. Eu consegui uma fogueira dentro de um minuto.

Eu quase soluçava de alívio com o calor da minha pequena fogueira alcançando meu rosto. Ouvi o estalar de fogueiras nas proximidades e vi que muitos dos outros grupos estavam assentados alegremente para se aquecer em suas fogueiras também. Eu fiz um varal e coloquei minhas roupas de reserva sobre a fogueira, para se secarem. Sem sol, levaria um tempo, mas aquilo era melhor do que a chuva. E eu ainda não podia me desfazer do frio que eu sentia por dentro. Eu percebi que era coisa desse lugar. Sua frieza colava em meus ossos.

Um grito distante cortou o ar da noite silenciosa. Era um chamado que reconheci como pertencendo a uma ave de rapina. Eu achei estranho que alguma dessas aves se encontrasse aqui em Goth. Eu não via sinais de comida, como esquilos ou ratos do campo. Por falar nisso, eu mesma não tinha visto um pássaro há dias.

Eu estava meio adormecida quando Landon veio até mim, carregando um frasco de prata. Seus cabelos dourados balançavam e sua capa vermelha ondulava enquanto ele andava. Sua camisa branca mostrava o peito largo e musculoso. Com suas botas altas de couro, ele parecia da realeza e era muito bonito.

Eu levantei e descansei minhas costas contra o tronco da árvore. Ele viu minhas roupas de baixo penduradas nos galhos tortos sobre minha fogueira e sorriu. Embora estivesse um pouco embaraçada, mantive meu olhar tão estável quanto possível. Fiquei agradecida por minha vermelhidão ser mascarada pela escuridão da noite.

Ele sentou-se ao meu lado e acrescentou mais alguns galhos nas brasas vermelhas da minha pequena fogueira. Ficamos lá, olhando a fogueira, sem nos falarmos por um tempo. Meu coração batia tão forte que eu tinha certeza de que ele poderia ouvi-lo.

Finalmente, ele entregou-me o frasco: — Vinho da minha família. Eu estava guardando o último para uma ocasião especial.

Eu peguei o frasco, hesitante: — E achou que essa era tal ocasião especial.

O fogo dançado aos nossos olhos: — Bem, nós ainda estamos vivos, não estamos? E talvez ainda levemos mais alguns dias até chegarmos a Hollowmere. Eu diria que isso pede uma celebração.

Ele inclinou sua cabeça: — Experimente. Acho que você vai gostar.

Eu estava tentada a perguntar onde estava Thea, mas depois mudei de ideia.

— Por que está aqui, Landon? Esta é uma competição. Devíamos estar nos matando, não dividindo uma bebida.

Ele encolheu os ombros:

— Eu não sei realmente.

Olhei para o frasco.

— É porque você não acha que eu posso ganhar, não é? Eu não sou uma ameaça para você, então, por que não brindar ao meu fracasso? Estou aqui para ganhar também, sabe.

— Eu nunca disse que não — disse ele, balançando a cabeça. — Eu só queria vir aqui e conversar.

Os olhos dele se encontraram com os meus, e eu senti minha pulsação aumentar novamente.

— Se você quer que eu vá embora, é só dizer que eu vou.

Eu não gostava da ideia de ele não me achar boa o suficiente para ser uma ameaça real. Mas também não queria que ele partisse.

— Está bem — dei de ombros.

Eu bebi o vinho, e minha garganta queimou um pouco com o líquido que escorria.

— Eu nunca provei nada assim antes — eu disse devolvendo o frasco. — É

melhor do que qualquer coisa que já tomei.

Ele sorriu orgulhosamente pelo elogio e tomou outro gole. Eu sabia que os vinhos de má qualidade, que eu havia provado no passado, tinham gosto de álcool. Este não. Já podia sentir os efeitos da bebida em mim, no entanto, e seu calor se espalhou por meu corpo. O vinho me relaxou, comecei a me sentir um pouco tonta. Eu comecei a sorrir e peguei o sorriso cúmplice de Landon quando ele me devolveu o frasco. Eu o peguei com prazer e bebi um pouco mais.

— Se, por acaso, *você* pegar a pedra — eu disse devolvendo o frasco — Você sabe o que *você* vai fazer com ela? Quer dizer, *você* já é rico. Você tem seu próprio vinho e tudo. Por que alguém como *você* quereria mais? Não acha que tem o suficiente?

Seu sorriso desvaneceu-se um pouco, e eu sabia que havia ido longe demais.

Isto era muito pessoal.

— Me desculpe — eu disse. — Não é da minha conta.

Mas fiquei surpresa quando ele respondeu.

— Não se trata das riquezas para mim. E sim, eu tenho o suficiente, mais do que suficiente. Mas é mais do que riqueza.

Ele abriu a boca como se fosse acrescentar algo mais, mas depois fechou, como se pensasse melhor e decidisse não revelar demais.

Havia algo mais do que ele estava dizendo. Eu podia dizer que, qualquer que fosse o segredo dele, isso era um peso para ele, assim como o meu. Era a família dele? Eles o haviam pressionado a recuperar a pedra como relíquia de família?

Enquanto pensava sobre o segredo dele, eu olhava para seus lábios, incapaz de desviar o olhar. O vinho estava me deixando ousada. Eu tinha que ter cuidado.

Mas Landon me pegou olhando seus lábios novamente, e seus olhos brilharam.

Eu sorri para ele. Eu não acredito que fiz isso.

Quando dei por mim, ele me puxou para seu colo. Ele inclinou-se e beijou-me levemente. Seus lábios macios pressionavam com ternura os meus, lentamente no início, mas depois com mais força. E quando sua língua entrou na minha boca, dei um pequeno gemido. O gosto do vinho ainda estava acentuado e eu perdi todo o senso de decoro. Minha cabeça girou um pouco, mas eu não queria parar. Não queria que ele parasse. A língua dele estava inquieta contra a minha, e ele me deu beijos longos e profundos.

Ele se afastou e deslizou as mãos pelo meu corpo e embalava meu rosto com as mãos.

— Você é linda — ele sussurrou e me beijou de novo.

Ele afastou os lábios e começou a beijar meu pescoço. Cada beijo era um choque de desejo pulsando em minhas veias. Eu o puxei mais para perto e passei meus braços ao redor de seus ombros largos. A intensidade aumentou. Ele rosnou de expectativa, e eu tremi de desejo. Eu me admirei da necessidade que tinha dele.

— Elena — suspirou ele ao beijar meu pescoço. A língua dele estava num ponto delicado, e uma de suas mãos escorregou sob minha túnica e começou a explorar a pele macia dos meus seios.

Eu o puxei de volta para beijá-lo e escorreguei meus dedos pelos cabelos macios de seu peito. Então, levei minhas mãos às suas costas. Na noite fria, seu corpo quente era inebriante. Eu não havia percebido o quanto eu sentia falta dos fortes braços de um homem e do peso esmagador de um corpo sobre o meu. Eu precisava sentir seu toque e me luxuriar em suas mãos quentes que continuavam a explorar meu corpo.

De repente, Landon pegou minhas mãos e me afastou.

— O que foi?

Seu rosto estava sério. Ele olhou por trás do meu ombro.

Eu me virei, ainda em seu colo.

O Jack Louco estava em pé atrás de mim. Ele trazia um copo pequeno e um prato com queijos e carnes sortidos. Mas ele não estava olhando para mim; estava encarando Landon e o frasco vazio no chão ao nosso lado.

— Pensei que você iria embebedá-la e tirar vantagem dela — ele rosnou, com os punhos cerrados. — Não tem suas próprias mulheres para isso também? Ou você acha que possui nossas mulheres também, sua *alteza*?

Demorou alguns segundos para eu me recompor e registrar o que estava acontecendo.

Eu dei uma risadinha. Claramente, ele havia perdido a cabeça.

— Vá embora, *Jack* — eu reclamei. Tentar me concentrar em Jack estava se provando uma tarefa difícil. Eu ri novamente.

— Que tipo de homem você é? — atirou Jack Louco.

Landon ficou quieto por um tempo. Eu tentei focar em seu rosto bonito, mas havia uma névoa nebulosa. O desejo sumiu de seus olhos, e ele parecia sério. Ele me agarrou, me levantou e gentilmente me colocou no saco cama.

— Desculpe-me, Elena. Mas seu amigo está certo. Isso foi um erro. Me desculpe.

Ele se levantou, e os dois homens trocaram um olhar silencioso. E, então, ele foi embora.

Meu rosto queimava ao vê-lo partir, e eu tentei controlar minha raiva e vergonha por ter sido incomodada.

Eu olhei furiosamente para Jack Louco.

— Qual é seu problema? Não me deixa em paz? Por que tem que estragar tudo? Você já arruinou a minha vida. Por quê? Por que faz isto?

Ele olhou para mim, e eu não entendia o olhar nos olhos dele. Ele balançou a cabeça.

— Que *você* está fazendo, Elena?

Eu me encolhi diante da culpa na sua voz.

— O que *eu* estou fazendo? — retruquei, zangada com o seu tom acusador. — Não é da sua conta! Quem diabos você acha que é? Meu pai? Cuide da sua própria vida. O que eu faço com a minha vida não é problema seu.

O Jack Louco balançou a cabeça, parecendo atordoado: — Você está bêbada.

Ele disse acusadoramente, com sua expressão dura: — Você não sabe o que está fazendo.

— Eu não estou bêbada. — Mas eu sabia que estava. — Por que não dá o fora da minha vida?

Ele pareceu surpreso com meu tom, mas neste momento eu não me importava com o que ele pensava de mim.

Ele coçou a nuca:

— Você não entende...

— Eu entendo — resmunguei, o sangue estava quente no meu rosto, e eu podia sentir minhas orelhas queimando. — Eu entendo que você está fazendo isso de propósito! — Eu gritei. — Como se, de alguma forma doentia, você estivesse gostando de arruinar minha vida.

Eu senti toda minha amargura pela cumplicidade dele com os sacerdotes. Sua traição me fez abandonar Rose e arruinar minha vida.

— Isso não é verdade — disse ele. Eu podia ver que seu rosto estava sombrio.

— Eu nunca ia querer isso.

— Mesmo? Bem, quase me enganou.

Eu olhei para ele com frustração: — E, então? Por que está aqui? O que você quer?

Seus olhos recaíram sobre o prato em suas mãos.

— Eu vim ver se estava fome — ele disse, com a voz suave.

— Bem, eu não estava. — Eu aproximei meus joelhos e descansei minha cabeça em meus braços, lutando contra as lágrimas de raiva que eu sabia que viriam.

— Sim, eu vejo isso agora. — Ele suspirou alto. Ele ficou parado, como se quisesse dizer algo, mas não pudesse.

Minhas sobrancelhas franziram: — Não entendo. Simplesmente não entendo.

O Jack Louco balançou a cabeça: — Não, não mesmo.

Ele se afastou, e eu me senti ainda pior que antes.

Eu não conseguia pensar direito.

O que ele queria dizer com isso? O que eu não entendia? Por que ele parecia um cãozinho perdido?

Eu coloquei uma mão no chão para me equilibrar. Resolvendo deixar a conversa no passado, deitei de novo no meu saco cama e estendi os braços para não vomitar.

Gostaria de saber por que Landon me deixou tão rápido, e por que ele parecia envergonhado. Eu me lembrei do comando na voz do Jack Louco quando ele falou com o nobre. O que o Jack Louco dissera que havia afetado Landon tanto a ponto de se desculpar e sair?

Se o Jack Louco não aparecesse naquela hora, eu sabia que teria dormido com Landon. Eu não havia perdido todo o juízo, embora pudesse culpar o vinho de Landon pelo meu comportamento, não me importava se ele tivesse planejado me seduzir.

Eu fechei meus olhos e pensei na sensação que eu senti nos braços de Landon.

Eu ansiava por isso há tanto tempo. Por um breve momento, nos braços de Landon, me senti segura.



CAPÍTULO 21

NÃO HAVIA UM MÚSCULO QUE NÃO ESTIVESSE DOLORIDO quando acordei na manhã seguinte, mas eu me sentia pior ainda pelo que quase havia acontecido entre mim e Landon na noite anterior. Eu não fazia o tipo de ir para a cama com um estranho só porque eu estava desejando alguma intimidade com alguém. Eu sabia que nunca deixaria chegar tão longe quanto foi se não fosse pelo maldito vinho e a gentileza presunçosa dele.

Eu levantei e arrumei minhas coisas para partir. De acordo com meu mapa, Hollowmere distava dois dias de viagem a pé. Quanto mais cedo eu chegasse lá, mais cedo a corrida terminaria, e mais cedo a minha vida poderia voltar ao normal. Isto é, se eu trouxesse a pedra de volta. Embora sentisse meu estômago revirado e parecesse que eu havia sido atropelada por um vagão galopante, eu podia sentir o conforto e o calor do meu poder de cura me percorrer. Ele estava se tornando familiar agora, e eu podia sentir meus

músculos perdendo a tensão.

Infelizmente, ele não parecia curar ressacas.

Aquele vinho havia sido traiçoeiro. Seu sabor doce disfarçava sua força. Eu havia ficado bêbada com apenas alguns goles. Bem, eu havia tomado mais do que alguns goles. Na verdade, não me lembrava de quanto vinho tinha bebido.

Só de pensar nas mãos de Landon em mim, corei de vergonha. Eu não me achava capaz de encará-lo esta manhã.

Talvez o que estivesse feito estava feito. Eu não podia voltar atrás e apagar as coisas. Só tinha que aceitar o que havia acontecido. Quando eu o encontrei, ele estava perdido na conversa com sua equipe, e nem sequer olhou na minha direção.

Minha cara queimou de vergonha de novo.

Não podia deixar o que aconteceu entre nós me dissuadir do meu objetivo.

Supere isso, Elena.

Aquilo havia acontecido, e eu tinha que aceitar minhas próprias ações. Eu precisava pôr as mãos na pedra, que era a única coisa que me importava.

Com a bagagem nos ombros, parti em direção ao norte. Eu estava atrás apenas de alguns espanianos e romilianos.

O humor dos grupos havia mudado. Todo mundo se movia com mais rapidez e mais energia agora, e eu sabia que ia piorar. A proximidade do prêmio pesava fortemente sobre todos. Eu tinha que cuidar de mim.

Guardei meus pensamentos para mim enquanto vagava pelo chão duro do deserto. O ar estava quente e viciado. O terreno cinzento sem fim parecia espalhar sua melancolia em mim também. Eu caminhava em silêncio.

Eu estava profundamente concentrada em meus pensamentos quando me surpreendi com o Jack Louco caminhando ao meu lado. Ele forçou um sorriso.

— Como se sente?

— Como se estivesse prestes a tossir meu fígado, e como se tivesse sido atingida por um objeto pontiagudo. Fora isso, me sinto ótima.

Ele riu e me entregou um cantil: — Tome, beba isso. É caldo de carne. Vai ajudar a acalmar seu estômago.

A última coisa que eu queria fazer era beber, mas fiz o que ele disse e engoli.

Eu levantei minhas sobrancelhas.

— Isso é bom. Surpreendentemente bom. — Eu lhe devolvi o cantil. — É de algum guisado que você fez?

— É — respondeu ele orgulhosamente. — Eu gosto de cozinhar. Isso me relaxa.

Eu levantei uma sobrancelha. Nunca pensei que ele seria do tipo que cozinha.

Fiquei ainda mais surpresa com o quanto me sentia relaxada com ele, mesmo que ele tivesse me visto escandalosamente enrolada com outro na noite anterior. Seu comportamento me consolava de alguma forma. Eu não entendia isso.

Caminhamos lado a lado em um silêncio constrangedor por um tempo, até que ele perguntou abertamente: — Então, o que está acontecendo entre você e a sua alteza?

Quase tropecei.

— Nada. Não é da sua conta — acrescentei prontamente. — E você deu para colocar apelidos agora? Não pode usar o usual... não sei... *bastardo... filho da mãe...* ou algo desse tipo?

O Jack Louco deu de ombros: — Porque ele não é um bastardo. Landon Battenberg é o príncipe real da Ânglia. Bem, pelo menos ele seria se a monarquia ainda existisse.

Eu quase cuspi o caldo. Eu sabia que havia ouvido o nome Battenberg antes.

Claro, eu havia lido em um dos livros de história da Rose. Os Battenbergs eram uma linhagem de reis de Ânglia. Eles dominaram por gerações, muito tempo antes de os sacerdotes estabelecerem o seu império.

Eu quase dormi com a realeza, e eu não sabia ao certo como me sentir. *Bem?*

Mal? Muito bem? E quais eram os motivos do Príncipe? *Eu seria um prêmio?*

Uma ferramenta? Um pouco de emoção para distraí-lo?

O Jack Louco franziu a testa: — Eu pensei que você sabia.

— Bem, obviamente não — exclamei. Meus joelhos estavam cambaleando.

Ele havia me tratado com bondade verdadeira desde o início dessa jornada.

Realeza ou não, ele era o único que havia se dado ao trabalho de vir em meu auxílio. Talvez ele apenas fosse solitário. Talvez tudo o que ele quisesse era uma companhia, assim como eu.

Eu observei a longa fileira de cabeças e facilmente encontrei seu cabelo loiro escuro despenteado e seus ombros largos. Havia algo de nobre no modo como ele andava e como os outros sempre seguiam sua liderança. Eu sabia que ele era nobre, mas eu nunca teria imaginado que ele era um príncipe.

— Bem, não é como se ele estivesse exibindo sua posição por aí. — Eu havia notado, no entanto, que a maioria dos ricos e nobres de Ânglia se dirigia a ele por seu título.

Eu pensei no olhar assassino de Thea e do seu uso da palavra camponesa. Isso tudo fazia sentido. Ela não

queria macular seu amado príncipe. E eu não podia culpá-la.

— Eu pensei que os sacerdotes haviam retirado todos os seus títulos e suas terras — eu disse depois de um momento, meu coração ainda batendo em meus ouvidos.

O Jack Louco me olhou com os olhos cerrados por um momento.

— Eles fizeram isso. Oficialmente, os sacerdotes tiraram o poder da nobreza, suas coroas e seus castelos. Eles não têm mais qualquer autoridade real. Mas se você viajar para outras partes de Ânglia, especialmente ao Sul, você vai perceber que a maioria das pessoas ainda fala da monarquia como se ela ainda existisse.

Eles ainda acreditam na monarquia.

— Sério? — Não me surpreendi. — Os anglianos tiveram a sorte de manter o seu modo de vida após a rebelião. Eles ainda viviam da mesma maneira, com todo o seu ouro e seus casarões. Nada realmente mudara para eles. Eles não foram forçados a apodrecer no Fosso como nós.

— Não, não foram, isso é verdade — ele respondeu. — Aqueles que tinham ouro usaram para sua vantagem quando os sacerdotes gananciosos vieram fazer a coleta. Os reinos ricos assinaram um tratado com os sacerdotes e pagaram para manter suas terras e o modo de vida.

— Parece muito hipocrisia para mim.

Imaginei Landon e Thea rindo e bebendo seu vinho fino em cálices de ouro, admirando suas vinhas e seu castelo de cristal.

— Não exatamente — ele balançou a cabeça. — Eu diria que é mais para ganhar tempo. Você se surpreenderia em saber que a maioria das famílias nobres quer a monarquia *de volta* ao poder?

Eu parei de andar e me virei para ele.

— Me surpreenderia, sim. Mas... onde está conseguindo essas informações?

Quer dizer, desde quando se tornou um especialista na realeza?

Eu estava cega durante todos estes anos para não ter notado? Havia estado preocupada demais com minha própria agenda para não ver isso chegando? Seria mesmo verdade?

Um sorriso triste se espalhou pelo rosto dele.

— Há muita coisa que não sabe sobre mim, Elena.

Seu comentário doeu um pouco, mas fiquei com uma cara séria. Ele começou a andar de novo, e eu segui.

— Tenho certeza de que há — eu disse.

Eu pensei no meu próprio segredo e me perguntava se um dia eu seria capaz de confiar o suficiente nele para contar a verdade.

— Eu conduzo transações... De vez em quando, faço negócios com um monte de famílias abastadas — ele informou depois de um momento de silêncio.

Isto veio como uma surpresa para mim. Eu franzi minhas sobrancelhas: — Que tipo de negócios?

Ele preferiu não responder minha pergunta. A que tipo de negócio se referia?

— Eu me encontro regularmente com eles — ele disse antes de passar os dedos por seus cabelos escuros.

— Eu sei que você me olha e não vê nada além de um bandido de rua. — Ele disse calmamente. — Eu vi o jeito que você olha o Landon, e não é da mesma maneira que você olha para mim.

Senti uma ponta de ciúme em seu tom.

Eu não sabia o que dizer. Era verdade. Era assim que eu sempre pensava nele.

E agora que eu sabia que Landon era um príncipe, isso tornava as coisas mais...

complicadas.

— Mas há mais do que o que faço no Fosso e o porquê disso. Há uma razão para eu manter um relacionamento estreito com os sacerdotes, sabe. E não é porque eu admiro o guarda-roupa deles.

— Como o quê? — Eu não ligava em esconder meu ceticismo.

— Eu preciso mantê-los perto para saber o que eles estão tramando. — Ele fez uma pausa e depois acrescentou. — E outros motivos também. Mas eu não posso dizer, pelo menos ainda não.

— O que diabos isso quer dizer? — Eu disse com firmeza.

— Significa que há coisas que ainda não posso dizer — ele disse abruptamente. — Coisas que não cabem inteiramente a mim dizer a você, discutir com você.

— Duvido. Você nunca precisou de ninguém para lhe dizer o que fazer.

— Isso é diferente.

— Como assim? — Eu pressionei.

— Eu não posso falar sobre isso.

Eu balancei minha cabeça: — Você é tão irritante. O que você pode dizer, então?

Um sorriso manhoso se espalhou em seu rosto: — Você sabia que o príncipe Landon não é a única realeza nesta corrida?

Minha boca caiu aberta em estado de choque: — O quê? No grupo de Ânglia? O príncipe Landon tem irmãos?

O Jack Louco riu, e eu me peguei sorrindo.

— Não, em outros grupos. Há o Philippe Touraine, Duque da Frânsia. — Ele apontou para um homem baixinho e robusto com muitas rendas em torno de sua gola alta.

— E ali está Enrico Caserta, Duque de Romila. — Ele apontou para um jovem alto e bonito por volta da minha idade.

— O grandão ali — ele apontou para um gigante com cabelos claros e pele clara — Otto Sassen. Ele é o chamado rei da Girmânia.

— E ali — apontou para trás com cautela. — O cavaleiro de chapéu, Bartolomeu Dias, um fidalgo da casa real de Púrtula. A única mulher da realeza aqui é a Isabella Velasques, princesa da Espânia. — Ele apontou para uma mulher alta, morena, que carregava mais armas do que o Jack Louco e eu juntos.

Os olhos dela eram ferozes, e ela se assemelhava a um guerreiro mais do que a uma princesa. Lembrei-me dela desde o primeiro dia da corrida. Os olhos dela brilharam com curiosidade quando ela olhou para mim.

Se ele não tivesse apontado eles para mim, eu nunca saberia.

Era óbvio que o Jack Louco sabia muito mais do que deixava transparecer, e muito mais sobre as famílias reais também.

— Por que essas famílias reais arriscam suas vidas nesta corrida? Por que elas estão aqui se querem restaurar a monarquia?

— Pela mesma razão que todos os outros, pela pedra. Acho que a pedra faz parte do plano de trazer de volta a monarquia. Bem, pelo menos, em sua essência.

— Como assim?

— Bem... — disse o Jack Louco. — A pedra chama-se o Coração de Arcânia, porque é um talismã que representa poder. Possuí-la traria grande honra ao reino vencedor. Isso traria de volta a esperança que os reinos haviam perdido quando os sacerdotes transformaram tudo em um inferno. Ninguém foi capaz de reivindicá-la antes. Reivindicar um prêmio que até mesmo os sacerdotes não conseguiram alcançar seria mostrar força. E se alguém realmente conseguir recuperá-la, então eu acho que isso vai sinalizar um novo começo.

Caminhamos em silêncio. O sumo sacerdote havia me dito que a pedra era um símbolo de poder também. Mas e se fosse mais do que isso? As famílias reais arriscariam suas vidas por uma pedra que era meramente simbólica? Ou havia mais coisas nessa pedra misteriosa?



CAPÍTULO 22

PASSAMOS O RESTO do dia em uma conversa agradável, lembrando nossa infância no Fosso. Fiquei surpresa com o quanto o Jack Louco e eu tínhamos em comum. Ambos crescemos pobres. Ambos trabalhamos muito quando crianças.

Nós dois roubávamos pão fresco da Padaria do Sr. Aird e ambos os nossos pais estavam mortos (eu não contei a ele que meu pai era um sacerdote. Para mim, ele estava morto). A mãe dele havia morrido de febre há oito anos, e seu pai havia morrido um ano depois, em um acidente de pesca.

Depois de um tempo, notei que Will e Leo estavam caminhando ao nosso lado.

Eles ouviram nossas conversas e agora haviam começado a adicionar seus próprios pensamentos. Eu me perguntei se eles sabiam do envolvimento do Jack Louco com algum tipo de revolução. Os três eram como unha e carne. Quando nos falamos um pouco mais, ficou muito claro que eles sabiam.

Eles nunca falavam comigo diretamente. Sempre era *pergunte a ela, diga a ela* e um ocasional *será que ela...* Estava claro que eles não confiavam em mim e me temiam porque haviam me visto trazer a coroa para o Jack Louco. Eles desconfiavam porque não sabiam explicar exatamente como eu a havia conseguido. Quem era tocado pelo fogo mágico morria - e lá estava eu, ainda viva.

Seu ódio aparente por bruxas ou qualquer coisa remotamente mágica me deixava nervosa. Eu esperava manter meu segredo escondido pelo menos até o final da corrida, quando colocasse essa maldita pedra nas mãos do sumo sacerdote. Desde que me lembro, os sacerdotes enfiavam nas nossas jovens cabeças que a magia era ruim; então, o medo de Will e de Leo era compreensível.

Os portadores de magia eram demônios. Qualquer pessoa envolvida com magia sempre era executada - até que eu apareci.

Ao anoitecer, assentamos acampamento em uma clareira milagrosamente verde. Como de costume, me ajeitei longe dos outros. Eu consegui fazer uma fogueira com facilidade, pois estava tudo bem seco. As noites eram surpreendentemente frias, e fiquei grata pelo calor da minha pequena fogueira.

Durante a caminhada de hoje, peguei diversos olhares de Landon na minha direção, mas seu rosto era ilegível. Eu suspeitava de que ele sentia que o que tinha acontecido entre nós havia sido um erro.

E eu não ajudava sentindo vergonha também. No entanto, não pude evitar o calor que subia ao meu rosto quando nossos olhos se encontravam. Eu havia sido uma tola em pensar que poderia haver algo mais entre nós. Ele era um príncipe, enquanto eu era uma camponesa e, provavelmente, uma bruxa.

Meu estômago rosou, e tentei aliviar minha fome com chá. Tomei bastante.

Por outro lado, o alimento era escasso, e eu era orgulhosa demais para implorar por ele. Não é como se eu não estivesse acostumada a passar fome; eu sempre conseguia encontrar comida, se fosse preciso.

Eu estava consciente de que o Jack Louco parecia querer tomar conta de mim, não que eu precisasse disso. Não estava planejando ter outro caso com o príncipe. Mas fiquei surpresa por não me irritar com essa supervisão toda. Na verdade, eu estava bastante contente por ele ficar de olho em mim. Eu não me sentia tão sozinha.

Chegamos à cidade de Hollowmere por volta do segundo dia, mais cedo do que eu havia imaginado. Embora o sol estivesse escondido em nuvens escuras, a cidade em si estava acesa com chamas amarelas. Nós marchamos através dos portões de ferro, em silêncio. Era uma cidade miserável, cercada por muros de ferro, e as chamas que tínhamos visto ao chegarmos queimavam acima dos incontáveis túmulos que dominavam a paisagem.

Não vi nenhum corpo, mas senti o cheiro de carne morta. Poeira se levantava com os ventos implacáveis. E quando eu inspecionei o chão mais atentamente, pude ver que a causa da poeira no ar eram ossos que haviam sido quebrados. Era como se alguém tivesse pego um grande martelo e os esmigalhasse. O ar cheirava a enxofre e carne podre. Devia haver ossos de milhares de corpos sujando a cidade. De onde eles vinham? E quem acendeu as chamas?

— Este lugar cheira a morte. É o que você esperava?

A expressão do Jack Louco estava tão alarmada quanto a minha. Eu me arrependi de compartilhar minhas dúvidas e medos com ele, mas agora era tarde demais...

— Não sei o que eu esperava — respondi com sinceridade.

Rolou de um calafrio na espinha, e eu tentei não entrar em pânico: — Não há nenhuma vida aqui, somente morte. Sinto que estou tendo um vislumbre do inferno.

— Acho que tem razão. — O Jack Louco parecia paralisado. — Esse lugar me dá arrepios. Parece que toda a felicidade será drenada de mim se eu ficar aqui, sabe. Como se esse lugar se alimentasse disso.

Não adiantava de nada fingir que não sentia isso também.

— Sim — concordei distraidamente. — Eu sei exatamente o que quer dizer.

Eu sinto isso também. É como se uma condenação perpétua estivesse esperando por nós, esperando para devorar as nossas almas. Nos faz pensar o que diabos estamos fazendo aqui, não é?

Eu me virei para ver Will e Leo caminhando em nossa direção.

— Este lugar é não é natural. Tenho certeza de que as bruxas vivem aqui.

Estão vendo todos aqueles ossos? Isso é obra delas. Eles nos comem e cospem nossas almas. Eu posso sentir sua maldade por toda parte. Está em todo lugar.

Não devíamos estar aqui.

Os pálidos olhos de Leo se encontraram com os do Jack Louco: — Espero que você esteja certo sobre isso.

Os dois homens observavam um ao outro no que eu acreditava ser uma discussão em silêncio. A rigidez nos ombros de Leo revelava que ele não estava aqui por sua própria vontade. Talvez eles viessem às ordens do Jack Louco.

— Um cheiro vil — disse Leo. Ele limpou o nariz rudemente com a palma da sua mão. — Melhor nos movermos se não quisermos ficar para trás.

— Por que não esperamos aqui e deixamos esses idiotas pegar a pedra para nós? — disse Will. — Depois, podemos roubá-la deles. Faz mais sentido para mim dessa maneira. Por que devemos arriscar nossos pescoços por uma maldita pedra, afinal?

Era o pensamento que eu havia tido anteriormente. Fiquei surpresa com eles discutindo abertamente seus planos na minha frente.

— Esqueça — rosnou o Jack Louco com tal autoridade que os outros dois homens foram silenciados. — Atenham-se ao plano.

Roubar a pedra não era um plano ruim, e eu tinha certeza de que não éramos os únicos que haviam pensado nisso.

— Você está pronta? — Ele me assustou. — É aqui que começa a verdadeira corrida.

Eu estava olhando a cidade, perdida em meus pensamentos.

— Não mesmo — disse eu. Afinal, era a verdade, e desviei meu olhar dele.

— Mas que escolha eu tenho?

Não foi pela primeira vez que desejei estar de volta no Fosso com Rose, conversando sobre nossas vidas simples e monótonas.

— Agora é guerra. Não importa se são um príncipe, ou uma princesa, ou um vendedor de rua do mercado - não abaixe a guarda para ninguém.

— Até mesmo você? — Disse secamente.

O Jack Louco cerrou a mandíbula: — Não se preocupe comigo. Foque o que precisa fazer e saia.

Meu queixo caiu, e eu não tentei esconder minha surpresa: — Você não quer a pedra?

O Jack Louco desembainhou a espada.

— É melhor nos movermos. Tome cuidado, Elena. Não confie em ninguém.

Ele se afastou, com seus guarda-costas de confiança ao seu lado. O trabalho deles era mantê-lo seguro, mas seus rostos estavam pálidos e suas armas vibravam nervosamente em suas mãos.

Eu segui atrás deles, ficando alerta. Eu ofegava quando atingimos os portões.

Eu podia ver montanhas de ossos humanos no interior das muralhas de ferro.

Estátuas de deuses das trevas e de demônios, templos e túmulos se espalhavam pela cidade. Eu havia sentido uma escuridão emanar dos postes esculpidos pelas bruxas antes, mas isso era, de longe, mais

aterrorizante. Era um pesadelo. Ossos humanos em todos os lugares. Alguns eram tão velhos que pareciam fósseis, enquanto outros tinham carne fresca ainda agarrada a eles.

Contudo, não havia adoradores, não havia demônios, nada. Eu não sabia porquê, mas este lugar horrível me fazia lembrar os sacerdotes e o Templo do Sol.

Uma chuva fria e pesada começou a cair, e os ossos das pessoas que haviam sido sacrificadas aqui jaziam numa mistura nojenta de sombras e água pútrida.

Era detestável. Minha garganta estava queimando com ácido estomacal, e meus olhos lacrimejavam.

Todos nos reunimos em torno dos portões.

Era hora de começar.

Eu me preparei e segui os outros até os portões de ferro.

Hollowmere não era uma grande cidade. Estava mais para uma aldeia.

Algumas estruturas de pedra tinham portas e janelas, isso significava que as pessoas viviam aqui, mas era difícil imaginar alguém prosperando num lugar desses. Ainda não havia sinais de vida. Hollowmere era mais como um santuário para sacrificar animais. O silêncio era irritante.

Uma variedade de deuses fantásticos e esculturas grotescas estavam gravados nas paredes. Seus rostos haviam sido esculpidos para afastar os intrusos e certificar-se de que soubéssemos que estaríamos sendo observados. *Mas por quem?*

Chamas ardiam em braseiros de ferro que ficavam espaçados aleatoriamente ao redor da cidade. Alguém havia acendido as chamas. *Mas onde estava?*

Eu reconheci o edifício mais alto como a estrutura de um templo que havia no meu mapa. Era o completo oposto do abastado templo dourado da Cidade das Almas. Essa estrutura era feita de altos muros de pedra cobertos com estuque. Era um edifício quadrado com uma parte superior lisa e com uma ampla escadaria em pedra dupla que levava a um grande arco. A arquitetura era simples, elegante e única.

A pedra estava lá.

Era óbvio que todos sabiam onde a pedra estava sendo mantida. Nada nesta corrida era segredo. Parecia estranho que uma pedra chamada de o Coração de Arcânia estivesse em um lugar tão óbvio. Não fazia nenhum sentido.

Tínhamos medo de que qualquer ruído repentino nos entregasse, então nos movíamos o mais discretamente possível. Todo mundo estava inquieto quanto a entrar no templo e todos observavam seus oponentes com desconfiança. A tensão no ar e a escuridão deste lugar me davam arrepios.

O espanianos e o girmanianos se moviam com efeito em direção ao templo.

Moviam-se cada vez mais rápido.

Soltei minha bagagem, tirei minha espada curta e comecei a correr. Mas algo me segurou. Senti olhos em mim. Eu parei e olhei para trás. Nada. Mas eu havia sentido. Havia algo à espreita nas sombras atrás das construções de pedra. Algo espreitava.

Meus sentidos gritavam para eu correr, mas eu fiquei ali. Eu me virei. O Jack Louco havia parado também. Ele estava me observando, e sua expressão mostrava que ele sentia o mesmo medo que eu.

— Acho que... — eu franzi a testa e lutei contra o frio que congelava meus braços. — Acho que é uma armadilha.

E bem quando os girmanianos e os espanianos chegaram aos grandes degraus de pedra do templo, um exército de homens vestindo capas pretas e máscaras de caveira saltou das sombras.



CAPÍTULO 23

ELES SURGIRAM DO topo do templo como uma chuva prateada de espadas cortantes. O som de metal contra carne me gelava até os ossos. O ar se encheu de gritos guturais enquanto muitos de nós morríamos ao pé da escada. Suas bocas espumavam, eles tinham convulsões e gritavam à medida que o veneno das espadas entrava em sua corrente sanguínea. Eles nem sequer tiveram chance.

Eu era empurrada e puxada. Gritei quando alguém me deu uma cotovelada na cara. E na confusão e nos gritos, fiquei congelada de pânico por um momento. Eu sabia do que um só desses homens mascarados era capaz.

Sangue escorria pelo meu nariz enquanto eu tentava afastar as lágrimas e encontrar minha coragem novamente.

— As lâminas estão envenenadas! — Eu gritei.

O Jack Louco parecia confuso por um segundo. Depois, ele desviou e se defendeu da espadada de um homem mascarado. Com habilidade surpreendente, ele girou e atravessou o mascarado com sua espada.

— Como você sabe? — Ele gritou de volta.

Ele bloqueou outro ataque de dois homens mascarados e os empurrou de volta. Eu vi os homens mascarados se espalharem por toda parte. Eles saíam do templo como um exército de formigas.

— Porque eu lutei contra um deles antes.

O sangue martelava nos meus ouvidos. Ouvi Jack Louco gritar alguma coisa para Leo e Will, mas não entendi o quê devido aos gritos que nos cercavam.

Minha atenção se direcionou aos três homens mascarados que vieram até mim.

Não tive tempo para pensar. Eu só podia reagir. Levantei a minha espada e defendi o primeiro golpe feroz instintivamente. A capa do meu agressor o prendeu por um segundo; era tudo do que eu precisava. Enfiei minha espada em sua barriga, e ele cuspiu sangue no meu rosto. Quando ele bateu no chão ao meu lado, eu já estava me movendo em direção os outros dois.

Os outros dois assassinos vieram até mim também. Eu bloqueava um ataque após o outro. Então, os dois atacaram juntos pelos lados, tentando me decapitar.

Eu abaixei e puxei um punhal. Eu girei e fiquei atrás de um dele, passando meu punhal em sua garganta. Ele foi abatido.

Algo atingiu minha nuca, e eu tropecei. A adrenalina do pânico me deu forças para me equilibrar. Procurei algum sinal de sangue ou algum corte, mas não havia nada.

O segundo mascarado voou em mim novamente. Sua espada cortou o ar, mas nossas armas se encontraram, ele me fez ficar de joelhos tamanho a força com a qual empurrava sua espada. Eu olhei nos olhos escuros por trás da máscara.

— Você nunca terá a pedra — ele resmungou.

Ele empurrou sua espada perigosamente para perto do meu pescoço.

Meus braços queimavam com a força que eu fazia para não deixar a lâmina cortar minha garganta. Mas eu não era páreo para ele, e eu sabia que não podia me defender assim por muito mais tempo. Ele sorriu para mim perversamente, sabendo muito bem que estava ganhando. Meus braços escorregaram um pouco, e sua lâmina avançou mais para perto da minha garganta. Assim que a vitória brilhou em seus olhos, joguei minha perna, acertando-o no tornozelo. Ouvi um estalo. Ele gritou e abaixou sua guarda. Foi quando cravei minha espada em seu coração. Seus olhos se arregalaram em estado de choque, e, então, seu brilho se foi.

Eu retirei a minha espada ensanguentada e fiquei de pé. Eu saltei sobre o corpo e corri para a batalha. Corpos jaziam dispersos em poças de seu próprio sangue, mas eu diria que havia mais corpos dos homens mascarados do que dos nossos.

Uns investiam nos outros em uma dança mortal.

Avistei a princesa Isabella. Ela provava ser a princesa guerreira que eu imaginava, movendo-se com graça e habilidade mortal. Ela girava e se defendia como se estivesse dançando, enquanto homens mascarados caíam a seus pés. Se eu não estivesse em perigo mortal, poderia vê-la a tarde toda.

Um vislumbre de vermelho e dourado chamou minha atenção. O príncipe Landon levantava sua espada para se desviar de um golpe em seu ombro. Sua espada se encontrou com a de um assassino, e, com um giro, o mascarado estava no chão. O príncipe movia-se com a graça mortal de um tigre. Ele abatia os assassinos tão rápido que eles já estavam mortos antes que dessem conta.

Algo chamou a atenção de Landon, e ele correu em direção à escada do templo quando Otto desapareceu pela entrada arqueada.

Era agora que a corrida realmente começava.

A multidão de sobreviventes correu ao templo quando o príncipe Landon passou pelo arco. De repente, um homem veio caindo pelas escadas. Outro combate se irrompeu. Só que, desta vez, estávamos brigando entre nós mesmos.

Não querendo ser pega nessa loucura, me detive e esperei uma oportunidade.

Mais uma vez o ar se encheu do som de metal contra metal e grunhidos em confronto.

Eu senti algo atrás de mim. Num instante, girei minha espada e me defendi da lâmina do Jack Louco com um toque.

Ele abaixou sua espada, mas eu não.

— Calma. Sou eu. — disse ele.

Cerrei os dentes. Ele poderia facilmente ter me atacado ao passar, mas não o fizera. Meu instinto me dizia para confiar nele; então, abaixei minha espada, mas a mantive empunhada.

Will e Leo pareciam assustados, mas eles estavam vivos e haviam saído incólumes das lâminas envenenadas.

O Jack Louco se agachou. Ele olhou para mim.

— Ao meu sinal, você corre como o diabo até lá em cima e pega a maldita pedra! Ouviu? Nós estaremos bem atrás de você.

Apesar de não saber por que ele estava ali ou se deveria confiar nele, mesmo assim concordei. Eu não tinha tempo para julgar.

Eu esperei. Logo, o Jack Louco sussurrou: — Vai, vai, vai!

Subi as escadas, dois degraus de cada vez, com cuidado para não tropeçar e ao mesmo tempo atenta para me proteger de qualquer agressor. Cheguei ao topo das escadas sem incidentes e continuei correndo.

Ouvi passos atrás de mim. Só podia torcer para que fossem do Jack Louco. Eu não parei de correr.

O templo era maior do que eu havia imaginado, e os primeiros cem passos da passagem eram esculpidos em pedra. A luz suave das tochas nas paredes iluminava meu caminho. Eu senti a mesma estranha sensação de poder que havia sentido nos postes e na entrada da cidade. Só que desta vez era mais forte. Uma energia pulsava das paredes deste lugar.

— Não pare — insistiu o Jack Louco. Eu não havia percebido que tinha parado. — A menos que queira que mais vinte pessoas nos esmaguem neste pequeno túnel, precisamos nos manter em movimento.

Havia uma ansiedade em sua voz que eu não havia ouvido antes, talvez até mesmo medo, e isso me fez agir mais rapidamente...

Controlei minha respiração e corri o mais rápido que pude. O estranho túnel se estendia pelo que pareciam quilômetros, dando, por fim, a uma caverna.

O príncipe Landon estava na clareira junto com o rei Otto e vários outros de sua comitiva. Eles estavam analisando uma parte do muro do lado oposto da câmara. Eles viram nossa chegada, mas rapidamente voltaram sua atenção para o muro. Mesmo com a pouca luz, eu podia ver que os dois estavam suando de tanta concentração. E quando me movi para mais perto, pude entender o porquê.

Uma única pedra em forma oval, que parecia um ovo gigante, jazia em um nicho esculpido na pedra. Era do tamanho de uma mão, mas não brilhava, nem era feita de diamante vermelho. Parecia uma pedra lisa de rio. Mas quando cheguei mais perto, vi seis linhas vermelhas marcadas na frente da pedra. Elas eram a única indicação de que essa não era apenas uma pedra comum.

— O que diabos eles estão esperando? — A respiração quente do Jack Louco fez cócegas em minha nuca.

Eu olhei para o muro e dei de ombros: — Não sei. Talvez eles estejam achando que está fácil demais. Isso é o que eu penso. Não pode ser tão simples assim. Há outra coisa.

Ele se inclinou para perto, senti seu rosto contra o meu.

— Você acha que é um truque?

Eu balancei minha cabeça: — Não sei... talvez... só parece estranho, sabe. Se esta pedra é tão preciosa, por que não é mais bem protegida? Por que nenhum desses homens mascarados a guardam aqui?

— Faz sentido.

— Algo não está certo.

Eu sentia uma escuridão e uma luz emanando da pedra. Sentia o cheiro da morte, mas também de flores do verão e o fluxo da vida.

Surgiram vozes atrás de nós; o resto dos clãs sobreviventes estava chegando.

O rei Otto estreitou os olhos e gritou algo em girmaniano. Depois, ele estendeu seu grande braço em direção à pedra.

— Não toque nisso! — Eu avisei num sussurro precipitado.

O rei Otto parou. A mão dele ainda estava estendida.

— Por que não? — disse ele com um sotaque pesado.

Mesmo olhando para mim com olhos que mostravam sua desconfiança, ele havia prestado atenção e havia hesitado.

— Não sei — eu disse. Era a verdade. — Está fácil demais. Pense nisso. Não parece certo.

Eu não sabia por que estava ajudando. Nós estávamos competindo, e ainda assim uma parte de mim sentia que era errado não ajudar.

O rei Otto me encarou e, então, olhou para seus homens. Ele disse algo que imediatamente resultou em riso. Contudo, o príncipe Landon não riu, e eu podia ver que ele concordava comigo.

O lugar ficou quieto, e todos olhavam para o rei.

Ele sorriu para mim, e com os olhos brilhando de ganância, agarrou a pedra.

— Não, espera! — Eu gritei e, então, preendi minha respiração.

O rosto do rei Otto empalideceu. Mas a cor voltou ao seu rosto quando nada aconteceu.

Ele levantou a mão em triunfo, e os girmanianos explodiram em aplausos e jogaram suas espadas no ar. Eles haviam ganho a corrida.

Mas, então, a carne do rei começou a brilhar de amarelo. Os olhos dele se arregalaram de medo quando a luz amarela irrompeu de sua pele e ele explodiu em milhares de pedaços ensanguentados de pele queimada.



CAPÍTULO 24

PEDAÇOS DO REI OTTO acertaram meu rosto, e eu quase vomitei ali mesmo.

Eu podia ver que as partes só sólidas que restaram do rei eram seus ossos quebrados. Isso explica por que tínhamos visto tantos ossos do lado de fora da cidade. Eles eram os restos de milhares de almas infelizes que já haviam tentado recuperar a pedra. Sangue de Arcânia.

O lugar virou uma cacofonia de gritos e lamentos de gelar o sangue. Pessoas corriam para se esconder, escorregavam e caíam na confusão do que costumava ser o rei da Girmânia. Eles não sabiam se estavam prestes a explodir também. A explosão havia sido tão repentina que a maioria estava paralisada e olhava para onde o rei Otto estivera momentos antes.

— La pierre est maudite! C'est une pierre des démons! — Bravejou um fransiano, cujo rosto estava coberto de sangue que não seu.

O homem disse algo sobre a pedra ser amaldiçoada. E eu acreditava nele. Um consenso de murmúrios reverberou por toda a câmara. Os rostos pálidos falavam por si só. Eu apenas estava ali, tremendo e suando.

A pedra repousava em uma poça de sangue no meio da câmara. O Coração de Arcânia era uma coisa tão pequena, e mesmo assim possuía notável poder. Eu havia percebido isso. E eu não era boba. Eu havia avisado Otto, mas ele não quis dar ouvidos. E agora tudo o que restava dele era uma bagunça pegajosa, escorregadia e vermelha.

Eu olhei ao redor da sala, tentando pensar em um plano. Meu olhar recaiu sobre o nobre Bartolomeu Dias, não porque ele estava prestes a compartilhar seus pensamentos, mas porque ele estava observando o príncipe Landon. Na verdade, eu podia ver que todos os olhos recaíam sobre o príncipe. Era como se ele se tornasse o líder deles agora e coubesse a ele decidir o destino de todos. Além disso, ele e Otto haviam sido os primeiros a entrar na câmara, então, o príncipe Landon era o próximo na sequência.

Eu observava o príncipe. Ele também não havia se movido. Ele estava mais próximo de Otto e havia ficado pior do que eu com a explosão. Como se lesse a minha mente, ele puxou um lenço e limpou seu rosto. Mas os olhos dele não deixavam a pedra.

A tensão continuou a aumentar. O cabelo em meus braços se levantou, e eu instintivamente agarrei minha espada. Algo estava para acontecer, e não era com a pedra.

Um bruto homem do Fosso se voltou para o Jack Louco.

— Esta maldita corrida foi uma perda de tempo — ele rosnou e deu um passo ameaçador para a frente. — Nós perdemos homens valiosos e para quê? Tudo por nada! Não podemos nem tocar nesta maldita pedra.

O Jack Louco não hesitou, mas eu o vi apertar o punho da sua espada com força.

— Para trás, Mason. Todos sabíamos dos riscos quando nos oferecemos para vir.

Mason balançou a cabeça: — Bem, não é uma corrida justa. É um truque. Tudo isto é uma farsa. Os sacerdotes nos enganaram. Eles sabiam que não podíamos ganhar. Mandaram todos numa missão de tolos, outra maneira de brincar com a gente. Estou cansado de seus jogos!

— Ele tem razão, eles sabiam que isto ia acontecer.

Todo mundo virou e olhou para mim.

Fiquei chocada por ter falado aquilo em voz alta, mas era tarde demais para voltar atrás. Pensei que o Jack Louco seria o primeiro a falar, e fiquei surpresa quando foi o príncipe quem falou.

— O que você quer dizer, Elena? — Sua voz, embora um pouco desolada, ainda mantinha a sonoridade nobre que eu havia ouvido antes. Mas tinha algo a mais no seu olhar, algo que eu não entendia.

Engoli seco:

— Eles sabiam. Eles sabiam desde o início.

O Jack Louco se inclinou para mim e estreitou os olhos: — *Você* sabia que isso aconteceria?

Eu entendi sua acusação silenciosa e neguei com raiva: — É claro que não! Mas eles sabiam... eles

sabiam que isto ia acontecer.

Quando falei isso, tudo começou a fazer sentido. Por que eu estava ali. Por que o sumo sacerdote parecia tão triunfante quando eu me curara. Era tudo para este momento. Bem agora.

Eu sabia que o sumo sacerdote havia *me* enviado porque sabia que eu era a única que podia tocar a pedra e sobreviver.

Antes que me desse conta do que estava fazendo, eu caminhei até a pedra e a peguei.

— Elena! Não! — Eu ouvi a voz do Jack Louco atrás de mim.

A pedra estava quente, como se estivesse no sol o dia todo. Era suave e surpreendentemente pesada para seu tamanho. Era como se fosse duas vezes maior. Eu senti seu poder ecoar em mim. Pulsava como a batida de um coração.

De repente, senti uma dor monstruosa, e minhas pernas perderam a força.

Perdi meu fôlego e o foco. Ouvi vozes chamarem meu nome, mas estavam longe.

Uma sensação de zumbido me estremeceu, do topo da cabeça até aos pés. Quente.

Frio. Quente. Frio. Senti que estava sendo puxado em todas as direções. Meu corpo queimava por dentro, e, então, eu me senti tão fria como a morte. E quando eu pensei que ia explodir como Otto, senti uma mudança no poder da pedra, e ela me liberou, como se eu tivesse passado algum tipo de teste.

— Ela tocou na pedra e ainda está viva!

— Como isso é possível?

Pisquei os olhos e tudo voltou até foco. Meu coração batia loucamente em meu peito como se eu tivesse corrido um quilômetro.

O Jack Louco estava ao meu lado. Ele respirava pesadamente, e suor escorria em seu rosto. Seus olhos escuros estavam arregalados de medo, e ele balançou a cabeça em descrença. Sua mão esquerda estava ligeiramente levantada, como se ele esperasse que eu lhe desse a pedra, mas estivesse assustado demais para pegá-la.

Dei uma olhadela em Landon, e ele estava tenso. Ele vigiava a pedra em minhas mãos. Sem dúvida, ele queria saber se ele teria sobrevivido se a tivesse pegado em vez de mim. Embora estivesse inexpressivo, senti o mesmo estremecimento inexplicável na espinha que eu senti quando olhei para ele antes.

— Talvez a pedra escolha quem quer, quem ela considera digno de levá-la — disse ele.

Ele olhou para a pedra e depois de volta para mim.

— Ela parece ter escolhido você, Elena — ele disse calmamente.

Eu podia dizer que ele achava que *ele* deveria ter a pedra, não uma camponesa como eu.

Os outros na câmara se moviam nervosamente e lançavam olhares invejosos em minha direção. Mas havia algo mais - como um puxão. Era como se todo mundo estivesse louco pela pedra. Eles pareciam compelidos a possuí-la. Eles precisavam dela. Era como se todos estivessem sob algum tipo de feitiço. A pedra estava fazendo alguma coisa a eles, mas eu não havia sido afetada.

Eu peguei uma troca de olhares entre o príncipe Landon e seus homens, e fiquei inquieta. Seria ganância, arrogância ou frustração? Fosse o que fosse, estava se espalhando rapidamente aos demais. Eu sabia, com certeza, que eles iam *tentar* me tomar a pedra.

Engoli seco e subconscientemente esfreguei as pequenas linhas da pedra com meu polegar. Não pude deixar de sentir um sentimento de orgulho. *Eu* havia conseguido a pedra.

Mas a corrida ainda não estava terminada. Eu tinha que encontrar meu caminho de volta para Cidade das Almas com a pedra. O olhar atento de Landon me deixava ansiosa. O flerte do homem havia desaparecido, e em seu lugar havia um poderoso príncipe.

O Jack Louco limpou a garganta: — Elena tem a pedra agora. Ela ganhou.

Ele acenou para a saída da câmara: — Todos devem partir e ficar gratos que estão ainda vivos.

— A corrida ainda não acabou — disse Philippe Touraine, o Duque da Frânsia.

Ele empurrou seus companheiros, mas ficou longe de mim. A expressão dele estava tão irritada quanto a de Landon.

— Ela precisa cruzar para Cidade das Almas *com* a pedra para vencer a corrida.

O Jack Louco se virou para o Duque. Eu podia ver a tensão em seus ombros.

— É uma ameaça?

O Duque zombou:

— O quê? Você é guarda-costas dela?

Ele sorriu preguiçosamente: — Eu só estou dizendo que não seja precipitado.

O Duque olhou para mim; havia algo frio e estranho em seus olhos. Tive que me forçar a não desviar o olhar.

— Elena, certo? Bem, ainda há um continente para atravessar e muitos dias de viagem. Tenho certeza de que todos nós enfrentaremos mais desafios ao longo do caminho. Pode haver novos acontecimentos. Para vencer a corrida, você deve ter a pedra em sua posse, quando chegar à Cidade das Almas. E, para citar o sumo sacerdote, não existem regras. Qualquer coisa pode acontecer até lá.

Claro, ele estava certo. Eu sabia que ele havia apenas falado em voz alta o que todo mundo na câmara estava pensando. Em algum ponto no caminho de volta, alguém tentaria tomar a pedra de mim, ou pelo menos *tentaria*. Todos viram o que aconteceu com o falecido rei Otto. Quem seria imprudente o suficiente para tentar de novo?

Olhei ao redor da sala e encontrei alguns rostos determinados. Alguém com certeza tentaria.

Eu embainhei minha espada. Eu tinha que colocar a pedra dentro de sua gaiola dourada. Eu puxei a gaiola e guardei a pedra dentro. Se encaixava perfeitamente, como se ele tivesse sido projetado sobre a pedra. Fechei a gaiola e coloquei de volta na minha algibeira. Suponho que alguém pudesse simplesmente cortá-la com uma lâmina, mas estava perto o bastante do meu corpo; não seria fácil me tomarem a pedra, além disso, eu sabia como me defender. Eu ajustei o cinto de couro em meus quadris.

Limpei minhas mãos suadas em minhas coxas, esperando que ninguém tivesse visto meus dedos trêmulos.

Todos queriam a pedra. Eu podia sentir.

Havia sobrado um pouco mais de vinte pessoas na corrida. Eu estava sozinha.

As probabilidades não estavam a meu favor. Eu me sentia como um coelho encurralado dentro da toca do lobo. Eu só percebi que estava tremendo quando me preparava para recuar e fugir o mais rápido que podia. A pedra parecia sentir meu medo e me pedia para correr dali. Minha boca estava seca. Dei um passo para trás.

— A Srta. Elena deixará a câmara *ilesa* — Príncipe Landon anunciou de repente.

Sua voz ressoou ao redor das paredes da câmara, como um desafio a qualquer um que tentasse interferir em meu caminho. Apesar de sua expressão neutra, ele levantou seu queixo, e eu vi que a ameaça era para ser levada a sério...

— Prometo que minha companhia não machucará você, nem os demais. — Ele olhou para todos os outros, desafiando qualquer um que discordasse. Ninguém se mexeu.

Então, ele olhou para mim e abaixou a voz: — Mas não prometo nada fora destas paredes.

— É justo — eu disse.

Eu me senti um pouco fascinada por ele. Eu me esforcei para não deixar transparecer meus sentimentos. Ainda me lembrava do seu cheiro salgado e do modo como ele me havia deixado tão quente. Juro que vi um sorriso minúsculo nos cantos de seus lábios.

Então, eu me virei. Não podia me deixar ser intimidada por esse homem lindo, sendo príncipe ou não.

Eu desembainhei minha espada e olhei à minha volta pela última vez. O Jack Louco estava me vigiando atentamente, mas não olhei para ele. Eu tentei memorizar os rostos na minha frente. Eu sabia que qualquer um deles poderia me atacar a qualquer momento.

Depois de identificar todos deles, dei meia volta e me dirigi à saída.

O Jack Louco veio logo atrás de mim, e eu senti meu peito apertar. Eu realmente poderia confiar nele? Seria apenas um ardil? Ele estava esperando que eu baixasse a minha guarda?

Eu andei mais rápido, e, então, um pouco mais rápido, até estar praticamente correndo. O Jack Louco estava atrás de mim. Senti sua mão nas minhas costas, me impulsionando a correr mais.

Eu vacilei. Não queria ninguém, nem ele, tão perto de mim. Quanto mais rápido nós íamos, mais rápido o meu coração batia, até pensei que poderia explodir. O estranho era que a pedra parecia sentir meu pânico. À medida que meu batimento cardíaco aumentava, sentia o pulsar da pedra aumentar também.

Parecíamos estar ligadas de alguma forma. Nossos pulsos batiam juntos como um.

Eu podia ver a luz no fim do túnel. Eu estava quase fora. Corri mais rápido.

Uma vez eu estando lá fora, haveria muitos lugares para me esconder, e, então, eu poderia voltar para Rose e para a liberdade.

O Jack Louco estava atrás de mim, tão perto que eu podia sentir a respiração na minha nuca. Será que ele tentaria me roubar a pedra? Eu estava quase certa de que sim. Por que não? Ele não se chamava o *Jack Louco* à toa. Ele tinha esse nome porque não parava até obter o que queria. Ele nunca desistia de uma oportunidade de fazer um pouco de ouro. Ele ia tomar a pedra.

Quase lá, não entre em pânico e não tropece descendo as escadas.

Meu coração pulou quando saí do templo e ar fresco roçou minhas bochechas quentes.

Eu senti um vento em minhas costas e ouvi um grito. Então, ouvi o que parecia ser corpos batendo no chão. Mas eu não conseguia parar.

Como cheguei ao topo da escada, algo me acertou forte nas costas, e fui lançada para a frente. Com um grito assustado, joguei meus braços para amortecer minha queda e imediatamente me arrependi. As palmas das minhas mãos e meus cotovelos raspavam nas escadas de pedra dura e minha cabeça bateu na ponta de uma pedra afiada. Minha visão ficou turva. Eu não podia acreditar que não havia quebrado o pescoço na minha queda pelas escadas. Eu me apoiei com as mãos e olhei para cima.

Minha respiração ficou presa na minha garganta. Não era o Jack Louco em pé em cima de mim, com uma espada apontada para o meu pescoço. Era a princesa Isabella Velasques.



CAPÍTULO 25

A PRINCESA ERA MAIS ALTA do que muitos dos homens que ela mantinha na sua companhia; ela era mais alta do que eu. Eu podia ver os antebraços musculosos dela através de suas mangas. Ela segurava sua espada longa na minha garganta, como se não pesasse nada além do que um pedaço de pau. Embora seu rosto fosse inexpressivo, não havia mistério na nobreza de sua postura. Ela provavelmente havia sido treinada como um guerreiro desde que começara a andar; eu a tinha visto derrubar aqueles homens

mascarados sem nenhuma gota de suor. Seus olhos escuros de repente se arregalaram de loucura, e ela atirou-se para a frente.

Eu me movi, mas não rápido o suficiente. A lâmina cortou do lado do meu pescoço, e um sangue quente escorreu por meu ombro.

Eu pulei e fiquei de pé quando ela me atacou novamente. Seus olhos eram selvagens, e ela tinha a força impressionante de um homem. Primeiro, eu bloqueei um golpe, depois me agachei e girei, atirando sua espada para longe. Ela ficou surpresa com a minha habilidade.

— Se quiser viver, é melhor me dar a pedra — disse a princesa.

Os outros haviam feito um círculo em torno de nós, e eu me sentia numa daquelas apostas de briga que ocorriam no Fosso. Mas não havia nenhum torcedor nesta luta, apenas silêncio. Os espanianos estavam com suas espadas desembainhadas. De perto, seus rostos eram brutais. Eu não podia ver Landon ou o Jack Louco em nenhum lugar, e meu coração tremeu de medo e raiva.

Os maus olhares nos olhos dos meus adversários diziam tudo. Estavam todos esperando o resultado deste combate antes de tentarem a sorte. Qual quer um iria desafiar quem saísse com a pedra.

— Dê-me a pedra. É *minha*.

Virei-me para a princesa guerreira: — Afaste-se, vadia. Ganhei a pedra jogando limpo.

Seu sorriso arrogante me enfurecia.

— Ou será uma bastarda? Francamente, não sei. Quer dizer, olhe para você.

Você é uma mulher ou um homem?

A expressão da princesa Isabella endureceu. Ela parecia ainda mais ameaçadora do que o normal. Eu precisava que perdesse o controle, se quisesse derrotá-la e me salvar.

Mas antes que eu pudesse me alegrar com minha esperteza em surpreendê-la com minha falta de respeito a ela, seus olhos negros se encheram de prazer, e ela se agachou em uma postura defensiva. Ela não ficaria distraída pela raiva. Ela era mais esperta do que eu pensava.

— Você deve desejar morrer, camponesa. Você se atreve a me desafiar! Eu posso matá-la com os olhos fechados.

Eu levantei uma sobrancelha: — Provavelmente. Mas você não terá a pedra.

— Então, você vai morrer.

A voz da princesa estava firme com sua confiança de que ela ia me matar.

Ela balançou sua espada. Na ponta, ainda pingava meu sangue.

— Eu sou uma princesa! Você não é nada além de uma camponesa. A pedra pertence a mim!

Meu sangue gelou, mas eu mantive a compostura. O olhar de desprezo no rosto da princesa só fazia a minha fúria aumentar.

A pedra pulsava na minha bolsa, ficando mais quente e mais estável, imitando a batida do meu coração. Não sei o porquê, mas eu sentia que ela estava tentando se comunicar comigo.

— Você não pode transportar a pedra. Você vai morrer — eu disse. — Você viu o que aconteceu ao caro Otto. Se tocar na pedra, você sofrerá o mesmo destino.

Ela sorriu perversamente para mim: — Você não morreu, e nem eu morrerei. Talvez a pedra precise de um toque feminino. Talvez só uma mulher possa tê-la.

Muitos dos homens dos diferentes reinos murmuraram em desacordo e olharam para a princesa.

Princesa Isabella apontou sua espada para mim: — Eu vou correr o risco. A pedra vai me reconhecer como sua portadora de verdade.

Minha lógica gritava para eu correr e me arriscar na terra selvagem de Goth.

Mas uma coisa me mandava ficar e lutar.

— Mate-a! E pegue a pedra! — disse um dos homens da companhia da princesa.

— Por que os espanianos devem ficar com a pedra? — Rosnou um homem de barba vermelha que usava as cores laranja e amarelo de Rômila. — A pedra pertence Rômila!

— Pertence à Espânia!

— A Girmânia!

— Seus tolos. A pedra destina-se à Frânsia!

Não vi quem atacou primeiro, mas a ganância dos clãs pela pedra se transformara numa guerra declarada; por um momento, nós duas fomos esquecidas.

— Minha paciência se esgotou, vadia dos sacerdotes — rosou a princesa.

Minha atenção se voltou para ela. Sua voz aumentou e os músculos de seu pescoço palpitavam.

— A pedra é minha!

Ela atacou como um animal selvagem, usando sua espada como uma lança. Eu mal tive tempo de desviar quando a arma foi enterrada do meu lado esquerdo, perto de meus pés. Eu me joguei no chão e rolei, ficando de pé. Outra coisa me acertou, e eu caí de cabeça no chão.

Eu gritei de dor quando o frio metal afundou em meu ombro. Peguei a espada e consegui me soltar, rastejar para fora do caminho da princesa. O sangue derramava livremente da minha ferida profunda, mas eu me esforcei para ficar de pé.

Eu cobri a ferida com a mão para impedir que alguém visse os fluxos de luz amarela. Meu manto e minha túnica esconderiam meu segredo por enquanto.

Embora a dor inflamasse em meu ombro, senti o calor do meu poder de cura costurar minha carne, aliviando a dor e renovando minhas forças.

Eu me equilibrei nas pontas dos meus pés.

— Quer desistir? — provocou a princesa.

— Nunca — eu rosnei. Eu segurei minha espada em uma postura de luta e esperei.

A princesa deu-me um sorriso sanguinário: — Vamos jogar um jogo, você e eu.

— Ah, é? — Eu zombei. — E eu pensando que você queria me matar.

Ela sorriu:

— E você já perdeu.

A princesa investiu contra mim.

Eu girei para evitar o impacto do ataque, mas seu punho acertou meu queixo.

Lutei contra uma onda de náusea e, sem dar à princesa tempo para reagir, eu a chutei no estômago. Em seguida, girei e chutei suas costas.

A princesa cambaleou, mas mal parecia ferida. Ela cuspiu um pouco de sangue de sua boca e sorriu. Os dentes estavam manchados de sangue.

— Eu vou arrancar seu coração e...

As últimas palavras dela morreram na garganta quando uma espada afiada atravessou sua boca. Seus olhos reviraram na cabeça, e ela tombou como uma grande árvore morta.

O grande romiliano da barba vermelha puxou sua espada da cabeça da princesa e rosnou para mim como um urso.

— A pedra é minha! Minha! Minha!

Seus olhos pequenos se estreitaram quando um sorriso cresceu em seu rosto.

Eu fiquei na ponta dos meus dedos, equilibrando a espada em minha mão.

— Dê-me ela! — Ele atirou-se mais rápido do que eu achava ser possível para um homem daquele tamanho.

Eu levantei meu braço para desviar do ataque, mas força violenta do bruto quase quebrou meu pulso. Milagrosamente consegui agarrar a minha espada.

Meu agressor uivou e surgiu novamente. Eu desviei para trás e vi quando sua espada cortou mechas do meu cabelo. Alguns centímetros a mais e eu teria sido decapitada.

Eu podia ouvir o som da batalha em torno de mim, mas não conseguia tirar meus olhos do meu agressor nem por um segundo.

Eu nunca poderia vencê-lo na força. Eu precisava vencer na inteligência.

Quando ele veio até mim novamente, rolei para o lado e revidei com dois golpes curtos em seu estômago. Eu levantei minha espada e a enterrei nele; eu podia sentir a vida fluindo dele. Suas tripas caíram no chão a seus pés. Ele balbuciou algo incompreensível e caiu.

A violência me perturbava, mas também desencadeava uma ferocidade destemida e inflexível dentro de mim.

Senti outra presença atrás de mim, mas já era tarde demais.

Eu me virei, e a espada atravessou meu peito direto.

Eu cambaleei quando meu agressor puxou a espada de volta com um movimento rápido. Sangue jorrou na minha frente, e eu olhei para o rosto do meu agressor.

Philippe Touraine, o Duque da França, parecia exultante.

— La pierre est à moi! Donne-moi la pierre!

Uma sombra negra de loucura cobriu seu rosto quando ele estendeu a mão para tomar a pedra de mim. Mas, então, uma luz brilhou sobre ele, e ele vacilou.

Ele empalideceu.

Ele olhou para minha túnica rasgada. Meu peito estava exposto, e a luz dourada jorrava de mim, como os raios de sol da manhã.



CAPÍTULO 26

TODOS À MINHA VOLTA ENGASGARAM diante do espetáculo da luz dourada brilhando da ferida no meu peito. Meu segredo estava revelado.

O Duque da Frânsia apontou um dedo para mim, dando passos cuidadosos para trás. A saliva espirrava de sua boca quando ele gritou: — Bruxa! Ela é uma bruxa!

— Eu vi — uma mulher de Romila afirmou. — A espada a atravessou. Ela deveria estar morta, e ainda vive como se nada tivesse acontecido.

— Demônio!

— Maldita!

— Queimem a bruxa!

Droga. As coisas não estavam indo muito bem. Estava claro que a maioria deles me queria morta. Mas ninguém veio até mim. Embora fizessem gestos e ruídos ameaçadores, era medo que eu via em seus rostos. Alguns cuspiram no chão, e vi alguns homens fazer o sinal do Criador e murmurar orações.

Eu procurei pelo Jack Louco, mas ele não estava lá. Eu senti meu estômago revirar. Talvez ele estivesse morto. E quando eu finalmente vi o príncipe Landon, eu vi a confusão, o terror, o medo e a repulsa em seu rosto. Senti algo esmagar minha garganta, e não conseguia ter ar suficiente. Me esforcei para não pensar no nojo que eu vi no rosto de Landon. Ele devia estar arrependido de ter me tocado ou beijado.

Eu ainda não tinha certeza de se eu era um monstro ou uma bruxa. Eu senti a magia curar minhas feridas, e lutei contra as lágrimas que enchiam meus olhos.

Não importava mais. Minha espada parecia pesada na minha mão, e minhas lágrimas caíram. Eu estava choramingando.

Eu senti minha força retornar. Vi os olhares de nojo e me endireitei. Ninguém tentava se aproximar de mim. Eles estavam com muito medo.

Então, fiz a única coisa que podia. Dei meia volta e fugi para os portões de ferro.

Passei pelos túmulos estranhos e pelos deuses esculpido. Quando chegava aos portões, ouvi pés correndo atrás de mim. Não me virei. Eu continuei. Eu sabia que tinha só alguns segundos, e não os poderia desperdiçar.

Pensar em Rose e em uma nova vida em algum lugar longe de tudo isso me dava forças para continuar. Não os deixaria tirar meu ânimo.

Para o inferno com todos eles. Eu tinha a pedra.

Foi só quando deixei Hollowmere e já me encontrava correndo naquelas terras estéreis que dei uma espiada atrás de mim. O Duque de Romila e sua companhia estavam bem atrás de mim. Eles eram seguidos por Bartolomeu Dias.

O príncipe Landon e seu grupo não estavam muito atrás. Os Girmanianos haviam ficado para trás, e eu ainda não tinha visto o Jack Louco ou seus dois guarda-costas.

Eu havia escapado da morte duas vezes. Não podia deixar de me sentir fortalecida. Sim, eu era diferente,

mas era um diferente *bom*. Eu ainda não entendia o que aquilo significava, mas eu teria tempo para descobrir. Tive um pressentimento de que Rose sabia muito mais do que dizia. Ela seria a primeira pessoa que eu interrogaria quando chegasse em casa.

Eu percebi que estava correndo com minha espada na mão. Então, a embainhei. Eu podia correr muito mais rápido com as mãos livres.

Após o que pareceram horas de corrida, senti uma câimbra gigante e tive que parar. Eu gemia tentando recuperar o fôlego, mas continuava andando. Eu havia perdido minha bolsa no meio da confusão. Tudo que eu tinha eram as minhas armas e a pedra. Eu podia sentir o artefato pulsando no ritmo do meu coração. Eu não tinha comida ou água. Meu corpo estava acostumado com a má nutrição, mas ele não poderia sobreviver sem água.

Eu cheirava muito mal e estava suando como uma camponesa de verdade. Eu reconheci um campo bem à frente. Era um dos lugares nos quais havíamos levantado acampamento no caminho. Fui até lá. Era uma das poucas áreas em Goth com uma floresta de tamanho razoável. Eu acelerei o passo. Havia uma floresta à minha direita.

Eu poderia despistá-los lá.

Minhas coxas queimavam a cada passo que eu dava no matagal. Ramos arranhavam meu rosto e cortavam minha pele como facas, mas eu nunca interrompi meu passo.

Eventualmente, comecei a vacilar sobre as árvores e arbustos caídos. Eu estava ficando cansada. Cada passo tornava-se mais difícil, e eu sentia como se minhas pernas fossem feitas de blocos de ferro. Eu estava encharcada do meu próprio suor. Por fim, meu manto ficou preso entre duas árvores e foi arremessada para trás. Eu não tinha energia ou paciência para soltar minha capa, então, a rasguei para me soltar.

Eu me movia com cuidado para evitar escorregar nas pedras cobertas de musgo. A pequena luz que havia estava se desvanecendo, transformando-se em escuridão. O ar estava surpreendentemente úmido e frio. Eu tremia incontrolavelmente com minha roupa molhada grudando em mim. As roupas não me aqueciam.

Mas a pedra, sim. Ela pulsava calorosamente na minha cintura. Mesmo através da gaiola, eu podia sentir sua energia, e eu a estava usando para aquecer as mãos. Mas mudei de ideia no último minuto. Embora eu estivesse curiosa, a pedra ainda me aterrorizava.

Eu pulei sobre um tronco podre e subi um declive suave. Eu caminhava em ziguezague, esperando despistar meus perseguidores. Mas eu tinha que ter cuidado, pois se entrasse muito na floresta, ia acabar ficando perdida com certeza.

No topo da colina, eu parei e olhei para trás. Os Fransianos haviam ultrapassado os romilianos, mas ambos estavam quase me alcançando. O

anglianos e seu príncipe haviam ficado mais para trás e pareciam estar marcando o caminho.

Eu fui ladeira abaixo, rumo ao sul. Ramos batiam no meu rosto, raízes me faziam tropeçar e espinhos arranhavam meus braços e abriam buracos na minha roupa.

A vegetação ficou mais densa, e eu tive que abrandar o passo, mas sem deixar de manter um bom ritmo. Eu corria e corria.

Eu parecia chegar a lugar nenhum. Era como se a floresta fosse infinita.

Árvores mortas brotavam em torno de mim e o chão debaixo dos meus pés ficava mais úmido e lamacento. Eu tentava matar mosquitos que eram do tamanho de mutucas, mas eles mordiam meu pescoço e minha testa de qualquer maneira. Eu xinguei. Eu odiava insetos. Corri mais rápido, mas a terra ficou macia e enlameada; eu tropecei e caí. Quando me levantei novamente, minhas calças estavam encharcadas e cobertas de lama verde que cheirava a água de esgoto.

Parei para recuperar o fôlego e percebi que estava ficando mais frio. A noite ia caindo e, em breve, a floresta estaria escura demais para eu correr. Eu precisava sair deste pântano.

Então, eu os ouvi. As vozes dos meus perseguidores ecoavam facilmente pela floresta. Eu podia ouvir seus passos pelos arbustos. Eles estavam atrás de mim e estavam chegando perto.

— Ela foi por aqui...

— Aqui... olha... pegadas, virando à esquerda...

— Continuem no caminho. Nós a alcançaremos, então, mataremos a bruxa e pegaremos a pedra.

Não reconheci a voz, e não me importava de quem era. As vozes foram ficando mais altas, e os passos mais perto. Andei mais um pouco pelo lamaçal e, quando encontrei um solo mais firme, corri bem rápido.

Corri até ficar exausta demais para dar mais um passo. Eu tropecei num caminho espesso de ervas daninhas e onde havia um riacho.

— Graças ao Criador!

A água gelada refrescou meu rosto e pescoço quando joguei essa coisa gloriosa em mim. Tirei um pouco da minha sujeira e bebi água à vontade. Eu atravesssei o riacho de um lado a outro, mas meus passos ficaram lentos e pesados, pois minha roupa molhada havia ganho peso desnecessário. Não tinha sido uma boa ideia para entrar no riacho, mas era tarde demais agora.

Enquanto torcia a água do meu manto, algo picou minha nuca. Estendi a mão e senti um caroço.

— Isso doeu!

Eu preendi minha respiração e fiquei gelada de medo. Senti uma presença.

Tentei pegar minha espada, mas já era tarde demais.

Algo acertou minha cabeça, e eu caí em um emaranhado de galhos. Cuspi a sujeira da minha boca e me virei.

Eu reconheci quem era mesmo na escuridão. Um monge vermelho, um assassino do templo, saiu das sombras da floresta.



CAPÍTULO 27

SEU VIBRANTE MANTO VERMELHO destacava-se como uma luz na escuridão. Eu nunca havia visto um monge vermelho antes, mas eu havia visto os corpos mutilados que eles deixavam para trás. Eu sempre me perguntei por que assassinos profissionais escolheriam usar uma cor tão chamativa. Sua toga de lã estava amarrada ao redor da cintura com uma corda simples, e uma suave luz se refletia na careca raspada dele. Os monges chamavam a careca de *a benção*, porque simbolizava uma conexão direta com o Criador. Se eu não soubesse, presumiria que fosse um monge normal.

Mas estes monges eram tão hábeis assassinos que não importava a cor que usavam, desde que ninguém jamais vivesse para contar. Ele usava uma luva formada com as garras de alguma besta na mão direita. Os monges vermelhos eram assassinos notórios. Nunca havia ouvido falar de ninguém que sobrevivesse depois que um monge resolvesse matá-lo.

Eu me esforcei para ficar de pé e me deparei com a dor que sentia em meu pescoço. Essas mutucas sanguíneas deixam um hematoma desagradável.

Olhei a fúria nos olhos do monge.

— Por que o sumo sacerdote o mandou? Eu tenho a pedra. Consegui. Eu estava a caminho para levá-la de volta.

Minha raiva ferveu:

— Não disse a ninguém do nosso acordo, se é o que preocupa. Está tudo exatamente como combinamos.

— Não importa.

Eu franzi a testa.

— Pare de falar por enigmas, monge. Diga-me por que está aqui e pare de brincar!

Ele parecia se divertir: — Não posso deixar você viver, sendo o que é.

— O que diabos isso significa? — Minha voz se ergueu.

— Eu fiz o que ele pediu. Peguei a pedra maldita!

Lá no fundo eu sabia desde o início que o sumo sacerdote não me deixaria viver. Que ele estava me enganando. Sobre o que mais ele havia mentido? Meu sangue congelou, e me senti mal. Rose...

O monge olhou para minha algibeira, e eu vi um brilho de admiração sufocado, que desapareceu rapidamente: — Sim. Impressionante para uma *mulher*. Você deve ter sido sorte.

— Sorte? — Eu bravejei. — Não foi sorte, imbecil.

Ele riu, e eu podia sentir as ondas de desprezo vindas dele como calor.

— Sempre tão dramática e emocional, as mulheres são todas iguais. Vocês são criaturas patéticas e fracas que precisam ser domadas e conquistadas.

Eu estreitei meus olhos. Eu queria matar esse desgraçado.

— É óbvio que você não sabe nada das mulheres. Certamente *não* somos fracas.

Movi a minha mão direita cuidadosamente em direção à minha espada.

O rosto do monge era neutro e sem emoção. Eu vi apenas desprezo nos olhos dele.

— Todas as mulheres são propriedade do templo — ele continuou como se isto fosse um fato bem conhecido. — Não importa sua posição.

Pensei que se a princesa Isabella ainda estivesse viva, ela diria o contrário.

— As mulheres nobres não são propriedade do templo, ou você se esqueceu do tratado que assinou com os reinos. Tenho certeza de que as mulheres nobres da Espânia cortariam sua cabeça se o ouvissem falar assim.

— As coisas estão mudando. Logo, não importa se você é rico, nobre, ou simplesmente do Fosso como você. Todas as mulheres pertencerão aos sacerdotes do templo. Você verá.

— Ver o quê? Seu idiota covarde.

— As mulheres sempre foram inferiores aos homens em todos os sentidos.

Uma mulher não é nada mais do que uma versão deficiente de um homem. Vocês têm o cérebro menor, músculos mais fracos, e são submissas e incapazes de pensar racionalmente ou logicamente. Vocês são muito emotivas e não têm inteligência para governar. Vocês só têm duas finalidades na vida: reproduzirem-se e trazer prazer aos homens.

Eu queria cortar sua língua e fazê-lo engolir suas palavras.

— Você não sabe nada sobre as mulheres. E o que você sabe sobre o prazer?

Todos sabem que vocês monges são castrados. Você não é nada mais do que uma ferramenta do templo.

Olhei para o ponto entre as pernas dele e sorri.

— Não é nem um homem de *verdade*. E você provavelmente tem que se forçar a ter uma mulher, porque vamos encarar, que mulher você teria *naturalmente*?

Eu ri:

— Você é uma aberração. Monges não passam de bastardos do templo.

Seu rosto escureceu, e os lábios dele ficaram tensos. Ele puxou uma espada longa de prata: — Você vai morrer por isso.

Eu olhei furiosamente e puxei minha espada: — Isso é o que vamos ver.

O monge atacou mais rápido do que eu esperava. Bloqueei sua espada com minha lâmina e consegui evitar o gume. Eu podia sentir seu hálito rançoso. Eu me defendi de seus golpes seguintes, o tempo todo procurando uma abertura, enquanto tentava ficar viva. Mas eu nunca vi uma abertura. Toda vez que eu atacava, ele se movia contra meu ataque. Era como se ele previsse os meus passos antes mesmo que eu sequer pensasse neles.

Eu desviei quando a grande espada de prata veio até mim. Ele atacava anormalmente rápido, e eu mal tinha tempo para bloquear e me recuperar. Eu estava cansada por causa da corrida e da falta de comida, e eu sentia minhas forças me deixarem. Meu pescoço ardia onde eu havia sido picada, e eu podia sentir o vergão crescendo.

Eu girei minha lâmina e me defendi. Virei rapidamente para a esquerda e o golpeei com toda força - mas tudo o que encontrei foi o ar. Ele acertou minha coxa, e eu gritei. Eu girei e bloqueei um golpe mortal que poderia ter me decapitado. Consegui saltar e tentei ignorar o latejamento na minha coxa.

Ele hesitou por um momento quando viu a luz dourada jorrando do corte na minha coxa.

— Maldita, bruxa! — resmungou para mim. — Vou adorar ver você morrer.

Ele atacou minha perna ferida. Eu girei, mas ele acertou meu estômago. Abri minha boca em um grito silencioso quando ele se afastou. Sangue jorrou da minha ferida por um instante, mas, então, parou. Mais um pouco para a esquerda e eu provavelmente estaria morta. Embora minha perna ferida já tivesse se curado, a ferida nas minhas entranhas precisava de um pouco de tempo para fechar, e eu sabia que não podia ficar ferida assim. Eu precisava encontrar uma maneira de acabar com isso agora. Minha espada foi ficando mais e mais pesada, e eu sabia que não seria capaz de usá-la em breve. Bruxa ou não, eu não era imortal. Eu estava cansada.

— Eu quero ver seu rosto enquanto você morre, bruxa — resmungou o monge.

— Eu quero ser a última coisa que você verá antes de encontrar-se com o Criador.

Senti uma tontura, e o rosto dele ficou borrado. Eu tinha que tentar um último ataque ao monge. Mas minha espada vacilou.

— Você achou que poderia me ferir?

O monge sorriu:

— Você pode ter alguma habilidade com a espada, mas não é páreo para um monge vermelho, mulher. E agora você está sem tempo.

Ele rosnou, e eu pude ver e sentir o cheiro de seus dentes afiados manchados de marrom.

Em um relâmpago vermelho, e antes que eu pudesse reagir, o monge veio em minha direção novamente, debatendo-se descontroladamente. Ele era um borrão.

Como podia um homem ser tão rápido? Era impossível. Um homem normal não podia se mover assim. Era quase como se ele fosse mágico.

O mundo ao meu redor se tornou nebuloso. Eu joguei meus braços para me equilibrar, mas o chão vacilou aos meus pés.

— Eu disse que a mataria — riu o monge.

A dor do meu pescoço começou a aumentar.

— O que - o que é isso? — Senti a dormência da mordida no meu pescoço recair sobre meus braços e pernas. Tive que me esforçar para manter minha espada em minhas mãos.

— Você morrerá eventualmente — disse o monge, fechando as garras da mão enluvada. — O veneno já está agindo em você.

Eu percebi com horror que não havia sido picada por uma muriçoca gigante, mas havia sido picada pelas garras da luva dele. Eu passei a mão no pescoço.

— Veneno não me mata.

Ele sorriu maldosamente: — Esse veneno não é como os outros.

Eu não podia continuar assim. Eventualmente, ele me mataria.

— Eu vou fazer um acordo — eu disse, tentando não parecer desesperada.

O monge sorriu:

— Não faço acordos.

Eu balancei minha cabeça, tentando limpar a visão embaçada.

Minha voz tremeu.

— Eu vou desaparecer. O sumo sacerdote nunca saberá que você não me matou.

— Mas eu irei matar você — o monge sorriu sombriamente. — Como eu disse, não faço acordos.

Ele veio até mim, e eu dei um passo para trás.

— Eu vou dar a pedra a você — deixei escapar.

Ele parou e me estudou por um segundo.

— Isso mesmo — eu disse, deixando cair a espada aos meus pés. — Eu lhe darei a pedra, isso mesmo. Eu a darei a você.

Eu peguei a gaiola dourada, abri sua tampa e coloquei a pedra em minha mão.

Ela estava quente.

— Aqui, toma. É isso o que veio buscar, não é? Tome e me deixe partir. O

sumo sacerdote vai pensar que você me matou. Eu vou desaparecer, e você nunca vai me ver ou ouvir falar de mim outra vez.

Ele hesitou. A tentação de possuir a pedra o consumia. Eu podia sentir a atração da pedra chegando ao monge.

— Sim — disse ele, acenando estranhamente. — A pedra é minha. Sempre foi minha. Posso sentir o seu poder.

De repente, o sorriso dele desapareceu.

— Me dê — ele ordenou.

— Toma. — Eu joguei a pedra.

O monge deixou cair sua espada e pegou a pedra no ar, olhando para ela com amor, em adoração.

— É minha. A pedra é minha! É...

Mas ele não terminou a sentença. Ele começou a brilhar de amarelo e depois se despedaçou como vidro.

Desta vez, eu estava longe o suficiente para não ser atingida pelos pedaços dele. Fui até onde o monge estivera e peguei a pedra.

Limpei-a com a minha capa, coloquei na gaiola e guardei na minha algibeira.

Fiquei aliviada ao sentir seu pulso quente contra minha pele.

Os outros ainda viriam atrás de mim e eu havia desperdiçado um tempo precioso lutando contra o monge; eu teria que correr novamente. Eu sabia que o efeito do veneno que ele havia usado eventualmente iria passar, mas era difícil me concentrar enquanto isso não acontecia.

Quando o homem mascarado me envenenou, eu havia me recuperado, mas de alguma forma eu sabia que esse veneno era *diferente*.

Minha visão estava turva, e eu via imagens de homens e mulheres morrendo, criaturas comendo crianças, oceanos de sangue, vermes, trevas e mortos se levantando. Eu estava com frio e calor – tudo de uma vez. Eu caí de joelhos e vomitei um líquido negro que não era sangue. *O que estava acontecendo comigo?*

O frio infiltrou-se através da minha pele, e a minha boca tinha um gosto tão amargo como cebola crua.

Senti minhas lágrimas como ferro quente no meu rosto e meu pulso rugia nos meus ouvidos. Assisti horrorizada a como uma espécie de tinta preta se espalhava sob minha pele e enchia as veias. Meus braços e as mãos estavam cobertos de fios pretos grossos. *Que tipo de veneno poderia fazer isso?*

A náusea me sobreveio de novo e eu vomitei. Tentei ficar de pé, mas o chão se movia. As árvores me cercaram, e eu tinha a sensação de que estava correndo, mas eu não estava. Fechei os olhos na tentativa de segurar a tontura e lutei contra a onda de náusea.

Ouvi o som de folhas e ramos esmagados. Ouvi o farfalhar de arbustos e, então, o abafado de vozes. Os sons pareciam estar vindo de todo o lado a minha volta. Eu mantive meus olhos fechados e me concentrei nos ruídos. Eles foram ficando mais e mais alto. Meu coração batia nos meus ouvidos. Outro monge vermelho vinha terminar o trabalho? Ou era um dos meus concorrentes para me matar?

— Elena?

Eu abri meus olhos e quase gritei de alívio.

O príncipe Landon estava na minha frente, me olhando como se não estivesse esperando me encontrar. Mal pude distinguir os rostos dos cinco homens atrás dele. Ele olhou para a confusão de sangue e os pedaços de carne no chão ao meu lado.

Quando seu olhar se voltou para mim, eu não conseguia entender o olhar em seus olhos.

— L-Landon... — eu murmurei.

Eu vomitei novamente.

— Estou mal. Me ajuda. Acho que estou morrendo. — Eu estava chorando agora.

Eu queria cair em seus braços e sentir que estava tudo bem novamente. Eu abri minha boca para falar, mas fui atingida por outro ataque violento de náusea.

— Pensamos tê-la perdido.

Eu estava tão feliz de ouvir a voz de Landon tão perto.

— Estamos monitorando você por horas. Pensamos tê-la perdido para sempre, até que vimos a luz.

Eu queria perguntar qual luz, mas outra náusea me atingiu tão poderosamente que eu perdi completamente a força.

Eu levantei a cabeça, e com algum esforço estendi a mão para ele.

— Landon.

Ele veio até mim com as mãos estendidas.

Eu queria sentir seu calor novamente. Eu estava com tanto frio. Eu queria que ele me abraçasse, me levasse a seus curandeiros e me curasse. Eu fechei os olhos e desejei me sentir melhor.

Mas eu não senti suas mãos. Não senti o calor do seu corpo contra o meu. Ele não pegou minha mão.

Dei um pequeno suspiro quando o príncipe desamarrou o alforje da minha cintura e o tirou de mim com a pedra dentro.

Eu estava horrorizada demais e ferida demais para falar. Eu forçava palavras que não vinham.

Finalmente, eu disse:

— Landon... o que está fazendo... por favor... me ajude...

Ele olhou para mim. *Era pena em seus olhos?*

— Me desculpe, Elena — ele disse sem emoção. — Mas isto é mais importante do que você jamais poderia entender. Os sumos sacerdotes prometeram me dar de volta meu título e minhas terras se eu lhes trouxesse a pedra. Pense em tudo de bom que eu posso fazer. Posso reconstruir o Fosso e remover o sistema de castas. Eu mesmo vou colocar um fim nas concubinas.

Pense nisso. Nosso povo, sim, Elena, *nosso* povo vai se curar. Eu tenho que fazer o que é melhor para meu reino. Espero que entenda isso. Você teria feito a mesma coisa.

Eu abri e fechei minha boca. Não conseguia falar.

Tremendo de dor, finalmente consegui resmungar em meio a lágrimas e saliva.

— Landon, não me importo com a pedra. Só me arranje um curandeiro.

Mas não havia mais nenhuma bondade em seus olhos. Não sabia se alguma vez havia existido. Ele parecia tão frio e amargo.

— Eu queria que as coisas pudessem ter sido diferentes entre nós. Me desculpe...

Ele se virou e saiu.

O mundo ficou fora de controle. Meu coração havia sido abalado por um homem por quem havia me importado. Perdi o restante das minhas forças e caí de rosto em meu próprio vômito.

Eu soluzei:

— Landon?

Eu chorei, estendendo as mãos para ele. Mas ele não voltou. Ele havia escolhido a pedra, e ele havia escolhido me deixar morrer. Pensei que compartilhávamos de uma conexão, mas eu estava errada.

Eu o vi desaparecer na floresta em meio às minhas lágrimas. Minha mão caiu sem vida no chão, e eu senti meu coração abrandar até que eu não o conseguisse ouvir mais. Talvez eu devesse morrer. Talvez eu merecesse isso.

Quando a escuridão finalmente chegou, eu me deixei levar.



CAPÍTULO 28

AS VOZES VIERAM TODAS de uma só vez, abafadas, como se estivessem longe, como num sonho. Eles mudavam, trocavam, aumentavam. Todos gritavam.

Eu tentei mandar as vozes do meu sonho embora, queria que me deixassem ir com a escuridão, mas minha voz não veio. A escuridão passou e as vozes se aproximaram.

— Não toque nela! Ela é uma bruxa. Ela vai enfeitiçá-lo. — disse uma voz de homem.

— Você ouviu o que os outros disseram. Ela é portadora de magia. Isso só pode significar que é uma bruxa.

— Se tocar nela, você será amaldiçoado para sempre — disse o outro homem, e ouvi alguém cuspir.

— Eu estou avisando que você ficará sob o feitiço dela, como um escravo.

Você vai ser um maldito escravo. Todo mundo sabe que as bruxas são crias do diabo. Ela provavelmente vai amaldiçoar nossas famílias também. É isso que você quer? É isso?

— Droga, Jon — disse a outra voz novamente. — Apenas deixe-a. Ela provavelmente está morta de qualquer maneira. Olhe para ela.

— Ela não está morta — gritou uma voz diferente com autoridade.

Senti algo encostar em meu pescoço e pressionar a minha pele.

— Há um pulso — o homem chamado Jon suspirou de alívio. — Ela está viva.

Não sei o porquê, mas eu queria dizer a eles para me deixarem morrer. Se eu não podia me curar do veneno do monge vermelho, ele não seria capaz de me ajudar de qualquer maneira.

— Mesmo se você a levar, não chegará a tempo. Ela já está longe demais.

— Sim, ela parece um cadáver. Deixe-a.

— Calem-se! Os dois. — rosnou a voz dominante. — Ou juro por Deus que vou matar vocês!

Algo forte me envolveu, e a próxima coisa que senti é que eu estava flutuando.

Eu me lembro de ter sonhos nos quais eu poderia voar, e meus pés não tocavam o chão. Isto era similar. O cheiro almiscarado de suor masculino chegou ao meu nariz. Não me lembrava de conseguir sentir cheiros em sonhos. Talvez não estivesse sonhando. Eu estava quente e com sono. O homem parecia forte e assustador. Me bateu uma onda de náusea, e mais uma vez me perdi na escuridão.

Acordei ao som de vozes zangadas novamente. Eu ainda estava flutuando.

Quando eu senti a dor lancinante da minha pele esfregando contra a camisa de um homem, eu soube que não estava sonhando. Eu tremia violentamente como uma onda de febre que percorria meus membros.

Senti os braços do homem me apertar em resposta ao meu tremor. Meus olhos começaram a se abrir. Formas desfocadas passavam por mim, eram sombras altas, tão gigantes quanto as montanhas. Árvores, pensei. Mas à medida que meus olhos se ajustavam, vi que as árvores pareciam ter rostos, rostos horríveis com olhos grandes bulbosos e presas. *Como as árvores podiam ter rostos?* Tive a impressão de já ter visto estas árvores com rostos antes, mas onde? Eu me sentia uma idiota, e minha cabeça tombou para a frente.

O passo havia ficado mais rápido agora. Minhas pálpebras estavam pesadas, e eu não conseguia mantê-las abertas. Não importava. Nada que vi fazia sentido.

Eu estava confundindo o meu sonho com a realidade, ou eu estava ficando louca?

Talvez um pouco dos dois.

— Aqui é o mais longe que podemos ir — ouvi uma voz dizer. — Espero que você saiba o que está fazendo.

Vento batia em meu rosto. Estávamos nos movendo mais rápido agora. Por um segundo, pensei estar montando novamente. Então, ouvi um relinchar, mas isso era impossível. Todos os cavalos haviam partido.

Senti um enjoo súbito e vomitei tudo em mim mesma. Eu não tinha força para levantar a minha cabeça. O cheiro do vômito estava me deixando enjoada de novo. Fiquei agradecida quando retornei à inconsciência.

Eu sabia que não estava morta quando eu acordei com uma dor de cabeça pulsante que palpitava em meus ossos. Não conseguia me lembrar de nenhum sonho, era apenas um sono frio e sem fim, do qual eu parecia que jamais acordaria.

Alguma coisa quente me cercou, aliviando minha dor de cabeça. Eu abri meus olhos e vi uma luz. Eu estava em um quarto, deitada em uma cama confortável, com lençóis de linho branco e uma colcha grossa. As paredes eram feitas de madeira de pinheiros e exalava um cheiro glorioso de floresta.

Também senti o cheiro de lavanda, um aroma fraco. Quando eu percebi que eu era a fonte do cheiro, me enrijeci.

Alguém havia me banhado. Onde eu estava, e como havia ido parar ali?

Ouvi uma fungada, e sem virar a cabeça ou me mover, virei meus olhos para o som.

O Jack Louco estava sentado em uma cadeira de madeira. O seu rosto molhado de lágrimas, e os olhos cheios de vermelhidão. Ele estava vivo. Eu não sabia quão aliviada ficaria ao vê-lo e o quanto ele significava para mim até aquele momento. Quase comecei a chorar ao ver sua dor. Senti que estava corada.

Percebi que estava invadindo um movimento particular dele. Eu sabia que ele não queria que eu o visse chorar.

Mas por que ele estava chorando? E o que ele fazia ali? O que eu estava fazendo ali? Onde diabos eu estava?

Esperei por um momento e, quando eu percebi que havia lhe dado tempo suficiente, fiz um gemido súbito e me mexi um pouco.

O Jack Louco ficou de pé num salto, e eu ouvi o barulho de uma cadeira no chão. Senti um súbito peso sobre o colchão quando ele sentou do meu lado.

— Elena?

Eu abri meus olhos novamente, mais facilmente desta vez, e olhei para ele.

Seus olhos escuros estavam vermelhos, mas as lágrimas haviam desaparecido.

Ele ia pegar minha mão, mas desistiu no último segundo, como se pensasse melhor.

— O que aconteceu? — Minha voz estava seca. — Como cheguei aqui? Onde estamos?

Eu percebi que eu estava nua, exceto por uma manta branca fina. Corei ao pensar que alguém havia me esfregado toda para tirar a sujeira do meu corpo.

Ele soltou um suspiro trêmulo, e seu sorriso enviou uma vibração por mim.

Sua roupa parecia bem lavada, e ele havia feito a barba. Sua pele dourada parecia brilhar na luz, e ele parecia ainda mais bonito do que me lembrava.

— Estamos nos Portos Cinzentos.

Eu me sentei.

— O quê? A aldeia das bruxas? Está doido?

Eu olhei ao redor do quarto, à espera de ver caveiras humanas, objetos sacrificiais, sapos e um grande

caldeirão fervendo com crianças dentro. Mas o quarto estava impecável com uma única cômoda branca e um vaso cheio de íris azuis e amarelas, narcisos e violetas. Parecia mais uma casa nobre do que a cabana de uma bruxa. Mas, eu também nunca havia visto onde viviam as bruxas, nem sabia como era dentro dos seus lares.

— Mas por que me trouxe *aqui*? De onde tirou essa ideia?

O sorriso do Jack Louco fez meu coração acelerar novamente. Eu podia ver que ele ainda estava relutante quanto a pegar minha mão ou não. Ele não pegou.

— Porque... você tem magia — ele disse com a voz baixa — Então, eu pensei que você devia ser uma bruxa também. E quem melhor para ajudar a curar uma bruxa do que as bruxas?

Fiquei surpresa:

— Mas você *odeia* as bruxas!

Ele ficou vermelho, e eu não entendi por quê. Ele se mexeu desconfortavelmente e não me olhava nos olhos.

— Eu vi como você olhou para mim quando eu tomei a pedra. Eu vi algo obscuro em seus olhos. Eu vi. E mesmo assim ainda me trouxe aqui?

— Jon fez a coisa certa ao trazê-la aqui — disse uma voz de mulher.

Olhei por cima do ombro do Jack Louco. Uma mulher forte, com uma cara séria e olhos meigos, estava parada na porta do quarto. Ela usava um vestido disforme de linho verde bem simples. O rosto dela estava marcado pela idade, mesmo assim, ela ainda era bonita. A pele dela era como porcelana, fina, mas não frágil, e seus olhos escuros se destacavam contra sua pele clara. O cabelo branco estava preso ordenadamente em um coque no topo da cabeça. Ela apoiava-se cuidadosamente sobre um bastão de madeira com rostos de diferentes animais esculpidos. Uma longa corrente pendia em seu pescoço, com um pingente na forma de uma estrela dentro de um círculo.

Eu estava diante de uma bruxa, uma bruxa de verdade, e ela parecia uma mulher idosa normal. Ela não era verde e coberta de verrugas, nem tinha a pele enrugada, seus dentes não eram como agulhas pontiagudas. Ela parecia uma pessoa normal.

Surpreendentemente, eu não estava com medo, nem mesmo com vergonha por terem me banhado. Em vez disso, havia uma calma e, pela primeira vez na minha vida, eu me senti segura.

— Eu sou Ada — disse a bruxa. Seus olhos verdes profundos pareciam cheios de sabedoria.

— Eu sou a bruxa maior dos Portos Cinzentos, e você é bem-vinda aqui, Elena.

— Obrigada, Ada. E eu acho que devo agradecer também por salvar minha vida.

Ada balançou a cabeça.

— Jon salvou sua vida. Você teria morrido se ele não a tivesse trazido para cá quando o fez.

Olhei para a mulher estranha. Esse nome novamente. Não conheço ninguém chamado Jon, e mesmo assim me lembrava de alguém chamado Jon no meu sonho.

— Pensei que o Jack Louco tivesse me trazido para cá? Quem é Jon?

— Sou eu — disse o Jack Louco.

Havia uma sugestão de tristeza em sua voz que quase me levou às lágrimas.

Meu rosto ficou vermelho e soltei um suspiro tenso. Olhei para ele. Olhei para ele de verdade, e foi como se eu visse o rosto dele pela primeira vez. Como havia sido egoísta por nunca ter perguntado o nome desse homem. Essa linda criatura havia salvo minha vida, quando todos me deixaram para morrer.

Quando até mesmo o príncipe Landon preferiu me deixar morrer, o senhor das ruas escolheu me salvar.

— Jon — eu disse, sentindo o seu verdadeiro nome em meus lábios pela primeira vez. — Obrigada por salvar minha vida, Jon. Eu... sinto muito por nunca me preocupar em perguntar seu nome, seu nome verdadeiro. Eu fui tão horrível com você — sussurrei.

Minha voz tremeu:

— Não acredito nas coisas que eu disse a você.

Com a menção de seu nome verdadeiro, ele me deu o sorriso mais deslumbrante que eu já havia visto, mais belo que todas as pedras preciosas na galeria dos sumos sacerdotes.

Jon olhou para a bruxa no pé da minha cama e depois de volta para mim. Eu vi que ele lutava com algo internamente, quase como se ele preferisse ter mantido esta conversa privada.

Ele limpou minhas lágrimas, e eu fiquei o firme que pude. Os dedos dele eram carinhosos e gentis. Então, ele pegou minha mão, apertou-a delicadamente, trouxe-a a seus lábios e beijou meus dedos.

Meu coração bateu forte, e eu senti meu rosto queimar. O Jack Louco, ou melhor, Jon, nunca havia me beijado, nem na bochecha; todo o tipo de emoções jorrou dentro de mim ao mesmo tempo. Não foi um beijo sensual, foi um beijo que significava perdão, bondade e amor incondicional.

Eu havia sido uma tola.

Eu queria estender as mãos, puxar o rosto dele e beijá-lo até ficar sem fôlego.

Mas nós não estávamos sozinhos e, embora estivesse muito consciente do olhar atento da mulher, senti que ela queria que compartilhássemos este momento.

— Não se preocupe — disse ele finalmente — Eu também não lhe diria meu nome verdadeiro. Eu não podia... bem, não no início. Meu nome de nascença é Jonathan Worchester. Jack Louco é só um disfarce que eu uso no Fosso. Eu me tornei conhecido como o Jack Louco e passei tanto tempo assim que acabei me *tornando* ele e me perdi no processo.

— Cobertura para quê exatamente? — Senti os olhos da mulher em mim enquanto esperava a resposta.

Jon endireitou-se:

— Para a rebelião.

Não me importei em esconder minha surpresa: — Há uma rebelião?

— Sim. E está em planejamento há anos.

— Eu sou o chefe da divisão do Fosso. Nós precisávamos nos infiltrar no império, e qual melhor lugar do que no Fosso? Era o local perfeito para obter as informações de que precisávamos. Estávamos perto o suficiente da Cidade das Almas para estudá-la e fazer planos para derrubar o seu império. Onde nossos antepassados falharam, acreditamos que podemos vencer. A pedra complica as coisas — ele continuou.

— Mas ainda tenho esperança de que podemos derrotá-

los.

A força em seu rosto era dolorosamente linda.

— Então, por isso você conhecia o príncipe Landon e os outros nobres — eu disse, juntando as peças. — Essa é a parte que não podia me dizer antes.

— Correto. Nós nos encontramos secretamente há anos, cuidadosamente planejando nosso golpe.

Jon suspirou, e eu fiquei tentada a tocar em seu rosto, mas não.

O pensamento de fazer parte de uma rebelião me deu uma sacudida de empolgação.

— Eu quero participar — disse eu me endireitando. — Eu quero participar da rebelião. Eu posso ser útil. Minhas habilidades e capacidades podem ser muito úteis para vocês. Eu quero participar. — Repeti com mais convicção.

Jon mostrou seus dentes perfeitos: — Geralmente, há um período experimental e uma investigação minuciosa de qualquer pessoa que queira participar. Cuidado nunca é demais, sabe. Mas eu diria que você se provou digna. Do seu jeito, você sempre foi parte da rebelião.

Eu estava sorrindo de orelha a orelha: — Obrigada.

De repente houve uma agitação na porta do quarto, e três meninas adolescentes correram para o quarto. Todas usavam o mesmo vestido de linho branco que a mulher mais velha, mas o delas era simples e sem ornamentos. A mais alta delas tinha a pele cor de café e olhos cintilantes de avelã. As outras duas tinham a pele mais clara – uma morena de cabelo preso e uma loira de tranças.

Seus olhos se arregalaram ao me ver, mas elas coraram profundamente quando olharam para Jon. Eu não as culpava; ele era muito bonito. A loira chamou minha atenção e eu pisquei para ela. Ela riu nervosamente.

Ada estava um pouco irritada com as meninas.

— O que é isso, meninas?

As três se endireitaram, a mais alta deu um passo à frente.

— Já terminamos de lavar e remendar a roupa — ela disse. A voz dela era suave, mas percebi que ela era a mais valente do grupo.

A bruxa bateu seu cajado na penteadeira, e eu me assustei.

— Coloque-as aqui, Sasha — ela ordenou. Sua voz era severa e, embora fosse pequena, eu sabia que ela era alguém com quem *nunca* discutir.

As três meninas encararam Jon, como se nunca tivessem visto um homem, particularmente um que fosse bonito. Mas quando olhei para ele, percebi que estava alheio aos olhares das meninas, pois estava me encarando.

A bruxa bateu seu cajado no chão.

— Voltem aos seus afazeres, meninas. Vão, e nada de ficarem suspirando pelos corredores.

Quando Sasha colocou minhas roupas na cômoda, nossos olhos se encontraram e um sorriso se abriu no rosto dela. Mas rapidamente desapareceu quando ela se juntou às outras duas meninas pelas mãos e correu para fora da sala.

Olhei para a janela do meu quarto. A julgar pela posição do sol, era meio-dia.

Meu sorriso vacilou um pouco.

— Quanto tempo estive desacordada?

— Oito dias.

— O quê? Tanto tempo? Mas eu achei ter sido ontem que...

Eu me lembrei de ficar consciente e desacordar algumas vezes, mas parecia ter sido ontem a minha luta contra o monge. O que havia acontecido?

— Nós chegamos aqui nos Portos Cinzentos somente ontem à noite — disse Jon. — Eu pensei que... Pensei que a havia perdido. Você estava fria e cinzenta, parecia muito doente.

Ele fez uma pausa, e seus olhos estavam cheios de dor: — Elena, você parecia morta. Ada salvou você.

— Não, Jon — disse gentilmente Ada — foi *você* quem a salvou. Seu pensamento rápido trouxe Elena para nós. Ela nunca teria conseguido se não fosse por você.

Meus olhos ardiavam, e eu não me sentia bem.

— Você estava muito, muito mal, mas também teve muita sorte — continuou a velha. Ela levantou suas sobancelhas. Sua expressão me fazia lembrar a de Rose.

Meu olhar se voltou para Jon.

— Eu pensei que você estava morto também, sabe. Pensei que o havia perdido fora do templo. O que aconteceu com você?

Jon coçou a nuca:

— A princesa Isabella aconteceu, foi isso. Ela e sua guarda nos atacaram por trás, e eu apaguei. A próxima coisa da qual me lembro foi de acordar na escada do templo com um galo gigante na nuca. Will e Leo estavam vivos ao meu lado, e todo mundo havia ido embora. Tudo o que vimos foram os corpos.

— Onde estão Will e Leo?

Jon riu:

— Acampados fora dos limites da floresta. Eles não ousaram pisar nos Portos Cinzentos.

Ele balançou a cabeça, sorrindo: — Estúpidos.

Eu revirei meus olhos:

— Realmente estúpidos. Mas não me surpreende.

Jon sorriu:

— Bem, eles não vieram. Mas estão bebendo o bom vinho das nossas anfitriãs e comendo sua comida, e olha que não é pouco.

Levantei minhas sobrancelhas: — Típico, claro que sim.

Achei muito generoso das bruxas alimentarem esses idiotas supersticiosos.

Quando balancei minha cabeça, senti um puxão no pescoço. Eu passei a mão e senti uns pontos na nuca.

— Eu levei pontos? — Eu olhei para Ada, mas não vi nada em seu rosto.

— Nós removemos a maior parte do veneno — disse a bruxa — Mas, infelizmente, não conseguimos eliminar tudo. Você carregará um pouco do veneno em você para o resto da sua vida. Se você tivesse recorrido a nós antes, teríamos conseguido extrair tudo. Mas, mesmo assim, removemos a maior parte.

— Eu já me curei de feridas muito piores. Por que a minha habilidade não está me curando? Por que eu não consigo me curar? Que tipo de veneno era esse?

— Temo que não seja um veneno qualquer. — Uma sombra passou sobre o rosto dela, e ela parecia ter envelhecido mais.

— Você não conseguiu se curar, e sua ferida nunca se fechará de verdade.

Você foi envenenada com *magia negra*.

Jon lançou um olhar nervoso na minha direção, mas eu mantive meus olhos em Ada: — E quem fez isto

com você sabia exatamente o que estava fazendo. Eles sabiam o que usar para matar alguém *como* você.

— Foi um monge vermelho — deixei escapar. — Um dos sumos sacerdotes o mandou para me matar. Ele usava uma luva com garras nos dedos. Ele deve ter me envenenado com isso. Mas como um monge consegue usar magia negra? Não faz sentido. Vai contra tudo o que eles acreditam.

Um brilho de indignação surgiu no rosto de Ada, mas ela não respondeu.

— Eu sou uma bruxa? — Eu perguntei. Não conseguia evitar. Eu estava morrendo de vontade de perguntar isso desde o momento em que eu a vi. — Como você e as outras meninas?

Ada inclinou-se e descansou ambas as mãos no seu cajado: — Sim e não.

— O que significa? — perguntou Jon. Senti um pequeno mal-estar em sua voz.

— Você me disse que ela *tem* magia.

— Ela tem magia — respondeu a velha.

Ela virou o olhar para mim: — Só que um tipo *diferente* de magia. A magia vem de várias formas e tem muitas variações. É tão antiga quanto o mundo e está contida em tudo ao nosso redor. A magia é misteriosa. E embora haja magia branca e magia negra, a magia em si não é nem boa nem má. Magia é magia. A única diferença entre o bem e o mal está em como o portador usa o seu poder.

Eu me senti minha confiança escapar de mim.

— Então, o que eu sou, se não sou uma bruxa?

Os olhos de Ada brilharam com uma intensidade que quase me fez desviar o olhar, mas não.

— Você é uma donzela de aço.



CAPÍTULO 29

MEU PRIMEIRO PENSAMENTO FOI olhar para Jon, mas pelo olhar perplexo no rosto dele, estava claro que ele nunca tinha ouvido falar de uma donzela de aço também.

— O que é uma donzela de aço? — Eu perguntei por ambos.

A bruxa olhou para mim com um sorriso: — Você é excepcionalmente boa com armas? Você é particularmente hábil com espadas, punhais ou algo com lâmina?

— Sim.

— Já pensou de onde vem essa habilidade extraordinária?

— Já me passou pela cabeça algumas vezes.

Ada sorriu. Ela parecia ansiosa para revelar mais para mim.

— As donzelas de aço são portadoras de magia. Se você considera as portadoras de magia como bruxas, então, sim, as donzelas de aço também são bruxas. Você é descendente do clã das donzelas de aço de Witchdom, ao Norte.

Existem seis clãs diferentes de bruxas em Arcânia e Witchdom, e administramos todos eles daqui. Os clãs são os das Bruxas Brancas, das Bruxas das Trevas, das Áugures, das Elementais, das Metamorfos e, por fim, o clã das Donzelas de Aço.

Eu sou do clã das Bruxas Brancas. Cada clã serve a um propósito específico, mas nós somos todas bruxas de sangue.

— O que são bruxas de sangue? — Eu estava curiosa e com fome por mais informações.

— Uma bruxa de sangue é alguém que nasceu com a magia. As donzelas de aço não podem fazer magia como as bruxas das trevas, por exemplo. Elas não conseguem criar objetos do ar, não podem lançar feitiços ou amaldiçoar, e não conseguem exercer a magia como as outras bruxas. As donzelas de aço são únicas. Elas são o único clã de bruxas que não produziu nenhum herdeiro do sexo masculino. Só uma *mulher* pode ser uma donzela de aço.

Eu não tinha ideia de que poderia haver bruxos, mas eu não quis interrompê-

la.

— Elas são fortes — Ada continuou — E têm uma capacidade inata para lutar e portar qualquer tipo de arma. Suas habilidades de cura extraordinárias significam que nada pode detê-las. Elas são uma força a enfrentar.

Ela fez uma pausa e, então, continuou: — As bruxas estão em guerra com o mundo dos homens há milhares de anos.

Os homens lutam contra nós porque temem o que não compreendem. Mais importante, nós lutamos porque eles querem sempre mais: mais terras, mais poder, mais de tudo. Infelizmente, a magia não pode derrotar o aço, nem sempre.

E quando a magia não podia mais salvar as bruxas, as donzelas de aço evoluíram.

Elas começaram como um grupo feroz de bruxas de sangue que conseguiam lutar melhor do que qualquer homem com qualquer tipo de arma, além disso, elas tinham a capacidade de se curar. Eles se tornaram as guardiãs de todos os clãs.

Durante séculos, as donzelas de aço mantiveram a raça humana sob controle.

— Mas a magia tem um custo, como você já aprendeu. Você não pode usar a magia indefinidamente. Quando se toma algo da deusa, é preciso dar algo em troca. A magia das bruxas finalmente se esgotou devido à guerra com homens, e a maioria de nós foi expulsa de Arcânia. Alguns, como eu, preferiram ficar para oferecer refúgio àqueles que ainda nascessem com magia numa terra que a odiava.

Logo, Witchdom foi dividida entre o que agora é Arcânia, onde alguns de nós permanecem, e o que sobrou de Witchdom, do outro lado das Montanhas Místicas, onde a maioria das bruxas reside hoje. O clã das donzelas de aço diminuiu ao longo do tempo, e elas simplesmente desapareceram.

— Até que veio a Elena — disse Jon.

Ada balançou a cabeça:

— Até que a mãe de Elena veio até nós.

Eu quase caí da minha cama: — O quê? Minha mãe? — Meu coração acelerou em meu peito. — Você conheceu a minha mãe?

A luz no rosto da bruxa desvaneceu-se.

— Sim, há muitos anos. Sua mãe, Katherine, morava aqui com a gente antes de você nascer. Ela era um membro valioso do clã, apesar de ser uma donzela de aço. Você é igualzinha à sua mãe — disse ela com um sorriso. — Eu soube quem era você no minuto em que Jon passou pela porta da frente com você.

— Então, por que ela partiu? — Eu estava morrendo de vontade de ouvir qualquer coisa que tivesse a ver com minha mãe. Eu só tinha vagas lembranças dela, e me doía admitir que, às vezes, me esquecia do rosto dela.

Uma pequena gota de suor apareceu na testa de Ada, e notei a ligeira hesitação antes que ela abrisse a boca: — Por amor. A estadia da sua mãe em nossa casa foi muito curta. Ela ficou apenas algumas semanas, até que se apaixonou por um jovem e partiu com ele.

Ela nunca voltou, mas mantivemos contato.

Ela olhou para mim novamente. Uma sombra no rosto fez suas rugas parecerem mais profundas.

— Fiquei muito triste ao saber de sua morte — ela disse e piscou os olhos com uma lágrima. — Ela era querida aqui. — Ada fechou os olhos, e pude ver a dor neles quando ela os abriu novamente.

Em seguida, o rosto dela ficou sombrio: — Ela não merecia morrer nas mãos desse homem, desse *sacerdote*.

— Quer dizer, nas mãos daquele bastardo — eu bravejei.

Meu rosto queimou de raiva, meus lábios tremeram e eu não pude continuar.

Jon apertou minha mão para me tranquilizar.

— Há muita coisa que ainda não sabe sobre sua herança, Elena — continuou Ada. — Sobre seu sangue

mágico e o que ele pode fazer.

A velha suspirou:

— Você é a última das donzelas de aço. Gostaria que você ficasse aqui e aprendesse mais, mas não há tempo.

Ela claramente tinha deixado muitas palavras não ditas.

— Onde está a pedra, Elena? — perguntou Jon. Suspeitei de que Ada quisesse me perguntar a mesma coisa. Eu também tinha a impressão de que ela sabia mais do que nós sobre a pedra.

Jon inclinou-se mais para perto de mim, seu rosto estava pálido, seus olhos assustados: — Não estava com você quando eu a encontrei.

Cerrei os dentes com força: — O príncipe Landon a levou — eu resmunguei. — O desgraçado tirou de mim enquanto eu estava lá, morrendo como um animal. Ele disse que era para o bem do Reino e alguma asneira assim.

Eu mantive meu rosto o mais inexpressivo que podia, mas a traição de Landon ainda me doía. Só de pensar nele, minhas lágrimas ameaçavam cair. Doía ter gostado tanto de alguém que não dava a mínima para mim.

— Ele disse que os sacerdotes ofereceram sua terra e seu título como rei da Ânglia de volta se ele lhes trouxesse a pedra.

— Estúpido! — Jon soltou minha mão e passou os dedos no cabelo. — Quão estúpido um príncipe pode ser? Eles nunca lhe devolverão seu trono e o título.

Eles nunca farão isso.

— É claro que não — respondi. — Mas ele parece acreditar que sim. Esses monstros nos enganam há anos, abusam de nós, nos estupram, e ele ainda escolheu acreditar neles. Ele só quer mesmo é ter seu título de volta. Ele não se importa conosco.

— Droga. Subestimamos os sacerdotes. De alguma forma, eles têm o príncipe.

Se ele esteve com os sacerdotes esse tempo todo, então, ninguém está seguro. A rebelião toda está em perigo.

— Nada disso importará se os sumos sacerdotes pegarem a pedra — Ada suspirou.

Ela apertou seu cajado até os dedos ficarem brancos: — Não haverá mais terras, não haverá mais riqueza, não haverá mais rebelião, não haverá mais nada. Se os sacerdotes colocarem as mãos na pedra, haverá apenas escuridão.

Os olhos dela se encontraram com os meus, sua expressão era dura: — Elena, o que o sumo sacerdote lhe deu para conter a pedra?

Dei de ombros:

— Uma espécie de gaiola de ouro. Por quê?

A velha cerrou os lábios e olhou para o vazio. O rosto dela estava ilegível, mas seus olhos estavam concentrados e cheio de energia.

— O que foi? O que não está nos contando?

— Os sumos sacerdotes não são o que parecem — disse Ada. — Há algo antinatural e maligno neles.

— Como o quê?

Seus olhos se voltaram aos meus: — Elena, você já se perguntou por que o sumo sacerdote a mandou na Grande Corrida? Por que mandaram uma mulher inexperiente em uma missão tão mortal?

Concordei, estreitando os olhos: — Porque ele sabia quem eu era.

Lembrei-me do triunfo que vi nos olhos dele quando eu fui capturada com a coroa que eu havia roubado.

— Ele soube no momento em que seus guardas me levaram até ele. Ele sabia que eu seria capaz de tocar na pedra.

— Exatamente. — Ada foi até a pequena janela e olhou para fora.

— As donzelas de aço eram famosamente imunes a diferentes tipos de magia, especialmente a magias dos druidas e às pedras mágicas.

Ela se virou e nossos olhos se encontraram: — Não é de admirar que eles a tenham escolhido como sua campeã. Você era a única pessoa que poderia levar a pedra de volta.

Eu sempre soube que era apenas um peão no jogo do sumo sacerdote. Mas eu não havia feito isso nem por eles, nem por mim.

— Ele ameaçou matar todos os habitantes no Fosso e a Rose se eu não levasse a pedra. Ela tem sido uma mãe para mim, mas ela é uma idosa impotente. Não demoraria muito para eles a matarem..

— Eu disse que cuidaria da Rose — disse Jon. — Meu povo a está protegendo.

Meu coração acelerou, e eu respirei fundo para tentar me acalmar.

— Eu sei, mas eu tenho um mau pressentimento. Se alguma coisa acontecer a ela, eu nunca me perdoarei. Eu a deixei. Eu a deixei sozinha.

— Ela vai ficar bem. Eu prometo — disse Jon.

Eu senti uma necessidade repentina de ir atrás de Rose. Talvez eu pudesse a trazer de volta para este lugar, para os Portos Cinzentos. Ela estaria segura aqui com as bruxas, longe das garras dos sacerdotes.

Eu olhei para Jon.

— Ele também disse que ia matar todas as crianças no Fosso e toda a aldeia se eu não levasse a pedra.

Jon praguejou, e Ada parecia estar prestes a amaldiçoar alguém.

— Foi só por isso que entrei nesta estúpida corrida. Eu fui forçada a fazê-lo.

E foi tudo por nada. Ele vai matá-los, eu sei que vai.

— Eu não vou deixar isso acontecer. Eu juro.

— O Império do Templo do Sol nunca devolverá os títulos do príncipe, nem qualquer outra coisa — informou a bruxa. — Os sumos sacerdotes desejam o poder acima de tudo. Eles querem o poder que a pedra pode lhes dar.

Jon levantou-se e passeou pela sala. Ele se virou e olhou para a Ada.

— Mas eu pensei que só a Elena pudesse tocar na pedra. Como os sacerdotes poderão usá-la?

Eu concordei com a cabeça. Jon tinha tomado as palavras da minha boca.

— Eles não podem tocar na pedra — disse Ada. — Caso contrário, teriam feito isso há séculos. Não, é outra coisa, mas infelizmente que não sei o que é. Só posso supor que eles descobriram uma maneira de usá-la. Eles não se dariam ao trabalho de encontrar uma donzela de aço se não soubessem que poderia controlar a pedra.

— Sim — ela assentiu com a cabeça. — Eles devem ter descoberto uma maneira. Nós temos as nossas suspeitas de que os sumos sacerdotes não são o que parecem ser. Eu senti isso na terra e nas águas do mundo quando os sumos sacerdotes apareceram pela primeira vez. Algo sombrio veio junto com eles.

Eu me endireitei na cama. Senti uma picada no local dos meus pontos, mas não sabia se era por causa dos pontos ou do veneno que ainda continuava lá.

— O que quer dizer? O que veio junto com eles? — perguntei.

Ada soltou um suspiro:

— O mundo mudou com a chegada desses sacerdotes e suas asneiras do Templo do Sol. Desde o momento em que eles chegaram, há trezentos anos, senti uma mudança no equilíbrio da luz e das trevas, entre o bem e o mal. Alguém ou algo está tentando invocar os demônios do submundo. Algo quer destruir o mundo que nós conhecemos. Nem a mais poderosa das bruxas ou os mais poderosos feiticeiros podem invocar as criaturas do inferno e controlá-las, a menos que possam exercer a magia terrível que reside na pedra.

Eu tentava ficar reta, mas não parava de escorregar nos travesseiros.

— Por que esta pedra é tão especial e perigosa? O que é o Coração de Arcânia?

— Na verdade, não sabemos com certeza — respondeu Ada. — Uma arma, talvez? A pedra é uma relíquia mágica. Sabemos que seu poder é derivado da magia do mundo e que a pedra armazena essa magia, até que ela seja liberada. A pedra está ligada ao nosso mundo. Não sabemos quem criou as pedras, só que elas existiam antes do tempo das bruxas e dos homens.

— *As pedras?* — Jon franziu as sobrancelhas. — Há mais de uma?

Ada parecia cansada.

— Três. Mas as outras duas não eram nem de longe tão poderosas como esta, e foram destruídas há muito tempo. Mas nós não conseguimos destruir o Coração de Arcânia. Os clãs das bruxas decidiram mantê-la segura e escondida. Era para ela estar segura em Goth, onde era protegida por uma sociedade secreta de homens chamados a Ordem das Pedras. Eles juraram proteger a pedra com suas vidas.

Jon e eu compartilhamos um olhar: — Os homens mascarados de Hollowmere.

A vergonha queimou no meu rosto.

— Estavam protegendo a pedra... e nós os matamos.

Ada nos olhou com seriedade.

— As pedras foram feitas para serem secretas. Magia é magia. Ela pode ser usada para o bem ou para o mal. Não creio que as pedras foram feitas para serem portadas por quem vive hoje. Seu poder vem de um mundo esquecido há muito tempo nesta terra. É um poder que nunca deveria ter sido descoberto há tantos anos.

Seus olhos pareciam selvagens.

— Devemos impedir isso. Esqueçam-se de seus amigos e de quem amam, esqueçam tudo. Não há nada mais importante neste mundo do que tirar a pedra dos sacerdotes antes que seja tarde demais. Antes que eles condenem a todos nós.

— Se eu não tivesse roubado a coroa de Ânglia, nada disto estaria acontecendo — eu disse suavemente.

Eu podia sentir os olhos do Ada em mim, mas eu olhei para o lençol em vez disso. O longo silêncio era uma resposta. Não podia ficar sentada tendo pena de mim. Eu tinha que consertar as coisas de novo.

Jon limpou a garganta:

— Não há por que se culpar, Elena. Você não sabia. Nenhum de nós sabia.

— O que está feito está feito. — Ada moveu-se até o pé da cama.

— Não importa mais — ela disse e apontou-me seu cajado. — Primeiro precisamos deixar você bem o suficiente para viajar. De preferência amanhã, se você puder.

Inclinei-me contra a cabeceira da cama, concordando com a cabeça.

— Eu vou, sim.

Ela se aproximou de mim e falou com uma ferocidade que me fez encolher um pouco.

— Elena, você *precisa* impedir que a pedra caia nas mãos do sumo sacerdote.

Entendeu?

Ela bateu o cajado no chão e levantou a voz: — O mundo tal como você conhece agora irá pagar se você falhar.



CAPÍTULO 30

EU FIQUEI DEITADA NA CAMA por cerca de uma hora depois que Ada e Jon saíram para que eu pudesse me recuperar e descansar. Mas eu não podia descansar. Eu era perseguida pela ideia de que havia condenado o mundo com a minha própria estupidez. Eu sempre soube que os sumos sacerdotes eram maus, mas ouvir da boca da bruxa só tornou tudo mais claro. Os sumos sacerdotes estavam planejando destruir o mundo, e eu os ajudara.

Eles queriam usar a pedra para convocar um grande exército de demônios para destruir a todos. Eu só havia me deparado com demônios uma vez, aqueles que haviam brotado da neblina do Braço da Morte; eu nunca mais queria enfrentá-

los novamente. Eu não sabia como Jon havia passado incólume nos Portos Cinzentos comigo em seus braços. Eu teria que perguntar isso a ele mais tarde.

Ada havia mencionado que os sumos sacerdotes eram antinaturais. *O que isso significava? Eram homens ou não? Eles eram homens com almas corrompidas?*

Eu já sabia a resposta, mas e se eles não fossem homens afinal, mas algo mais sinistro e maligno? Tive um pressentimento de que Ada escondia informações de mim, e eu iria descobrir quais.

Entretanto, fiquei assombrada com imagens da morte. Morte. Morte e mais morte. As palavras de Ada me assombravam - um mundo ardente, crianças morrendo, Rose...

Eu tinha que pegar a pedra antes que Landon chegasse à Cidade das Almas. Eu precisava partir imediatamente.

Se os cálculos estivessem certos, eu estava lá há cerca de meio dia. Isso significava que ele estava um dia adiantado. Se partíssemos enquanto ainda havia luz, nós os alcançaríamos amanhã ou depois. Minhas memórias de Landon faziam meu estômago se revirar e doer. Eu havia sido uma tola por me deixar levar por seus olhos brilhantes e seu sorriso conquistador.

Resolvi levantar da cama. Eu estava vestida em questão de minutos. As jovens bruxas haviam feito um trabalho notável na minha roupa. Só um perito podia ver onde elas haviam costurado. Apesar da dor do veneno do monge vermelho na parte de trás do meu pescoço, eu me sentia bem. Mais do que bem. Eu estava pronta.

Eu senti cheiro de comida e encontrei um prato com pão, queijo, uvas, maçãs, carnes frias e um cântaro de água. Não sabia quão faminta estava até comer tudo sem deixar migalhas. Depois, tomei um bom copo de água.

Abri a porta do quarto e olhei pelo corredor também de madeira de pinheiro.

Curiosamente, o lugar tinha cheiro de floresta, era como estar em meio à natureza.

Andei pelo corredor e passei por várias portas fechadas. O lugar parecia um castelo de tão enorme, mas era construído com troncos em vez de pedra. Eu nunca havia visto nada assim antes, e admirei sua beleza.

Pelas janelas, eu vi que esta enorme estrutura ficava em meio a um santuário de vida selvagem no meio da floresta e na margem de um lago cintilante. Era um paraíso isolado. Não é de se admirar que as bruxas quisessem viver ali. Era um cenário espetacular. Rose ia adorar o lugar.

Era mágico. E pela primeira vez na minha vida eu senti que eu havia chegado em casa.

Mulheres de todas as formas, tamanho e etnias passavam por mim, ocupadas com tarefas, carregando livros e vasos de plantas, alguns gatos, mas na maior parte apenas caminhando e conversando entre elas. Todas usavam os mesmos vestidos de linho que Ada e as outras garotas, mas suas cores eram diferentes.

Alguns eram verdes-escuros, outros eram marrons ou vermelhos. Todas as garotas mais novas usavam branco. Talvez fosse preciso se formar para ganhar um robe colorido.

Eu me aproximei de uma janela na qual havia várias garotas. Ao me verem, elas inclinaram a cabeça e saíram correndo. Eu gostaria de ter falado com elas, para saber como era viver ali.

Mas quando olhei pela janela, esqueci tudo isso. Lá embaixo no lago, Jon estava deitado no gramado, com a cabeça descansando em seus braços. Eu podia ver sua pele bronzeada e sua camisa semiaberta. Era óbvio que as mulheres e as meninas daqui não tinham muitas visitas masculinas.

Não pude deixar de sorrir ao descer escada abaixo. Eu recebi alguns acenos e cumprimentos das bruxas pelas quais passei. Seu bom humor era contagiante, e eu estava sorrindo tanto que minhas bochechas até doeram quando cheguei lá embaixo. Eu me perguntava que tipo de magia elas podiam fazer. Era algo que se aprendia? Será que elas podiam fazer magias só com o pensamento?

Eu nunca havia estado tão relaxada antes, e não sabia o que fazer comigo mesma. Mas eu me senti ainda melhor quando abri as duas portas grandes e atravessei o gramado luxuoso para encontrar Jon.

Ele se virou ao perceber que eu me aproximava e levantou-se graciosamente.

Era difícil não ficar olhando para o peito dele. Seu rosto era mais bonito à luz do sol. E quando ele chegou mais perto e sorriu, minhas pernas ficaram bambas.

— Já está de pé? — ele perguntou.

Olhei para o lago.

— Sim. Estou muito melhor. Eu me sentia inútil deitada naquela cama. E

depois do que Ada disse, bem, eu não conseguiria dormir, não é? Se quisermos alcançar Landon antes de ele chegar à Cidade das Almas, devemos ir agora.

Jon me olhou com desconfiança: — Ele não chegará antes de nós. Confie em mim, nós ainda temos tempo.

Eu franzi a testa:

— Nós não temos tempo. Ele está um dia à frente, talvez mais. Se não formos agora, nós nunca o alcançaremos.

— Não podemos partir ainda, não até amanhã. Ordens de Ada.

— Desde quando você ouve a ordens de alguém? — Eu perguntei com ceticismo.

— Desde que envolvam seu bem-estar. Ada disse que este lugar cura também, que está curando você, e que precisamos ficar até amanhã.

Eu suspirei, mas sabia que Ada estava certa. No momento em que abri meus olhos e percebi que a minha enxaqueca havia ido embora, eu senti o poder de cura.

— Está bem.

Jon pegou a minha mão:

— Venha comigo. Eu quero lhe mostrar uma coisa.

Era muito tranquilo ser liderada por ele. Sua mão quente era áspera e calejada, e eu me sentia segura com ele.

— Onde estamos indo?

O sorriso de Jon aumentou, mas ele não me olhou.

— Você verá — disse ele.

Eu tentei controlar o rubor em minhas bochechas.

Montanhas acompanhavam de longe a margem do lago. Atravessamos o jardim e nos dirigimos a um

prado com gramas altas. O ar cheirava a perfume caro. Era muito diferente do cheiro de urina quente e esgoto que eu crescera sentindo no Fosso.

Era uma pena que as pessoas não conhecessem este lugar, mas talvez fosse melhor assim. Tenho certeza de que, se os sumos sacerdotes o encontrassem, o tomariam também, como fizeram com todo o resto.

Jon parou à beira de um campo aberto. Uma brisa espalhou seu cabelo. Os olhos dele se encontraram com os meus, e ele me deu um sorriso preguiçoso.

— O que estamos esperando? — Eu perguntei.

— Só espere.

Eu ouvi o ruído do trovão e senti um tremor debaixo de meus pés, mas quando olhei para o céu azul brilhante, não encontrei a fonte do barulho. E depois, do lado oposto do prado, ouvi um som que parecia estranhamente familiar.

E, então, eles vieram.

Centenas de cavalos galoparam em nossa direção pelos campos abertos. Eles se moviam juntos, como uma onda gigante, como um cardume. Eles eram marrons, avermelhados, castanhos, dourados, brancos, pretos. Havia alguns malhados que eu nunca havia visto antes; pareciam vacas. Avistei a potros correndo ao lado de suas mães. Mas um se destacou entre a multidão de cavalos.

Um garanhão alto, da cor da meia-noite, se destacava do resto, como um grande príncipe. Meu coração pulou. Eu o reconheceria em qualquer lugar.

— Torak! — Eu gritei.

Mas quando eu comecei a me mexer, Jon agarrou-me pelo braço.

— Você quer ser pisoteada até a morte?

Olhei para Jon e, em seguida, de volta a Torak.

— Mas... Como? Como ele chegou aqui? — Eu estava animada e aliviada ao ver que ele estava bem.

Jon sorriu e soltou meu braço.

— Eu perguntei para as bruxas a mesma coisa. Aparentemente, todos os cavalos da corrida vieram para cá depois que fomos emboscados pela neblina.

As bruxas disseram que todos os animais têm um sexto sentido. Pressentem o perigo e podem sentir onde há segurança. Eles sabiam que deviam vir para cá.

— Bestas inteligentes. — Meu sorriso aumentou. — Belo e gracioso. Poderia ficar aqui todo dia só para vê-los. Eles parecem tão felizes aqui.

Eu ri de um dos potros que deu uma cabeçada no irmão.

— Nós podemos avançar bastante amanhã com os cavalos — disse Jon. — o príncipe Landon e sua companhia estão a pé. Se partirmos amanhã cedo o suficiente, conseguiremos tomar a pedra bem debaixo do nariz dele.

— Que boa notícia. — Meus ombros relaxaram, e eu respirei aliviada. Senti que tínhamos uma chance real de obter a pedra. Eu não podia esperar para ver o choque na cara de Landon quando desse um soco nele. Príncipe ou não, eu o odiava por ele me deixar para morrer.

— Acho que Will e Leo fazem parte da rebelião também.

Jon assentiu com a cabeça: — Eles fazem. Todos nós entramos juntos.

— Quantos rebeldes temos no Fosso?

— Quase todos os homens capazes e algumas mulheres.

— Sério? Tantos assim?

Jon olhou o prado.

— Você ficaria surpresa com quantas pessoas estavam dispostas a se juntar a nós. O povo do Fosso está passando fome. Eles são escravos dos sacerdotes e não querem mais ser. Eles estão desesperados e com raiva, e vamos precisar dessa raiva e dessa paixão para derrubarmos o império.

Pensei em uma vida sem os sacerdotes. *Derrubar o Império do Sol.*

— Parece um sonho.

— E alguns sonhos se tornam realidade. — Os olhos de Jon brilharam, e senti seus dedos entrelaçarem-se nos meus. O brilho nos seus olhos fez meu coração disparar.

— Então, temos o resto do dia para relaxar. Ordens de Ada. Venha.

Ele me puxou até um bosque de árvores e arbustos. Eu estava quase inebriada de tão tonta. Finalmente, nós nos sentamos debaixo de uma macieira grande com folhas da cor de vinho.

Sentei-me ao lado dele, mas não muito perto. Eu estava suando e podia sentir meus dedos tremerem. *Por que eu estava tão nervosa?* Eu já havia ficado sozinha com o Jon antes, bem, com o Jack, e nunca havia ficado nervosa, pois sempre só havia espaço para a minha raiva. Olhei para ele novamente. Seu maxilar marcado, o olhar intenso, os músculos fortes que apareciam debaixo do decote aberto da camisa dele; ele era a perfeição. A cicatriz lhe dava um ar de perigoso, mas eu quase não notava isso mais. Minha pele vibrava com sua proximidade. Percebi, então, que meus sentimentos por Jon haviam mudado. Não era simplesmente uma paixão. Era mais profundo que isso. E isso me assustava.

— Então, o que fará agora? — Tentei parecer calma e serena.

Jon puxou um pouco de grama com os dedos: O que quer dizer?

— Seus planos mudaram agora que você entende o poder da pedra? Quer dizer, tenho certeza de que você

planejava vendê-la, não é? Lamento por não ganhar muito dinheiro com isso agora. Sinto muito por tudo isso.

— Eu nunca planejei ficar com a pedra.

Eu me virei para olhá-lo: — Então, por que entrou na corrida?

Ele virou o rosto para mim. A intensidade nos olhos dele me tirava o fôlego.

— Por você, Elena.

Meu coração bateu tão rápido que eu tive medo de ele explodir: — Eu me juntei à corrida no momento em que soube das intenções do sumo sacerdote com você. Eu queria protegê-la, mantê-la segura. Eu não podia me importar menos com a pedra.

Ele acariciou meus dedos com o dedo indicador, bem lentamente.

Ocorreu-me, então, quão estúpida e tola eu havia sido todos estes anos. Jon estivera na minha frente todo esse tempo, e eu nunca o havia visto. Ele se juntou à corrida por mim, para me manter segura. Embora tivesse falado comigo muito pouco durante todos aqueles anos no Fosso, percebia agora que ele era um homem de poucas palavras. Suas ações diziam mais que qualquer palavra.

— Há quanto tempo? — Eu perguntei.

Ele estreitou os olhos:

— Há quanto tempo o quê?

— Há quanto tempo está apaixonado por mim?

Ele desviou o olhar e ficou em silêncio por um longo instante. Sua expressão era uma mistura de um sorriso e um susto. E por muito tempo pensei que ele não responderia.

— Desde a primeira vez em que você veio falar comigo. Você queria trocar um colar de ouro que havia roubado por alguns livros — ele disse calmamente.

Ele riu:

— Você era tão orgulhosa e feroz. Não tinha medo de mim como o resto das meninas, e você nunca tentou flertar comigo. Você era boa com a espada e deixava claro que ninguém conseguiria se aproveitar de você. Você não ligava para mim.

Você não se importava com quem eu era, ou que eu fazia no Fosso. Acho que é por isso que fiquei tão atraído por você.

— Sério? — Eu perguntei. — Isso foi há cinco anos, eu tinha 14 anos na época, era tola e teimosa de morrer.

Um sorriso apareceu em seus lábios: — Você não mudou, não mesmo.

Eu acabei rindo com ele.

— Eu sei que sou um pouco cabeça-dura. Eu sou teimosa e faço o que quero, quando quero. Você pode rir, mas saiba que existem defeitos piores, como ser vaidosa e preconceituosa. Rose sempre disse que eu era tão teimosa como uma mula e que um dia que eu iria pagar por isso.

Eu suspirei:

— Eu deveria ter escutado ela, porque eu estou pagando por isso agora. Eu nunca deveria ter ido atrás daquela coroa estúpida. Mas eu fiz isso. E agora olha para essa confusão por minha causa. Eu sou uma idiota.

Jon soltou um gemido baixo: — Será que um dia você poderá me perdoar? — disse ele.

A tristeza em seus olhos foi direto ao meu coração. Jon podia ter desempenhado um papel em toda essa bagunça, mas eu havia entregado a coroa.

Era um erro meu, e eu tinha que arcar com as consequências disso.

Inclinei-me um pouco mais para perto dele.

— Talvez — eu provoquei. — Se você me der o que eu quero, eu posso até perdoar você.

Ele riu baixinho e colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha: — Sério? E o que você quer?

— Um beijo. — Meu coração acelerou.

Ele parecia um pouco surpreso com minha ousadia, mas, então, gradualmente seu sorriso aumentou.

— É isso? Só um beijo?

Levantei minhas sobrancelhas: — Bem, é melhor que seja um dos bons.

Jon deu um sorriso e, então, inclinou-se. Seus lábios roçaram nos meus. Seu beijo, a princípio, era suave e hesitante, como se ele achasse que eu me afastaria dele. Mas eu não faria isso.

Inclinei-me em seu peito, e ele me beijou com força, pressionando sua boca contra a minha. Uma paixão selvagem explodiu em mim quando as nossas línguas se tocaram e se exploraram. Seu toque era suave e vibrante.

Eu o beijei com mais intensidade. Seu perfume e seus beijos me deixaram em um transe. Eu inspirei seu perfume, e isso despertou algo primitivo dentro de mim.

Eu já havia experimentado vários beijos, particularmente durante meus anos mais jovens no Fosso, e havia até adicionado um príncipe à minha lista. Mas com Jon, era diferente. Ele me beijava com uma ternura e um cuidado que transformava seu beijo em um voto. Era uma promessa de amor, uma promessa de que ele era meu e sempre seria.

— Sempre foi você, Elena — ele sussurrou contra meus lábios.

Ele me afastou um pouco, colocou as mãos em concha em meu rosto e olhou para mim.

Engoli seco.

Ele beijou meu pescoço e minhas bochechas e, então, voltou para os meus lábios novamente. Nos beijamos sem parar para respirar, e sua mão deslizou pelo meu braço até chegar à minha cintura. Meu pulso batia no calor de suas mãos.

Ele murmurou baixinho quando estendi a mão e afrouxei seu cinto. Eu arranquei sua camisa e a joguei no chão. Minhas mãos se moviam sobre seu peito musculoso com uma voracidade inflexível que jorrava dentro de mim.

Ele agarrou meus pulsos e me deitou no chão. Enquanto ele tirava minha calça, levantei minha túnica e joguei na grama, ao lado de sua camisa. Eu estava completamente nua, e embora quisesse ter algumas das curvas femininas que as concubinas tinham, Jon não pareceu de forma alguma desapontado quando me inspecionou dos seios às minhas coxas.

— Se você não me parar agora — ele disse com a respiração acelerada. — Eu não serei capaz de parar.

Eu estendi a mão e puxei suas calças: — Eu não quero que pare.

Ele jogou as calças no chão e se abaixou sobre mim. Uni minhas pernas em volta das coxas dele e o puxei contra mim. Ele era pesado, mas era um pesado bom. O calor do seu corpo contra a minha pele parecia elétrico. Nossas mãos exploravam nossos corpos, e eu não podia sentir nada além de seu toque, seus lábios, o som de sua voz, seu cheiro. Eu não sabia o quanto o queria. Meu desejo me enchia de corpo e alma.

Não me importava que as bruxas nos descobrissem ali. Havia somente eu e Jon.

Eu o queria. Meu corpo se ergueu para o receber, todo ele. Meus olhos brilharam com lágrimas e eu me tornei um tumulto sem fôlego de sensações.

Éramos um, e o mundo girava em torno de nós.



CAPÍTULO 31

RETORNAMOS AO castelo ao pôr do sol. Jon havia me dito que o lugar se chamava o Castelo do Gravetos, e que era um santuário para todas as coisas mágicas. Era também uma escola de bruxaria, onde as bruxinhas, que eram jovens aprendizes, aprendiam tudo sobre magia.

Não pude deixar de invejar as meninas mais jovens. Eu teria dado qualquer coisa para ter sido uma delas

e crescer ali em vez de no Fosso.

Enquanto caminhávamos, eu me perguntei por que minha mãe não havia vindo para cá comigo. Eu não seria a mesma pessoa que era hoje se tivesse crescido em um lugar protegido e educador; eu teria crescido rodeada por magia. Eu poderia ter amigas e aprenderia sobre minhas habilidades. Talvez ela não quisesse desistir do homem que ela amava. Talvez ela não soubesse o quanto ela estava em perigo. Eu nunca saberia.

O castelo de troncos parecia acolhedor. Uma luz vazava das grandes janelas, e o último raio de sol brilhava atrás de nós. Uma brisa fresca se levantou, e eu salivava com o cheiro de carne assada.

Eu segui Jon para o refeitório onde fileiras de mesas compridas com toalhas brancas foram dispostas lado a lado. O ar estava cheio de conversas e do doce cheiro de comida. Fomos até uma grande mesa posta e me servi com batata doce, frango assado, cenoura cozida, arroz, pão e uma fatia de torta de carne.

Jon olhou para meu prato e me deu um sorriso de aprovação. Meu rosto enrubesceu. Eu não tinha certeza se as bruxas compartilhavam dos mesmos sentimentos que nós, mas eu sabia que Jon e eu compartilhávamos um vínculo inquebrável.

Eu havia aprendido a não confiar nos homens. Minha atitude com relacionamentos era muito disfuncional, e eu sempre havia mantido um muro em volta do meu coração. Mas agora não havia mais muro; Jon e eu tínhamos uma conexão muito forte, que eu sentia em minha alma. Nunca acreditei em alma gêmea, mas se isso existisse, a minha seria Jon.

Ada acenou-nos da mesa dela, a única que ficava numa plataforma ligeiramente elevada.

Tomamos nossos lugares diante de Ada e de outras duas bruxas. A primeira, era uma bruxa de meia-idade com o nome de Sylvia, que havia sido responsável pelos pontos em minha nuca. Sylvia era do clã das Bruxas Brancas e usava um vestido cor de terra com ornamentos azuis. Ela tinha um rosto agradável e cabelo curto com cachos cinza e branco. A outra chamava-se Maya, uma bruxa de pele negra em um vestido cor-de-sol. Ela tinha olhos de prata e uma expressão severa.

Maya era do clã Águre, dos videntes. Ela era completamente careca, e seus olhos estranhos davam um arrepio. Tentei não olhar para ela enquanto discutíamos nossos planos de viagem para a manhã seguinte.

— O que eu faço quando pegar a pedra? — Perguntei com a boca cheia de batatas.

Eu engoli e notei algum tipo de comunicação silenciosa entre elas.

— Levo de volta a Hollowmere?

— Não — disse Ada. — Esse lugar é conhecido agora. Temos que encontrar outro lugar seguro para escondê-la. Longe dos sacerdotes, em algum lugar onde eles nunca possam encontrá-la.

Ela bateu com os nós dos dedos na mesa: — Traga para cá. Precisamos nos reunir com os outros clãs para tomarmos uma decisão do que fazer.

As bruxas ficaram silenciosas. Eu sentia o olhar estranho de Maya penetrando, mas eu dei meu melhor para ignorá-lo.

Jon tomou um gole de vinho e colocou a sua taça sobre a mesa.

— Não podemos usar a pedra contra os sacerdotes? Se é ela tão poderosa quanto dizem, por que não podemos usar contra eles? Você disse que era uma arma, então, vamos usar. Vamos nos livrar dos sacerdotes de uma vez por todas.

Ada balançou a cabeça:

— Não é assim tão simples, Jon. Você não pode usar a pedra, nenhum de nós pode.

— Elena pode — disse Jon.

Ele bateu o dedo no seu copo: — Certamente ela pode usar. Você mesma disse. Elena é a única que pode tocar nessa maldita coisa.

— Tocar na pedra e controlá-la são duas coisas diferentes.

Sylvia me olhou:

— Embora possa tocar nela, você nunca poderá empunhá-la como se fosse uma espada ou um punhal. Você não pode controlá-la. Eventualmente, você se perderia. Você se tornaria algo mais, algo não humano. A pedra não foi feita para ser controlada por um mortal, seja este um homem ou uma bruxa. Seu poder é capaz de matar.

— Tem certeza? — Eu limpei minha boca com um guardanapo. — Jon pode estar certo. E se eu puder controlar a pedra? Você mesma disse que eu era imune à magia, talvez também seja à magia da pedra. Eu fui capaz de tocá-la quando ninguém mais conseguiu. Eu senti seu poder, realmente senti e não perdi o controle. Ela nunca assumiu o controle sobre mim. Se eu puder controlar a pedra e se ela for tão poderosa quanto dizem, então deve valer a pena tentar. Seria tolice não fazer nada.

Maya estendeu as mãos do outro lado da mesa e segurou as minhas. Fiquei surpresa com a força dela.

— Seria tolice tentar — disse ela.

Maya se voltou para mim, e eu não pude desviar o olhar de seus olhos inquietantes: — Eu vi isso. Eu vi *você*.

O sangue deixou meu rosto e eu engoli seco.

— Você me viu? Como em uma visão? Qual era a visão? O que você viu?

Eu senti que Jon estava tenso ao meu lado, ainda desconfortável com todas as coisas sobrenaturais.

— Não agora, Maya — resmungou Ada. Ela havia notado o desconforto de Jon. — Elena já sofreu o suficiente. Não há necessidade de encher a cabeça dela com bobagens sobre o que pode ou poderia vir a acontecer.

Eu me mexi na cadeira. Minha curiosidade era mais forte que meus medos.

— Não é bobagem — disse Maya. Seus olhos brilharam com raiva, e eu podia ouvir o aborrecimento na voz dela. — Apenas verdades do que pode ser e...

— E do que pode muito bem não ser. — Ada olhou para Maya.

Quando Maya se voltou para mim, eu olhei naqueles olhos prateados e apertei as mãos dela: — Diga-me. Eu quero saber.

Maya sorriu para mim.

— Digo isto. As donzelas de aço são perigosas porque seu sangue mágico é negro e transformam-se facilmente no mal. Se você usar a pedra, sua alma gradualmente se tornará corrompida, até se tornar uma imitação das trevas de você mesma, um espectro. Se você usar a pedra, você vai morrer.

Ela soltou as minhas mãos. Eu estava atordoada.

Eu podia sentir todos os olhares em mim. Eu não sabia o que esperava que ela dissesse, mas nunca esperaria que ela me dissesse que eu morreria se usasse a pedra. Embora as visões de Maya previssem apenas o que *podia* acontecer no futuro, eu ainda assim sentia um frio na espinha. Ela me viu morrer numa visão.

Eu inspirei fundo.

— Melhor trazê-la para cá — disse Ada, trazendo a atenção de volta para o que eu deveria fazer se conseguisse a pedra.

Ela me deu um sorriso gentil: — Nós podemos mantê-la segura até encontrarmos uma solução melhor.

As três bruxas assentiram com a cabeça, mas não parecia promissor para mim.

Optei por manter minha boca fechada sobre o assunto. Um sinistro silêncio caiu sobre nós e prolongou-se durante todo o jantar.

Deixamos os Portos Cinzentos com o coração pesado. Eu me sentia em casa com as bruxas. Despedimos-nos de Ada e das outras, e fiquei surpresa com quantas delas haviam se levantado tão cedo para se despedirem de nós. Eu suspeitava que muitas delas tinham vindo só para dar uma última olhadela em Jon.

E eu não podia culpá-las.

Will e Leo ganharam cavalos novos, enquanto eu montava Torak, e Jon havia voltado para sua égua branca, Luz Estelar. Os dois homens evitavam meu olhar e mantinham-se o mais longe possível de mim. Ficou claro que eles não gostavam de viajar comigo. Talvez eles me deixassem morrer como o príncipe havia feito.

Eu tentei não deixar suas inimizades me incomodar, mas não tinha jeito.

Viajamos ao sul, na direção da Cidade das Almas, com o nascer do sol no Oriente pintando o céu em tons de rosa. Era uma manhã gloriosa, mas que não duraria. Nós cavalgávamos depressa para alcançarmos Landon. Ele tinha um encontro marcado com meu punho.

Depois de um dia com muita comida e descanso, eu me sentia mais forte do que nunca. Eu ainda sentia uma picada na nuca dependendo do movimento. O

veneno do monge vermelho era uma lembrança constante de que eu não era imortal e de que estávamos lutando contra magia negra.

Parecia um absurdo pensar que os sumos sacerdotes estivessem recorrendo à magia negra. Eles haviam banido tudo o que era magia. *Por quê isso se eles mesmos usavam magia?* A pedra estava ligada a tudo isso, e eu ia descobrir exatamente qual era essa conexão.

Nós cavalgamos rápido durante todo o dia e grande parte da noite. Paramos para descansar por algumas horas em uma clareira, mas assim que eu fechei meus olhos, Jon foi me acordar para partirmos novamente. Tomamos um café da manhã silencioso, com queijo e pão, subimos nos nossos cavalos e partimos novamente.

Minhas articulações, coxas e costas estavam enrijecidas, e o otimismo que sentimos em alcançar a pedra antes que nos aproximássemos da Cidade das Almas foi se desvanecendo.

Meu ânimo aumentou quando vimos um acampamento na beira da estrada, e eu reconheci as cores reais dos fransianos, romilianos, girmanianos, purtulenses e espanianos. Procurei as cores vermelhas e douradas do selo real de Ânglia. Mas os anglianos não estavam lá. Nós estávamos em minoria, e rezei silenciosamente para que os outros reinos não interferissem. Afinal, não tínhamos a pedra.

Como chegamos mais perto, eu pude ver apenas expressões sombrias nos rostos dos cavaleiros dos outros reinos. Eles estavam cercados por devastação.

Houve uma grande batalha. Corpos tombados por flechas estavam cobertos de lama e jaziam nas poças de seu próprio sangue. O cheiro de podridão levantava-se no sol quente da manhã como uma névoa. Membros e corpos estavam espalhados por todo o lado, e eu quase vomitei. Eu senti Torak ficar tenso, mas ele logo se acalmou.

Havia ocorrido um massacre. Apenas um punhado de homens havia sobrevivido. Nenhuma mulher restara. Eu tinha uma mão nas rédeas enquanto a outra descansava no punho da espada. Talvez eles pensassem que eu estava morta.

Pelo que eles sabiam, eu havia fugido com a pedra.

Eu vi o corpo de um único angliano, e tornou-se claro que os outros deviam ter se encontrado com o príncipe e descoberto que ele trazia a pedra. Eles aparentemente haviam tentado tomá-la e falharam.

Ele ainda tinha a pedra, e precisávamos tomá-la.

Jon deve ter chegado à mesma conclusão que eu. Sua expressão parecia perturbada. Ele, Will e Leo desembainharam suas espadas.

De repente, uma onda de homens irados, desesperados e assustados nos atacou.

E antes que eu pudesse tocar Torak, algo me atingiu na lateral da cabeça, e o mundo ficou escuro.



CAPÍTULO 32

FOI UM MILAGRE eu não ter caído do cavalo. A deusa estava me protegendo.

Sangue quente jorrou da minha têmpora e eu tentei piscar os olhos para limpar o sangue. Também tentei ignorar a onda de vertigem. Alguém me agarrou por trás e tentou me tirar do cavalo. Eu segurei a sela de Torak, mas meus dedos escorregaram e eu fui arrastada para trás até praticamente estar deitada de costas.

Dois homens barbudos puxavam meu braço esquerdo e quase arrancaram o meu ombro.

— O cavalo é meu! — disse um dos homens. — Eu vou matar você, sua bruxa!

Eu retirei o meu punhal e espetei o olho de um. Ele soltou um uivo e caiu.

— Idiota. Você vai pagar por isso.

O outro homem me golpeou com tanta força que eu fui lançada para a frente.

Eu senti o gosto de sangue, mas não tinha tempo de pensar, resolvi agir por impulso. Eu me virei e o chutei com força. Minha bota o acertou na cabeça com um estalo terrível, e ele caiu.

Eu cuspi o sangue da minha boca. Jon e os outros estavam combatendo a multidão, e de repente eles abriram um caminho.

— Elena — Jon virou-se para mim, com o rosto molhado de suor. — Por aqui!

Ele apontou a abertura que haviam criado.

Eu não hesitei e toquei Torak. O garanhão voou pelos homens com um estrondo de cascos. Com Jon, Will e Leo atrás de mim, ganhamos velocidade e escapamos.

Nós atravessamos a floresta tão rápido que eu já não conseguia distinguir os pinheiros dos vidoeiros. Tudo era um borrão de marrons e verdes. Eu mantive meu foco em Jon e fiquei maravilhada com a velocidade de sua égua. Soltei um suspiro trêmulo quando percebi que estava segurando a respiração; também soltei as rédeas um pouco. Meus dedos estavam duros e sangrando.

Após meia hora de firme cavalgada, nós desaceleramos o nosso ritmo. Eu estava feliz por estar livre

daqueles homens loucos, mas logo comecei a me sentir desconfiada novamente.

Onde estaria o príncipe Landon? Será que ele tomou outro caminho? Um atalho? Havia caminhos secretos para a Cidade das Almas que não estavam no mapa?

Ninguém falou durante muito tempo. A tensão nos ombros de Jon me dizia que ele estava pensando a mesma coisa. Ele olhava para todos os lados como se estivesse procurando. *Mas procurando o quê?*

O silêncio estava se tornando muito pesado para suportar.

— Nós deveríamos ter alcançado eles — eu gritei para Jon.

— É uma viagem de dois dias para a Cidade das Almas. Como eles poderiam ir tão rápido a pé? Você acha que eles encontraram outro caminho? Um atalho?

— Eles seriam tolos de viajar pela floresta — ele disse. — Isso tomaria o dobro do tempo. Não. Eles vieram por aqui. Tenho certeza disso.

Parecia que ele estava tentando convencer a si mesmo.

— Estamos atrasados demais? — Eu pressionei ansiosamente. — Ele chegará à Cidade das Almas antes de nós?

— Não podemos deixar isso acontecer. Você ouviu o que as bruxas disseram.

Vamos, homens!

Ele tocou seu cavalo e voou com a capa balançando atrás dele.

Eu fiz o mesmo com Torak. Nunca havíamos alcançado tanta velocidade.

Talvez ele tivesse um empurrãozinho de bruxas. Fiquei espantada com a velocidade de Torak, mas mais espantada ainda de eu conseguir montar sem cair.

Cavalgamos em silêncio, atravessando a floresta com cada um de nós sozinho em nossos próprios pensamentos. Torak nunca se cansava, e eu estava grata por isso. Nós voávamos subindo e descendo os morros que apareciam, diminuindo o passo e acelerando novamente, mas sem parar. Depois de talvez duas horas de cavalgada, a floresta se abriu e nos vimos nas terras agrícolas ao redor da Cidade das Almas.

Jon parou para estudar umas marcas no chão.

— Cavalos — ele disse sem fôlego. — E, pelo que parece, talvez oito ou nove.

Ele jogou suas mãos no ar: — Droga. Droga. Droga. Droga.

Eu parei Torak e olhei para o chão: — Tem certeza? Podem ser marcas antigas. Podem ser rastros da ida.

Jon franziu a testa, balançando a cabeça: — Não, as pegadas estão frescas.

— Tem razão — disse Leo ao descer do cavalo e passar a mão na terra. — Estas pegadas são frescas. Se fosse para adivinhar, eu diria que apenas algumas horas de existência.

Meu rosto empalideceu:

— Mas como é possível? *Quem* saberia que precisavam de cavalos, e como sabiam onde encontrá-los?

— Merlin, mais provável — disse Will olhando para o céu. — Não me lembro de ver o príncipe trazendo uma ave consigo, mas se ele está com os sacerdotes, então, eles provavelmente estão se comunicando de alguma forma.

— E estão se comunicando esse tempo todo — disse Jon.

Eu havia ouvido falar que os sacerdotes usavam falcões para espionar e enviar mensagens. Senti como se alguém tivesse me dado uma bofetada quando me lembrei de que eu havia ouvido o grito de um falcão antes e que havia coincidido com a chegada de Landon na minha fogueira. Eu não acredito em coincidências, mas eu tinha que admitir isso. *Maldito*.

Engoli em seco:

— Mas isso significa... significa...

— Isso significa que o bastardo real planejou isso o tempo todo. Ele sabia o que estava fazendo desde o início. Ele sabia como brincar com você, Elena. E ele o fez.

Eu olhei furiosa para ele: — Não precisa falar disso novamente.

Will e Leo olharam para mim, mas eu não me virei para eles. Eu estava humilhada o suficiente.

Jon continuou:

— Fez questão de manter você na corrida. Ele esperou você colocar suas mãos na pedra e não interferiu porque já estava planejando tomá-la de você. É

por isso que ele a deixou sair do templo com a pedra. Ele sabia que a pegaria de volta eventualmente. Mas ele precisava de você viva, até porque *você* era a única que podia tocá-la. Era tudo parte do plano dele.

— Dele e dos malditos sacerdotes — resmungou Leo. — Agora sei quem está dando informações aos guardas do templo. Isso explica os ataques a Wedgemore.

Os homens de Landon eram os delatores. Eles brincaram conosco também.

Will deu um soco em sua mão: — Eu mal posso esperar para colocar as mãos no pescoço real dele.

Tive que concordar com ele. Eu tinha minhas suspeitas sobre o belo príncipe, e agora Jon só as confirmava. O vinho, seu sorriso doce, ele me ajudando na corrida, tudo havia sido um ardil, e eu havia sido a tola. Eu acreditei que ele gostava de mim, e doeu muito quando ele me deixou para morrer. Eu ia fazê-lo pagar.

— Vamos rezar para chegarmos antes deles — Jon montou novamente em seu cavalo e seguiu pela estrada.

Depois de cavalgarmos por mais meia hora, ficou claro que deveríamos ter alcançado a companhia angliana, mas não havíamos.

Eu podia ver as grandes muralhas que circundavam a cidade à distância, e ainda assim não havia nenhum vestígio do príncipe.

A estrada tornou-se repleta de comerciantes da Cidade das Almas. Não podíamos continuar em nosso ritmo acelerado sem matar os transeuntes e ferir nossos próprios cavalos.

Uma mulher colidiu com Torak e levantou o punho contra mim.

Olhei para a multidão. *A cidade sempre fora tão lotada?* Eu avancei nervosamente. A ferida em minha nuca palpitava. A dor ia aumentando conforme nos aproximávamos da cidade.

— Nós nunca vamos chegar — eu gritei e diminuí o ritmo de Torak para uma caminhada.

— Continue andando, não pare. — Jon assumiu a liderança.

Ele começou a gritar e acenar com os braços para fazer as pessoas irem para o lado da estrada e nos deixar passar. Eu me mantive o mais próximo possível de Jon e dos outros. Eu reconheci alguns comerciantes do Fosso. Eu estava suando e ansiosa, e meus dedos tremiam. Eu apertei as rédeas para minhas mãos não tremerem tanto.

— Continuem — Jon gritou lá da frente. — Se pararmos agora, nunca os alcançaremos antes das muralhas da cidade.

— Estou tentando — eu gritei. — Há muitas pessoas aqui. Não consigo passar!

E quanto mais longe chegávamos, mais densa a estrada se tornava.

Eventualmente, nós ficamos num impasse. Olhei por cima das cabeças da multidão. Estávamos quase lá, mas nos encontrávamos completamente cercados.

Um flash de vermelho e dourado me chamou a atenção dentro do portão oeste.

Um homem em um cavalo se virou, e nossos olhos se encontraram.

Príncipe Landon estava diante dos portões. Havíamos chegado tarde demais.



MESMO À DISTÂNCIA, eu podia ver a surpresa no rosto dele. Claramente, ele pensava que eu estaria morta. Eu estava contente em desapontá-lo. Eu sorri desafiadoramente para ele, e ele se virou e gritou alguma coisa à sua guarda. Eu vi de relance Thea sorrindo vitoriosamente, e, então, eles galoparam para dentro.

— Aos portões! — Eu gritei. — O príncipe chegou aos portões!

Jon olhou para o local que apontei, mas não tive tempo de esperar para ver se ele havia visto o príncipe.

Eu deslizei das costas de Torak e o preendi em uma árvore à beira da estrada.

Eu acariciei seu pescoço suavemente.

— Eu já volto. Prometo.

Seus grandes olhos castanhos pareciam me entender.

Eu perdi o príncipe de vista, mas não importava. Eu sabia para onde ele estava indo. E eu tinha que ir de encontro dele. Eu balancei minha espada como uma louca.

— Fora do meu caminho, senão vou cortar suas gargantas malditas!

Funcionou. A multidão se afastou. Eu mantive meus olhos no portão e corri.

Jon saltou do seu cavalo quando eu passei por ele, mas não tive tempo de parar.

Eu me esquivei de outra turma e continuei balançando minha espada diante de mim. Eu não queria machucar ninguém, mas eu o faria, se precisasse.

Quatro guardas do templo estavam no portão quando eu cheguei. Seus olhos pulando de face a face, buscando, procurando alguém. Eu.

Me escondi atrás de uma carroça, e, então, usei um homem muito gordo como escudo. Eu deslizei pelos portões sem ser notada. Eu continuei avançando, torcendo para que Jon estivesse atrás de mim. Assim que passei pelos portões, corri pela estrada principal da cidade, evitando os nobres e comerciantes. Eu senti satisfação por um momento ao ver o medo que brilhava nas faces esnobes de um grupo de senhoras ricas quando eu lhes dava cotoveladas propositadamente, abrindo caminho. Eu não sujaria minha espada com o sangue dessa gente.

O templo dourado brilhava no sol como um diamante amarelo. Oito cavalos estavam amarrados a um poste na base do templo. Os cavalos de Landon. Ele já estava lá dentro. Eu praguejei e corri em direção ao templo. Dois guardas estavam na entrada, suas espadas já desembainhadas. Alguém havia avisado que eu viria. Não me importava.

Atirei-me ao guarda mais próximo. Ele sorriu ao levantar sua espada e bloquear meu golpe. Ele girou o corpo, mas eu fui mais rápida, e cravei minha espada na lateral de seu corpo. Eu puxei minha espada ensanguentada e o chutei.

Quando ele cambaleou para trás, vi Jon de relance abatendo o outro guarda.

Eu agarrei a minha espada firmemente com as mãos frias e corri pelas escadas acima, passando pelo salão principal, sem parar para admirar as muralhas douradas ou os pilares elaborados de pedra. Eu esperava que os passos atrás de mim pertencessem a Jon e sua tripulação.

Fui na direção do altar para onde eu havia sido trazida ao encontro do sumo sacerdote naquela primeira vez. Eu vi o borrão de formas humanas enquanto corria, passando por concubinas e sacerdotes, mas não parei. Eu tinha que pegar a pedra antes que Landon a entregasse para o sacerdote.

Gritos reverberaram em torno da sala, e guardas do templo vieram correndo em minha direção. Eu tentei ir mais rápido, voando no chão escorregadio e polido.

Três sacerdotes estavam de costas para mim, e eu bati neles tanto quanto podia, sem nunca parar.

— Como se atreve a tocar em um sacerdote! Mulher!

— Vão todos para o inferno, sacerdotes! — Eu gritei de volta, torcendo para ter quebrado algumas de suas costelas. Eu derrapei até parar na beira da sala do altar, e meu coração pulou na minha garganta.

A sala estava cheia de guardas do templo, sacerdotes e os homens que eu reconheci da companhia de Landon. Sua atenção estava sobre a plataforma e o altar, mas como uma onda gigante, todas as cabeças se viraram para mim quando eu entrei. Eu podia sentir o peso da centena de olhos que estavam em mim. Os sacerdotes sorriram com aquela mesma maldade habitual. Seis monges vermelhos situavam-se contra as paredes. Todos muito atentos. Eu estava completamente cercada. Eu havia caído na minha própria armadilha.

Eu vi um flash de cabelo louro. Thea olhou para mim ferozmente lá do lado do altar.

O sumo sacerdote estava de pé no altar. As joias e o fio de ouro em seu robe de seda branca brilhavam como um sol no ambiente mal iluminado. Ele segurava o mesmo cajado que eu havia visto no primeiro dia da corrida, e a mesma criatura sombria de antes se ajoelhava ao lado dele. Seus olhos vazios estavam focados em mim.

E, em pé ao lado dele, estava o príncipe Landon. O Coração de Arcânia jazia em segurança dentro de sua gaiola dourada, sobre as mãos do angliano.

Apesar do calor da sala, um arrepio desagradável me percorreu.

O sumo sacerdote voltou seus olhos pálidos para mim e zombou.

— Ah, Elena. Você chegou bem na hora. Devo dizer, é uma pena que você não conseguiu me trazer o que pedi. Mas mesmo assim você fez sua parte muito bem.

Nada disto teria sido possível sem você.

Ele levantou os braços e fez um gesto para o resto da sala.

Não queria pensar a que ele se referia, mas eu sabia que havia sido em parte responsável por isso.

Meu olhar caiu sobre Landon, mas ele não me olhou de volta.

Duas mesas dos tempos cerimoniais, cobertas com crânios humanos e velas, foram posicionadas em ambos os lados do altar. Uma fumaça verde subia de alguns recipientes de metal e enchiam o ar com um cheiro forte de enxofre que queimou meus pulmões. Os braseiros de fogo verde dos altares refletiam uma misteriosa luz verde no piso polido.

Um grande círculo vermelho havia sido pintado no chão, e rodeava o altar.

Letras e símbolos estranhos foram desenhados em marrom e cobriam o chão no interior do círculo. Todos eles eram diferentes e foram escritos em uma linguagem que eu nunca havia visto antes. Havia algo sinistro neles, como se tivessem sido desenhados com sangue e fossem a chave para libertar algum grande mal.

Olhei para meus pés. Minhas botas estavam a centímetros da borda do círculo, e eu me perguntei o que aconteceria se eu pisasse nele.

Senti um vento bater em minhas costas. Jon, Will, e Leo vieram atrás de mim.

Seus olhos se arregalaram quando eles viram a pedra nas mãos de Landon.

— Bastardo — resmungou Jon.

Embora eu não pudesse estar mais de acordo com ele, eu ainda sentia uma pontada no peito por Landon. Talvez ele não soubesse o que ele estava fazendo.

Talvez ele não tivesse uma escolha. Talvez os sacerdotes o tivessem chantageado também. Talvez eu estivesse me enganando.

Guardas e sacerdotes estavam entre mim e o altar. Eu nunca conseguiria a tempo.

— Chegamos tarde demais. Está tudo acabado. — Jon praguejou.

— Landon! — com o pânico na minha voz, eu o chamei.

— Não faça isso. Não seja tolo. Você nunca vai conseguir seu título de volta.

Você não vê? Ele está mentindo.

Landon cerrou o queixo, mas ainda assim não olhou para mim. De onde eu estava, podia ver seu rosto ficar vermelho.

— Landon. Eu sei que uma parte de você acredita em mim. Posso ver claramente no seu rosto. No fundo, você sabe que é verdade. Você sabe que ele é um mentiroso. Landon, olhe para mim. Olhe para mim!

Precisei me controlar para não correr até lá e fazer ele me encarar. Eu precisava fazê-lo olhar para mim. Mas eu sabia que se fizesse algum movimento em falso, tudo estaria acabado.

O príncipe ainda não me olhara nos olhos.

O sumo sacerdote olhou para mim.

— Você pode gritar e chorar o quanto quiser, mas o fato é que você perdeu a corrida. Parece que você é uma perdedora, Elena. Mas isso não muda o fato de que o príncipe ganhou. Ele tem o direito de fazer o que quiser com o prêmio e, ao que parece, o príncipe e eu temos que fechar negócio. Sou um homem de palavra, e nós fizemos um juramento que não pode ser quebrado.

Ele se voltou para o príncipe e curvou-se. Ele estendeu a mão esquerda.

— Sua alteza — ele disse tão agradavelmente que quase parecia sincero. — Como combinamos. A pedra, por favor.

Tudo parecia ir mais devagar. O príncipe virou-se para o sumo sacerdote, e eu podia ver o suor pingando da sua testa e a tensão nos ombros. Não havia tempo para pensar. Eu precisava agir agora.

Antes de perceber que estava me movendo, dei três passos e joguei minha espada como uma lança, direto no coração do sacerdote.

O sumo sacerdote estendeu a mão e pegou a minha espada, como se não passasse de um graveto inofensivo. Ele estalou a língua e balançou a cabeça ligeiramente.

— Eu vou lidar com você mais tarde.

Ele estalou os dedos, e os guardas do templo vieram até nós.

— Corre! — Jon gritou quando ele e seus homens voltaram pelo mesmo caminho.

Eu me virei para correr, mas não fui rápida o suficiente. Algo me atingiu nas costas, eu bati com força no chão de pedra fria. Fiquei deitada por uns instantes e senti o cheiro de sangue. Eu me apoiei nos joelhos e olhei para baixo; havia uma poça do meu próprio sangue.

— Você não vai a lugar nenhum, *filha*.

Irmão Edgar estava diante de mim. Sua espada escorria com meu sangue.

— Eu vou terminar o que comecei há nove anos. Não há para onde fugir desta vez. Ninguém para ajudá-la.

Eu não deixaria ele me matar como fez com a minha mãe. Eu cambaleei, ficando de pé, mas antes que pudesse me mover, um guarda musculoso do templo prendeu meus braços. O cheiro do suor masculino quase me fez passar mal. Eu me debati, mas ele me levantou sem esforço e ficou me segurando no ar.

Irmão Edgar colocou com sua espada contra meu pescoço.

— É hora de corrigir o meu erro, bruxa.

— Vá para o inferno — bravejei.

Eu me mexi, mas senti a ferida das minhas costas se abrir, e um sangue quente escorreu por minhas coxas.

Irmão Edgar levantou sua espada, com seu rosto contorcido de fúria.

— Saia — disse ao guarda. — Ou eu vou cortá-lo junto com ela.

O guarda me soltou, e eu caí de pé. O Irmão Edgar levantou sua espada acima de sua cabeça. Ele ia me decapitar.

— Basta! — o sumo sacerdote gritou com raiva.

Irmão Edgar ficou paralisado.

— Agora não é hora, irmão Edgar. Eu preciso de você aqui no altar, como eu preciso de todos os sacerdotes. Abaixе sua espada e fique ao lado de seus irmãos, para que possamos prosseguir. Você pode matá-la depois da cerimônia.

Irmão de Edgar vacilou e, por um momento, pensei que ele poderia desafiar seu mestre. Mas devagar, muito devagar, ele baixou sua espada.

— Não a deixe sair da sua vista — ele disse indo até o altar.

Fiquei tonta com a falta de sangue, mas já podia sentir minhas feridas começando a cicatrizar. Eu temia que elas não se curassem rápido o suficiente para me dar a força de que eu precisava.

Jon estava tentando se aproximar para me ajudar, mas dois guardas do templo se colocaram diante dele, com as espadas apontadas para sua garganta. Leo e Will estavam de joelhos e cercados. Tarde demais para fugir. Tarde demais para qualquer coisa.

O sumo sacerdote limpou a garganta: — Agora, se pudermos dispensar esta interrupção, podemos continuar.

Ele virou sua atenção de volta para o príncipe e estendeu a mão novamente.

— Vossa majestade. A pedra.

Príncipe Landon olhava o rosto do sumo sacerdote com uma miríade de emoções. Vi medo, dúvida, raiva e confusão. Seus ombros estavam tensos. Ele agarrou a gaiola dourada e estendeu o braço na direção do sumo sacerdote — Landon! Não! — Eu dei um passo à frente, mas uma espada surgiu diante do meu peito, e eu cambaleei para trás.

O príncipe se virou para mim e seus olhos se iluminaram. Por um momento, pensei que eu o havia tocado, que ele não daria a pedra para o sumo sacerdote.

Mas, então, algo escuro brilhou em seu rosto, e ele virou seu olhar para Jon. Ele olhou para mim uma última vez e, em seguida, entregou a pedra para o sumo sacerdote.



CAPÍTULO 34

EU ASSISTI COM HORROR à cena que se desenrolou. O sumo sacerdote pegou a pedra, e um sorriso estranho apareceu em seu rosto. A mão dele tremia e não era de medo.

— Deusa, perdoe-nos — eu suspirei.

Se as bruxas estavam certas, este era o começo do fim. E eu havia falhado com elas. Eu caí de joelhos, sufocando um soluço e mordendo minha língua contra um grito.

Príncipe Landon limpou a garganta e tirou o suor da testa com as costas de seu pulso.

— Eu mantive minha parte do acordo — disse o príncipe.

Eu vi os músculos de sua mandíbula ficarem tensos.

— Agora é a sua vez, sacerdote. Jure a todos aqui. Jure que você me dará de volta as terras da nossa família, nossos títulos e nossos guardas. Jure que eu vou ser coroado rei de Ânglia e que você irá restaurar a monarquia, como era. Jure que o império irá reconhecer os títulos da minha família e os títulos daqueles de origem nobre. Reconheça o meu direito ao reinado, a vontade do Criador. Foi este o nosso acordo.

Por um momento, o sumo sacerdote não disse nada. Ele segurou a gaiola dourada com aquele mesmo brilho perverso nos olhos dele. Meu peito ficou apertado.

— Eu nunca fiz tal acordo.

O príncipe Landon franziu a testa e deu um passo até o sacerdote.

— Mas você disse — ele se queixou. — Você jurou! Você jurou perante o Criador! Que tipo de sacerdote é você?

O sumo sacerdote agarrou a gaiola e levantou a mão que estava livre. Uma energia negra brilhou em torno de seus dedos. Com um movimento do pulso, ele enviou uma onda de energia que atingiu o príncipe no peito. A força jogou o príncipe no outro lado da sala, e ele bateu contra a parede com uma crise nauseante. A parede lascou com a força do impacto. O príncipe Landon deslizou pelo chão, ficando deformado com os ossos quebrados. Seus olhos azuis olhavam, sem vida, para o espaço vazio.

Com um gemido estridente que parou meu coração, Thea correu por toda a câmara e caiu ao lado de seu príncipe. Ela segurou e beijou seu rosto. Sua boca estava molhada de lágrimas, e ela o beijava repetidamente, como se ele estivesse apenas dormindo, e ela pudesse acordá-lo com beijos.

— Não, não, não, não — ela chorou balançando-o suavemente. — Você não pode estar morto. Você não pode estar morto. Por favor, não me deixe, por favor.

Lutei muito para não chorar. Embora eu tivesse chegado a odiar o príncipe, ele não merecia morrer assim.

Eu olhei para o sumo sacerdote com um novo sentimento de medo. Só um bruxo poderia desencadear tal poder sobrenatural. O sumo sacerdote devia ser um feiticeiro.

O lugar havia escurecido, e o cheiro de enxofre aumentou dez vezes. Eu podia ver o medo nos rostos dos outros sacerdotes. Eles estavam tão agitados quanto eu.

O silêncio tenebroso que se seguiu foi quebrado pela voz baixa de um sacerdote de aparência tímida.

— Sua eminência, o que você fez?

Os olhos dele se voltaram para o príncipe morto e depois para o sumo sacerdote.

— Ele era de origem nobre. E você o matou. Suas ações têm profanado seus votos a Deus, profanado o nosso templo sagrado e quebrado nossos juramentos sagrados para com o Criador. Você *não* é um sacerdote. Só o diabo poderia possuir tal habilidade. Você é uma abominação. Está em conluio com o diabo?

Você se aliou ao ocultismo? O que foi essa magia? Responda-nos!

O sumo sacerdote sorriu, levou a gaiola com a pedra e a colocou em cima de seu cajado. Com uma torção do pulso, a gaiola dourada ficou presa no lugar. O

cajado havia sido projetado especificamente para conter a gaiola com a pedra.

Ele levantou seu cajado com um olhar selvagem nos olhos. Um zumbido reverberou por toda a câmara seguido pela pulsação de um poder que eu reconheci ser da pedra. O Coração de Arcânia estava batendo. Eu podia sentir ressoando dentro de mim.

De repente, a pedra emanou uma luz branca, que, então, se tornou negra. Eu ainda podia sentir a energia pulsante nas paredes, no chão e no ar, mas desta vez não era quente. Era fria como a morte.

O sumo sacerdote deu um gargalhada estridente que parecia qualquer coisa, menos humana. Um calafrio sacudiu meus ossos.

— Elena. O que está acontecendo? — Jon perguntou.

— Não sei — eu disse. — Mas Ada estava certa. O sumo sacerdote não é um mero homem, mas algo muito pior.

— Bem, se eu tivesse que adivinhar, diria que nosso sumo sacerdote é um feiticeiro.

Embora me sentisse visivelmente mais resistente do que antes e a ferida em minhas costas estivesse curada, o corte em minha nuca queimava para diabo.

Parecia estar me avisando. *Mas me avisando de quê?*

Se a magia negra podia ferir uma donzela de aço como eu, que era supostamente imune a magia, só podia imaginar os efeitos que teria em uma pessoa normal, quanto mais em uma aldeia inteira.

Jon balançou a cabeça:

— Isso é ruim. Muito ruim. E tenho a sensação de que vai a piorar.

Irmão Edgar conseguiu caminhar até um pouco abaixo do altar, mas a familiar expressão de ódio em seu rosto não estava direcionada a mim desta vez.

Ele apontou um dedo para o sumo sacerdote: — O Templo do Sol não aceitará isso! Como ousa se disfarçar de sacerdote quando não passa de um *bruxo*. — Ele bravejou. — Você envergonha o nome do Criador. Você nos envergonhou! Vai ser enforcado por isso. Impostor! Charlatão!

A saliva voava da boca dele quando ele falava. Logo, um punhado de sacerdotes tomaram coragem o suficiente para denunciar o sumo sacerdote junto a ele.

Mas o sumo sacerdote os ignorou. Ele ficou no altar, com os braços espalhados como se estivesse prestes a fazer uma reverência. Ele estava esperando por algo.

Reparei que a criatura sombria ainda estava agachada atrás do sacerdote.

Novamente, ninguém parecia perturbado com a visão dele.

Os símbolos vermelhos no chão de repente brilharam de verde. A pedra pulsou, e uma onda de energia negra soprou para o sacerdote. Ele cambaleou, e seu rosto ficou contorcido, como se ele estivesse com dores. A câmara tremeu, pequenas pedras caíram à minha volta, como uma chuva de granizo, e o ar moveu-se com um vento invisível. Então, o lugar ficou em silêncio novamente.

Todos os olhos estavam sobre o sumo sacerdote. Era como se todos nós estivéssemos vendo um espetáculo no palco e esperando o *grand finale*. O sumo sacerdote empalideceu até ficar quase translúcido. Eu podia ver o pulsar de veias negras em seu rosto, pescoço e braços. Ele abriu os olhos. Eles estavam completamente negros, como poços sem fundo.

— Precisamos sair — disse Jon. Os olhos de Will e Leo se arregalaram em alarme, mas eles não se moveram.

— É tarde demais para pegar a pedra. Nós teremos que arranjar outro plano.

Não há mais nada que possamos fazer agora.

Concordei, mas não conseguia tirar meus olhos da pedra ainda. Eu tinha que ver se os meus medos se tornariam realidade.

Os sacerdotes abaixo do altar haviam ficado momentaneamente paralisados de medo, mas depois eles se espalharam como um bando de animais com medo, pressionando e empurrando uns aos outros.

— Eu esperei trezentos anos por este momento — o sumo sacerdote vangloriou-se.

Ele olhou para os sacerdotes abaixo dele.

— Seus tolos tementes a Deus, paranoicos, delirantes. Suas mentes são fracas, e seus corpos são mais fracos. Você nunca entenderam o verdadeiro propósito do Templo do Sol. Você querem temer um Deus verdadeiro? Então, temam a mim!

O sumo sacerdote observou a câmara novamente.

— Eu lhes darei a limpeza que todos esperavam. Eu lhes dou a Praga Negra.

Eu observei paralisada quando ele levantou seu cajado e falou um encantamento em uma linguagem que eu nunca havia ouvido antes. A pedra pulsou, e um brilho negro girou como o vento ao redor da sala, envolvendo-se em torno de mim e em torno de tudo e de todos que havia na câmara, até que mal conseguíssemos respirar. E, então, uma onda de galhos negros saiu da pedra.

Como um relâmpago negro, atingiu os sacerdotes, enrolando-se em seus corpos e paralisando-os.

— Para trás!

Jon me puxou para baixo, contra o outro lado da parede, ao lado de Will e Leo. A energia acertou os guardas do templo desta vez. Se não tivéssemos nos movido naquela hora, nós teríamos sido atingidos também.

Os guardas abriram a boca em gritos silenciosos enquanto a magia negra penetrava em suas almas. O branco de seus olhos escureceu e sua pele empalideceu até que parecessem cadáveres. Seus rostos me fizeram lembrar os demônios que havíamos visto na névoa. Eu podia ver veias negras pulsando em seus pescoços e rostos. Parecia uma infecção de magia negra.

Cada sacerdote e guarda dentro do templo havia se tornado um demônio extenuado.

Os olhos pretos do irmão Edgar cintilavam com uma inteligência estranha, mas o homem havia desaparecido. Eu não lamentava por isso. Só os monges vermelhos pareciam intocados pela magia negra. Eu me perguntava se eles já não seriam criaturas inclinadas à vontade do inferno.

Tudo isso havia acontecido em menos de um minuto. O que antes era uma multidão de guardar e sacerdotes pomposos e vis agora se tornara um exército de demônios possuídos por magia negra.

O sumo sacerdote virou para mim.

— Você não tem mais nenhuma utilidade para mim, donzela de aço. — Sua voz soava como se ele estivesse a meu lado. Ele sorriu. — Você é perigosa demais para continuar viva. Você vai morrer hoje. Matem-na. Matem todos eles!

Um bando de sacerdotes e guardas de olhos negros vieram em nossa direção.



CAPÍTULO 35

EM UM PISCAR DE OLHOS, as criaturas do sumo sacerdote nos cercaram e bloquearam nossa única saída. Havia pelo menos cem deles, e nós éramos apenas quatro. Eles se moviam como um grande enxame. Eles rangiam os dentes, e um líquido negro escorria das laterais de suas bocas. Nós estávamos encurralados em um canto.

— O que quer que façam — eu disse — não os deixem tocar em vocês.

Eu não tinha certeza, mas suspeitava de que a magia negra que corria em suas veias poderia ser transferida pelo toque.

Os três homens assentiram com a cabeça, e nós desembainhamos nossas espadas e ficamos de costas uns para os outros. Não conseguia pensar em perder Jon nesta luta. Não havia tempo para o medo. Só havia tempo para agir.

O guarda do templo que havia me prendido antes atacou. Não havia nenhum reconhecimento em seus olhos negros, apenas uma fúria maligna para matar.

Como marionetes, eles eram obrigados a obedecer.

A criatura atirou-se contra mim ao mesmo tempo em que outras investiram contra Jon. Eu me esquivei e acertei-lhe um chute, fazendo-o voar para longe.

Mas bem quando chutei a criatura, mais quatro se atiraram contra mim. Eles estavam vindo de todas as direções. Eu havia perdido Jon e os outros na comoção. Eu cortava e fatiava. Minha espada não parava de cortar carnes e ossos; sangue negro jorrava por toda parte, sujando meu rosto. Eu não conseguia parar. Parar significava morrer.

Um sacerdote com dentes enegrecidos saltou contra mim, mas eu o acertei no peito. Um sangue negro jorrou, regando o chão, e o monstro gritou, se afastando.

Ele atirou-se novamente, mas bloqueei sua investida e cortei seu tórax. Ele caiu no chão. Outra onda de guardas e sacerdotes possuídos me atacou imediatamente depois. Eu balancei minha espada e saí cortando a todos. Suas entranhas se derramavam no chão em uma bagunça de líquido negro.

Eu me virei e vi Jon lutando contra seis criaturas demoníacas, mas não conseguia ver Will ou Leo. Eu só podia torcer para que eles ainda estivessem vivos.

Nem Jon nem eu poderíamos continuar assim por muito mais tempo. Os sacerdotes e os guardas eram fortes demais, rápidos demais, tudo demais. A magia selvagem havia dado às criaturas uma força enorme. Precisávamos sair o quanto antes.

Uma massa de criaturas me atacou novamente. Balancei minha espada e elas saltaram para trás, com

medo. Eu podia ver o medo da morte em seus rostos.

Mas uma das criaturas não mostrava medo. Irmão Edgar me encarava. Eu o odiava. Se ele era uma criatura ou homem agora não importava, o meu pai ia morrer. Levantei a minha espada.

— Olá, papai.

Ele resmungou e correu na minha direção, a uma velocidade assustadora, e eu investi destemidamente na direção dele. Ele veio para a minha garganta com seus dentes, mas eu desviei, e a criatura só rasgou a minha capa. Eu girei meu corpo e bloqueei um golpe da criatura. Aproveitando uma abertura na guarda, cravei minha espada nas costas dele.

A coisa que um dia fora meu pai uivava de dor. Eu arranquei minha espada de suas costas, mas a criatura não parecia afetada pela ferida. Voltamos a nos encarar.

Uma centelha de reconhecimento brilhou em seus olhos.

— Isso mesmo — eu disse. — Sou eu. Lembra-se de mim? Lembra o que fez com a minha mãe? É hora de consertar as coisas.

Senti o cheiro de carne em decomposição, e suprimi o vômito que subiu na minha garganta. O rosto apavorado de minha mãe passou diante dos meus olhos.

Cada músculo do meu corpo ficou tenso, e eu apertei minha espada com tanta força que meus dedos doeram.

O irmão Edgar saltou. Eu me abaixei, mas não fui rápida o suficiente. As unhas da criatura cortaram a lateral da minha garganta, queimando como cera quente derramada na minha pele. Eu me virei, mas algo duro me atingiu por trás com tanta força que tirou o ar dos meus pulmões.

Minha pele chiava no local onde eu havia sido cortada, e eu podia sentir uma queimadura gelada no meu sangue. Eu cambaleei para trás e quase deixei cair a minha espada. A criatura hesitou, esperando para ver se eu havia sido infectada; se eu estivesse enfraquecida, seria mais fácil me matar. Mas eu não estava.

Meu pai investiu contra mim mais uma vez. Eu me abaixei e me atirei nele com o máximo de força que pude reunir.

Eu o decapitei. Irmão Edgar tombou e sua cabeça ensanguentada caiu no chão.

Eu levantei os olhos. Jon cravava sua espada no peito de um dos guardas. Ele puxou a espada de volta, e nossos olhos se encontraram. Eu podia ver seu terror.

Eu o amava. Mas não era hora de lidar com as minhas emoções, apesar de saber que eu desmoronaria se algo acontecesse a ele.

— Corram — ele rosnou. Era mais um apelo do que um comando. — Saiam daqui!

— A pedra. Precisamos recuperá-la.

— É muito tarde para isso agora — ele disse, com a respiração ofegante. — Você precisa sair, Elena. Agora.

— Não sem você.

Ele estava prestes a discutir, mas, então, seus olhos se arregalaram de repente, com algo atrás de mim.

Eu agarrei minha espada, me abaixei e girei o corpo, enfiando minha lâmina na barriga de outro sacerdote possuído.

— Estou cansado de você, donzela de aço — eu podia ouvir a raiva na voz do sumo sacerdote. — Eu pensei que você poderia ser útil. Mas você é tão selvagem e imprevisível quanto todos os outros da sua espécie. Eu nunca poderia confiar em você. E, se eu não posso confiar em você, então, eu não posso fazê-la se curvar à minha vontade. Não há utilidade para alguém como você.

Eu levantei a cabeça:

— Sorte a minha. Mas eu o matarei, sacerdote.

Eu mal conseguia ver o rosto dele, mas sabia que este havia se contraído de fúria.

Com um toque de seus dedos, ramos negros saltaram em minha direção e me atiraram para trás. Eu bati em uma parede com força suficiente para quebrar as costelas. Minha pele queimava e uma magia negra pulsada através de mim. Eu não conseguia respirar.

Logo que comecei a ver manchas pretas, um calor floresceu dentro do meu peito, e minha própria magia começou a surgir outra vez. Ela ressoou pelo meu ser e afastou a magia negra.

Então, eu fiquei de pé.

O sumo sacerdote, o feiticeiro, o que quer que ele fosse, olhou para mim. Ele estava com raiva por eu ser parcialmente imune à sua magia negra. Eu estava tão surpresa quanto ele. Eu senti um pouco de confiança desabrochar em meu peito, mas rapidamente passou.

— Matem essa bruxa vadia! — rugiu o sumo sacerdote. — Tragam-me a cabeça dela!

Eu vi um movimento vermelho no canto do meu olho e logo soube que estávamos em sérios apuros.

Os monges vermelhos vieram até mim. O sacerdote e os guardas que havíamos matado não eram nada comparados com as máquinas mortíferas que eram os monges vermelhos. Eu havia derrotado apenas um e, mesmo assim, quase morrera.

Eu plantei meus pés no chão, em uma postura defensiva, mas sabia que não havia nenhuma maneira de derrotar esta nova ameaça.

— Elena!

Jon olhou para os monges vermelhos que vinham na nossa direção.

— Escute. Não podemos derrotar esses diabos vermelhos. Há muitos deles.

Ele entrou na minha frente, me protegendo: — Vá. Eu irei distraí-los.

— O que está dizendo? — Eu senti um nó na minha garganta. — Você não pode derrotá-los também.

— Não, não posso.

Seus olhos brilhavam de urgência: — Mas eu posso mantê-los fora o suficiente para você se salvar.

— Mas e você?

Ele piscou:

— Você me conhece. Eu posso desaparecer num piscar de olhos. — Ele sorriu — Não se preocupe. Agora você é mais importante. Eu prometi a Ada que a manteria viva se as coisas corressesem mal.

— Isso é um eufemismo.

— Você é a única que pode tocar nessa maldita pedra. Precisamos de você viva. E é isso o que estou fazendo. Agora saia. Me encontre no Mal Hábito.

Apenas vá. Eu estarei bem atrás de você.

Eu medi a distância entre os monges vermelhos e a saída.

— Tudo bem — eu disse. A necessidade de senti-lo, de sentir seus lábios nos meus assumiu o controle, e eu o puxei e beijei ferozmente. Eu não pude beijá-lo o bastante e não percebi que eu estava chorando até que senti as lágrimas rolares pelo meu rosto. Esta podia ser a última vez que nos beijávamos.

Eu me afastei, combatendo o soluço que ameaçava escapar da minha garganta: — Para dar sorte.

Jon sorriu:

— Eu vou precisar. Agora, vá. Corra muito. — Ele me empurrou tentando me apressar.

Eu agarrei a minha espada: — Fique seguro.

Eu me virei e corri.



CAPÍTULO 36

EU PASSEI POR UM corredor e saí pela porta da frente. Não encontrei ninguém.

Eu me perguntava se Thea havia conseguido escapar. Eu não gostava daquela mulher, mas não queria que ela se tornasse um dos novos animais de estimação do sumo sacerdote também.

Eu suspeitava de que os outros sumos sacerdotes fossem feiticeiros também.

Havia seis no total e aquela revelação só me fazia sentir pior. Apesar de provavelmente serem poderosos também, apenas *um* deles tinha a pedra. Eu tirei algum conforto disso.

A pedra claramente ampliava os poderes do feiticeiro que a possuía. Os outros não tiveram tanta sorte. Tinha de haver uma chance de parar os feiticeiros e reaver a pedra.

Homens e mulheres saltavam do caminho quando eu passava por eles, indo em direção ao portão oeste. Seus olhos e sua pele ainda estavam normais, mas eu me perguntava quanto tempo levaria para a magia negra infectá-los. Será que se espalhava através do contato? Ou eles já estavam infectados?

A Praga Negra já havia feito as árvores e as demais plantas adoecerem e murcharem. E foi se espalhando. Pensei em Torak e corri ainda mais rápido.

Eu procurei por um sinal de Jon, mas ele não estava atrás de mim.

Eu vi de relance um manto vermelho, e um monge vermelho surgiu na minha frente. Os olhos dele se encontraram com os meus, e ele sorriu.

— Merda.

Eu me apressei e corri pelos portões. Eu chorei de alívio ao ver Torak ainda amarrado na árvore onde eu o havia deixado. A deusa o mantivera seguro. Ele levantou o olhar quando eu me aproximei.

— Olá, meu belo e doce garoto — eu disse sem fôlego.

Eu soltei as rédeas e montei em suas costas em instantes. Eu dei um toque, e ele voou para longe. Eu podia ver o olhar de fúria no rosto do monge vermelho.

Nós galopamos para fora da Cidade das Almas e partimos pela única estrada que levava para o Fosso. *O que aconteceria com o povo de Ânglia quando a Praga Negra chegasse a eles?* Eu havia visto o quão rápido ela havia infectado o povo no templo. Ela provavelmente ia infectar milhares dentro de uma semana.

Logo avistei o Fosso e tive que diminuir o ritmo de Torak. As estradas eram mais estreitas aqui, e não podia correr o risco de feri-lo. Andamos pelas ruas tristes em silêncio até que chegamos à Cidade Desolada.

O Mal Hábito encontrava-se logo à frente. Chegando ao local, descii de Torak.

Imediatamente me senti desconfortável em deixá-lo ali. Eu apostaria minha vida que ele seria roubado.

Eu mataria qualquer um que tentasse. Eu havia chamado muita atenção só por chegar a cavalo. Eu tinha que esperar por Jon lá dentro.

Reconheci um dos homens de Jon.

— Ei — eu gritei e chamei a atenção dele. — Este cavalo é do Jack. Ele me pediu para trazê-lo aqui, mas preciso esperar lá dentro. Fique de olho nele, está bem?

O homem animou-se com a menção do nome do chefe e veio até mim.

— Sem problemas. Vou ficar de olho. — Eu sabia que podia confiar nele, e eu imediatamente me senti mais à vontade. Eu suspirei de alívio e amarrei as rédeas de Torak em volta de um poste.

— Obrigada. Ele logo estará aqui.

Eu entrei na estalagem superlotada e fui para o escritório de Jon lá nos fundos.

Só, então, parei para recuperar o fôlego.

Eu fiquei esperando, andando de um lado para o outro. Eu queria ver o rosto de Jon chegando pela porta. Eu queria saber que ele estava seguro. Eu nunca quis tanto uma coisa. Comecei a fantasiar a vida que Jon e eu poderíamos ter depois de que resolvêssemos toda essa coisa de magia negra. Eu retornaria com a pedra, mataria o sacerdote feiticeiro, e, então, talvez pudéssemos nos mudar para os Portos Cinzentos juntos. Rose ia adorar aquele lugar. Essa ideia quase me fez sorrir.

Uma hora se passou, e depois outra. Esfreguei minhas mãos suadas na minha calça. Eu odiava a sensação de impotência. Eu andava pelo escritório arrancando os cabelos e gritando com as prostitutas que ficavam me perguntando o que estava acontecendo e onde estava o Jon.

Ouvi o som de passos lá fora. Meu coração martelou descontroladamente, e me virei para a porta.

A porta se abriu.

Will e Leo entraram. Seus rostos e suas roupas estavam cobertos de sangue e de outras partes carnudas nas quais eu não queria nem pensar.

— Onde está Jon? — Minha garganta estava seca.

Will e Leo pareciam frios.

— Eles o levaram — disse Leo.

— Quem o levou? — Mas eu já sabia a resposta.

— O sumo sacerdote. O feiticeiro.

O chão vacilou sob meus pés. Eu lutei contra a náusea; meus olhos queimavam. Eu não os deixaria me ver chorar.

— Ele está vivo? — Minha voz tremeu.

Will se movia de um pé a outro, parecendo mais um adolescente que um homem: — Estava, da última vez em que o vi.

— Eu os ouvi dizer que o levariam para as celas da prisão — disse Leo. — Eles o manterão vivo.

Corri para a mesa, para me equilibrar. Eu ia vomitar.

Por que eles manteriam Jon vivo? Porque não o matariam como haviam feito com Landon?

Eu não conseguia pensar e lutava contra o soluço na minha garganta.

— Então, o que vamos fazer quanto ao Jon? — a voz de Will estava tensa.

A pergunta me tirou do meu estado de choque.

Eu me virei e olhei para os dois homens. Ambos me olhavam diretamente no rosto pela primeira vez.

E pela primeira vez na minha vida, eu soube como era ser amado. Ser amado incondicionalmente. Eu me amaldiçoaria se deixasse Jon nas mãos dos feiticeiros.

— E então? — perguntaram Will e Leo juntos. Os dois confiavam em mim agora e buscavam uma liderança em mim. Isso, sim, era mágico.

Eu levantei minha cabeça e olhei os dois homens nos olhos.

— Nós vamos trazê-lo de volta — eu disse com convicção — Nem que seja a última coisa que eu faça.



RAINHA DAS BRUXAS

— REINOS DIVIDOS —
LIVRO 2

KIM RICHARDSON

PREMIADA AUTORA DE *MARCADA*



CAPÍTULO 1

A PRAGA NEGRA ERA COMO UMA CHAGA. O mundo estava sombrio e em ruínas; tudo cheirava a morte. O céu frio e úmido era um vazio cinzento que se misturava com as sombrias ruas da Cidade das Almas. A tranquilidade do mercado estava longe de ser a habitual cacofonia de vozes e a multidão movimentada com a qual me acostumei ao longo dos anos.

Os videiros outrora gloriosos, que se estendiam pelas ruas, agora estavam pretos e sem folhas; seus troncos apodreciam por dentro. Moscas zumbiam ao redor de minha cabeça, e eu tentava espantá-las. Enquanto a magia negra dos feiticeiros infestava nossa terra, o templo dourado brilhava feito um sol reluzente na semiescuridão, zombando de mim. Eu o odiava mais do que nunca.

Eu me encolhi, não só pela paisagem deteriorada, mas porque Jon ainda estava ausente.

Dois dias se passaram desde que ele havia sido tirado de mim, e eu estava um caco. A deusa me dera um vislumbre da afeição incondicional e eterna que significava o amor verdadeiro, e eu ficaria arrasada se deixasse os sacerdotes tirarem isso de mim. Eu havia provado o sabor, e *precisava* daquilo de volta.

Depois que Will e Leo me deram a notícia sobre a captura de Jon, retornei para casa e encontrei Rose abalada, mas viva, além de brava por ter dois homens do Louco Jack como babá. Mas sentir raiva era bom. Eu precisava que ela estivesse mal-humorada e com energia para o que estava prestes a acontecer no mundo.

Embora estivesse sem chão, contei a Rose detalhadamente o que havia acontecido durante a corrida: como ficara devastada pela traição de Príncipe Landon, como havia visto o verdadeiro poder do Coração de Arcânia e, por fim, como descobri que o sumo sacerdote de Ânglia *não era* sacerdote coisa nenhuma, mas algum tipo de feiticeiro poderoso. Eu contei a ela como ele havia lançado o feitiço que espalhou a praga negra sobre a Cidade das Almas.

O olhar acusador de “eu avisei” deixava claro que ela me culpava parcialmente pela desolação no mundo. Eu havia gerado uma reação em cadeia quando roubei a coroa de Ânglia. Ela *havia* me avisado para devolvê-la. E, como sempre, eu não dera ouvidos. Pelo menos ela não me culpou e me deixou terminar o relato.

Eu pulei os detalhes íntimos da minha relação com Jon, mas expliquei que o nome verdadeiro do Louco

Jack era Jonathan Worchester. Ele era o líder rebelde do Fosso e não o bandido que achávamos que fosse. Deixei para contar sobre os meus poderes de cura só fim. Eu a observava cuidadosamente em busca de sinais de que ela sabia que havia algo diferente em mim todo o tempo. A reação dela me disse tudo o que eu precisava saber.

— Então você sabia... — disse eu com os ânimos elevados. — Você sempre soube das minhas habilidades, mas nunca me disse. Por quê?

— Eu vi a magia da sua mãe com meus próprios olhos — disse Rose. — E

sim, ela me disse que você era igual a ela. Era um segredo que prometi jamais revelar. Eu prometi a ela que manteria as duas a salvo. Mesmo assim, sua mãe continuava em alerta.

— O que quer dizer?

Rose balançou a cabeça:

— Ela morreu antes de ter a chance de me contar mais — ela continuou. — Talvez eu estivesse errada em não lhe contar, mas, na época, eu achava que isso seria melhor. Eu *ia* contar eventualmente... depois de tudo o que aconteceu, mas nunca senti que era a hora.

Tempo era tudo o que eu não tinha. Ainda mais tempo suficiente para enchê-la com mais perguntas; não ainda. Eu precisava salvar Jon antes que ele fosse torturado e morto, isso se ele ainda estivesse vivo. Então, dei um beijo na testa dela e, sem mais uma palavra, parti em busca dele.

Isso havia acontecido dois dias atrás.

E agora eu estava diante dos portões da cidade mais uma vez, prestes a fazer a minha *segunda* tentativa de resgate. Mesmo com a ajuda de Will e Leo, minha primeira tentativa havia falhado miseravelmente. Nós nem chegamos a passar pelos portões. E o fato de a cidade ser protegida por uma muralha circular de pedra não ajudava.

Agora, em cada um dos quatro portões, onde antes apenas dois guardas ficavam a postos, havia dez. Não é que não pudéssemos derrubar dez guardas comuns do templo; era que *esses* guardas em particular tinham três vezes a força de qualquer homem normal graças à magia negra que possuíam. À primeira vista, você pensaria que eram guardas normais do templo, e cometeria um erro fatal. A pele deles agora estava apodrecida e empolada; veias negras pulsavam no pescoço e na face deles. Eles haviam sido infectados com magia negra. O rosto deles estava magro e tinha a pele colada nos ossos, o que os fazia parecer esqueléticos. O que havia de humano neles não existia mais; seus olhos haviam se tornado globos pretos, destituídos de alma.

Magia era uma coisa nova para a Cidade das Almas e para *mim*. Eu estava apenas começando a entender os meus próprios poderes. Como uma donzela de aço, uma portadora da magia, eu sabia que eu havia sido abençoada com a capacidade inata de lutar e empunhar armas. Eu também sabia que eu possuía um extraordinário poder de cura. Embora ainda tivesse muitas dúvidas sobre o meu próprio sangue mágico, elas teriam de esperar, pois a praga negra estava se espalhando rapidamente. Eu não sabia como ela se espalhava de vítima para vítima, nem como afetava as árvores e a vegetação. Mas havia ficado claro que estava drenando a vida de tudo.

Eu só havia visto a magia negra em ação uma vez. O feiticeiro havia usado a pedra para conjurar sua magia a partir de uma sombra na escuridão. Filamentos de algo preto se atiraram nos corpos dos homens, abrindo caminho para dentro deles, para dentro de suas almas, roubando o que havia de humano neles e os transformando em demônios. A praga negra que havia se espalhado pela cidade começava a contaminar as árvores e vegetação do lado de *fora* dos muros. Era só uma questão de tempo antes de alcançar o Fosso e as vilas circundantes, antes de consumir toda a Ânglia.

A única coisa que me diferenciava era que *eu* estava parcialmente imune à magia negra dos feiticeiros. Mas isso não era o suficiente. Eu era apenas uma em meio à milhares que haviam se infectado. E todos se curvavam à vontade do feiticeiro. Eu não podia derrotar um exército inteiro.

Um grupo de oito rebeldes se voluntariou para me ajudar a resgatar Jon da prisão do templo. Will e Leo juntaram-se ao grupo, e eu lhes dei um sorriso para mostrar minha gratidão. Esses homens tinham uma expressão dura que mostrava o preço de se morar no Fosso. Os olhares preocupados nos olhos deles deixavam claro que eles se preocupavam com seu líder tanto quanto eu.

Se quiséssemos derrotar os guardas e atravessar os portões, nós teríamos de enganá-los. Meus anos de roubo e fuga na cidade sem ser notada viria a calhar. Eu havia me tornado uma especialista em sair de situações complicadas. Eu planejei a missão de resgate por horas e sabia exatamente o que fazer.

O cheiro de carne em decomposição e enxofre queimava minha garganta a cada respirada. Era o cheiro da magia negra, um cheiro tóxico e mortal. A cicatriz na minha nuca palpitava, uma lembrança do meu próprio encontro com essa magia maligna. As bruxas haviam dito que eu nunca me curaria verdadeiramente; o que elas queriam dizer com eu isso, eu não tinha certeza.

Todos nós usávamos uma capa com capuz. Estávamos agachados numa moita a uns 15 metros do portão sul. Eu vestia a mesma roupa que usei na Grande Corrida: uma túnica verde de manga comprida com corpete de couro, perneiras de couro macio, botas de couro até o joelho e uma capa preta. Nem me dei ao trabalho de me trocar quando cheguei em casa; agora lá estava eu com aquela roupa cheia de sujeira. Eu torcia o nariz com o cheiro do meu próprio suor.

Eu observava os guardas atentos através espaços entre os arbustos. Todos usavam uniformes pretos com o emblema do Templo do Sol estampado na frente.

Suas espadas e adagas haviam sido forjadas com o aço mais fino de toda a Ânglia.

Eu mal conseguia respirar. Jon estava lá em algum lugar. Eu podia sentir. Dois dias era uma eternidade para quem estava preso na prisão do templo. Apenas rezei para que não fosse tarde demais. Nós aguardávamos o restante de luz se esvaír para nos ocultarmos nas sombras da noite.

— É agora ou nunca — eu sussurrei para Will e Leo. Eu me virei para os outros e ergui meu punho no ar, nosso sinal para nos prepararmos.

— Tem certeza que ele está lá? — a voz de Will estava baixa. Seu cabelo curto e seus traços rígidos o faziam parecer mais brutal do que ele realmente era.

— Sim. Eles o estão mantendo lá dentro, na prisão do templo. — Eu estava impressionada com a minha própria convicção, porque no fundo não tinha mais tanta certeza. Eu me recusava a deixar aqueles homens

verem minha coragem ir embora. Eu precisava ser forte por eles, mas principalmente por mim.

— Você sabe que eles o estão mantendo lá para atraí-la — disse Leo.

Seus cabelos ruivos ondulados se destacavam na meia escuridão. Ele limpou a testa com manga imunda.

— O sumo sacerdote, o feiticeiro, quer você morta. Você sabe disso. Você sabe que isso cheira a armadilha.

Eu cerrei minha mandíbula.

— Eu sei. E provavelmente é uma armadilha. Mas estou disposta a arriscar pelo Jon. Você não? — Minha voz se ergueu perigosamente.

Os olhos azuis de Leo se arregalaram diante da alegação de que ele talvez não estivesse disposto ao resgate. Por um momento, pensei que ele fosse arrancar minha cabeça, mas ele me deu um aceno silencioso em vez disso.

Relaxe meus punhos e depois meus ombros.

— É o seguinte: vamos esperar que os outros criem a distração de que precisamos para passarmos pelos guardas e entrarmos no templo. Prontos?

Will e Leo balançaram a cabeça em afirmativa. Eu levantei minha mão e acenei para os outros enquanto nós três aguardávamos.

Nessa hora, os seis rebeldes saltaram e correram em direção ao portão, com as espadas em punho.

— Por Ânglia! — Eles gritaram durante a investida. Eu fiquei maravilhada com a coragem deles e rezei para que a deusa os mantivesse vivos.

O efeito foi instantâneo. Os guardas do templo voltaram toda a atenção para a ameaça repentina. Desembainhando as espadas, eles correram de encontro aos rebeldes. O silêncio da noite foi repentinamente tomado pelo tinido de metal contra metal, pelo som de metal rasgando a carne e furando ossos. As espadas dos rebeldes cortavam profundamente os guardas que se aproximavam, mas seus esforços eram infrutíferos, pois os guardas continuavam a atacar como se suas feridas não passassem de arranhões.

Um dos guardas soltou um bramido feroz e saltou em direção a um dos nossos homens. Com uma explosão inimaginável de força e velocidade, ele cortou a cabeça do rebelde desavisado. Sangue jorrou como uma fonte vermelha antes do corpo cair morto no chão.

O rebelde que eu conhecia como Ulrich estendeu o braço e atacou um dos guardas com velocidade relâmpago. Quando pensei que ele fosse matar o guarda, uma espada o perfurou por trás. Sangue jorrou da boca dele quando ele caiu de cara no chão. Outro homem, Durm, foi apanhado completamente desprevenido e acabou derrubado pela força de um dos guardas. Sua espada voou de sua mão quando ele soltou um grito de causar arrepios. Dois guardas morderam seu pescoço, e seu corpo perdeu a vida.

Eu vacilei diante dos súbitos gritos de terror que ecoavam em meio ao ar frio da noite. Parte de mim

queria correr até lá e ajudá-los, mas o plano não era esse.

E por mais que doesse ver aqueles homens morrendo, fiquei imóvel e esperei.

Meu estômago revirava ao som dos gritos daqueles homens, e meu coração parecia que sairia pela boca. O tempo certo era tudo neste plano. Eu tinha de esperar o momento exato, quando o foco dos guardas estivesse exclusivamente nos rebeldes, para que eles não nos notassem passar.

Com um nó na garganta, afastei os temores e as dúvidas da minha mente: — Agora! — sussurrei com pressa.

Nós três corremos em direção ao portão. Com minha espada curta estendida à minha frente, corri pela trilha até a entrada arqueada dos portões. Corri tão rápido que a batalha atrás de mim parecia um borrão de espadas prateadas e capas pretas. Não parei. Meu foco estava no templo e em Jon. Nós precisávamos da maior distância possível entre nós e os guardas.

Sem diminuir a minha velocidade, virei na primeira curva e corri ainda mais rápido. Eu torcia para que os passos sonoros e a respiração pesada atrás de mim fossem de Will e Leo. Viramos à esquerda, passamos pelo distrito dos comerciantes e nos dirigimos ao distrito sagrado, onde os sacerdotes menores tinham suas casas. O Templo Dourado pairava diante de nós, no final da rua principal da cidade; quando mais perto eu chegava, mais enojada eu ficava com aquela visão. Mas eu tinha mais ansiedade do que raiva.

Maldito seja este lugar. Dane-se tudo isso.

Minha respiração arranhava a minha garganta, e minhas coxas queimavam enquanto corria em direção ao templo.

À medida que nos aventurámos mais adentro da cidade, notei o quão deserta e vazia ela estava. Será que as famílias ricas e nobres haviam fugido? Ou será que todos haviam sido mortos? De tão covardes que eram, não me surpreenderia se eles tivessem fugido da cidade ao primeiro sinal de infestação da magia negra.

Bastardos.

Uma centelha de movimento chamou a minha atenção.

Uma nobre de chapéu alto berrante e em um vestido pesado de seda azul, bordado com joias suficientes para alimentar uma pequena vila, saiu em disparada pela rua. Seus olhos negros, sem alma, se arregalaram quando ela nos viu. Seu rosto estava coberto por veias pretas e era tão pálido quanto um cadáver.

Eu quase não a reconheci. Ela era uma das mulheres na rua naquele dia em que Baul e Garth, os guardas do templo, haviam me arrastado pela cidade para conhecer o sumo sacerdote. Ela havia ficado violentamente feliz em me ver indo para a minha perdição.

A mulher jogou sua cabeça para trás e gritou como uma fera: — Que a praga negra recaia sobre você. Sinta seu toque. Sinta os poderes das sombras e da escuridão, pois ela é eterna e grande!

Em uma fúria selvagem, ela atirou-se contra mim, mas seu vestido pesado diminuiu os movimentos dela. Era tudo de que eu precisava.

Sem perder meu ímpeto, balancei minha espada numa inclinação perfeita e cortei a mulher do umbigo ao pescoço. Os gritos dela se abafaram em seu próprio sangue negro e infeccioso. Ela caiu no chão em meio à seda azul e sangue negro.

Eu não senti nenhum remorso. Não senti absolutamente nada.

Mais nobres infectados, mulheres e crianças, deslizaram das sombras e vieram em nossa direção. Eu não tinha tempo para lidar com as emoções que surgiam dentro de mim, dizendo quão errado era tudo isso, especialmente em relação às crianças. Ignorei tudo e chegamos ao pé do templo. Subi as escadas dois em dois degraus, com Will e Leo correndo atrás de mim.

— Onde ficam as prisões? — arfou Will ao meu lado quando atravessamos a porta da frente.

Mesmo com toda a loucura e confusão da situação, eu havia traçado um mapa mental do templo na primeira vez em que estivera ali. E eu me lembrava bem daquele lugar.

Eu diminuí o passo para recuperar o fôlego: — Por aqui!

Segui pelo corredor principal e virei à direita no corredor seguinte. Mesmo com o coração na garganta, meus passos continuavam firmes enquanto descia pelas passagens. Tochas cintilavam enquanto eu corria, criando longas sombras contra as paredes de pedra. Os pelinhos de minha nuca se arrepiaram, não pelas sombras sinistras, mas pelo silêncio do corredor vazio. Não havia cortesãos, nem sacerdotes, nem guardas. Não encontramos ninguém desde a entrada principal aos confins do templo, onde ficavam as prisões. Fui até uma enorme porta de madeira e franzi a testa. Eu me lembrava bem demais do que havia atrás delas.

— Elena, espere! — gritou Will, como a voz áspera e sem fôlego. — Isso não parece certo.

— Tem razão — a voz da razão de Leo veio por trás de mim. — Por que não há nenhum guarda? Por que está tudo tão vazio?

— Porque é uma armadilha, é por isso — respondeu Will.

Sim. Provavelmente é.

Mas eu não parei. Mesmo que minha mente gritasse que se tratava de uma armadilha, as minhas pernas não parariam. Meu coração não me deixaria fazer isso. O simples pensamento de Jon, tão vívido e surpreendente, deixava meus olhos em lágrimas. A memória de seus dedos suaves na minha pele, seus beijos, seu cheiro de suor — tudo isso era tão doloroso, eu sufoquei um soluço. Eu não podia perdê-lo e não o perderia. Eu havia dito a Will e Leo que faria o que fosse preciso para trazer Jon de volta.

Passando pelo batente da porta, me pus escada abaixo, descendo em meio à escuridão do túnel da prisão. O ar quente e o cheiro de podridão me atingiram como uma bofetada, mas eu continuei. Eu senti o ar se mover atrás de mim e percebi que Will e Leo estavam comigo. Talvez não fosse uma armadilha. Talvez Jon nem estivesse ali. Eu não podia me deixar levar pelos meus medos.

Ele está vivo e irei encontrá-lo.

Quando desci o último degrau, pisei em poças de urina e fezes humanas.

Comecei a atravessar a câmara apertada, tentando respirar pela boca e não vomitar. Os únicos sons eram os de nossos passos pesados. Não havia mais ecos de lamentos como da última vez.

A prisão estava vazia, deserta, exceto por nós. Onde estavam os prisioneiros?

Passei por várias celas, todas vazias. As barras de metal estavam enferrujadas pelo tempo e cobertas por uma sujeira não identificável. Ofegante, dei uns passos vacilantes, tremendo da cabeça aos pés, enquanto olhava para as celas sem prisioneiros.

Eu reconheci os sinais de um ataque de pânico.

— Jon? JON! — Eu gritei.

Minha voz ecoou bem alto em desespero. Disparei para uma das celas e chutei um pedaço de pano rasgado. Percorri todo o lugar, lutando contra o ácido estomacal que subia pela minha garganta sempre que encontrava outra cela vazia.

Não me importava que Will e Leo vissem meu momento de fraqueza. Eu estava desesperada. Meus joelhos tremiam, e eu sabia que estava prestes a cair. Tentei controlar a minha respiração, mas não adiantou. Tudo estava começando a girar.

Eu nunca deveria tê-lo deixado para trás. Eu deveria ter feito ele vir comigo.

— Não há ninguém aqui. — a voz de Leo estava cheia de pesar e tristeza. — Lamento, Elena. Chegamos tarde demais.

— Eu estou aqui.

Uma voz fraca veio de dentro das sombras na extremidade oposta da câmara.

Mas não havia dúvidas em mim de que a voz pertencia a Jon.

— Jon!

Frenética, disparei em direção a voz, sem vacilar até chegar ao local exato de onde o ouvira. Corri até a última cela e olhei na semiescuridão à procura do homem que eu amava.

E lá estava ele. Mesmo na escuridão, eu reconheceria sua forma: os ombros largos, o cabelo levemente ondulado, o queixo quadrado, a forma como ele inclinava a cabeça um pouco para o lado. Era ele mesmo. O meu Jon.

— Finalmente — disse ele.

Ele se levantou, e eu precisei ter muito autocontrole para não correr e me atirar nos braços dele.

— Eu estava quase deixando de acreditar em você. — disse ele se dirigindo para a luz.

Seu rosto estava magro e abatido. Sua pele estava coberta por cascas, como se ele tivesse sido queimado. E seu rosto outrora bonito agora estava coberto de veias pretas.

Jon havia sido infectado pela magia negra.

MAIS LIVROS DE KIM RICHARDSON

SÉRIE GUARDIÕES DE ALMA Marcada Livro 1

Elemental Livro 2

Horizonte Livro 3

Submundo Livro 4

Seirs Livro 5

Mortal Livro 6

Ceifeiros Livro 7

Selos, Livro 8

SÉRIE MÍSTICAS

O Sétimo Sentido, Livro 1

A Nação Alfa, Livro 2

O Nexus, Livro 3

REINOS DIVIDIDOS

Donzela de Aço, Livro 1

Rainha das Bruxas, Livro # 2

Magia de Sangue, Livro # 3



SOBE A AUTORA Kim Richardson é a premiada autora da série e best-seller GUARDIÕES DE ALMA. Ela vive na parte leste do Canadá com seu marido, dois cães e um gato bem velhinho. Ela é autora das séries GUARDIÕES DE ALMA, MÍSTICAS e REINOS DIVIDIDOS. Os livros de Kim estão disponíveis na versão impressa, e há traduções em mais de 7 idiomas.

Para saber mais sobre a autora, sinta-se à vontade para visitar: Site www.kimrichardsonbooks.com

Facebook

<https://www.facebook.com/KRAuthorPage>

Twitter

https://twitter.com/Kim_Richardson

Document Outline

- [MAPA](#)
- [CAPÍTULO 1](#)
- [CAPÍTULO 2](#)
- [CAPÍTULO 3](#)
- [CAPÍTULO 4](#)
- [CAPÍTULO 5](#)
- [CAPÍTULO 6](#)
- [CAPÍTULO 7](#)
- [CAPÍTULO 8](#)
- [CAPÍTULO 9](#)
- [CAPÍTULO 10](#)
- [CAPÍTULO 11](#)
- [CAPÍTULO 12](#)
- [CAPÍTULO 13](#)
- [CAPÍTULO 14](#)
- [CAPÍTULO 15](#)
- [CAPÍTULO 16](#)
- [CAPÍTULO 17](#)
- [CAPÍTULO 18](#)
- [CAPÍTULO 19](#)
- [CAPÍTULO 20](#)
- [CAPÍTULO 21](#)
- [CAPÍTULO 22](#)
- [CAPÍTULO 23](#)
- [CAPÍTULO 24](#)
- [CAPÍTULO 25](#)
- [CAPÍTULO 26](#)
- [CAPÍTULO 27](#)
- [CAPÍTULO 28](#)
- [CAPÍTULO 29](#)
- [CAPÍTULO 30](#)
- [CAPÍTULO 31](#)
- [CAPÍTULO 32](#)
- [CAPÍTULO 33](#)
- [CAPÍTULO 34](#)
- [CAPÍTULO 35](#)
- [CAPÍTULO 36](#)
- [RAINHA DAS BRUXAS](#)
- [MAIS LIVROS DE KIM RICHARDSON](#)
- [SOBE A AUTORA](#)